



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JOÃO VITOR OLIVEIRA MALDONADO

**APLICAÇÕES DO CONCEITO “LIBERDADE” NA ANÁLISE
DO COMPORTAMENTO**

Londrina
2025

JOÃO VITOR OLIVEIRA MALDONADO

**APLICAÇÕES DO CONCEITO “LIBERDADE” NA ANÁLISE
DO COMPORTAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestrem Análise do Comportamento.
Área de concentração: Análise do Comportamento.

Orientador: Prof. Dr. Hernando Borges Neves Filho.

Londrina
2025

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M244a Maldonado, João Vitor Oliveira .
Aplicações do conceito "liberdade" na análise do comportamento / João Vitor Oliveira Maldonado. - Londrina, 2025.
291 f. : il.

Orientador: Hernando Borges Neves Filho .
Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2025.
Inclui bibliografia.

1. Behaviorismo - Tese. 2. Análise do Comportamento - Tese. 3. Liberdade - Tese. 4. Análise conceitual - Tese. I. Neves Filho , Hernando Borges . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9

JOÃO VITOR OLIVEIRA MALDONADO

**APLICAÇÕES DO CONCEITO “LIBERDADE” NA ANÁLISE
DO COMPORTAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Hernando Borges Neves
Filho
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Aécio Borba Vasconcelos Neto
University of North Texas

Prof. Dr. Tiago de Oliveira Magalhães
Moldsoft Tecnologia

Londrina, 14 de agosto de 2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que tiraram um tempinho para me escutar e discutir sobre algo que tanto gosto. Estudar behaviorismo e análise do comportamento sempre foi um dos meus objetivos, desde a graduação. Encontrei no Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da UEL espaço para praticar minhas pesquisas e descobrir o potencial delas.

Aos amigos, companheiros, professores, ao meu orientador e aos meus familiares, pessoas que tornaram essa formação possível, eu agradeço profundamente. Cada dia que se passa acredito estar mais próximo de quem quero ser.

RESUMO

MALDONADO, J. V. O. **Aplicações do Conceito “Liberdade” na Análise do Comportamento**. 2025. 290 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil.

A obra de Skinner, “Beyond Freedom and Dignity”, exemplifica como o conceito de “liberdade” influencia os aspectos sociais, políticos, educacionais e como a Análise do Comportamento pode contribuir com outro tipo de análise do conceito e dos fenômenos que ele descreve. Na obra são demonstradas relações propostas pela “literatura da liberdade”, que apresenta meios de combater o controle coercitivo e garantir que o ser humano seja “livre”. Skinner, porém, demonstra que não apenas o controle coercitivo existe, mas que existem níveis de controle que não são coercitivos e que não estão descritos na tradicional “literatura da liberdade”. Também são descritos como “ruins”, pela “literatura da liberdade”, todos os tipos de controle, todavia, Skinner descreve que alguns tipos de controle são essenciais para a sociedade, e o controle não está necessariamente ligado às relações coercitivas. A partir dessas considerações, de modo a contribuir com a consistência teórico-conceitual da discussão sobre o conceito de “liberdade”, esta pesquisa propõe uma revisão de literatura acerca de estudos cronologicamente pós-skinnerianos, posteriores ao ano de 1971, ano de publicação do livro “*Beyond Freedom and Dignity*”, em artigos que abarquem análises e discussões sobre o conceito de “liberdade” na análise do comportamento. Após a seleção dos artigos será aplicado o procedimento de interpretação conceitual de texto (PICT) adaptado a demanda da pesquisa. Compreendendo três fases, sendo elas: a definição dos principais conceitos dos textos; a identificação das teses (tradicionais, críticas e teses alternativas) e a elaboração de uma síntese interpretativa. A última etapa da pesquisa compreende uma análise e classificação das aplicações dos conceitos, entre o que está disposto no livro “*Beyond Freedom and Dignity*” sobre o conceito de “liberdade” e as classificações dispostas nos artigos selecionados, dessa forma será possível compreender quais relações permanecem e se existe algum nível de mudança na análise e discussão do conceito de “liberdade” frente às demandas contemporâneas.

Palavras-chave: Behaviorismo; análise do comportamento; liberdade.

ABSTRACT

MALDONADO, J. V. O. (2025). **Applications of the concept of “freedom” in behavior analysis** (Master’s dissertation, State University of Londrina). State University of Londrina.

Skinner’s work, *Beyond Freedom and Dignity*, exemplifies how the concept of “freedom” influences social, political, and educational aspects, and how Behavior Analysis can contribute with another kind of analysis of the concept and the phenomena it describes. In the book, relationships proposed by the “literature of freedom” are demonstrated, which present ways to combat coercive control and ensure that human beings are “free.” Skinner, however, shows that not only does coercive control exist, but that there are levels of control that are not coercive and that are not described in the traditional “literature of freedom.” Also described as “bad” by the “literature of freedom” are all types of control; however, Skinner states that some types of control are essential for society, and that control is not necessarily linked to coercive relations. Based on these considerations, in order to contribute to the theoretical-conceptual consistency of the discussion on the concept of “freedom,” this research proposes a literature review of chronologically post-Skinnerian studies, subsequent to the year 1971—the year of publication of *Beyond Freedom and Dignity*—in articles that include analyses and discussions on the concept of “freedom” in Behavior Analysis. After selecting the articles, the procedure of Conceptual Text Interpretation (PICT), adapted to the needs of the research, will be applied. This comprises three phases: the definition of the main concepts in the texts; the identification of theses (traditional, critical, and alternative theses); and the elaboration of an interpretative synthesis. The final stage of the research consists of an analysis and classification of the applications of the concepts, comparing what is presented in *Beyond Freedom and Dignity* about the concept of “freedom” with the classifications found in the selected articles. In this way, it will be possible to understand which relationships remain and whether there is any level of change in the analysis and discussion of the concept of “freedom” in light of contemporary demands.

Key-words: Behaviorism; behavior analysis; freedom.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	<i>Relação das bases de dados e dos artigos recuperados</i>	19
Tabela 2 -	<i>Lista de artigos recuperados e principais conceitos de cada artigo</i>	20
Tabela 3 -	<i>Identificação dos principais conceitos e das teses tradicionais (TT), críticas (C) e teses alternativas (TA)</i>	24
Tabela 4 -	<i>Relação dos artigos recuperados nas bases de dados e identificação da localização das discussões do conceito de “liberdade” nos textos.....</i>	27
Tabela 5 -	<i>Modelo de análise das teses tradicionais (TT), críticas (C) e teses alternativas (TA)</i>	31
Tabela 6 -	<i>Relação das classificações das aplicações do conceito de “liberdade” nos artigos selecionados</i>	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	15
2.1	Objetivo geral	15
2.2	Objetivos específicos	15
3	MÉTODO	15
3.1	Dados da pesquisa bibliográfica: etapa 01	16
3.1.1	Natureza das fontes e base de dados.....	16
3.1.2	CrITÉrios de seleÇão.....	17
3.2	Resultados	17
3.3	AplicaÇão do procedimento de interpretaÇão conceitual de texto (P.I.C.T.): etapa 02	19
3.3.1	Levantamento dos principais conceitos do texto.....	20
3.3.2	IdentificaÇão das teses e sÍntese interpretativa.....	30
3.4	DefiniÇão e classificaÇão das aplicaÇões do conceito nos artigos selecionados: etapa 03	33
3.4.1	Liberdade enquanto descriÇão das variÁveis que controlam o prÓprio comportamento.....	36
3.4.2	“Liberdade” como disponibilidade de escolhas.....	42
3.4.2.1	Armadilhas do reforço e autocontrole.....	43
3.4.2.2	Possibilidade de escolhas genuÍnas e “graus de liberdade”.....	44
3.4.2.3	Discussões nos textos sobre “liberdade” enquanto disponibilidade de escolha).....	46
3.4.3	Discussões sobre “liberdade” enquanto fenÔmeno.....	53
3.4.3.1	RelaÇão entre a ontogênese e a “escolha livre”.....	53
3.4.3.2	Discussão nos artigos sobre “liberdade” enquanto fenÔmeno.....	55
3.4.4	“Liberdade” como impossÍvel de se detectar via anÁlise do comportamento.....	59
4	CONCLUSÃO	62

5	REFERÊNCIAS	67
6	APÊNDICES	71
	APÊNDICE A - Identificação dos principais conceitos e das teses tradicionais (TT), críticas (C) e teses alternativas (TA)	71
	APÊNDICE B - Tabela de análise das teses	163

1 Introdução

O conceito “liberdade” na Análise do Comportamento foi descrito por Skinner (1971) no livro *“Beyond Freedom and Dignity”*. Skinner interpreta o conceito por meio dos paradigmas propostos pela ciência da análise do comportamento, o que contrasta com o que o autor chama de “literatura da liberdade”, que compreende um conjunto de estudos e publicações que utilizam de conceitos como “livre arbítrio” para explicar o comportamento humano. Skinner (1990, p. 1208) aponta que todo o corpo obedece às leis da física e da química, por isso não possuem “liberdade”. Skinner analisa as declarações de cientistas que argumentam que o cérebro possui estruturas que permitem a “liberdade de escolha”. Para ele os argumentos são baseados no que o cérebro faz, mas não em sua estrutura. A liberdade deve ser encontrada na aleatoriedade das variações, no processo de seleção e não como resultado de um processo bioquímico cerebral. Para ao autor, o entender o corpo como “máquina bioquímica” não é suficiente para explicar relações entre as diferentes variações e complexidades presentes na relação entre controle e “liberdade”.

Skinner (1971, p. 32), aponta a importância da fuga e a esQUIVA e como elas desempenham um papel fundamental na luta pela liberdade. Quando as condições aversivas são propostas por terceiros, uma pessoa pode evitar uma situação aversiva comportando-se de forma a escapar de condições de escravidão, renunciar a uma religião, entre outras diferentes condições. Atacar aqueles que organizam as condições aversivas, enfraquecer ou destruir seu poder, são formas de “luta pela liberdade” direcionadas contra os controladores intencionais, aqueles tratam os outros de forma aversiva para controlar o comportamento do outro de formas específicas (Skinner, 1971, p. 34). A “literatura da liberdade” foi projetada para possibilitar alternativas de escape ou ataque àqueles que

produzem controle comportamental de forma aversiva. E ela consistia em meios de comunicação que não possuíam uma origem específica, mas que buscavam propor comportamentos alternativos àqueles que detinham meios de controle coercitivo e que deveriam ser atacados ou contidos (Skinner, 1971, p. 35).

É possível observar, a partir das constatações propostas por Skinner, que as obras e os escritos que compunham a “literatura da liberdade” eram provenientes de contextos ocidentais do hemisfério norte, baseados em análises eurocêntricas e norte-americanas, sobre formas de “ser livre” diante de contextos de “controle”. Jean-Jacques Rousseau, filósofo iluminista do século XVIII, é citado por Skinner por acreditar na “benevolência” daqueles que detinham o controle, propostas como estas embasavam o que era postulado pela “literatura da liberdade” (Skinner, 1971, p. 45). Skinner aponta que o conteúdo dessa literatura se voltava a “filosofias da liberdade”, eram pautadas em causas internas que objetivavam a ação das pessoas diante de vários tipos de “controle intencional”. A literatura demonstrava um contraste entre condições aversivas sob as quais as pessoas viviam e um ideal de mundo livre, prescrevia modos de agir, identificava quais eram os grupos e pessoas que detinham o controle (Skinner, 1971, p. 35).

Algumas teorias tradicionais buscavam definir liberdade como ausência de controle aversivo, mas o que se percebia era que a relação tinha ênfase nos sentimentos, em sentir-se mais ou menos livre para agir; outras teorias definiam liberdade como a condição de uma pessoa quando ela está se comportando sob controle não-aversivo, porém a questão principal voltava-se a um tipo de “estado de espírito” (Skinner, 1971, p. 36). A relação de identificação por meio do “sentimento de liberdade” não é capaz de prever quando os controladores recorrem a medidas não aversivas. Um exemplo é o salário: uma pessoa é paga para se comportar de certa maneira, o que reforça o comportamento e aumenta sua probabilidade no futuro. Essa relação não especifica

necessariamente uma relação aversiva, mas são igualmente controladoras (Skinner, 1971, p. 37).

As estratégias não aversivas de controle do comportamento, voltadas ao reforçamento positivo, são menos perceptíveis e geralmente são aplicadas de forma intermitente, pois a distribuição do reforço é mais importante do que a quantidade recebida. Certos esquemas de reforço produzem uma grande quantidade de comportamento em troca de pequenas quantidades de reforço e essa relação continua a ser explorada pelos controladores. Skinner comenta sobre o sistema de incentivo descrito como “pagamento por peça” que ocorre em esquema de razão fixa de reforço, de forma que o trabalhador é pago em quantias determinadas para cada unidade de trabalho realizada, esse sistema promove um maior controle administrativo entre os bens produzidos e o lucro gerado; o trabalhador produz uma grande quantidade de trabalho, de forma rápida, em troca de poucos reforçadores e sua condição final pode ser “extremamente aversiva” (Skinner, 1971, p. 39). O reforço nesses casos ocorre a longo prazo, o que, relativamente, dificulta o contracontrole, que é exercido apenas por aqueles que sofrem consequências aversivas e que não estão sujeitos a reforço positivo (Skinner, 1971, p. 41). Assim, o que foi mediado pela literatura da liberdade nunca propôs tentativas de lidar com controles que não produzam fuga ou contracontrole, pois a liberdade pautava-se em relações de estados mentais e sentimentos. porém, a partir das análises de Skinner, o sentimento de liberdade foi caracterizado como uma questão de contingências de reforço e não dos sentimentos provenientes destas contingências.

Uma das práticas que foram incentivadas pela “literatura da liberdade” é a fuga ou o ataque a todos aqueles que praticam controle coercitivo. A proposta de tal literatura buscava enfatizar que o controle é oposto a “liberdade”, de forma que a “liberdade” seria considerada “boa” e o controle “ruim”.

Skinner comenta que não existem consequências aversivas ligadas ao controle de forma inexorável. Muitas práticas consideradas “boas”, “benéficas”, necessitam de certo nível de controle para existirem. Foi necessário disfarçar e ocultar práticas ligadas ao controle que não o aversivo para assumir que todo tipo de controle é ruim. (Skinner, 1971, p. 45).

Existe uma generalização injustificada com relação ao controle comportamental. A luta pela liberdade não se caracteriza pela “vontade de ser livre”, mas por certos processos comportamentais humanos que têm como efeito a fuga ou esquiva das consequências aversivas. A “literatura da liberdade” auxiliou no combate aos estímulos aversivos usados no controle intencional, porém falhou ao caracterizar a liberdade como produto de estados mentais e sentimentos, não conseguiu identificar relações de controle aversivo que não eram mediadas por consequências aversivas, ao generalizar todo controle como “errado” e distorcer suas aplicações sociais (Skinner, 1971, p. 46). Portanto, não se trata de libertar as pessoas de todos os tipos de controle, mas sim compreender e intervir sobre quais os tipos de controle envolvidos nas relações. Skinner (1961, p. 8) aponta que seria necessária uma mudança sobre a compreensão do que é “liberdade” e o controle humano. O controle faz parte da natureza humana, por mais que ele seja rotulado como “ruim” e “errado”. O que a sociedade faz é disfarçar os meios de controle, aqueles considerados ruins, e oportunizar os meios de controle disfarçados, como relações de censura, restrições de oportunidade, entre outros.

O que Skinner (1971) descreve em sua obra faz referência a como os seres são incapazes de obter a “liberdade” ou se comportar de forma “livre” em seus meios, se a “liberdade” for caracterizada como uma relação “mental” ou “sentimental”, já o conhecimento para o autor seria a “liberdade”. Conhecer as variáveis das quais o comportamento é função permite a previsão e o controle do comportamento humano, os

métodos propostos pela análise do comportamento. Para Skinner (1961, p. 22) a “literatura da liberdade” propõe que os homens foram libertos dos governantes autocráticos, que utilizavam de força e ameaça para controlar, porém isso não significa que os homens estavam livres de todos os tipos de controle, estas outras formas de controle são as que precisamos aprender a conter. São necessárias novas práticas de contracontrole sobre técnicas as quais não há revolta. Skinner comenta que diante da ideia tradicional de que o homem era um “agente livre”, a possibilidade de uma ciência do comportamento rigorosa era quase impossível. Diante do que comenta Skinner (1961, p. 24), o controle do comportamento sempre foi impopular e provoca reações emocionais, porém o controle deve ser analisado e considerado em suas proporções adequadas.

A obra de Skinner influenciou estudos behavioristas sobre o conceito “liberdade”, como exemplo as contribuições de Baum (2005) e Catania (1980). Apesar dessa influência, há uma distinção do conceito de autores que abordam o tema após a publicação do livro B.F.D. A análise proposta por Skinner refere-se à utilização dos princípios da Análise do Comportamento para demonstrar como a “liberdade tradicional” era limitada e inexistente.

Após o estudo de Skinner (1971), outras aplicações do conceito foram encontradas nos artigos recuperados, foram utilizados Baum (2005), Goldiamond (1965) e Catania (1980) para discutir sobre e classificar as discussões sobre “liberdade”. Comparar o conceito de “liberdade” proposto por Skinner aos de autores que escreveram sobre o tema após 1971, demonstra como o conceito “liberdade” é reforçado em diferentes práticas culturais e como se mantém por diferentes períodos de tempo. Portanto, se faz necessária uma análise mais precisa das relações, dispostas pela identificação do que os autores nos textos descrevem como variáveis que influenciam o conceito de “liberdade”. A partir da obra de Skinner (1971), será realizado um estudo comparativo das análises do conceito

“liberdade” em artigos posteriores ao período da publicação do livro “*Beyond Freedom and Dignity*”, serão identificados aspectos da análise do conceito “liberdade” nos estudos por meio do método procedimento de interpretação conceitual de texto (P.I.C.T.) adaptado, proposto por Laurenti e Lopes (2016).

2 Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Identificar o que foi produzido sobre o conceito “liberdade” em artigos da área da análise do comportamento posteriores à publicação do livro “*Beyond Freedom and Dignity*” (1971).

2.2 Objetivos Específicos

Discriminar entre as diferentes aplicações do conceito “liberdade” nos artigos recuperados;

Analisar as características das aplicações do conceito nos artigos quando comparadas àqueles presentes no conceito proposto por Skinner no livro “*Beyond Freedom and Dignity*”.

Fornecer análises e discussões sobre a aplicação do conceito “liberdade” nos artigos selecionados.

Identificar as aplicações do conceito de “liberdade” propostas nos artigos selecionados diante do que está disposto em Skinner (1971), Baum (2005), Catania (1980) e Goldiamond (1965).

3 Método

Foi realizada uma revisão bibliográfica nas bases de dados Web of Science,

PsycINFO e Biblioteca Virtual em Saúde, foram recuperados artigos que discutiam sobre o conceito de “liberdade” na análise do comportamento. Os artigos passaram pelo Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto (PICT) para identificação dos principais conceitos do textos, suas principais teses e a formulação de sínteses interpretativas derivadas dos artigos.

A partir das sínteses, foram classificadas as aplicações do conceito de “liberdade” em cada artigo. Após a classificação foram analisadas as discussões e considerações de cada aplicação do conceito de “liberdade” disposto nos artigos selecionados.

3.1 Dados da Pesquisa Bibliográfica: Etapa 01

3.1.1 Natureza das Fontes e Base de dados

A seleção de artigos aconteceu via revisão bibliográfica, esta ocorreu do segundo semestre de 2023 ao primeiro semestre de 2024 e utilizou como fontes os artigos teóricos-conceituais que abarcam discussões acerca do conceito de “liberdade” na análise do comportamento. As bases de dados utilizadas nesta pesquisa foram: a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a PsycINFO (APA) e Web of Science. Também foi realizada uma pesquisa adicional no Google acadêmico, para acessar alguns textos que não foram recuperados pela estratégia de busca, mas que discutiam a temática.

Na pesquisa bibliográfica a seleção da estratégia de busca variou conforme as pesquisas foram delimitadas dentro das bases de dados, para as bases de dados PsycINFO, Web of Science e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) foi utilizada a estratégia de busca: ("Behaviorism" OR "Behavior analysis" OR "Radical behaviorism") AND ("Freedom"); para a pesquisa realizada no Google Acadêmico foram utilizadas as palavras chave: (“Behaviorismo”) AND (“Liberdade”) e a estratégia ("Behaviorism" OR "Behavior analysis" OR "Radical behaviorism") AND ("Freedom"). Foram incluídos artigos do Google Acadêmico que foram citados e referenciados como pesquisas teórico/conceituais

na Análise do Comportamento, que não tinham seu acesso aberto nas pesquisas nas bases de dados PsycINFO, Web of Science e na Biblioteca Virtual em Saúde (B.V.S.). O filtro aplicado na primeira etapa, referente às bases foi: ano de publicação 1971 a 2024.

3.1.2 Critérios de Seleção

Na etapa da revisão bibliográfica foram estabelecidos critérios de inclusão à pesquisa bibliográfica referente aos artigos, para que os estudos fossem recuperados eles deveriam conter: as palavras-chave “behaviorism”/”behaviorismo” e “behavior analysis”/ “análise do comportamento” ou “freedom”/”liberdade” em seus resumos ou títulos, podendo ter como combinações “behavior analysis”/ “análise do comportamento” e “freedom”/ “liberdade” ou “behaviorism”/”behaviorismo” e “freedom”/”liberdade” em seus resumos ou títulos, estar no idioma inglês ou português. Foram excluídos artigos que não possuíam as palavras-chave selecionadas em seus títulos ou resumos e artigos que apenas citavam sobre o conceito “liberdade”. Os textos deveriam compreender pesquisas teóricas/conceituais voltadas a análise do comportamento. Foram incluídos estudos posteriores ao ano de 1971, ano de publicação do livro “*Beyond Freedom and Dignity*”.

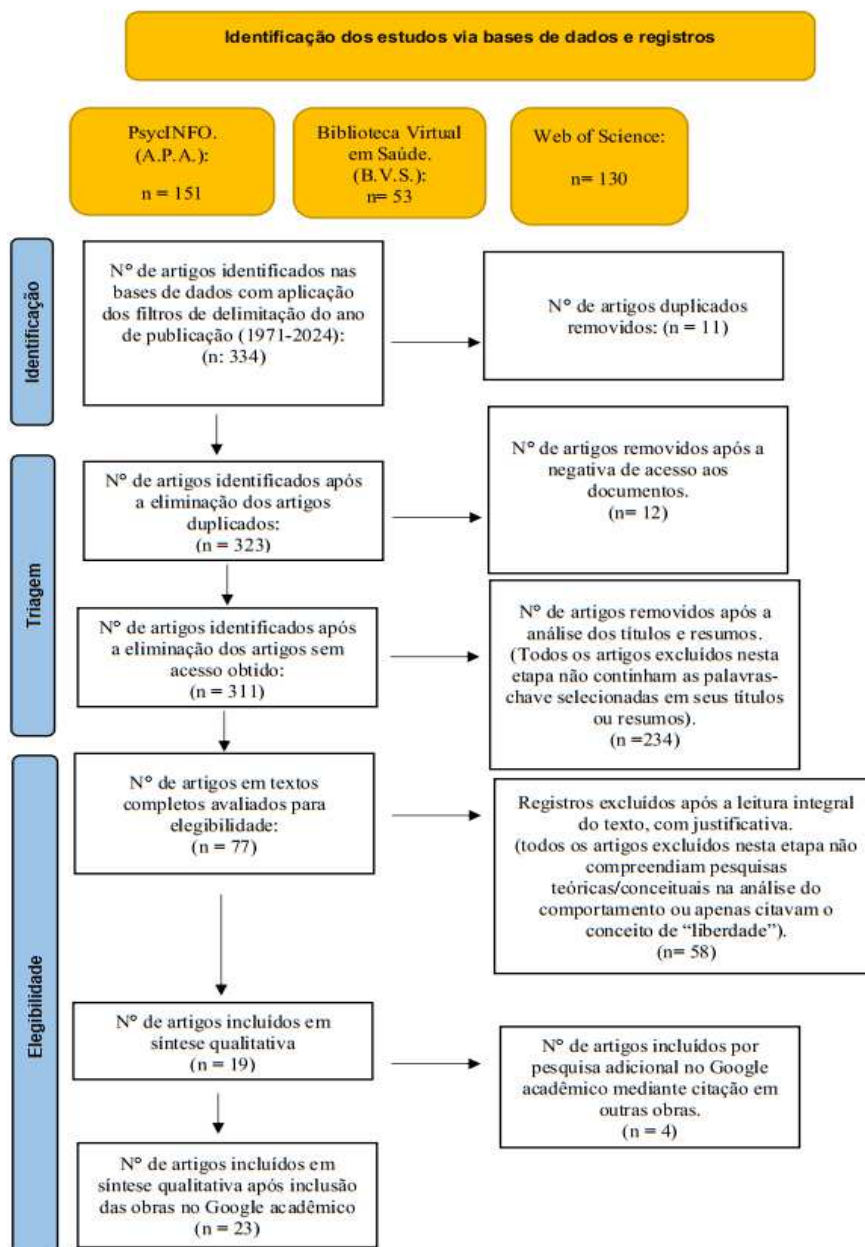
3.2 Resultados

Os artigos selecionados na primeira da revisão bibliográfica foram dispostos em um fluxograma baseado no modelo PRISMA, conforme a Figura 1. onde foram descritos critérios de inclusão, exclusão, ao demonstrar todas as etapas da revisão. Na etapa de leitura integral dos artigos foi utilizada a estratégia de pesquisa utilizando do atalho “CTRL+L” em busca da palavra “liberdade” ou “freedom” para identificar onde no artigo o que cada autor discutia sobre o tema. Essa identificação por meio do atalho “CTRL+L” determinou se o artigo seria lido por completo ou lido apenas a seção do artigo que discorria sobre a conceito “liberdade”. os critérios utilizados em ambas etapas foram:

caso o artigo comente sobre o conceito de “liberdade” em todo seu texto, ele será lido por completo, caso não, apenas as seções dos artigos que foram identificados pela estratégia serão lidas por completo.

Figura 1

Modelo de Fluxograma PRISMA adaptado (revisão bibliográfica nas bases de dados)



A Tabela 1 refere-se à relação de artigos recuperados nas bases de dados por meio da estratégia de busca, incluindo os filtros aplicados em cada busca e as quantidades de artigos, as informações descritas na tabela são: nome das bases de dados, palavras-chave utilizadas para realização da busca, filtros aplicados na pesquisa, artigos recuperados após análise dos títulos e resumos e artigos recuperados após leitura integral do artigo.

Tabela 1

Relação das bases de dados e dos artigos recuperados.

Base de Dados	Palavras-chave	Filtro	Artigos Recuperados	Artigos Recuperados (Análise dos títulos e resumos)	Artigos Recuperados (Leitura integral)
PsycINFO	("Behaviorism" OR "Behavior analysis" OR "Radical behaviorism") AND ("freedom")	1971-2024	151	30	8
Web of Science	of ("Behaviorism" OR "Behavior analysis" OR "Radical behaviorism") AND ("freedom")	1971-2024	130	28	6
Biblioteca Virtual em Saúde	("Behaviorism" OR "Behavior analysis" OR "Radical behaviorism") AND ("freedom")	1971-2024	53	19	5
Google acadêmico	("Behaviorismo") AND ("liberdade").	Português e inglês			4
Total					23

3.3 Aplicação do procedimento de interpretação conceitual de texto (P.I.C.T.)

adaptado: Etapa 02

Após a seleção dos artigos foram analisados e selecionados os principais conceitos discutidos junto ao conceito “liberdade” em cada artigo ou sessão. As etapas do PICT foram adaptadas às demandas da pesquisa, portanto, foram selecionados os principais conceitos do texto, por meio de citação direta. Foi encontrada a definição de cada conceito no próprio texto, ao registrar o que foi escrito sobre o contexto em todo o texto; foram anotados os resultados, transcritas citações dos textos entre aspas, citando as páginas (p.) e parágrafos (§), para que as transcrições possam ser facilmente localizadas; foram listados os principais conceitos de cada texto. (Laurenti; Lopes, 2016, p. 56). Dessa forma, foi possível identificar quais eram os principais conceitos que complementam a discussão sobre o tema “liberdade”.

3.3.1. Levantamento dos Principais Conceitos do Texto.

Na Tabela 2 estão representados os artigos da revisão bibliográfica, identificados por suas referências, separados por suas respectivas bases de dados, recuperados junto à identificação dos principais conceitos dispostos nos textos. As citações diretas dos textos estão no anexo 1, porém foram identificados na tabela os principais conceitos, as páginas (p.) e em quais parágrafos (§) os conceitos estão.

Tabela 2

Lista de artigos recuperados e principais conceitos de cada artigo.

Base de dados	Referências dos artigos	Principais conceitos
Biblioteca Virtual Saúde (B.V.S.)	Delprato, D. J. (2002). Countercontrol in behavior analysis. <i>The Behavior Analyst</i> , 25(2), 191–200.] Brandenburg, O. J., & Weber, L. N. D. (2005). Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical. <i>Psico-USF</i> , 10(1), 87–92.	-Liberdade (p. 191, § 3; p. 195, § 3-5). -Controle e contra controle comportamental (p. 191, § 3; p. 195, § 2; p. 196, § 1) Liberdade e autoconhecimento. (p. 89, § 8-11; p. 90, § 4-12;

Base de dados	Referências dos artigos	Principais conceitos
		p. 91, § 3, § 9).
		-Eventos encobertos (p. 89, § 5-6)
	Cruz, R. N. (2010). Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical. [Possible links between the historical context and the reception of radical, behaviorism.]. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> , 30(3), 478–491. https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300004 .	-Liberdade (p. 480, § 4, § 7; p. 481, § 1-5); -Controle comportamental (p. 482, § 3-4); -Liberdade e Liberalismo (p. 487, § 1-2).
	Goltz, S. M. (2020). On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion. <i>Perspectives on Behavior Science</i> , 43(1), 137–156. https://doi.org/10.1007/s40614-019-00240-z .	- Liberdade como oposto a coerção (p. 141, § 2; p. 142, § 4; p. 143, § 1; p. 146, § 2; 148; § 2; p. 151, § 2); -Liberdade positiva e negativa (p. 139, § 2; p. 147, § 2-4; 148, § 2-3, § 5); -Poder e coerção (p. 140, § 5; p. 141, § 1; p. 149, § 5); -Liberdade como possibilidade de escolha (p. 143, § 2-4; p. 144, § 1- 4; p. 145, § 3; 146, § 1-2).
	Catania, A. C. (2023). Prolegomena to any future philosophy of behavior analysis as a science. <i>Journal of the Experimental Analysis of Behavior</i> (special Rachlin issue), 119, 209-230. doi: 10.1002/jeab.807	-Liberdade (p. 19, § 2) -Escolha livre (p. 19, § 3; p. 20, §2).
PsycINFO	Krumboltz, J. D., & McHargue, R. M. (1972). There is nothing beyond freedom and dignity. <i>Counseling and Values</i> , 16(3).	“Liberdade” (p. 175, § 1; p. 177, § 14; p. 178, § 4-7; p. 179, 1-2)
	Ryan, B. A. (1976). Jean-Jacques Rousseau and behavior control: The technology of a romantic behaviorist. <i>Behaviorism</i> , 4(2), 245–256. Cambridge Center for Behavioral Studies. http://www.jstor.org/stable/27758871	“Liberdade e controle” (p. 247, § 2-4; p. 248, § 4-9; p. 256, §1)
	Rottschaefter, W., & Knowlton, W. (1979). A cognitive social learning theory perspective on human freedom. <i>Behaviorism</i> , 7(1), 17–22. Cambridge Center for Behavioral Studies. http://www.jstor.org/stable/27758927	“Liberdade e cognição” (p. 17, § 1-2; p. 18, § 1-5; p. 19, § 2-4; p. 20, § 3-6; p. 21, § 1-6)
	Garrett, K. R. (1985). Elbow room in a functional analysis: Freedom and dignity regained. <i>Behaviorism</i> , 13(1), 21–36. Cambridge Center for Behavioral Studies.	“Liberdade e disponibilidade de alternativas” (p. 21, §1-4; p. 31, § 2-3; p.

Base de dados	Referências dos artigos	Principais conceitos
	http://www.jstor.org/stable/27759055 .	32, § 1-3; p. 33, § 1-5; p. 34, § 2-3; p. 35, § 2-3)
	Fallon, D. (1992). An existential look at B. F. Skinner. <i>American Psychologist</i> , 47(11), 1433. https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.11.1433 .	-“Liberdade” (p. 1438, § 1-6)
	Harcum, E. R., Rosen, E. F., & Burijon, B. N. (1989). Popular versus Skinnerian views on the relation between human freedom and dignity. <i>The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied</i> , 123(3), 257–267. https://doi.org/10.1080/00223980.1989.10542980 .	“Liberdade e Dignidade” (p. 257, § 1; p. 258, §5-6; p. 259, § 1-4; p. 259, § 9; p. 265, § 5-6; p. 266, § 2)
	Pierce, W. D., & Epling, W. F. (1984). On the persistence of cognitive explanation: Implications for behavior analysis. <i>Behaviorism</i> , 12(1), 15–27. Cambridge Center for Behavioral Studies.	“Liberdade” (p. 15, § 1-3; p. 16, § 1-3)
	Pope, A. (2016). Beyond Walden: An Indo-Tibetan Buddhist critique of utopia. <i>The Humanistic Psychologist</i> , 44(1), 42–55. https://doi.org/10.1037/hum0000011 .	-Liberdade (p. 45, § 2; p. 46, § 5; p. 50 § 3-4).
Web of Science	Audi, R. (1976). B. F. Skinner on freedom, dignity, and the explanation of behavior. <i>Behaviorism</i> , 4(2), 163–186. Cambridge Center for Behavioral Studies. http://www.jstor.org/stable/27758864	“Liberdade, homem autônomo e dignidade” (p. 163, § 1-3; p. 164, § 1; p. 164, § 3; p. 167, § 2-3; p. 174, § 5; p. 184, § 3-5)
	Morf, M. E. (1998). Sartre, Skinner, and the compatibilist freedom to be authentically. <i>Behavior and Philosophy</i> , 26(1/2), 29–43. Cambridge Center for Behavioral Studies (CCBS). http://www.jstor.org/stable/27759380	“Critica a psicologia mentalista” (p. 164, § 3; p. 165, § 3-8; p. 166, § 6; p. 167, § 1-2; p. 169, § 3-5; p. 170, § 2-4; p. 171, § 3-4; p. 172, § 1-2; p. 174, § 5; p. 175, § 2-5; p. 176, § 1-2; p. 177, § 3-4; p. 178, § 2; p. 184, § 4; p. 185, § 3-5; p. 186, § 1)
	Laurenti, C. (2009). Criatividade, liberdade e dignidade: Impactos do darwinismo no behaviorismo radical. <i>Scientiae Studia</i> , 7(2), 251–269. https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200006 .	Liberdade para Skinner. (p. 31, § 5-6; p. 35, § 4-5; p. 36, § 2-4; p. 37, § 6; p. 39, § 3-4)
		-Liberdade dos controles aversivos (p. 263, § 3); -O controle por meio do reforço positivo. (p. 263, § 3-5); -Controle comportamental. (p. 263, § 1-3; p. 264, § 3; p.

Base de dados	Referências dos artigos	Principais conceitos
		265, § 3; p. 266, § 2)
	Garner, J., Peal, A., Klapatch Totsch, J., & Gamba, J. (2022). Exploitation, freedom, and coercion: The integration of applied behavior analysis in a capitalist system. <i>Behavior and Social Issues</i> , 31, 174–189. https://doi.org/10.1007/s42822-022-00100-7 .	-Capitalismo e sua influência nos graus de liberdade e coerção dos trabalhadores. (p. 177, § 1, § 2; p. 182, § 2; p. 183, § 2).
	Gingles, D. (2022). Igniting collective freedom: An integrative behavioral model of acceptance and commitment toward Black liberation. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 15, 1050–1065. https://doi.org/10.1007/s40617-021-00584-6 .	-O conceito de liberdade como embasamento para “liberação negra”. (p. 1051, § 7; p. 1055, § 2).
	Ernø, S., & Birk, R. (2024). Rethinking freedom for contemporary psychology. <i>Culture & Psychology</i> . Advance online publication. https://doi.org/10.1177/1354067X241226456	-Liberdade para Skinner. (p. 2, § 1, § 2, § 4; p. 7, § 5; p. 8, § 1, § 2).
Google acadêmico	Costa, M. de N. P. (2000). A liberdade no behaviorismo radical. <i>Humanitas</i> , 16(1/2), 65-74. Departamento de Psicologia Experimental/UFPA.	-Combate as explicações tradicionais sobre “liberdade”. (p. 65, § 3; 66, § 1-6); -Controle comportamental. (p. 67, § 3-4). -Sentimento de “liberdade”. (p. 68, § 5; § 7; p. 69, § 2)
	Dittrich, A. (2010). Sentidos possíveis de “liberdade” no behaviorismo radical. In M. M. C. Hübner (Org.), <i>Comportamento e cognição: Análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas</i> (pp. 13-17). ESETec Editores Associados.	-Liberdade. (p. 13, § 1; p. 14, § 2-3); -Autocontrole e linguagem. (p. 14, § 4; p. 15, § 1-4);
	Andrade, D. M., & Regis Neto, D. M. Liberdade e autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental. In: Pessoa, Cândido V. B. B.; Costa, C. E.; Benvenuti, M. F. (orgs.). <i>Comportamento em foco 1</i> . São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2011. p. 45-60.	-Luta pela “liberdade”. (p. 48, § 5, p. 55, § 2-7); -Controle por reforço positivo . (p. 55, § 9-10, p. 56, § 2, § 5-7); -Controle comportamental. (p. 50, § 5-8; p. 51, § 1, § 6; p. 52, § 4-10); -Autocontrole. (p. 53, 5-10; p. 34, § 3-5, § 8; p. 56, § 1-2, § 9; p. 57, § 5-6).
	Fernandes, R. C., & Dittrich, A. (2018). Expanding the behavior-analytic meanings of "freedom": The contributions of Israel Goldiamond. <i>Behavior and Social Issues</i> , 27, 4–19.	- “Liberdade” como “escolha”. (p. 06, § 2-5; p. 07, § 1-5; p. 16, § 5); -Análise do comportamento

Base de dados	Referências dos artigos	Principais conceitos
	https://doi.org/10.5210/bsi.v.27i0.8248 .	“não-linear” (p. 07, § 5; p. 08, § 2; p. 10, § 3-5; p. 11, § 1-2; p. 12, § 2; p. 16, § 3); - “Liberdade” a partir de “escolhas genuínas” (Goldiamond). (p. 12, § 2-7; p.14, § 6; p. 15, § 1, § 6-7; p. 17, § 3

A partir da identificação dos principais conceitos, a Tabela 3 demonstra a relação entre os principais conceitos identificados nos textos e suas localizações por meio da análise dos trechos retirados dos textos. Também foram identificadas na tabela 7 e no anexo 1 por meio das siglas (TT), (C) e (TA) onde no texto foram retirados os trechos para análise das teses tradicionais (TT), críticas (C) e teses alternativas (TA).

Tabela 3

Identificação dos principais conceitos e das teses tradicionais (TT), críticas (C) e teses alternativas (TA).

Citação	Principais conceitos	Artigo	Base de Dados / Revista
<p>Liberdade</p> <p>“A forma como os indivíduos recuperam a liberdade comportamental quando enfrentam tentativas aversivas de controle por parte de outras pessoas, incluindo as de analistas do comportamento. De fato, com o contracontrole, os analistas do comportamento podem destacar as contribuições positivas de uma abordagem comportamental ao reconhecer que todos têm o potencial de superar tentativas socialmente baseadas de controle aversivo. Este artigo conclui que a formulação de contracontrole de Skinner é sólida e apoia fortemente uma maior atenção ao contracontrole na análise do comportamento.” (p. 191)</p>	<p>-Liberdade (p. 191, § 3; p. 195, § 3-5).</p> <p>-Controle e contra controle comportamental (p. 191, § 3; p. 195, § 2; p. 196, § 1)</p>	<p>Countercontrol in Behavior Analysis</p>	<p>Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)</p>

“Quando as pessoas falam sobre ser livres,

Citação	Principais conceitos	Artigo	Base de Dados / Revista
<p>elas geralmente se baseiam em sentimentos de liberdade (TT). Mas o sentimento de liberdade não é um indicador confiável (Skinner, 1971). Quando descrevemos a nós mesmos e aos outros que somos livres, as condições ambientais que cercam nosso comportamento, junto com nossa história ambiental, controlam nossas autodescrições, bem como o comportamento referido como livre (C). O principal requisito para sentir-se livre é que as tentativas ou variáveis de controle não sejam identificadas. Pessoas cujo comportamento está sob o controle de reforço positivo frequentemente dizem que se sentem livres porque as variáveis de controle podem ser discretas (TA). Skinner (1971) usou o caso das loterias estaduais para extrair criptotaxas como exemplos particularmente graves de condições de controle que levam as pessoas a 'livremente' se desfazerem de seu dinheiro. O oposto da liberdade é o controle do comportamento humano (TT) (Skinner, 1972, p. 8) e o comportamento é sempre controlado. As pessoas valorizam a chamada liberdade porque ela se refere a um tipo particular de controle, ou seja, àqueles métodos que não são aversivos e, portanto, não geram contracontrole (C). Skinner (1971) nos adverte que usar a ausência de comportamento contracontrolador como um marcador de liberdade é, em última análise, perigoso e autodestrutivo (C). A aceitação acrítica de nossas próprias e de outras alegações de liberdade pode contribuir para práticas de controle que resultam em consequências aversivas adiadas para o controlado. (TA) Para seus promotores, a liberdade parece estar especialmente ameaçada quando 'o comportamento gerado por reforço positivo tem consequências aversivas adiadas' (Skinner, 1971, p. 33), quando o controle é intencional e quando as perdas do controlado são, em última análise, traduzidas em ganhos para os controladores. De acordo com Skinner (1971), os defensores da liberdade adotaram a posição de que todo controle é errado e deve ser eliminado ou contracontrolado." (p. 195, 3-5). (TT)</p>			

Citação	Principais conceitos	Artigo	Base de Dados / Revista
---------	----------------------	--------	-------------------------

-Controle e contra controle-

A forma como os indivíduos recuperam a liberdade comportamental quando enfrentam tentativas aversivas de controle por parte de outras pessoas, incluindo as de analistas do comportamento. De fato, com o contracontrole, os analistas do comportamento podem destacar as contribuições positivas de uma abordagem comportamental ao reconhecer que todos têm o potencial de superar tentativas de controle aversivas socialmente baseadas. (TA) Este artigo conclui que a formulação de contracontrole de Skinner é sólida e apoia fortemente uma maior atenção ao contracontrole na análise do comportamento." (p. 191)

Em particular, os seres humanos precisam (a) eliminar o controle aversivo (o que muitas vezes é praticamente impossível), (b) identificar o reforço positivo e outras formas discretas de controle que têm consequências aversivas adiadas, e (c) substituir contingências de reforço positivo sem essas consequências. Isso eliminaria as condições que geram o contracontrole. (C) Infelizmente, embora o controle completamente não aversivo possivelmente represente a forma ideal de controle na análise do comportamento (Sidman, 1989; Skinner, 1948, 1968, 1974), é improvável que todas as condições que promovem o contracontrole possam ser eliminadas das culturas. (TA)" (p. 196)

Aproximadamente 25 anos depois que Skinner introduziu formalmente o conceito, Balsam e Bondy (1978) argumentaram que o contracontrole ainda não havia facilitado a análise do comportamento complexo e insinuaram que estaríamos melhor sem ele. Dado que o contracontrole é apenas uma subclasse de reforço negativo, seria preferível descartar o termo? (TT) A consideração de como Skinner aplicou o contracontrole em seu sistema modera tal sugestão. De fato, Skinner deu ao contracontrole um papel de destaque em

Citação	Principais conceitos	Artigo	Base de Dados / Revista
sua análise conceitual de controle social e liberdade e em sua abordagem ao design cultural. (TA)" (p. 195).			

A Tabela 4 descreve a relação proposta por todos os artigos de ambas etapas de pesquisa junto ao conceito de “liberdade” na análise do comportamento e como ocorre a disposição da discussão do conceito nos textos. Cada texto foi analisado e identificado, seja como artigo completo ou seção e foi descrito na tabela junto com o nome base de dados, nome do artigo e dos autores.

Tabela 4

Relação dos artigos recuperados nas bases de dados e identificação da localização das discussões do conceito de “liberdade” nos textos.

Base de Dados/Revista	Autores	Ano de Publicação	Nome do Artigo/Livro	Artigo completo	Seção
Biblioteca Virtual em Saúde	-Olivia Justen -Lidia Natalia Dobrianskyj Weber	2005	Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical		X
	-Dennis J. Delprato	2002	Countercontrol in Behavior Analysis		X
	-Sonia M. Goltz	2020	On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion.		X
	-Robson Nascimento da Cruz	2010	Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical		X
	-A. Charles Catania	2023	Prolegomena to any future philosophy of behavior analysis as a science.		X
PsycINFO	-John D. Krumboltz -Michael McHargue	1972	There is nothing beyond freedom and dignity.	X	

Base de Dados/Revista	Autores	Ano de Publicação	Nome do Artigo/Livro	Artigo completo	Seção
	-Bruce A. Ryan	1976	Jean-Jacques Rousseau and behavior control: The technology of a romantic behaviorist.		X
	-William Rottschaefers - William Knowlton	1979	A cognitive social learning theory perspective on human freedom.	X	
	-K. Richard Garrett	1985	Elbow room in a functional analysis: Freedom and dignity regained.		X
	-Daniel Fallon	1992	An existential look at B. F. Skinner.		X
	-E. Era Harcum -Ellen F. Rosen -Barry N. Burijon	2012	Popular versus Skinnerian views on the relation between human freedom and dignity.		X
	- W. David Pierce and -W. Frank Epling	2014	On the persistence of cognitive explanation: Implications for behavior analysis.	X	
	Alan Pope	2016	Beyond Walden: An Indo-Tibetan Buddhist critique of utopia.		X
Web of Science	-Robert Audi	1976	B.F. Skinner on Freedom, Dignity, and Explanation of Behavior.		X
	-Martin E. Morf	1998	Sartre, Skinner, and the compatibilist freedom to be authentically	X	
	-Carolina Laurenti	2009	Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical		X
	-Joshua Garner -Adam Peal -Jennifer Klapatch Totsch -Jessica Gamba	2022	Exploitation, Freedom, and Coercion: The Integration of Applied Behavior Analysis in a Capitalist System		X
	-Denisha Gingles	2022	Igniting Collective Freedom: An Integrative Behavioral Model of Acceptance and Commitment Toward Black Liberation		X

Base de Dados/Revista	Autores	Ano de Publicação	Nome do Artigo/Livro	Artigo completo	Seção
Google acadêmico	-Steffen Erno -Rasmus Birk	2024	Rethinking freedom for contemporary psychology	X	
	-Maria de Nazaré Pereira da Costa	2000	A liberdade no behaviorismo radical	X	
	-Alexandre Dittrich	2010	Sentidos possíveis de "liberdade" no Behaviorismo Radical	X	
	-Débora Medeiros de Andrade -Denigés Maurel Regis Neto	2012	Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental	X	
	-Alexandre Dittrich -Ramon Cardinali de Fernandes	2018	Expanding the Behavior-Analytic Meanings of "Freedom": The Contributions of Israel Goldiamond	X	

É possível identificar a porcentagem de discussões sobre o conceito “liberdade” na análise do comportamento encontradas nos artigos selecionados. Os resultados demonstram que 39,1% dos artigos selecionados compreendiam artigos completos com tema “liberdade” na análise do comportamento e 60,8% dos artigos possuem ao menos uma sessão que discute o conceito de “liberdade” na análise do comportamento.

Dos artigos selecionados, 7 artigos foram publicados nas décadas de 70, 80 e 90 e 16 deles foram publicados a partir dos anos 2000. Também foi possível observar que apenas um nome de autor se repete, sendo Dittrich (2010) e Dittrich (2018), essa relação demonstra que cronologicamente, de 1972 a 2024, diferentes autores escreveram sobre o conceito de “liberdade”. Diante das análises, é possível afirmar que os artigos selecionados não compreendem a perspectiva de apenas um autor ou grupo, eles variam de forma qualitativa e cronológica, ao enfatizar que a maioria dos artigos compreendem pesquisas e discussões cronologicamente dispostas no século XXI.

3.3.2 Identificação das Teses e Síntese Interpretativa.

Após a etapa da identificação dos conceitos é necessário delimitar as principais teses do texto, que abarcam o que autor fala sobre um determinado assunto, no caso, o que autor discute sobre “liberdade” na análise do comportamento. Segundo Laurenti, Lopes (2016, p. 57) devem ser identificadas as “*teses tradicionais* “afirmações feitas por outros autores, teorias ou doutrinas, e que serão discutidas e criticadas pelo autor do texto”, as *críticas* “os problemas que o autor do texto menciona em relação às teses tradicionais” e as “*teses alternativas*” a(s) proposta(s) do autor para substituir as teses tradicionais criticadas evitando seus problemas”.

Esta etapa possui quatro passos a serem seguidos, sendo eles: passo 1: escrever as teses tradicionais (TT), identificar como estão dispostos os conceitos e da etapa anterior, baseado no texto e como autor os apresenta e define; passo 2: escrever as críticas (C) que são destinadas às (TT); passo 3: escrever as teses alternativas (TA) que o autor do texto propõe, que deve levar em consideração o que foi identificado como (TT).; passo 4: é necessário identificar a articulação entre as teses em categorias sobre um mesmo assunto e dar um título que identifique a categorização. (Laurenti & Lopes, 2016, p. 58). A tabela 9 demonstra a identificação das teses tradicionais (TT), críticas (C) e teses alternativas (TA).

Nesta etapa será realizada uma síntese das relações propostas nas etapas anteriores, com a produção de um texto interpretativo pautado no esquema da etapa anterior. (Laurenti & Lopes, p. 59). Nesta etapa os textos em línguas estrangeiras passaram por tradução livre de seus trechos, a tabela 5 contém os trechos interpretados e traduzidos de forma livre junto à análise e síntese das teses.

Tabela 5*Modelo de análise das teses tradicionais (TT), críticas (C) e teses alternativas (TA)*

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Countercontro l in Behavior Analysis	TT 01 Sentimento de Liberdade Quando as pessoas se dizem livres elas se baseiam em sentimentos de liberdade. Tanto relações do senso comum quanto o que era postulado pela “literatura da liberdade” apontava que controle do comportamento é oposto a liberdade. Todo nível de controle era considerado errado e deveria de ser contracontrolado ou eliminado.	C 01 Sentimento de Liberdade O sentimento de liberdade não é um indicador confiável. Quando descrevemos a nós mesmos e aos outros que somos livres, as condições ambientais que cercam nosso comportament o, junto com nossa história ambiental, controlam nossas autodescrições , bem como o comportament o referido como livre As pessoas valorizam a chamada liberdade porque ela se refere a um tipo particular de controle, ou seja, àqueles métodos que não são aversivos e, portanto, não geram contracontrole ”	TA 01 Sentimento de Liberdade Quando uma pessoa está sob controle de reforço positivo ela pode se “sentir livre” e mesmo assim estra sob controle de varáveis discretas. Aceitar de forma acrítica alegações sobre liberdade pode contribuir com práticas de controle que resultem em consequências aversivas adiadas.	01 As pessoas se baseiam no sentimento de liberdade para se considerarem livres, porém o sentimento de liberdade não é confiável, pois a autodescrição também é controlada pelas condições ambientais. Mesmo sentindo-se livre uma pessoa pode estra sob controle de reforço positivo e de variáveis discretas. A “literatura da liberdade” apontava que o “controle do comportamento” é oposto a “liberdade”, e que todo nível de controle era errado e deveria ser eliminado. As pessoas valorizam a liberdade porque refere-se a um tipo de controle não aversivo, não contracontrolado, porém a ausência de um comportamento contracontrolado como marcador de

Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Countercontro l in Behavior Analysis	TT 01 Controle e contra controle Para Balsam e Bondy (1978) o contracontrole não facilitava a análise do comportamento complexo e acreditavam que era melhor não o utilizar. O contracontrole é considerado apenas uma subclasse de reforço negativo.	Skinner (1971) nos adverte que usar a ausência de comportament o contracontrola dor como um marcador de liberdade é, em última análise, perigoso e autodestrutivo. C 01 Controle e contra controle- “Em particular, os seres humanos precisam (a) eliminar o controle aversivo (o que muitas vezes é praticamente impossível), (b) identificar o reforço positivo e outras formas discretas de controle que têm consequências aversivas adiadas, e (c) substituir contingências de reforço positivo sem essas consequências. Isso eliminaria as condições que geram o contracontrole.	TA 01 Controle e contra controle- O contracontrole possibilita a análise do comportament o superar as tentativas de controle aversivas socialmente baseadas De fato, com o contracontrole , os analistas do comportament o podem destacar as contribuições positivas de uma abordagem comportament al, porém é improvável que todas as condições que promovam contracontrole possam ser eliminadas da cultura.	liberdade é perigoso e autodestrutivo. Aceitar de forma acrítica alegações sobre “liberdade” pode contribuir com práticas de controle que resultem em consequências aversivas adiadas O contracontrole era considerado apenas uma subclasse do reforço negativo, por isso não deveria ser utilizado, pois não facilitava a análise do comportamento complexo. Para eliminar as condições que geram contracontrole, seria necessário eliminar o controle aversivo, identificar reforço positivo e formas discretas de controle aversivo com consequências adiadas e substituir contingências de reforço positivo com consequências adiadas. O contracontrole possibilita superar as tentativas de controle aversivo, porém nem todas as relações que promovem contracontrole
------------------------------------	--	---	---	---	--

um papel de destaque em sua análise conceitual, de controle social e de liberdade.	podem ser eliminadas.
--	-----------------------

3.4 Definição e classificação das aplicações do conceito nos artigos selecionados: Etapa 03.

Após a aplicação do PICT, a partir das sínteses interpretativas elaboradas na última etapa, foram realizadas comparações entre o que é disposto por Skinner (1971) sobre o conceito de “liberdade” e quais são as considerações presentes nos artigos selecionados. Essa relação demonstra quais as relações propostas por Skinner e como são compreendidas as aplicações do conceito de “liberdade” na contemporaneidade.

Foi identificado que Skinner aponta como principais teses tradicionais voltadas ao conceito de “liberdade: “o ser humano possui livre arbítrio”, “ a liberdade é um produto da vontade interna e “ o guia confiável para identificar uma relação como “libertadora” é o “sentimento de liberdade”. As críticas apontadas por Skinner são: “O homem não é livre pois está sob controle de diversas relações” e “mesmo se sentindo livre, o homem está sob controle de relações que não são perceptíveis”. As teses alternativas apontadas por Skinner são: “os seres são incapazes de obter a “liberdade” ou se comportar de forma “livre” em seus meios, se a “liberdade” for caracterizada como uma relação “mental” ou “sentimental”, já o conhecimento para o autor seria a “liberdade”.; “conhecer as variáveis das quais o comportamento é função permite a previsão e o controle do comportamento humano, os métodos propostos pela análise do comportamento, como a análise funcional, tornam passíveis de verificação empírica a análise das variáveis que controlam o comportamento”.

Para a classificação das aplicações do conceito de “liberdade” foram utilizados

três autores citados anteriormente nos artigos selecionados: Baum (2005), Catania (1980) e Goldiamond (1965). Os três autores definem “liberdade” a partir de uma perspectiva analítico-comportamental, porém diferem do que é proposto por Skinner (1971). Na Tabela 6 estão relacionadas as descrições das classes identificadas e os artigos encontrados. “Liberdade” enquanto descrição das variáveis que controlam o próprio comportamento refere-se a o que foi descrito por Skinner (1971), o ser humano é “livre” quando consegue descrever suas relações e entender sob quais tipo de controle está ; a “liberdade” como disponibilidade de escolhas volta-se às ideias de Baum (2005) e Goldiamond (1965), onde o “responder” frente a várias alternativas de resposta pode ser considerado um comportamento “livre” ou pode demonstrar algum grau de “liberdade” ; a “liberdade” como parte biológica/fenômeno, volta a um tipo de análise que considera que a “liberdade” existe independente de qualquer manipulação ou interferência humana ou de qualquer organismo, presente em Catania (1980) e “liberdade” como impossível de se detectar via análise do comportamento, refere-se a uma análise crítica aos métodos da análise do comportamento que buscam compreender esse conceito, uma impossibilidade de entendê-lo de forma completa.

Tabela 6

Relação das classificações das aplicações do conceito de “liberdade” nos artigos selecionados.

<u>Aplicação do conceito</u>	<u>Textos em que a aplicação foi identificada</u>
“Liberdade” enquanto descrição das variáveis que controlam o próprio comportamento.	<ul style="list-style-type: none"> • “Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical”; • “Countercontrol in Behavior Analysis”; • “Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical”;

Aplicação do conceito	Textos em que a aplicação foi identificada
	<ul style="list-style-type: none"> • “Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical”; • “Rethinking freedom for contemporary psychology”; • “A liberdade no behaviorismo radical”; • “Sentidos possíveis de "liberdade" no Behaviorismo Radical”; • “An existential look for at B. F. Skinner”; • “Elbow room in a functional analysis: Freedom and dignity regained”; • “Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental”.
<p>“Liberdade” como disponibilidade de escolhas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Prolegomena to any future philosophy of behavior analysis as a science”; • “On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion”; • “Exploitation, Freedom, and Coercion: The Integration of Applied Behavior Analysis in a Capitalist System”; • “Igniting Collective Freedom: An Integrative Behavioral Model of Acceptance and Commitment Toward Black Liberation”; • “Expanding the Behavior-Analytic Meanings of “Freedom””; • “There is nothing beyond freedom and dignity”;
<p>“Liberdade” como parte biológica/fenômeno</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “B.F. Skinner on Freedom, Dignity and Explanation of Behavior”; • “Beyond Walden: An Indo-Tibetan Buddhist critique of utopia”; • “Sartre, Skinner, and the compatibilist freedom to be authentically”; • “Popular versus Skinnerian views on the relation between human freedom and dignity”;
<p>“Liberdade” impossível de se detectar via análise do comportamento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “On the persistence of cognitive explanation: Implications for behavior analysis”; • Jean-Jacques Rousseau and behavior control: The technology of a romantic behaviorist”;

Aplicação do conceito	Textos em que a aplicação foi identificada
	<ul style="list-style-type: none"> • “A Cognitive Social Learning Theory Perspective on Human Freedom”.

3.4.1 Liberdade enquanto descrição das variáveis que controlam o próprio comportamento

As definições de “liberdade” compactuam com diferentes propostas de análise. Enquanto Baum, Catania e Goldiamond discutem sobre “liberdade” enquanto disponibilidade de alternativas, Skinner (1971) propõe “liberdade” enquanto descrição das variáveis que controlam o próprio comportamento.

Nos textos “Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical”, “Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical”, “Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical”, “Rethinking freedom for contemporary psychology”, “A liberdade no behaviorismo radical”, “Sentidos possíveis de "liberdade" no Behaviorismo Radical”, “An existential look for at B. F. Skinner”, “Elbow room in a functional analysis: Freedom and dignity regained”, “Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental”, a aplicação do conceito “liberdade” faz referência a “liberdade” enquanto descrição das variáveis que controlam o próprio comportamento. Essa aplicação deriva diretamente do pensamento skinneriano sobre o conceito, que derivam de Skinner (1971), a partir da descrição das variáveis que controlam os comportamentos.

Skinner (1971) enfatiza o quanto a “liberdade” não depende de fatores como sentimentos ou crenças. O autor combate a idéia de que a “liberdade” seria produto de alguma outra relação que não aquela em que são descritas as variáveis de controle do comportamento humano ou animal. Skinner (1971, p. 46), enfatiza como se faz relevante, para que a “liberdade” exista, uma distinção dentro da descrição das relações de controle,

para o controle seja entendido como “necessário” e não como “ruim” / “coercitivo”.

Para Skinner o “controle” faz parte da natureza humana, e a sociedade oportuniza meios de controle disfarçados, que não são comumente caracterizados como “controle”, como relações de, propaganda, promovidas por instituições, etc.

No texto “Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental”, Andrade e Regis Neto (2011) comentam que existe uma perspectiva de que behaviorismo trata a “liberdade” como uma ficção e Skinner é considerado um inimigo da “liberdade” e defensor do controle do comportamento.

Skinner aponta que existem três formas de lidar com estas situações coercitivas: 1) evitar o contato com os agentes controladores (esquiva); 2) sair da presença da estimulação aversiva (fuga) ou 3) uma forma anômala de fuga. Atacar os controladores e enfraquecer ou destruir seu poder (contracontrole).

Para os autores, mesmo diante de formas de combate aos meios coercitivos, isso não garante que uma pessoa é mais ou menos “livre”. Skinner (1971) comenta que as pessoas tendem a lutar para serem “livres” diante de condições coercitivas, porém, quando a relação não apresenta meios punitivos diretos, poucas vezes as pessoas evitam fugir ou lutar dessas relações de controle.

No texto “Countercontrol in Behavior Analysis”, Delprato (2002) comenta sobre como o “sentimento de liberdade” não é indicativo de “liberdade” ou “ausência de controle”, de forma que essa relação pode ser perigosa ou destrutiva, pois não corrobora com uma análise mais fidedigna das relações comportamentais. Para Delprato (2002) a “liberdade” estaria pautada na descrição de variáveis e no conhecimento destas dentro dos contextos.

No texto “Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical”, Brandenburg

e Weber (2005) cometam que mesmo que uma pessoa se sinta “livre” ela está sob controle de variáveis discretas. A “liberdade” pode existir a partir autoconhecimento, ao analisar os tipos de controle e variáveis aos quais os indivíduos são submetidos.

Brandenburg e Weber (2005) comentam que para Skinner (1971) a “liberdade” só existe quando o indivíduo discrimina seus comportamentos e as variáveis que os controlam, portanto, a “liberdade” depende do “autoconhecimento”.

Em “Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical”, Cruz (2010) aponta que Skinner alega que não significa que a “liberdade” e a “dignidade” não existam em sua proposta, mas que precisam partir das análises das relações comportamentais e não da “sensação de liberdade”

Cruz (2010) aponta que a “sensação de liberdade” ocorre porque consequências reforçadoras positivas dificultariam a percepção de tais fontes de controle do comportamento pelos sujeitos. As fontes de controle são notadas mais facilmente quando provocam consequências aversivas, esquiva e geram contracontrole. Todas as relações entre os homens são estabelecidas por meio de relações de controle, inclusive aquelas nas quais as pessoas acreditam que não são controladas.

Todas as relações entre os homens são estabelecidas por meio de relações de controle, inclusive aquelas nas quais as pessoas acreditam que não são controladas.

O que é proposto por Larenti (2009) no texto “Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical”, volta-se a constatação de que a “literatura da liberdade” não conseguiria atingir o “escravo feliz”, aquele cujo comportamento tem reforço positivo imediato, mas que, em última análise, não é livre.

Para Laurenti (2009) o tratamento skinneriano da “liberdade” em termos de relações controladoras é capaz de revelar situações exploradoras e escravizantes que não

são denunciadas pela “literatura da liberdade”. Os homens não são “livres” quando estão sob o controle de contingências de reforço positivo imediato, mas que produzem, em longo prazo, consequências aversivas. A autora aponta que análise skinneriana da “liberdade”, em Skinner (1971), é feita em termos da elucidação das variáveis ambientais que controlam o comportamento, e não sob a perspectiva do “homem autônomo”. Ele enfatiza a natureza probabilística do controle e considera o papel do acaso e das variações comportamentais no processo de seleção do comportamento pelas suas consequências, o que impacta diretamente na “liberdade” humana enquanto descrição das variáveis que controlam o comportamento.

No texto “Rethinking freedom for contemporary psychology”, Ernø e Birk (2024) comentam que Skinner (1971) compreendia a “literatura da liberdade” como focada na eliminação de estímulos aversivos.

. A “liberdade” entendida como “estados mentais” e “sentimentos” compreende que uma vez que uma pessoa se livra de estímulos desagradáveis ela pode se sentir “livre”, mesmo que não seja de fato.

Segundo Ernø e Birk (2024) a “literatura da liberdade” falha em sua proposta, ela meramente fornece um guia de ação (não uma filosofia). A proposta de Skinner é mais vantajosa no sentido de entender a “liberdade” para além do sentimento de “liberdade”.

Costa (2000), no texto “A liberdade no behaviorismo radical”, comenta que a noção tradicional de “liberdade” pressupõe a existência de uma entidade interna que é capaz de guiar o comportamento dos indivíduos, “livre” de qualquer determinação ambiental.

Para o autor, “liberdade” enquanto “estado mental” e “sentimento” incompatível com a concepção behaviorista radical. Dessa forma, o comportamento sempre deve ser explicado a partir das variáveis externas ao indivíduo.

Com aponta Costa (2000), o que Skinner (1971) comenta é que nem toda relação que exerce controle é uma relação ruim, apesar do termo “controle” ter assumido um sentido negativo na sociedade, é apontado que Skinner o vê como um processo natural, partindo do princípio de que existem relações regulares entre ambiente e o comportamento humano.

Em “Sentidos possíveis de "liberdade" no Behaviorismo Radical”, Dittrich (2010) comenta que o sentimento de “liberdade”, enquanto estado corporal, e o relato, enquanto resposta verbal, são fatos comportamentais tão dignos de análise e consideração quanto quaisquer outros. A “liberdade” faz parte de relações comportamentais que interessam ao analista do comportamento.

A relação de “autocontrole” significa tão somente que uma pessoa pode controlar a si mesma como controlaria o comportamento de outro, através da manipulação de variáveis das quais o comportamento é função. As técnicas de “autocontrole” são aprendidas nas relações com o ambiente, se “autocontrolar” não depende de questões “mentais” ou “sentimentos”.

Para Dittrich (2010) o behaviorista radical, diante da questão de promoção da “liberdade”, pode simplesmente descrever-se como “exercendo contracontrole” ou como “lutando pela eliminação ou redução de controles coercivos”, e não por uma “liberdade política” ou de qualquer outro tipo. A emissão da palavra "liberdade" é aceitável mesmo por um behaviorista radical, e não constitui contradição, pois se trata de uma relação estritamente comportamental, de descrição de variáveis que controlam o próprio comportamento.

Fallon (1992), no texto “An existential look for at B. F. Skinner”, aponta que existe um problema ao discutir a “liberdade”, pois envolve falar sobre sentimentos.

Quando Skinner (1971) propõe "além da liberdade e da dignidade", cientificamente, as pessoas não são "livres" nem possuem "dignidade", mas que por "liberdade" ele propõe que as pessoas promovam as condições em que as pessoas em que se sintam "livres", ao conhecer as variáveis que controlam seus comportamentos.

Fallon (1992) comenta que o que Skinner discorreu em seu artigo de 1945 sobre "A Análise Operacional dos Termos Psicológicos," que é muito difícil para as pessoas falarem de maneira confiável sobre eventos privados, como sentimentos. Skinner observou que, para a maioria das pessoas, o sentimento de "liberdade" é a única "liberdade" existente.

No texto "Elbow room in a functional analysis: Freedom and dignity regained" Garrett (1985) aponta que a "liberdade" é essencialmente uma função de três condições. Estas incluem o poder humano sobre o ambiente, a força de vontade humana e a capacidade de determinar racionalmente nossas prioridades de valor. Para o autor não há nada em uma análise comportamental ou funcional que impeça a satisfação dessas três condições básicas das quais nossa "liberdade" depende. O autor aponta que no livro "*Elbow Room*", Daniel Dennett faz um excelente trabalho ao mostrar por que o determinismo não representa uma ameaça à "liberdade", mas sim corrobora com sua identificação.

Para Garrett (1985) em "Beyond Freedom and Dignity", a tese central de Skinner (1971) é que não há espaço para um tipo de ideia sobre "liberdade" ou "dignidade" em uma análise científica. Skinner argumenta para se ter uma análise funcional do comportamento é preciso abandonar as noções de "liberdade" e "dignidade".

Para Garrett (1985), Skinner não deixa espaço suficiente para um "livre-arbítrio". São discutidas questões sobre o limite da ação humana, de forma que é possível construir e refinar nossas regras e princípios de ação através da prática e por meio da análise crítica

e do argumento. O autor comenta que caso exista “poder infinito” sobre o corpo e o ambiente, é possível fazer tiranos, abelhas e o câncer se comportarem como quiser. A “liberdade” é uma função do poder sobre o ambiente/corpo. Na medida em que é possível comandar e agir de certas maneiras ou ter certos pensamentos e desejos, pode-se dizer que a pessoa tem uma “vontade forte” e, portanto, é “livre”.

Fallon (1992) comenta que uma análise funcional, não precisa negar a existência de força de vontade, pois ela pode ajudar a entender mais claramente o que ela é e como podemos fortalecê-la. Uma análise funcional pode ser compatível com a noção de uma “vontade esclarecida”, a noção de que se sabe verdadeiramente o que é realmente importante. Uma análise funcional, se correta e devidamente compreendida e aplicada, pode ampliar a “liberdade” e não “diminuí-la”.

3.4.2 “Liberdade” política, social e espiritual.

Baum (2005) argumenta que autores descrevem “liberdade” como ausência de impedimentos ou coerção, o que em partes é equivalente ao significado de “liberdade” de Skinner, como a ausência de consequências aversivas imediatas.

Para o autor a palavra "livre" é usada de três maneiras: a liberdade de restrição, como ao se libertar da escravidão, a extensão dessa ideia é a noção de “livre-arbítrio”; “liberdade política e social”, ao enfrentar consequências não desejadas por certas escolhas tomadas; e “liberdade espiritual”, que prioriza a ideia de ficar sob controle de consequências reforçadoras atrasadas e não imediatas. (Baum, 2005, p. 182). Baum (2005, p. 184) aponta que um exemplo de pessoas que se diz não terem “liberdade” são os escravos. Um escravo pode se recusar a trabalhar, porém, a consequência provável de tal recusa seria uma surra.

Segundo o autor, as pessoas não podem se sentir “livres” quando são coagidas, quando seu comportamento é controlado pela ameaça de consequências aversivas”. (Baum, 2005, p. 185)

Os relacionamentos podem ser coercitivos e esses relacionamentos coercitivos podem ser substituídos por relacionamentos não coercitivos. As pessoas controladas por meios aversivos não apenas não conseguem se sentir livres, mas também tendem a ser ressentidas, raivosas e agressivas. (Baum, 1980, p. 187). Para o autor isso tem explicação na história evolutiva humana, pois a seleção natural favoreceria indivíduos que respondessem de forma agressiva à dor e perda de recursos.

Segundo Baum (2005, p. 187) para o analista do comportamento, "ter escolhas" não tem nada a ver com “livre-arbítrio”, mas significa ser possível se comportar de diferentes formas em diferentes ambientes. As pessoas nunca escolhem “livremente” respirar, caminhar ou mesmo aprender a falar, essas ações são determinadas pelos seus genes e pelo ambiente, e o “livre arbítrio” apenas ocorreria se fosse possível estar livre dessas restrições.

Baum aponta que o ser humano se sente “livre” e “feliz” quando se comporta em uma tarefa que é mais reforçadora do que outra, e não aquela que seja ou não punitiva. Para o autor “as condições sob as quais nos sentimos livres acabam sendo idênticas às condições sob as quais nos sentimos felizes” (Baum, 2005. P. 187). Portanto, a “liberdade social”, para Baum, consiste em ter escolhas e não ser punido por elas.

3.4.2.1 Armadilhas do reforço e autocontrole.

Baum (2005, p. 190) aponta que o reforço positivo é usado como “armadilha do reforço”, que podem ser exemplificadas como vícios, que são difíceis de abandonar. O autor discorre sobre o caso em que um fumante enfrenta uma escolha entre duas

alternativas: impulsividade (fumar) e autocontrole (abster-se). A diferença entre as duas é que impulsividade consiste em se comportar de acordo com um reforço de curto prazo (armadilha do reforço), enquanto o autocontrole consiste em se comportar de acordo com um reforço de longo prazo. O autocontrole, para Baum, consiste em fazer uma escolha que não aquela que será reforçada imediatamente, para o autor “uma pessoa que consegue superar uma armadilha do reforço, se sente feliz, pois superou um vício” (Baum, 2005, p. 193).

Ficar sob controle de regras, auxilia as pessoas a evitar “armadilhas de reforço”. Baum (2005, p. 194) aponta que sem o seguimento das regras, seria muito fácil que os controlados caíssem nas armadilhas de reforço. A noção de “armadilha de reforço” ajuda a entender por que o ser humano é controlado diante de relações ditas “libertadoras”.

Baum (2005, p. 196) descreve os "prazeres mundanos" como comida, sexo, carros luxuosos, férias no Caribe, como “reforçadores”. Para o autor, uma maneira de entender a “liberdade” espiritual é questionar se buscar o prazer mundano é ruim?

De uma perspectiva comportamental, isso aponta para consequências aversivas adiadas, porém, Baum (2005), se afasta de uma visão científica e privilegia uma análise na perspectiva entre “moral” e “religiosidade”.

3.4.2.2 Possibilidade de escolhas genuínas e “graus de liberdade”.

Goldiamond (1965) considera que a “liberdade” envolve a possibilidade de “escolhas genuínas”. Este é um modelo descritivo que leva em consideração não apenas os estímulos antecedentes e consequentes da resposta específica sob investigação, mas também os estímulos antecedentes e consequentes dos padrões alternativos de resposta presentes no repertório de um indivíduo.

Segundo Fernandes e Dittrich (2018) os procedimentos sugeridos por Goldiamond

como necessários para entender por que uma alternativa é preferida em detrimento de outra são: (a) identificar o conjunto de contingências alternativas que compõem a situação de escolha; (b) analisar os custos das respostas e os benefícios consequenciais de todos os padrões comportamentais alternativos. Goldiamond também empresta da física o conceito de “graus de liberdade”, para melhor caracterizar as condições comportamentais da escolha. Nesse campo do conhecimento, esse conceito é comumente usado para se referir à quantidade de variáveis independentes que podem ser especificadas e que determinam um sistema. Fernandes e Dittrich (2018, p. 11) apontam que Goldiamond utiliza do conceito de “grau de liberdade” da física, para demonstrar o número de alternativas comportamentais disponíveis em cada relação. Define-se “grau de liberdade” como um número de contingências possíveis menos um, ou seja, se existe uma ($n=1$) alternativa na relação o grau de liberdade é igual a zero ($gl=0$) e que se relaciona com os “graus de coerção”, que é inversamente proporcional ao “grau de liberdade”. Quanto maior o número de alternativas comportamentais, maior será o “grau de liberdade” e menos o “grau de coerção”. (Fernandes & Dittrich, 2018).

Descrevemos as condições comportamentais que definem “escolha”, bem como a forma como Goldiamond realiza sua análise não linear. As escolhas foram então caracterizadas pelos graus de liberdade e pela coerção que elas apresentam. No entanto, a definição de liberdade de Goldiamond envolve não apenas a possibilidade de escolhas, mas também a disponibilidade de escolhas genuínas. Os autores argumentam que, para que uma escolha seja considerada genuína precisa denotar a disponibilidade de contingências alternativas que sejam igualmente possíveis. Possibilidade de escolhas genuínas também exige que consequências críticas estejam disponíveis para diferentes padrões comportamentais.

Consequências críticas, de acordo com Goldiamond (1965), são aquelas que,

quando tornadas contingentes a um comportamento específico, geralmente exercem um controle sobre o comportamento, demonstrando um alto valor de reforço quando adicionadas (por exemplo, comida para alguém faminto) ou quando removidas (por exemplo, um choque elétrico de alta intensidade). São consequências que, dadas certas condições ou operações, são preferidas em todas as situações de escolha. Escolhas genuínas envolvem tais opções quando a disponibilidade de contingências é igual. A igualdade de repertórios de contingências requer oportunidades ou ocasiões igualmente disponíveis, padrões de comportamento igualmente disponíveis, consequências igualmente potentes e, já que se tratam de repertórios de contingências e repertórios exigem estabelecimento ao longo do tempo, histórias de contingência igualmente funcionais.

3.4.2.3 Discussões nos textos sobre “liberdade” enquanto disponibilidade de escolha.

Nos textos: “Prolegomena to any future philosophy of behavior analysis as a science”; “On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion”; “Exploitation, Freedom, and Coercion: The Integration of Applied Behavior Analysis in a Capitalist System”; “Igniting Collective Freedom: An Integrative Behavioral Model of Acceptance and Commitment Toward Black Liberation”; “Expanding the Behavior-Analytic Meanings of “Freedom””; “There is nothing beyond freedom and dignity”, a aplicação do conceito “liberdade” que é discutida nos textos volta-se a “liberdade” como disponibilidade de escolhas. Essa perspectiva está ligada aos estudos de Baum (2005) e Goldiamond (1965), que compactuam com a ideia de que a “liberdade” está ligada a disponibilidade de alternativas.

No texto “Prolegomena to any future philosophy of behavior analysis as a science” Catania (2023) comenta que Skinner (1971), em “*Beyond Freedom and Dignity*” não

abordou a questão do determinismo versus a liberdade (livre-arbítrio), em vez disso abordou a “liberdade” como oposta a coerção. A coerção limita as escolhas, então uma condição implícita na “liberdade skinneriana” é a capacidade de escolher.

Para Catania (2023) a “escolha livre” depende da disponibilidade de mais de uma classe de respostas mantida pelo número de operantes disponíveis. Estes são afetados pela disponibilidade de opções no ambiente e a disponibilidade de variar as respostas dos organismos. A variabilidade é essencial para se garantir a “liberdade de escolha”. Catania não é contrário à proposta de Skinner sobre “liberdade”, mas faz ressalvas sobre a “liberdade ser oposta a coerção”.

O que Goltz (2020) propõe no texto “On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion”, é uma necessidade de uma expansão do conceito de “coerção” e “liberdade” frente às possibilidades de escolhas. A autora comenta que a filosofia propõe que a teoria da “liberdade positiva”, que se volta ao controle individual das próprias ações e posse de recursos para realiza-las, e “liberdade negativa”, que compreende a interferência nas ações de outras pessoas. A autora relaciona que a “coerção” e a “liberdade” são influenciadas pelas restrições de alternativas de respostas.

Para Goltz (2020) a definição de liberdade de Skinner (1971) estava amplamente restrita a discussões sobre a ausência de estímulos aversivos e não sobre o comportamento de escolher. A capacidade de escolher e disponibilidade de escolhas possíveis em uma relação influenciam na “liberdade” e na “coerção” individual. Os autores apontados pela autora no texto são Goldiamond, Catania e Baum, eles discutem a noção da possibilidade de escolha também como característica da “liberdade”, e possuem ênfase dois temas: ter a possibilidade de escapar de estímulos aversivos e ter opções que resultem em consequências reforçadoras. Os autores discutem a possibilidade de escolha que define “liberdade” em o indivíduo ter alternativas que possuem consequências reforçadoras e

não apenas aversivas e que as opções presentes no ambiente precisam ser igualmente possíveis para serem consideradas, elas precisam ter as mesmas probabilidades de ocorrência.

A “liberdade” refere-se a escapar de estímulos aversivos e ter um conjunto maior de contingências alternativas que fornecem acesso a consequências críticas, incluindo a capacidade de escapar ou evitar o controle aversivo.

No artigo “Exploitation, Freedom, and Coercion: The Integration of Applied Behavior Analysis in a Capitalist System”, Garner et al. (2022) utiliza da teoria de Goldiamond para caracterizar “liberdade”. Uma pessoa possui mais ou menos “liberdade” a partir da quantidade de repostas alternativas disponíveis em seu meio, e a quantidade de repostas alternativas está ligada a quantas relações coercitivas estão disponíveis também. Quanto mais relações coercitivas, menos repostas alternativas.

Diante da análise proposta por Goldiamond, Garner et al. (2022) propõe uma aplicação da análise em contextos capitalistas contemporâneos, como na universidade, empresas, que promovem relações coercitivas em suas práticas. Para os autores, é um erro acreditar que é possível garantir mais “liberdade” ao reforçar meios “coercitivos”. Segundo Garner et. al. (2022) uma compreensão sólida do conceito de “liberdade” poderia permitir que os analistas do comportamento melhorassem sua capacidade de interpretar as relações comportamento-ambiente no que diz respeito ao controle do reforço relacionado a ganhos de capital, trabalho, salários e estruturas de faturamento dentro de uma organização. As organizações profissionais devem estabelecer padrões quantificáveis em relação à carga de trabalho para garantir que os empregadores não estejam apenas preocupados com o resultado, reduzindo assim a “coerção” e aumentando a “liberdade”. São citadas formas de organização de trabalho menos exploratórias e coercitivas, como no caso dos sindicatos e cooperativas que buscam meios de trabalho

mais democráticos e que não pensam no lucro e geração de riqueza acima dos direitos dos trabalhadores.

Gingles (2022) relaciona a “liberdade” proposta por Skinner e a “libertação negra” com ênfase nos meios de opressão social. Para Gingles, o que Skinner propõe é uma discussão sobre a “liberdade” mediante ausência de controle aversivos, e a natureza temporal das consequências, atrasadas ou imediatas. O que demonstra que uma pessoa pode ter experiências temporalmente diferentes sobre um estímulo aversivo.

Para Gingles (2022) as pessoas negras não são tecnicamente “livres” em nossa sociedade global. A responsabilidade de garantir a “liberdade”, disponibilidade de escolhas, recai sobre um coletivo de indivíduos brancos com poder social e político, que criaram o sistema como um meio de vantagem e preservação cultural. Portanto, não depende apenas dos oprimidos agirem para se alcançar a “liberdade”, mas reavaliar toda a estrutura racista envolta na sociedade. Gingles (2022) utiliza da teoria de Goldiamond e a aplica a demandas contemporâneas de combate ao racismo e a exploração trabalhista.

Fernandes e Dittrich (2018) comentam sobre as contribuições de Baum, Goldiamond e Catania acerca do conceito de “liberdade”. As formulações de Baum, Catania e Goldiamond têm um aspecto em comum: eles relacionam a “liberdade” com a possibilidade de escolha. As formulações de Catania e Baum tratam de um significado comportamental de “liberdade” como possibilidade de escolha”, consistindo em alternativas às formulações de Skinner (1971), que são recorrentes na literatura analítico-comportamental.

Para Fernandes e Dittrich (2018), a discussão de Catania (1980) sobre “liberdade” segue um caminho diferente em comparação com a de Baum (2005). O que Catania enfatiza é a possibilidade de investigar experimentalmente o quanto os organismos (humanos e não humanos) “valorizam a liberdade”. Os organismos em geral preferem

condições em que há alternativas disponíveis (em vez de condições em que apenas uma alternativa é possível).

Segundo o texto, Baum (2005) argumenta que autores descrevem “liberdade” como ausência de impedimentos ou coerção, o que em partes é equivalente ao significado de “liberdade” de Skinner (1971), acerca da ausência de consequências aversivas imediatas. Porém Baum não explora detalhadamente os processos comportamentais que caracterizam a "possibilidade de escolha", apenas a ausência de consequências aversivas nas alternativas apresentadas em “situações de escolha”.

Baum também afirma que as pessoas religiosas às vezes citam outro tipo de “liberdade”: a “liberdade espiritual”. A expressão faz referência à libertação de uma prisão metafórica (espiritual) e à necessidade de exercer o desapego dos “prazeres mundanos”. Para Baum (2005) isso advém de um repertório bem desenvolvido de autocontrole, o que aumenta a sensibilidade aos reforçadores positivos discriminados que tendem a surgir da prática de uma vida “mais simples”, “gentil” e “altruísta”.

Um outro significado de “liberdade” identificado por Baum (2005) é o que ele chama de “liberdade política ou social”, nesse sentido, seria “ter escolhas” sem ser punido por fazê-las. Desta forma, a possibilidade de escolha significa que mais de uma atividade é possível e, para que haja liberdade, é necessário que todas as escolhas alternativas sejam passíveis de reforçamento positivo

Segundo Fernandes e Dittrich (2018) as formulações de Baum e Catania sobre liberdade são semelhantes às de Goldiamond, porém, mesmo que os três autores tratem a “liberdade” como a possibilidade de escolha, suas análises diferem em escopo ou ênfase. As formulações de Goldiamond não se restringem a uma análise da disponibilidade de alternativas comportamentais sem consequências aversivas.

Goldiamond (1965) considera que a “liberdade” envolve a possibilidade de “escolhas genuínas”. Este é um modelo descritivo que leva em consideração não apenas os estímulos antecedentes e consequentes da resposta específica sob investigação, mas também os estímulos antecedentes e consequentes dos padrões alternativos de resposta presentes no repertório de um indivíduo.

Os procedimentos sugeridos por Goldiamond (1965) como necessários para entender por que uma alternativa é preferida em detrimento de outra são: (a) identificar o conjunto de contingências alternativas que compõem a situação de escolha; (b) analisar os custos das respostas e os benefícios consequenciais de todos os padrões comportamentais alternativos. Goldiamond também empresta da física o conceito de “graus de liberdade”, para melhor caracterizar as condições comportamentais da escolha.

Goldiamond destaca que a disponibilidade de contingências alternativas, ou seja, a existência de um repertório comportamental mais a existência das oportunidades necessárias para sua ocorrência, não é suficiente para caracterizar uma escolha como genuína. O autor argumenta que, para que uma escolha seja considerada genuína precisa denotar a disponibilidade de contingências alternativas que sejam igualmente possíveis, isso dispõe que as contingências tenham a mesma probabilidade de existir em determinado contexto. A possibilidade de escolhas genuínas também exige que consequências críticas estejam disponíveis para diferentes padrões comportamentais.

Consequências críticas, de acordo com Goldiamond (1976, p. 22), são aquelas que, quando tornadas contingentes a um comportamento específico, geralmente exercem um controle sobre o comportamento, demonstrando um alto valor de reforço quando adicionadas (por exemplo, comida para alguém faminto) ou quando removidas (por exemplo, um choque elétrico de alta intensidade).

São consequências que, dadas certas condições ou operações, são preferidas em

todas as situações de escolha. Escolhas genuínas envolvem tais opções quando a disponibilidade de contingências é igual. A igualdade de repertórios de contingências requer oportunidades ou ocasiões igualmente disponíveis, padrões de comportamento igualmente disponíveis, consequências igualmente potentes e, já que se tratam de repertórios de contingências e repertórios exigem estabelecimento ao longo do tempo, histórias de contingência igualmente funcionais.

No texto “There is nothing beyond freedom and dignity”, Krumboltz e McHargue (1972) comentam que a formulação dos argumentos de Skinner (1971) levou os leitores a temer que a “liberdade” e a “dignidade” diminuam à medida que a ciência do comportamento avança e os métodos comportamentais se tornem amplamente utilizados. Os autores declaram estarem “perturbados” com o livro de Skinner por suas implicações não declaradas e pelas evidências de que muitos críticos interpretaram mal o tema central. O que pode levar a interpretação de que não existe “liberdade” e “dignidade” para Skinner.

Críticas proposta pelos autores voltam-se a Skinner acreditar que, uma vez que as pessoas percebam que o ambiente externo controla grande parte de seu comportamento, para os elas não poderão mais receber crédito por suas realizações nem sentir um “senso de responsabilidade”.

Para Krumboltz e McHargue (1972) uma pessoa aumenta sua “liberdade” se puder escolher entre um maior número possibilidade de escolhas alternativas. Acredita-se que a “liberdade” e a “dignidade” de cada ser humano podem ser aumentadas e aprimoradas por meio de arranjos adequados do ambiente externo. No texto é apontado que Skinner pode muito bem acreditar nisso também, embora ele não escreva ou faça referências sobre a “liberdade” como disponibilidade de alternativas. Eles enfatizam que a população pode ajudar a criar ambientes uns para os outros que resultem em maior “liberdade”,

oportunidade e prazer. A “liberdade” e a “dignidade” podem ser obtidas sem que seja necessário a busca pelo “homem autônomo” ou pela “mente”. As pessoas podem continuar a se orgulhar de suas conquistas, serem recompensadas por seus êxitos e serem responsabilizadas por seu desempenho, mesmo sabendo muito bem que o ambiente externo está influenciando o comportamento em questão. Os métodos comportamentais não são incompatíveis com a “liberdade” e a “dignidade”; pelo contrário, eles aumentam as chances de cada cliente se sentir “livre” e “digno de respeito”.

3.4.3 Discussões sobre “Liberdade” enquanto fenômeno.

Nos textos: “B.F. Skinner on Freedom, Dignity and Explanation of Behavior”; “Beyond Walden: An Indo-Tibetan Buddhist critique of utopia”; “Sartre, Skinner, and the compatibilist freedom to be authentically”; “Popular versus Skinnerian views on the relation between human freedom and dignity”; o sentido possível de “liberdade” está voltado para uma relação que independe a existência humana, como se a “liberdade” fosse considerada um fenômeno natural ou parte da biologia dos organismos. Segundo o dicionário Michaelis (n.d.), fenômeno é “tudo aquilo que pode ser observado na natureza”. Essa visão pode ser encontrada em Catania (1980): o autor enfatiza que é possível, experimentalmente, compreender sobre a preferência pela “escolha livre” e essas relações tem raízes biológicas, que independem da ontogenia.

3.4.3.1 Relação entre a ontogenia e filogenia com a “escolha livre”.

Catania (1980) aponta que em “Beyond Freedom and Dignity”, Skinner (1971) considerou tanto a questão da “liberdade” e do “determinismo” quanto a “liberdade” da coerção, e discutiu como a literatura sobre “liberdade” tem servido para se opor a certos

tipos de controle comportamental. Skinner identificou algumas das limitações dos conceitos tradicionais de “liberdade”, mas para o comportamento ser considerado “livre” ou “controlado”, ele envolve escolhas, e escolhas implicam em disponibilidade de alternativas. Catania (1980, p. 140) aponta que a preferência por “escolha livre” é independente da questão do “livre-arbítrio” e do determinismo, porém, a definição de escolha livre necessariamente interage com o que é exposto experimentalmente.

O autor aponta que a discussão sobre a “liberdade” pode ser analisada de forma empírica. Catania levanta questões sobre como “alternativas “livres” são preferidas a alternativas forçadas? Se sim, quais são as consequências comportamentais dessas preferências? Elas são produtos da ontogenia ou da filogenia? São limitadas aos humanos ou podem ser demonstradas em outros organismos?” (Catania, 1980, p. 98)

Catania (1980, p. 99) aborda essas questões em uma sequência de experimentos com pombos, com primeiro objetivo de demonstrar a preferência por escolha livre. Uma vez que a preferência tenha sido demonstrada, o segundo objetivo é explorar algumas de suas propriedades e identificar algumas de suas condições limitantes.

Catania (1980) exemplifica a “escolha livre” por meio de uma experimentação com três pombos adultos, da raça White Carneaux, o autor estudou as preferências dos pombos dentro do contexto de esquemas de cadeias concorrentes. Catania (1980, p. 107) enfatiza que por mais numerosas que sejam as alternativas entre as quais um homem pode escolher, ele não se considerará “livre” se a alternativa que ele mais preferiria for aquela que lhe foi negada.

Catania (1980, p. 119) aponta que a preferência pela escolha livre pode então ser reformulada em termos de uma preferência pela oportunidade de respostas mais variadas, sem levar em conta o número de alternativas, a preferência do pombo pela escolha livre seria simplesmente uma preferência por uma área maior para bicar.

O autor discute como a disponibilidade de alternativas implica na “escolha livre” e como o conceito de “liberdade” levanta questões empíricas. Argumentar que as “escolhas livres” devem ser valorizadas, por exemplo, é argumentar que “escolhas livres” devem ser preferidas a “escolhas forçadas”. O autor demonstra que as preferências não são limitadas ao comportamento humano.

Essa descoberta da preferência por “livre escolha” a torna mais fundamental, pois se a preferência existe mesmo no comportamento de pombos ou ratos. (Catania, 1980, p. 136). Catania questiona se a preferência por “livre escolha” é um produto da ontogenia ou da filogenia, porém, diante da independência da magnitude da preferência por “livre escolha” em relação ao número de alternativas de “livre escolha”, é reduzida a plausibilidade de explicações ontogênicas que se voltam ao reforço condicionado ou outras propriedades adquiridas do estímulo.

O autor comenta que independentemente dos argumentos para uma origem comportamental da preferência por “escolha livre”, a possibilidade de uma origem biológica também não pode ser excluída, “organismos que preferem a disponibilidade de diferentes respostas ou oportunidades para um comportamento mais variável podem ter vantagens evolutivas”. (Catania, 1980, p. 139)

Para o autor a preferência por “escolha livre” tem raízes biológicas, e contingências ontogenéticas não podem eliminá-la, o que a aproximaria de um fenômeno que não depende da interferência humana ou orgânica para existir. (Catania, 1980, p. 140)

3.4.3.2 Discussão nos artigos sobre “liberdade” enquanto fenômeno

No texto “Skinner, B.F., on Freedom, Dignity and Explanation of Behavior”, Audi (1976) aborda sobre duas teses tradicionais criticadas por Skinner. A primeira é a doutrina da “liberdade humana”. Nas visões tradicionais, uma pessoa é “livre”, ela é autônoma no

sentido de que seu comportamento não é causado. A segunda doutrina está conectada à do “homem autônomo” é a doutrina da “dignidade” humana.

Para Audi (1976) não são apenas as doutrinas do homem autônomo, da “liberdade” humana e da “dignidade” humana que são alvo de críticas. Skinner é crítico a psicologia mentalista em geral. Porém, Skinner (1971) não apresenta nada que demonstre que as pessoas frequentemente não são “livres” no sentido importante para a responsabilidade moral e a “dignidade” humana, ou que o progresso da psicologia ou de qualquer outra ciência seja necessariamente uma ameaça à “liberdade” ou “dignidade” humanas.

Segundo Audi (1976) nem o determinismo, nem o fato de que as ações humanas são causadas, nem mesmo o fato de que elas são "rastreadas" até variáveis ambientais implicam que não agimos “livremente” ou que não temos responsabilidade moral por nossas ações.

No artigo “Beyond Walden: An Indo-Tibetan Buddhist critique of utopia”, Pope (2016) comentou que Skinner (1971) explicou que “liberdade” e “dignidade” são crenças ilusórias e que não somos determinados por nossa própria vontade, mas sim, por fatores externos a nós mesmos. Para Pope (2016) não é papel da ciência presumir o resultado de suas investigações, referenciando a Skinner, mas sim revelar suas próprias suposições e tratá-las como hipóteses a serem rigorosamente testadas. Para Chomsky, o behaviorismo de Skinner se assemelha mais a um totalitarismo, uma distopia, na forma como pretende suprimir a “liberdade” e a “dignidade”.

O autor distingue perspectivas de análise social, a vista em “terceira pessoa”, um ponto de vista a partir do qual tudo é determinístico (Skinner), a vista em “primeira pessoa”, que revela uma dimensão transcendente e vasta de possibilidades. Na primeira

visão, não há “liberdade”, enquanto na segunda, a “liberdade” é inerente à existência. A “liberdade” dependeria de fatores ontogenético, ela constitui um fenômeno.

O artigo de Pope (2016) discute “liberdade” na análise do comportamento, ao tecer críticas sobre os métodos analítico comportamentais. O artigo compreendeu todas as demandas propostas pela pesquisa bibliográfica, mesmo não sendo da área da análise do comportamento.

No artigo “Sartre, Skinner, and the compatibilist freedom to be authentically” Morf (1998) aponta que ontologia de Skinner apresenta um materialismo exaustivo. Qualquer nível de construtos que se referem à “mente” é descartado. O autor comenta que em “*Beyond Freedom and Dignity*” (1971), Skinner aponta que a verdadeira “liberdade” é condicionada pelas circunstâncias, e a noção de “livre arbítrio” absoluto é tanto ilusória quanto perigosa. A “liberdade” entendida por filósofos e psicólogos humanistas como Sartre, não passava de uma ilusão, pois todos os comportamentos humanos podiam, em última análise, ser explicados por causas deterministas e controláveis.

No texto é apontado que Skinner não rejeitou o mundo privado, tão central para a fenomenologia, e que ele considerava a descrição de fenômenos como um passo primário do procedimento científico, porém enfatizou também que o interesse de Skinner sempre foi pelas relações “concretas” em oposição a “conceitos abstratos”, sua posição contra a sabedoria convencional, seu foco na experiência primária. No artigo é comentado que Fallon julgou que essas características são compatíveis com uma posição fenomenológica.

Portanto, Skinner é apontado como alguém que acredita na “liberdade” e que possui características que são compatíveis com posições fenomenológicas, como as propostas de Sartre, porém existem ressalvas quanto seu objeto de estudo e métodos

aplicado em suas análises. As relações concretas serão prioridade para Skinner frente aos construtos.

No texto “Popular versus Skinnerian views on the relation between human freedom and dignity”, Harcum et al. (1989) apontam que Skinner argumenta que a ciência do comportamento humano é prejudicada pela falsa crença social em uma relação entre duas entidades chamadas “liberdade pessoal” e “dignidade humana”. Skinner (1971) afirma que a sociedade atribui falsamente “dignidade” a uma pessoa apenas com base no mérito, mas, como não existe “liberdade”, a “dignidade” não pode ser conquistada por meio da realização voluntária de atos pró-sociais.

Para Harcum et al. (1989), Skinner aponta que a sociedade teme que qualquer redução da “liberdade pessoal” resultará necessariamente em uma redução correspondente da “dignidade” humana. Para proteger o conceito valorizado de “dignidade”, a sociedade tende a se opor a qualquer coisa que ameace o conceito de “liberdade pessoal”.

No texto é apresentado que a ciência do comportamento está reduzindo o domínio da “liberdade pessoal” no comportamento humano ao fornecer explicações ambientais e genéticas para comportamentos anteriormente atribuídos à escolha pessoal. A ciência passa a ser percebida como inimiga da “liberdade pessoal” e da “dignidade” humana.

O argumento de Skinner baseia-se em sua crença de que a “dignidade” depende exclusivamente da existência da “liberdade” de escolha. Ele pode sustentar essa visão porque desconsidera a literatura sobre “liberdade” e “dignidade” como não científica, sua crítica à “liberdade” e à “dignidade” baseia-se em uma visão pessoal.

Segundo Harcum et al. (1989), existe uma série de testes que buscam refutar por meio de testes diretos o argumento de Skinner (1971) contra os conceitos convencionais de “liberdade” e “dignidade” humanas. Os autores apontam que o ataque de Skinner a

esses conceitos valorizados é contradito tanto por evidências laboratoriais quanto por evidências contundentes de observações casuais.

3.4.4 “Liberdade” como impossível de se detectar via análise do comportamento.

Foram identificados três textos, sendo eles: “On the persistence of cognitive explanation: Implications for behavior analysis”; “Jean-Jacques Rousseau and behavior control: The technology of a romantic behaviorist”, “A Cognitive Social Learning Theory Perspective on Human Freedom”, que demonstraram um sentido de “liberdade” como impossível de se detectar via análise do comportamento. Ambos os artigos detêm um teor mais crítico do que explicativo. Neles é ressaltada a “impotência” da análise do comportamento frente a complexidade de um fenômeno como a “liberdade”.

O que é proposto por Rottschaefer e Knowlton (1979), no texto “A Cognitive Social Learning Theory Perspective on Human Freedom”, é que os analistas do comportamento frequentemente chegam a conclusões semelhantes às dos fenomenológicos. Concluem que a psicologia científica baseada no comportamento não pode explicar adequadamente a ação humana e a “liberdade” e que o campo da ação e da “liberdade” humanas não está dentro do escopo da ciência como tal.

Os autores consideram tanto a concepção “mecanicista” incorporada na análise do comportamento respondente quanto a concepção de seleção natural incorporada no behaviorismo operante como insuficientes. Eles afirmam que os fatores determinantes da constituição genética/biológica, do histórico de aprendizado e das contingências situacionais sociais/naturais são os determinantes iniciais de uma ação pessoal. Esses fatores operam de maneira completamente determinista, sob a operação exclusiva desses fatores, o agente não é “livre”.

Para Rottschaefer e Knowlton (1979) não é a ausência de determinismo, mas a combinação particular dos fatores causais que torna a ação “livre” uma realidade. Os autores argumentam que o processamento cognitivo é uma condição necessária, embora não suficiente, para a “liberdade” humana. Eles propõem um modelo molar para explicar o comportamento humano “livre”, embora não neguem a necessidade de um modelo molecular. Também consideram o modelo do "homem autônomo", inaceitável, porque transforma a escolha “livre” em um evento sem causa.

O modelo cognitivo de um ser humano como um agente ativo coloca o comportamento humano dentro de um contexto interdependente que inclui pelo menos quatro níveis de fatores causais interativos. Todas condições necessárias para a atividade humana livre, são: constituição genética/biológica, histórico de aprendizagem, contingências situacionais e processos cognitivos avaliativos.

Os autores enfatizam que o papel do processamento cognitivo avaliativo que abre a possibilidade de “ação livre”. Essa capacidade permite a identificação de modos alternativos de agir, incluindo a opção de não agir de forma alguma. Para eles sem essa capacidade, não há “liberdade” em nenhum sentido, ou seja, os graus de “liberdade” são zero. Porém, mesmo com essa capacidade cognitiva, a “liberdade” não é garantida.

Rottschaefer e Knowlton (1979) apontam que é importante enfatizar que os quatro fatores causais podem desempenhar um papel positivo ou negativo em relação à “liberdade”. Eles podem tanto dificultar quanto facilitar a “ação livre”. A “liberdade” só é possível dentro de um contexto causal adequadamente equilibrado.

No texto “On the persistence of cognitive explanation: Implications for behavior analysis”, Pierce e Epling (1982) comentam que Skinner enfatizou a literatura sobre “liberdade” e “dignidade” era pautada em explicações mentalistas e cognitivistas, e essa visão foi desafiada pelos cientistas comportamentais. Tanto a “liberdade” quanto a

“dignidade” são ignoradas pela análise científica, e quando dão ênfase a elas, sempre é por uma visão ocidental de “liberdade” e “dignidade”.

Pierce e Epling (1982) apontam que a relativa ausência de estudos focados em comportamento verbal, memória e esquecimento humanos, e diversos aspectos do comportamento social na época permitiu o florescimento da ciência cognitiva. Argumenta-se que as explicações cognitivas persistem devido a três razões principais, sendo elas: o behaviorismo não desafia a epistemologia cognitiva: as explicações cognitivas permanecem amplamente aceitas porque o behaviorismo não oferece uma contestação significativa a elas; existe uma falta de evidências no nível do comportamento humano: analistas do comportamento ainda não apresentaram evidências de pesquisa suficientes para abordar e explicar de maneira abrangente o comportamento humano, o que fortalece a aceitação das teorias cognitivas; e a incompletude de uma ciência do comportamento baseada apenas em princípios operantes: uma ciência do comportamento restrita a uma análise unilinear das contingências de reforço é limitada e não é capaz de explicar comportamentos humanos complexos.

Ryan (1976) propõe no texto “Jean-Jacques Rousseau and behavior control: The technology of a romantic behaviorist” que Skinner (1971) observou repetidamente que uma das razões à resistência ao uso de uma tecnologia do comportamento é a crença de que tal ação parece ser absolutamente contrária às noções mais “sacras” de “democracia” e “liberdade”. Os críticos de Skinner apontavam que todas as formas de controle, mesmo aquelas baseadas no reforço positivo, são consideradas maléficas. Essa resistência se consolidou e tem sido mantida dentro da tradição do que Skinner chamou de “literatura da liberdade”, na qual Rousseau é considerado um dos principais contribuintes.

Ryan (1976) é crítico ao apontar que aqueles que utilizam da tecnologia do comportamento aplicada como “solução para problemas humanos” não admitem possuir

uma “ancestralidade intelectual”, de forma que os analistas do comportamento optam por ignorar a história das “ideias”, convencidos de que não encontrarão nada útil nela. Para o autor, Rousseau conseguia perceber a alegria incomensurável que pertenceria ao homem que se sentisse completamente e totalmente “livre”.

4 Conclusão

Dos 23 artigos recuperados, 10 aplicam o conceito de “liberdade” enquanto descrição das variáveis que controlam o próprio comportamento, 6 aplicam o conceito de “liberdade” como disponibilidade de escolhas, 4 aplicam o conceito de “liberdade” como um fenômeno e 3 artigos que aplicam o conceito de “liberdade” como impossível de se detectar via análise do comportamento.

É possível analisar que 43,4% dos artigos utilizam o conceito proposto por Skinner (1971) para embasar suas discussões sobre a temática. A proposta de Skinner ainda é muito utilizada, e, a partir da pesquisa é possível observar que muitos teóricos utilizam e a adaptam o que foi postulado por Skinner em outros contextos e em textos de outras áreas.

Foi identificado que 26,0% dos artigos selecionados aplicam o conceito de “liberdade” como disponibilidade de escolhas e 17,3% aplicam o conceito de “liberdade” como fenômeno. Tais aplicações do conceito derivam do pensamento de três analistas do comportamento Baum (2005), Goldiamond (1965) e Catania (1980). Estes autores discorrem sobre a “liberdade” enquanto disponibilidade de escolhas, porém Catania enfatiza que a “liberdade” pode ser entendida como um fenômeno físico ou estar ligado parte da biologia dos organismos. Já 13,0 % dos artigos apontam críticas aos métodos da análise do comportamento e sua incapacidade para compreensão da análise da “liberdade”.

Dentro de todos os limites impostos pela pesquisa bibliográfica, diante da exclusão dos livros e foco nos artigos científicos que discutem o tema “liberdade” na análise do comportamento, ao reiterar que existiram limitações metodológicas durante a realização da revisão bibliográfica. Foi possível observar que o que é proposto por Skinner (1971) ainda é mais presente enquanto base e proposta de aplicação do conceito “liberdade” na análise do comportamento do que dos demais autores/demais aplicações do conceito.

É possível concluir que existe uma predominância em utilizar da proposta de Skinner (1971) como base para interpretação do conceito de “liberdade”, porém há uma crescente necessidade de atualização e ampliação do debate para incluir novas demandas sociais e tecnológicas. Isso se deve, não apenas pela disseminação de “Beyond Freedom and Dignity” na época em que foi lançado, mas pela adaptabilidade de análise de Skinner sobre o “conceito”. O que é proposto por Skinner (1971) está nos artigos: “B.F. Skinner on Freedom, Dignity and Explanation of Behavior”, “Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical”, “Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical”, “Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical”, “Rethinking freedom for contemporary psychology”, “A liberdade no behaviorismo radical”, “Sentidos possíveis de "liberdade" no Behaviorismo Radical”, “An existential look for at B. F. Skinner”, “Elbow room in a functional analysis: Freedom and dignity regained”, “Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental”.

“Liberdade” enquanto disponibilidade de escolhas foi segunda aplicação do conceito mais identificada nos artigos, ela deriva do que é proposto por Goldiamond (1960), Catania (1980) e Baum (2005).

De formas que os artigos “Prolegomena to any future philosophy of behavior

analysis as a science” Catania (2023) comenta que a “escolha livre” depende da disponibilidade de mais de uma classe de respostas mantida pelo número de operantes disponíveis e estes são afetados pela disponibilidade de opções no ambiente e a disponibilidade de variar as respostas dos organismos.

Nos artigos “Exploitation, Freedom, and Coercion: The Integration of Applied Behavior Analysis in a Capitalist System” e “Igniting Collective Freedom: An Integrative Behavioral Model of Acceptance and Commitment Toward Black Liberation” a proposta de Goldiamond acerca da aplicação do conceito “liberdade” é mais aceita e trabalhada dentro do artigo.

Nos artigos “On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion” e “Expanding the Behavior-Analytic Meanings of “Freedom”: The Contributions of Israel Goldiamond”, são discutidas ambas propostas dos autores Goldiamond, Catania e Baum.

Já no artigo “There is nothing beyond freedom and dignity”, Krumboltz e McHargue (1972) são críticos ao que é postulado por Skinner (1971). Para eles uma pessoa aumenta sua “liberdade” se puder escolher entre um maior número de possibilidades de escolhas alternativas, o que está mais próximo de Goldiamond (1965), e que a “liberdade” está pautada em uma “vontade popular”.

A “liberdade” enquanto fenômeno, discute a “origem da liberdade” para além de uma relação estritamente ontogenética. Quando o comportamento de “escolher livremente” ou da “livre escolha” é entendido como uma relação biológica, ela se aproxima do que Baum (2005) denomina como “comportamento filogeneticamente selecionado”. Estes são classes de resposta que não são ensinadas, mas sim pertencem a uma relação filogenética de cada organismo, como “mecanismo de sobrevivência”.

Tanto o artigo “Beyond Walden: An Indo-Tibetan Buddhist critique of utopia” quanto o artigo “Sartre, Skinner, and the compatibilist freedom to be authentically” fazem

referência a estudos fora do escopo behaviorista, mas que cita o que foi postulado por Skinner (1971) acerca do conceito de “liberdade”. Ambos são críticos aos métodos da análise do comportamento, ao diferenciar do método fenomenológico. No texto “Popular versus Skinnerian views on the relation between human freedom and dignity”, a experimentação é um meio que demonstra que a “escolha livre” está ligada a características além da ontogenia, em parâmetros físicos e biológicos.

A relação demonstrada por Catania (1980), que demonstra a preferência pela “escolha livre” pode estar pautada em relações físicas/biológica é encontrada em apenas um texto, enquanto os outros artigos discutem a “liberdade” a partir da fenomenologia.

Os artigos que compreendiam a impossibilidade da análise do comportamento de compreender a “liberdade”, em ressalva o artigo “On the persistence of cognitive explanation: Implications for behavior analysis” publicado em 2014, tem como característica similar a proximidade do ano de publicação com o do livro “Beyond Freedom and Dignity”. Tanto o artigo “Jean-Jacques Rousseau and behavior control: The technology of a romantic behaviorist” (1976), quanto o artigo “A Cognitive Social Learning Theory Perspective on Human Freedom” (1979) apresentam críticas e apontam como a análise do comportamento, diante do que é proposto por Skinner (1971) falha em definir e compreender a “liberdade” humana. Ambos artigos tecem críticas a análise skinneriana e propõe que a análise do comportamento não teria ferramentas que pudessem compreender a “liberdade”.

Diante da análise possível concluir que os autores posteriores presentes no século XXI, ainda utilizam do que é proposto por Skinner (1971) para compor sua análise acerca do conceito “liberdade”. A análise de Skinner é compreendida em diferentes aspectos, assim como a de Baum (2005), Catania (1980) e Goldiamond (1968).

A abordagem da “liberdade” como fenômeno biológico ou filogenético aparece em menor proporção, já a visão crítica à capacidade da análise do comportamento em tratar o conceito de “liberdade” aponta para tensões metodológicas e epistemológicas que ainda persistem entre o behaviorismo radical e outras abordagens, como a fenomenologia e a psicologia cognitiva.

Embora Skinner continue sendo a principal referência teórica, é possível observar uma crescente diversificação nas interpretações do conceito de “liberdade” na Análise do Comportamento, ao enfatizar aquelas que ampliam e questionam os limites da abordagem tradicional. Gingles (2022) utiliza da teoria de Goldiamond para discutir sobre “liberdade” e “libertação negra”, ao demonstrar como a discussão acerca do conceito pode ser ampliada e utilizada para discutir demandas sociais contemporâneas.

Investigações que considerem novos contextos poderão conectar e contribuir com as transformações contemporâneas.

5 Referências

- Andrade, D. M., & Regis Neto, D. M. Liberdade e autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental. In: Pessoa, Cândido V. B. B.; Costa, C. E.; Benvenuti, M. F. (orgs.). *Comportamento em foco 1*. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2011. p. 45-60.
- Almeida, A. C. F. O. (2022). Redes sociais e liberdade: uma análise comportamental dos impactos das plataformas digitais. Atena. Ponta Grossa – PR.
- Audi, R. (1976). B. F. Skinner on freedom, dignity, and the explanation of behavior. *Behaviorism*, 4(2), 163–186. Cambridge Center for Behavioral Studies. <http://www.jstor.org/stable/27758864>
- Baum, W. M. (2005). *Understanding behaviorism: Behavior, culture, and evolution*. Hoboken, NJ: Wiley.
- Brandenburg, O. J., & Weber, L. N. D. (2005). Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical. *Psico-USF*, 10(1), 87–92.
- Catania, A. C. (1980). Freedom of choice: A behavioral analysis. *The Psychology of Learning and Motivation*, 14, 97-145.
- Catania, A. C. (2023). Prolegomena to any future philosophy of behavior analysis as a science. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (special Rachlin issue), 119, 209-230. doi: 10.1002/jeab.807.
- Costa, M. de N. P. (2000). A liberdade no behaviorismo radical. *Humanitas*, 16(1/2), 65-74. Departamento de Psicologia Experimental/UFPA.
- Cruz, R. N. (2010). Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical. [Possible links between the historical context and the reception of radical, behaviorism.]. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(3), 478–491. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300004>.
- Delprato, D. J. (2002). Countercontrol in behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 25(2),

191–200.]

- Dittrich, A. (2010). Sentidos possíveis de “liberdade” no behaviorismo radical. In M. M. C. Hübner (Org.), *Comportamento e cognição: Análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas* (pp. 13-17). ESETec Editores Associados.
- Ernø, S., & Birk, R. (2024). Rethinking freedom for contemporary psychology. *Culture & Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/1354067X241226456>
- Fallon, D. (1992). An existential look at B. F. Skinner. *American Psychologist*, 47(11), 1433. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.11.1433>.
- Fernandes, R. C., & Dittrich, A. (2018). Expanding the behavior-analytic meanings of "freedom": The contributions of Israel Goldiamond. *Behavior and Social Issues*, 27, 4–19. <https://doi.org/10.5210/bsi.v.27i0.8248>.
- Garner, J., Peal, A., Klapatch Totsch, J., & Gamba, J. (2022). Exploitation, freedom, and coercion: The integration of applied behavior analysis in a capitalist system. *Behavior and Social Issues*, 31, 174–189. <https://doi.org/10.1007/s42822-022-00100-7>.
- Garrett, K. R. (1985). Elbow room in a functional analysis: Freedom and dignity regained. *Behaviorism*, 13(1), 21–36. Cambridge Center for Behavioral Studies. <http://www.jstor.org/stable/27759055>.
- Gingles, D. (2022). Igniting collective freedom: An integrative behavioral model of acceptance and commitment toward Black liberation. *Behavior Analysis in Practice*, 15, 1050–1065. <https://doi.org/10.1007/s40617-021-00584-6>.
- Goldiamond, I. (1965). Justified and unjustified alarm over behavioral control. Em O. Milton (Ed.), *Behavior disorders: Perspectives and trends* (pp. 237-261). New

York: J. B. Lipincott.

- Goldiamond, I. (1976). Protection of human subjects and patients: A social contingency analysis of distinctions between research and practice, and its implications. *Behaviorism*, 4, 1–41.
- Goltz, S. M. (2020). On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion. *Perspectives on Behavior Science*, 43(1), 137–156. <https://doi.org/10.1007/s40614-019-00240-z>.
- Harcum, E. R., Rosen, E. F., & Burijon, B. N. (1989). Popular versus Skinnerian views on the relation between human freedom and dignity. *The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 123(3), 257–267. <https://doi.org/10.1080/00223980.1989.10542980>.
- Krumboltz, J. D., & McHargue, R. M. (1972). There is nothing beyond freedom and dignity. *Counseling and Values*, 16(3).
- Laurenti, C. (2009). Criatividade, liberdade e dignidade: Impactos do darwinismo no behaviorismo radical. *Scientiae Studia*, 7(2), 251–269. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200006>.
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (Eds.). (2016). Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos. Hogrefe CETEPP.
- Michaelis. (n.d.). *Fenômeno*. Em *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=fen%C3%B4meno>
- Morf, M. E. (1998). Sartre, Skinner, and the compatibilist freedom to be authentically. *Behavior and Philosophy*, 26(1/2), 29–43. Cambridge Center for Behavioral Studies (CCBS). <http://www.jstor.org/stable/27759380>
- Pierce, W. D., & Epling, W. F. (1984). On the persistence of cognitive explanation: Implications for behavior analysis. *Behaviorism*, 12(1), 15–27. Cambridge Center

for Behavioral Studies.

- Pope, A. (2016). Beyond Walden: An Indo-Tibetan Buddhist critique of utopia. *The Humanistic Psychologist*, 44(1), 42–55. <https://doi.org/10.1037/hum0000011>.
- Rottschaefter, W., & Knowlton, W. (1979). A cognitive social learning theory perspective on human freedom. *Behaviorism*, 7(1), 17–22. Cambridge Center for Behavioral Studies. <http://www.jstor.org/stable/27758927>
- Ryan, B. A. (1976). Jean-Jacques Rousseau and behavior control: The technology of a romantic behaviorist. *Behaviorism*, 4(2), 245–256. Cambridge Center for Behavioral Studies. <http://www.jstor.org/stable/27758871>
- Skinner, B. F. (1961). *Cumulative record* (Enlarged ed.). Appleton-Century-Crofts. <https://doi.org/10.1037/11324-000>.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. A. A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American Psychologist*, 45(11), 1206–1210. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.45.11.1206>.

6 Apêndices

Apêndice A

Identificação dos principais conceitos e das teses tradicionais (TT), críticas (C) e teses alternativas (TA).

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)	<p>Liberdade</p> <p>“A forma como os indivíduos recuperam a liberdade comportamental quando enfrentam tentativas aversivas de controle por parte de outras pessoas, incluindo as de analistas do comportamento. De fato, com o contracontrole, os analistas do comportamento podem destacar as contribuições positivas de uma abordagem comportamental ao reconhecer que todos têm o potencial de superar tentativas socialmente baseadas de controle aversivo. Este artigo conclui que a formulação de contracontrole de Skinner é sólida e apoia fortemente uma maior atenção ao contracontrole na análise do comportamento.” (p. 191)</p>	<p>-Liberdade (p. 191, § 3; p. 195, § 3-5).</p> <p>-Controle e contra controle comportamental (p. 191, § 3; p. 195, § 2; p. 196, § 1)</p>	Countercontrol in Behavior Analysis

“Quando as pessoas falam sobre ser livres, elas geralmente se baseiam em sentimentos de liberdade (TT). Mas o sentimento de liberdade não é um indicador confiável (Skinner, 1971). Quando descrevemos a nós mesmos e aos outros que somos livres, as condições ambientais que cercam nosso comportamento, junto com nossa história ambiental, controlam nossas autodescrições, bem como o comportamento referido como livre (C). O principal requisito para sentir-se livre é que as tentativas ou variáveis de controle não sejam identificadas. Pessoas cujo comportamento está sob o controle de reforço positivo frequentemente dizem que se sentem livres porque as variáveis de controle podem ser discretas (TA). Skinner (1971) usou o caso das loterias estaduais para extrair criptotaxas como exemplos particularmente graves de condições de controle que levam as pessoas a 'livremente' se desfazerem de seu dinheiro.

O oposto da liberdade é o controle do comportamento humano (TT)(Skinner,

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>1972, p. 8) e o comportamento é sempre controlado. As pessoas valorizam a chamada liberdade porque ela se refere a um tipo particular de controle, ou seja, àqueles métodos que não são aversivos e, portanto, não geram contracontrole (C). Skinner (1971) nos adverte que usar a ausência de comportamento contracontrolador como um marcador de liberdade é, em última análise, perigoso e autodestrutivo (C). A aceitação acrítica de nossas próprias e de outras alegações de liberdade pode contribuir para práticas de controle que resultam em consequências aversivas adiadas para o controlado. (TA) Para seus promotores, a liberdade parece estar especialmente ameaçada quando 'o comportamento gerado por reforço positivo tem consequências aversivas adiadas' (Skinner, 1971, p. 33), quando o controle é intencional e quando as perdas do controlado são, em última análise, traduzidas em ganhos para os controladores. De acordo com Skinner (1971), os defensores da liberdade adotaram a posição de que todo controle é errado e deve ser eliminado ou contracontrolado." (p. 195, 3-5). (TT)</p> <p>-Controle e contra controle-</p> <p>“A forma como os indivíduos recuperam a liberdade comportamental quando enfrentam tentativas aversivas de controle por parte de outras pessoas, incluindo as de analistas do comportamento. De fato, com o contracontrole, os analistas do comportamento podem destacar as contribuições positivas de uma abordagem comportamental ao reconhecer que todos têm o potencial de superar tentativas de controle aversivas socialmente baseadas. (TA) Este artigo conclui que a formulação de contracontrole de Skinner é sólida e apoia fortemente uma maior atenção ao contracontrole na análise do comportamento." (p. 191)</p> <p>"Em particular, os seres humanos precisam (a) eliminar o controle aversivo (o que muitas vezes é praticamente</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>impossível), (b) identificar o reforço positivo e outras formas discretas de controle que têm consequências aversivas adiadas, e (c) substituir contingências de reforço positivo sem essas consequências. Isso eliminaria as condições que geram o contracontrole. (C) Infelizmente, embora o controle completamente não aversivo possivelmente represente a forma ideal de controle na análise do comportamento (Sidman, 1989; Skinner, 1948, 1968, 1974), é improvável que todas as condições que promovem o contracontrole possam ser eliminadas das culturas. (TA)" (p. 196)</p> <p>"Aproximadamente 25 anos depois que Skinner introduziu formalmente o conceito, Balsam e Bondy (1978) argumentaram que o contracontrole ainda não havia facilitado a análise do comportamento complexo e insinuaram que estaríamos melhor sem ele. Dado que o contracontrole é apenas uma subclasse de reforço negativo, seria preferível descartar o termo? (TT) A consideração de como Skinner aplicou o contracontrole em seu sistema modera tal sugestão. De fato, Skinner deu ao contracontrole um papel de destaque em sua análise conceitual de controle social e liberdade e em sua abordagem ao design cultural. (TA)" (p. 195).</p>		
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)	<p>Liberdade e autoconhecimento</p> <p>“O autoconhecimento fica, assim, de certa forma, prejudicado, nunca será totalmente preciso. (C) Esta limitação gera também outra consequência, a desconfiança. Há tendência de suspeitar de dados acerca da estimulação encoberta, particularmente quando a descrição tem outras consequências (C) (Skinner, 1982; 1993). A comunidade especializa-se em contingências autodescritivas, além de treinar a auto-observação, instigando os membros a pensarem sobre si mesmos (Skinner, 1983). Tanto os repertórios verbais autodescritivos como a auto-observação, elementos indispensáveis</p>	<p>-Liberdade e autoconhecimento. (p. 89, § 8-11; p. 90, § 4-12; p. 91, § 3, § 9).</p> <p>-Eventos encobertos (p. 89, § 5-6)</p>	<p>Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>para o autoconhecimento, são instalados a partir de contingências providas pela comunidade verbal (TA)” (Marçal, 2003). A comunidade organiza as contingências para uma pessoa descrever o mundo aberto ou encoberto onde vive (mediante estímulos antecedentes - as perguntas, ou por meio de consequências) e então gera aquela forma muito especial de comportamento chamada “conhecimento” (Skinner, 1982). Assim, a comunidade verbal ensina o indivíduo a se auto-observar e a descrever seus comportamentos, construindo o autoconhecimento. (TA) Como cada comunidade possui interesses diferentes, a maneira de uma pessoa se explicar aos outros e o tipo de autoconhecimento serão diferentes de uma comunidade para outra (Skinner, 1982). Skinner (1982) afirma que o autoconhecimento é inicialmente útil para a comunidade e, mais tarde, para o próprio indivíduo. Tal utilidade está relacionada à previsibilidade e à obtenção de reforços. A comunidade pode prever a obtenção de reforços com o autotato. Há maximização das possibilidades de reforços e isso mantém a construção do autoconhecimento (TA) (Rose, 1982). Os comportamentos são reforçados pelo seu efeito nas outras pessoas, e, sabendo o que ela sente, pode-se aumentar a eficácia do efeito (Skinner, 1982). Além disso, o próprio indivíduo é reforçado ao descrever seus comportamentos, quando consegue o que quer. (p. 89)</p>		
	<p>Ser livre é um sentimento que vem sendo defendido há tempos, com o erro de ser enfatizado como “estado de espírito associado ao fato de fazer o que se quer fazer” (TT) (Skinner, 1993, p. 29). Um homem livre seria aquele que pode agir segundo sua vontade e pode realizar as escolhas de acordo com o que pensa. (TA) Esta realização das vontades, e propósitos, só é possível quando não há obstáculos. Assim, ser livre é estar longe de empecilhos que o impeçam de exercer a liberdade. (C) O ser humano vem lutando pela sua “liberdade” para evitar situações ou pessoas aversivas, ou seja, a sensação de ser livre está relacionada à</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>fuga ou à esquiwa de estímulos adversos (Skinner, 1993). Ninguém faz o que quer, e sim, o que tem que fazer para evitar a punição ou escapar dela (Skinner, 1982). Na verdade, são comportamentos selecionados pelo valor de sobrevivência, e a luta pela liberdade do ser humano tem sua funcionalidade. “É possível que a herança genética do homem favoreça esta espécie de luta pela liberdade” (TA) (Skinner, 1993, p. 27). Nota-se que há uma falsa noção de liberdade, pois, analisando segundo a ciência do comportamento, o “sentir-se livre” está sendo mantido por reforço negativo (ausência de consequências punitivas), ou seja, o controle continua presente. (C) Na verdade, todo comportamento humano é controlado por uma variável ambiental, mais especificamente pela história de reforçamento, não há alternativa (TA). (p. 90, 4-6)</p>		
	<p>“Assim, as pessoas “fazem o que querem”, e, conseguindo o resultado, o reforço positivo fortalece tanto o comportamento emitido quanto a regra de que é uma vontade interna que determinou o comportamento (TA). Além disso, o sentimento de liberdade é reforçado pela comunidade porque quando as pessoas estão sob efeito do reforço positivo não exercem contracontrole. “Sentir-se livre é um importante sinal distintivo de um tipo de controle que se singulariza pelo fato de não produzir contracontrole” (TA) (Skinner, 1982, p. 169), sendo esse tipo de controle o reforço positivo. Skinner fornece o exemplo de um governo que, ao precisar levantar fundos, ao invés de obrigar as pessoas a pagarem taxas, organiza uma loteria; o controle existe nos dois casos, mas no segundo as pessoas “sentem-se livres” e não protestam.</p>		
	<p>Apesar de o ser humano ser reforçado a “sentir-se livre”, ele não o é até o momento da tomada de consciência (Skinner, 1993). O que Skinner quer dizer, é que a liberdade só existe quando o indivíduo discrimina seus comportamentos e as variáveis que os controlam, ou seja, a liberdade depende</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>do autoconhecimento (TA). Como já foi visto, o autoconhecimento só ocorre na relação com a comunidade, e assim é a interação do indivíduo com a comunidade que proporciona a liberdade. No entanto, o ser humano vem buscando o sentimento de liberdade em seu interior, e por isso Skinner (1982) afirma que o homem só vai conseguir sentir-se verdadeiramente livre quando reconhecer o que é, o que sempre fracassou por ele buscar a solução no lugar errado. (C)</p> <p>O extraordinário papel do meio ambiente abre a perspectiva de um futuro muito mais bem sucedido, no qual ele será muito mais humano e humanitário e no qual ele se conduzirá com maior habilidade porque se conhecerá mais acuradamente. (Skinner, 1982, p. 204)</p> <p>Sendo a liberdade, segundo o ponto de vista skinneriano, possível a partir do autoconhecimento, ela sempre será limitada (TT) quanto aos eventos encobertos, tanto respostas quanto estímulos (C). A comunidade não é capaz de modelar a discriminação precisa de todos os comportamentos encobertos, e por isso o ser humano nunca se autoconhecerá totalmente e nem será livre totalmente. A liberdade total, como ausência de controles ou como autoconhecimento completo, não é possível (TA)". (90, 8-10)</p>		
	<p>“O maior conhecimento do real conceito de liberdade, dentro do behaviorismo radical, mostra que, em verdade, não há perdas e sim ganhos. A questão não está na possibilidade de sentir-se livre ou não. O importante não é “libertar os homens do controle, mas sim analisar e modificar as espécies de controle a que se acham submetidos” (TT) (Skinner, 1993, p. 37). Esta visão é muito mais otimista, pois permite manipulação de variáveis com o objetivo de mudança tendo por base o autoconhecimento e a liberdade (C). (91, 3.).</p> <p>“Já se dizia na literatura da liberdade, antes do behaviorismo radical, da importância de tornar as pessoas conscientes das situações adversas em que viviam, mas não se ofereciam alternativas</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>para sair dessas situações (Skinner, 1993). Skinner cita um exemplo sobre “melhor ser escravo consciente do que escravo feliz”, mas melhor ainda seria deixar de ser escravo, e é isso que o behaviorismo radical possibilita. (TA)” (91, 9).</p> <p>Eventos encobertos- “O tato pode descrever comportamentos abertos e encobertos do próprio indivíduo; é o autotato. Para reforçar discriminações de comportamentos abertos não há dificuldade, já que tanto o indivíduo quanto a comunidade compartilham do objeto descrito. (TT) O problema evidencia-se no momento em que a comunidade precisa ensinar discriminações de estímulos aos quais ela não possui acesso (C). Tal obstáculo precisou ser em parte superado, pois sem o reforço social o indivíduo nunca conheceria seus comportamentos encobertos. “Só quando o mundo encoberto de uma pessoa se torna importante para as demais é que ele se torna importante para ela própria” (Skinner, 1982, p. 31). Dessa forma, a comunidade verbal utiliza estratégias para ensinar autotatos. Skinner (1982, 1993) descreve três estratégias da comunidade para acessar indiretamente o mundo encoberto: a primeira delas é observar acompanhantes abertos correlatos (é o caso de falar “dói” diante de um corte na mão); a segunda, inferir um comportamento encoberto por meio de respostas colaterais (exemplo, dizer que a criança está com fome ao vê-la comendo vorazmente); a terceira é utilizar metáforas, ou seja, por generalização passa-se a usar palavras que designam características de eventos abertos para descrever os encobertos (como quando se diz sentir uma “dor aguda” ou “estômago vazio” (TA))”. (p. 89, 5-6).</p>		
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)	<p>Liberdade “Todavia, Skinner alega que o título não significava que a liberdade e a dignidade não existissem, mas que sua proposta era voltada para mudanças nas práticas culturais que deveriam fazer as pessoas notarem como a chamada liberdade tradicional era limitada. (TA) Nesse</p>	<p>-Liberdade (p. 480, § 4, § 7; p. 481, § 1-5); -Controle comportamental (p. 482, § 3-4); -Liberdade e Liberalismo (p.</p>	<p>Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>sentido, propõe uma definição de liberdade e de dignidade para além daquela já aceita e defendida na história da cultura ocidental. Portanto, para Skinner (1971), a definição tradicional de tais noções seria limitada a determinadas condições que impediriam os sujeitos de conhecer os inúmeros determinantes envolvidos no controle dos comportamentos chamados de livres e dignos”. (C) (p. 180, 4)</p>	487, § 1-2).	
	<p>“A ansiedade descrita por Skinner sobre os efeitos do lançamento de seu livro, realmente, não fora injustificada, tendo em vista, como veremos ainda neste trabalho, as inúmeras polêmicas que essa obra provocou durante os anos seguintes à sua publicação e a marca que deixou na história do behaviorismo radical, em especial pelo fato de definir as noções de liberdade e dignidade como comportamentos controlados por suas consequências, e não como características de um homem livre de qualquer forma de controle”. (p. 180, § 7)</p>		
	<p>“Nessa definição de comportamento, nem organismo, nem ambiente são analisados de maneira independente. Uma consequência lógica desse pressuposto é que tanto aquilo que chamamos de liberdade quanto aquilo que denominamos dignidade são comportamentos, portanto, nunca são independentes de algum tipo de relação de controle com o mundo” (TA). (481, § 1)</p> <p>“Com isso, ele explicita que a dita liberdade, como falta de controle, na realidade não existe, porque o comportamento é controlado mesmo quando o indivíduo se diz livre. (TT) Mas o autor afirma que a sensação de falta de controle ocorreria porque consequências reforçadoras positivas dificultariam a percepção de tais fontes de controle do comportamento pelos sujeitos. (TA) (481, § 2).</p> <p>“A liberdade, portanto, seria um problema gerado por consequências aversivas, porque somente quando alguém está em um contexto em que prevalecem contingências aversivas é que existe a</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>probabilidade de uma pessoa emitir comportamentos de modo a contraatacar, a fugir ou a esquivar-se (sentir-se livre) das consequências produzidas em tais contingências. Nesses casos, a identificação das fontes de controle do comportamento é mais fácil de ser notada, como, por exemplo, na identificação de um governo ditatorial, em uma revolução popular, em uma prisão sem condições mínimas de sobrevivência no caso de uma rebelião de detentos, entre outros possíveis exemplos, que explicitam uma situação aversiva que provoca a fuga, a esquiva ou o contra-ataque (TA). Mas o que Skinner destaca é que, quando prevalecem contingências nas quais predominam reforçadores positivos, é provável que a identificação das fontes de controle seja mais difícil ou que até mesmo se acredite que não haja consequências responsáveis pelo controle do comportamento (TA)”.(p. 481, §3)</p> <p>“O exemplo da loteria como forma de controle por reforçamento positivo, citado por Skinner (1971, 1984b), auxilia na compreensão dessa forma de controle do (TA)” (p. 481, § 5)</p>		
	<p>Controle comportamental</p> <p>“Aqui fica claro, como Skinner (1971) destacou várias vezes que seu objetivo nunca foi propor o controle do comportamento, pois este é inerente às relações humanas (TA); o que propõe é a investigação das formas de controle do comportamento, principalmente quando esse controle ocorre em função do benefício de apenas uma das partes em detrimento da outra, seja para a cultura, seja apenas para o indivíduo, a médio e a longo prazos. (TA) Mas o problema, de acordo com Skinner (1971), é que a ideia de controle sempre foi exposta como algo pejorativo e incompatível com a noção de liberdade (TT). Para Skinner, a literatura da liberdade seria a principal divulgadora e defensora dessa concepção que encorajou a fuga e ataque aos agentes de controle, sempre destacando como esses agentes estavam utilizando algum tipo de controle aversivo do comportamento” (C).</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	(p. 482, § 3-4)		
	<p>“Dittrich (2004), ao investigar a posição do behaviorismo radical no campo da Filosofia política a partir de uma análise comparativa entre behaviorismo radical e liberalismo, mostra a impossibilidade de essa abordagem ser conivente com essa posição. Em sua análise, Dittrich (2004) destaca que, embora haja diversas variações daquilo que seja liberalismo dentro do campo da Filosofia política, pode-se afirmar que essa filosofia, em geral, tem como foco as noções de liberdade e individualismo, sendo a liberdade entendida como a ausência de coerção, e o individualismo, como a capacidade de o indivíduo agir em função de seus próprios desejos, sem a interferência de fatores externos, o que leva a uma ênfase na responsabilidade individual (TT). A partir disso, Dittrich sugere que: Os pressupostos fundamentais do liberalismo são marcadamente diferentes daqueles presentes no behaviorismo radical (C). O individualismo, por exemplo, opõe-se diretamente às concepções ontológicas, éticas e políticas de Skinner. As ações de um indivíduo não podem ser compreendidas à parte de seu ambiente social, e as culturas são o parâmetro fundamental do planejamento ético e político. Nesse sentido, o liberalismo incorre no mesmo erro presente na filosofia anarquista: ao concentrar-se, sobretudo, em concepções negativas de liberdade, ignora o controle exercido pelas contingências de reforçamento positivo (ou, ao menos, trata-o de forma superficial).(TA) Assim, afirma-se que o indivíduo é “livre” para escolher e perseguir seus próprios objetivos – quando, para o behaviorismo radical, tais “objetivos” são parte das conseqüências que controlam comportamento que os persegue (TA). (Dittrich, 2004, p. 257)” (p. 486, § 5-6)</p>		
	<p>-Liberdade e Liberalismo “Ainda no que se refere às propostas skinnerianas como produto eminentemente americano, Bjork</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>(1993/2006) argumenta que o livro mais polêmico de Skinner, BFD, parece ter causado controvérsias justamente por ser contrário à concepção americana de liberdade. Para ele, a ideia central do livro questionava uma das principais, senão a principal crença americana – a busca incessante pela liberdade individual. Para Bjork, Skinner evidencia que a concepção de liberdade defendida pela cultura americana, além de ser limitada, seria prejudicial para a cultura como um todo, porque não demonstrava as formas de controle vigentes quando as pessoas se dizem (se sentem) livres. (C) Dessa maneira, “o livro desafiou aquilo que os americanos mais acreditavam ser americano” (Bjork, 1993/2006, p. 193), ou seja, Skinner criticou um dos principais, senão o principal pilar da ideologia daquele país e, ao mesmo tempo, revelou um tipo de controle do comportamento que é mascarado pelo discurso liberalista”.</p> <p>“Ao examinar, como já citado, que um dos principais objetivos de Skinner em BFD e em outras publicações é explicitar como todas as relações entre os homens são estabelecidas por meio de relações de controle, inclusive aquelas nas quais as pessoas acreditam que não são controladas por agências de controle como o governo, a educação e a religião, torna-se possível afirmar que os pressupostos do behaviorismo radical são inconciliáveis com os de uma ideologia liberalista que prima pela ideia de liberdade como ausência de controle de qualquer espécie” (TA). (p. 487, § 1-2)</p>		
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)	<p>Liberdade como oposto a coerção</p> <p>“Skinner (1971, 1978) advocated for the use of behavior therapy that applies positive consequences, rather than relying on aversive methods, and he viewed freedom as being present in situations in which there are no contingencies using aversive control, whether immediate or deferred. He included in his definition of freedom the absence of being subjected to positive reinforcement in the short term</p>	<p>-Liberdade como oposto a coerção (p. 141, § 2; p. 142, § 4; p. 143, § 1; p. 146, § 2; 148; § 2; p. 151, § 2);</p> <p>-Liberdade positiva e negativa (p. 139, § 2; p. 147, § 2-4; 148, § 2-3, § 5);</p>	<p>On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion.</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>followed by delayed aversive control, pointing out that immediate positive reinforcement can produce false feelings of freedom and therefore reduced attempts at countercontrol because the delayed aversive control is often not perceived (Skinner, 1971) (TA). Skinner's definitions of freedom and coercion, therefore, are consistent with definitions of coercion that emphasize forcing someone to do what they don't want to and, from a philosophical view, rely on a pressure approach to define coercion. Some of the reasons for Skinner's advocacy of avoiding aversive control are reviewed below.(TA)" (p.141, § 2).</p> <p>"Are Freedom and Coercion Really in Opposition? A definition of freedom as being the opposite of coercion seems to require that power not exist or not be used at all in order to be able to generate freedom (TT). However, Foucault suggested that power can only exist when there is an unbalanced relation between two free subjects (May, 2014; Taylor, 2014)—in other words, a target of coercion has some freedom to respond to an attempt to influence, so without this freedom of the target, there is no ability for the other to" (TA) (p.142, § 4)</p> <p>"have power. Therefore, perhaps the focus should be less on freedom and coercion as being in opposition because coercion cannot exist without some freedom of the target of the coercion, and the concern should be more about the relative choice of response. (TA) This is captured in the second definition of coercion in the behavior analysis literature, described in next section".(p. 143, § 1)</p> <p>"To summarize, the matter of being free to choose alternative responses has been discussed in behavior analysis in two key ways. First, freedom includes options that allow escape from aversive stimuli (e.g., Baum, 2017) (TA), and second, freedom includes having a greater set of alternative contingencies providing access to critical consequences, including the ability to escape or avoid aversive control (e.g., Dittrich, 2010; Goldiamond, 1976) (TA).</p>	<p>-Poder e coerção (p 140, § 5; p. 141, § 1; p. 149, § 5);</p> <p>-Liberdade como possibilidade de escolha (p. 143, § 2-4; p. 144, § 1- 4; p. 145, § 3; 146, § 1-2).</p>	

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>These discussions, as well as similar concepts found in the philosophical literature, are depicted in the first part of Table 1. In essence, these discussions extend the basic notion of coercion as involving aversive stimuli, while acknowledging that coercion may or may not involve these stimuli (C)”.</p> <p>(p. 146, § 2)</p> <p>“To summarize, definitions of coercion and freedom in the behavior analysis literature are consistent with the concept of negative freedom in philosophy in that they discuss interference in terms of constraining the availability of alternative response options (TA); however, they do not discuss interference that can occur in other ways, such as via the removal of resources required to produce those responses (C). Positive freedom requires maintaining individual control over one’s actions and having the resources to produce those actions. Current definitions of coercion and freedom in the behavior analysis literature have not specifically considered that coercion can occur via neglect (i.e., by requiring responses that are not realistically attainable with the current set of resources) (Precisa continuar para saber)”.</p> <p>(148; § 2)</p> <p>“Thus, perhaps the job of reducing coercion and reinstating freedom in the current environment means extending both the definitions of coercion and the principles of transparency, direct consent, and constructionism to situations both within and beyond behavior management. (TA) For example, behavior management and choice architecture systems that are not very focused, lack sufficient transparency mechanisms, and/or do not obtain the consent of participants, such as the widespread collection and selling of data by social media giants, could be prohibited.(C) There certainly have been recent steps toward this at national and international levels—for example, the EU has established a “right to explanations,” and France has increased their transparency requirements for digital platforms (Andreou et al., 2018)”.</p> <p>(p. 151, § 2);</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>-Liberdade positiva e negativa</p> <p>“The purpose of this article is to examine the concepts of power, coercion, and freedom from a behavior analysis perspective and to suggest the expansion of the definition of coercion in part to account for changing technology and methods of coercion. In particular, the article focuses on addressing limitations of Goldiamond's (1976) definition of coercion because it is one of the more extensive and also recently discussed definitions found in behavior analysis (e.g., de Fernandes & Dittrich, 2018). In addition, there are good reasons to consider aligning the definitions of coercion and freedom in psychology with philosophical notions. For example, philosophy discusses both positive and negative freedom: positive freedom requires maintaining individual control over one's actions and having the resources to produce those actions; negative freedom is freedom from interference with one's actions. (TT) Although current definitions of coercion and freedom in behavior analysis discuss constraining response alternatives (a violation of negative freedom) as being coercive, they miss coercion that may occur through constraints on positive freedom”(C).</p> <p>(p. 139, § 2)</p> <p>“As discussed, political philosophers have distinguished between “negative” and “positive” freedom (e.g., Berlin, 1969), with negative freedom referring to the absence of externally imposed constraints such as interference with one's actions and positive freedom referring to being autonomous and in control, including having access to needed resources (Wertheimer, 1993). The concept of negative freedom, therefore, suggests that intentionally placing conditions on an individual that does not allow the individual to achieve their desires would be coercive given that it is interfering with the individual's actions. This might be through limiting the individual's actions in some way as has been already discussed in the enforcement approach to</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>defining coercion, but it also could mean intentionally withholding the resources needed to respond in order to earn reinforcement, such as by expecting someone to perform a task at work while at the same time removing the resources needed to adequately do the job, whether this be training or material or financial resources. (The exception to this might be if there was previously an agreement that the individual would be doing the work under these conditions; however, this agreement would need to have been entered into freely by the employee, without the employer taking advantage of a critical need.) The removal of resources could fall under the enforcement definition of coercion if one takes a broad view of the concept of interference with actions. (TA) Bringing the concept of positive freedom into discussions of coercion would take the definition yet a step further because positive freedom discusses both whether the individual is in control (i.e., not being interfered with by another) and whether resources are available for the individual to be able to respond and obtain desired outcomes. A lack of positive freedom, therefore, is not necessarily due to the disabling of a target's actions, but rather could be due to the failure to enable the target's actions. We might therefore call it the neglectful approach to coercion, although this terminology would not be suitable if failure to enable is intentional. Thus, one's use of power over consequences, whether aversive or rewarding, to obtain a response from someone when sufficient resources to produce the desired response were not made available (i.e., even if they were not removed or interfered with) could be seen as being coercive. This could be, for example, expecting workers to provide a service or make a product within a too-short timeframe that would affect their health if they tried (e.g., due to exhaustion), with materials that they had to supply themselves, or even with insufficient coaching and training. Time pressure, for example, has been found to be motivational in the short term, but stressful when applied over time</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>(Baethge, Vahle-Hinz, SchulteBraucks, & van Dyck, 2018). The implications of the concept of positive freedom for defining coercion goes well beyond traditional definitions of coercion, in particular those based on the pressure approach, so it is helpful to consider research on perceptions of equity to understand the importance of having resources. (TA LP)”(p. 147, § 2-4);</p> <p>“cross all faculty and they were not (Goltz, 2005). To summarize, definitions of coercion and freedom in the behavior analysis literature are consistent with the concept of negative freedom in philosophy in that they discuss interference in terms of constraining the availability of alternative response options; however, they do not discuss interference that can occur in other ways, such as via the removal of resources required to produce those responses. Positive freedom requires maintaining individual control over one’s actions and having the resources to produce those actions. Current definitions of coercion and freedom in the behavior analysis literature have not specifically considered that coercion can occur via neglect (i.e., by requiring responses that are not realistically attainable with the current set of resources). Next, a particular form of paternalism, choice architecture, also called “soft paternalism,” is examined by considering whether it is coercive and impinges on freedom. As indicated earlier, the primary motivation for considering this is because, although paternalism has been around for a long time, technology such as data mining is allowing for its implementation to be more large scale and to go mostly undetected. Extension 2: Paternalistic Choice as Coercive Whether choice architecture, such as that found in health-related fields, is coercive or not has been the subject of debates within bioethics (Cratsley, 2015; Quigley, 2014). Quigley (2014) suggested that creating choice architecture is not controlling and therefore is not coercive. Of course, from a pressure approach to coercion, nudges do not meet the definition of coercion</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>involving a threat (Quigley, 2014). But Quigley also viewed nudges as not removing alternative courses of action, which would mean it does not meet the definition of coercion from an enforcement view (Anderson, 2010). Using research on cognitive science as a basis, Saghai (2013) argued something similar, stating that nudges are easily resistible influences and preserve a person's range of choices. From a negative freedom point of view, however, one could easily question whether the structuring of choices in itself is not a form of interference with those choices; this alone would suggest that choice architecture could be viewed as being coercive".</p> <p>(148, § 2-5);</p>		
	<p>-Poder e coerção "Power is related to freedom in that the use of power via coercion generally has an effect on someone else's freedom.(TT)" (p 140, § 5);</p>		
	<p>"activist and Civil Rights Movement leader, discussed how freedom is often perceived as getting "aloose" from a negative (King, 1997). Getting aloose from a negative refers to escaping from the use of power by another to constrain responses (e.g., expecting the individual to sit at the back of the bus rather than the front). (TT) Following, the two primary themes found in current definitions of freedom and coercion in behavior analysis are reviewed, before proposing that the definition of coercion should be extended."</p> <p>(p. 141, § 1);</p> <p>"Martin Luther King, Jr., discussed two aspects to freedom. The positive, and less considered, aspect of freedom is, according to King, the duty to keep all of humanity "level," meaning that everyone is seen as sacred and no one has a false sense of superiority or inferiority (TA LP) (King, 1997, p. 430). Thus, King's discussion of the positive aspect of freedom aligns well with Anderson's(2017) notion of freedom requiring egalitarianism. Soft or hard</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>paternalism, it seems, relies on a sense of superiority because the assumption is that one person, usually a power holder, knows better what” (p. 149, § 5);</p> <p>-Liberdade como possibilidade de escolha “It was suggested by several scholars in the behavior analysis literature that freedom from coercion is not limited to a lack of aversive control being present. Whereas Skinner’s(1971) definition of freedom was largely restricted to discussions of the absence of aversive stimuli (TT), Goldiamond (1976), Catania (1980), and Baum (2017) all discussed the notion of the possibility of choice as characteristic of freedom as well (de Fernandes & Dittrich, 2018). (TA) Discussions of the possibility of choice emphasize two themes: having the possibility of escape from aversive stimuli and the having options that result in reinforcing consequences (TA). Each of these will be discussed in turn. The Possibility of Escape Discussions of freedom that include the individual having the possibility of choice indicate this choice should provide the option of escape from aversive stimuli. One mechanism of escape and avoidance is countercontrol (Delprato, 2002). Some scholars have suggested that Skinner connected the ability of an individual to use countercontrol with a behavioral meaning of freedom (e.g., de Fernandes & Dittrich, 2018). (Skinner, ter liberdade é exercer contracontrole) Countercontrol usually involves punishing the individual using aversive control in some way, which in turn is rewarding to the individual doing the countercontrol. For instance, research indicates that people avoid interactions with others who exploited them (e.g., Chiang, 2008; Yamagishi et al., 2009). Also, the rejection of unfair offers is a type of countercontrol that decreases positive consequences in the short term, but achieves increased positive outcomes over the long term by replacing unfair partners with fair partners (Goltz, 2013).</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>Skinner (1953) suggested that any kind of aversive or exploitative control may evoke countercontrol rather than compliant behavior (TT); however, countercontrol is more likely to occur in response to the use of higher intensity aversive stimuli (TA). Countercontrol is often punished by those who are seeking power or trying to hang onto power. Managers use tactics designed to elevate their status in the organization by decreasing their own negative outcomes resulting from countercontrol and increasing the negative outcomes that employees receive for attempting countercontrol (Goltz, 2003a). A large-scale study of whistleblowers in the public sector found that most of them encountered negative responses, obstruction, and reprisals (De Maria & Jan, 1997). Whistleblowers in this study experienced an average of four reprisals each that consisted of damage to their careers and reputation. In only 8% of the cases was corrective action taken. In another study, fear of retaliation by management led to employees withholding information (Credo, Cox, Matherne, & Lanier, 2016). Regardless of the prevalence of removing the option of countercontrol, existing definitions of freedom in the behavior literature suggest that this is coercive, however it is accomplished". (C)</p> <p>(p. 143,§ 2-4)</p> <p>“Having Alternative Response Options that are Reinforcing Baum (2017) discussed the possibility of choice that defines freedom as consisting of the individual having alternatives that have reinforcing consequences and not just aversive ones.(TA) Also, Goldiamond’s(1976) analysis viewed greater freedom as occurring when there is a greater set of alternative contingencies providing access to critical consequences. In this view, freedom is the number of true choices, meaning the number of response alternatives available that the respondent has real access to minus one. Goldiamond (1975) emphasized that the options need to be equally possible to be counted” (TA). (p. 144, § 1)</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>“Thus, although these immigrants may have gone to a country voluntarily in order to meet a critical need, in doing so, they became subjected to the removal of the option to leave for more rewarding alternative employment opportunities and their critical needs are not sufficiently met or, in some cases, are even further exacerbated. According to Goldiamond’s(1976)definitionoffreedom, these restrictions are coercive primarily because critical needs are being exploited. A power holder might argue that it is not coercion if individuals knowingly give up their later choices by responding to an alternative” (C Goldiamond).(p. 144, § 4)</p> <p>“The Capacity to Exercise Choice The advocacy of the social contractual model raises an important issue: how to define coercion and freedom when an individual does not have the capacity to exercise choice, such as an ability to provide consent due to either mental or physical factors.”(C) (p. 145, § 3);</p> <p>“naturally or intentionally, and if occurring naturally, whether this lack of ability is being taken advantage of. If the ability to choose was taken away by another individual intentionally and/or is being taken advantage of to meet objectives other than what is in the best interest of the incapacitated individual, then this would be defined as coercion (TT). To summarize, the matter of being free to choose alternative responses has been discussed in behavior analysis in two key ways. First, freedom includes options that allow escape from aversive stimuli (e.g., Baum, 2017) (TA), and second, freedom includes having a greater set of alternative contingencies providing access to critical consequences, including the ability to escape or avoid aversive control (e.g., Dittrich, 2010; Goldiamond, 1976). (TA) These discussions, as well as similar concepts found in the philosophical literature, are depicted in the first part of Table 1. In essence, these discussions extend the basic notion of coercion as involving aversive stimuli, while acknowledging that coercion may or may not involve these stimuli”.</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	(146, § 1-2). (TA, procurar expansão do conceito de coerção)		
Biblioteca Virtual Saúde	<p data-bbox="459 360 970 1406">-Liberdade em “Skinner’s “Beyond Freedom and Dignity” (1971) was not about the philosophical issue of determinism versus freedom (free will) (TT); it was instead about freedom as the inverse of coercion. “What we call the ‘literature of freedom’ has been designed to induce people to escape from or attack those who act to control them aversively” (page 30). Coercion limits choices, so an implicit feature of this freedom is the capacity to choose. This sense of the term comes up explicitly in dictionary definitions: e.g., “the capacity to exercise choice; free will” (American Heritage Dictionary, 2011). Although the capacity is often linked to free will, questions about preference for opportunities to choose are orthogonal to questions about whether, once in a choice situation, an organism’s choices are free or determined (cf. Rachlin, 1992, 2007). Free Choice Versus Forced Choice Whatever else is involved in the concept of freedom, it at least involves the availability of alternatives. An organism with no opportunity to choose among alternatives is not called free. The availability of alternatives is called free choice (TA)”.</p> <p data-bbox="459 1368 970 1429">(p. 19, § 2-3)</p> <p data-bbox="459 1406 970 2038">-Escolha livre “But what makes a choice? If two keys each correlated with reinforcement are pitted against two keys only one of which is correlated with reinforcement, pigeons prefer the former, so number of available keys is not a criterion for free choice. Furthermore, those choices are always embedded in the broader context of a panel the entire surface of which is available for pecking. If the question is whether more behavior is available in some choices than in others, another relevant comparison is between two keys and a single key of equal area (or equal circumference, given that some pigeons peck mostly around key edges). When number of keys is pitted against area or other dimensions of a single key, number</p>	<p data-bbox="986 360 1225 427">-Liberdade (p. 19, § 2)</p> <p data-bbox="986 427 1225 495">-Escolha livre (p. 19, § 3; p. 20, §2).</p>	<p data-bbox="1241 360 1505 495">Prolegomena to any future philosophy of behavior analysis as a science.</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
PsycINFO	<p>wins out over the other dimensions (Catania & Reich, 1982; Cerutti & Catania, 1997). Free choice depends on the availability of more than one response class maintained by reinforcers or, in other words, on the number of available operants". (TA) (p. 20, §2).</p> <p>-Liberdade Skinner gave theoretical elaboration to his novel many years later in <i>Beyond Freedom and Dignity</i> (Skinner, 1971). Here he explained that freedom and dignity are illusory beliefs and that we are determined not by our own will but rather by factors external to ourselves. (TT) Is this a vision of utopia, or a massive distortion of reality? Noam Chomsky's (1971) review of <i>Beyond Freedom and Dignity</i>, published in the <i>New York Review of Books</i> the same year, thoroughly devastated Skinner's position and demonstrated on purely logical grounds that the kind of utopia he envisions is simply not possible. Chomsky's central argument exposed the work's unsupported assumptions, rendering Skinner's behaviorism something more akin to dogma than real science. (C) Consider Skinner's assertion that "[i]t is in the nature of scientific progress that the functions of autonomous man be taken over one by one as the role of the environment is better understood" (Skinner, 1948/1976, p. 58) (TT). The view that all functions of the autonomous person can be explained in terms of the external environment is a metaphysical claim, and one that finds no support anywhere within the sciences. It is not the role of science to presume the outcome of its investigations but rather to uncover its own assumptions and regard them as hypotheses to be rigorously tested (C). Further, Chomsky argued, it is difficult to conceive how Skinner's making such a claim could be explained by the very claim that he is making—that is, how does the principle of reinforcement even begin to explain the value of writing this book in the first place? What is really offered by</p>	<p>-Liberdade (p. 45, § 2; p. 46, § 5; p. 50 § 3-4).</p>	<p><i>Beyond Walden: An Indo-Tibetan Buddhist critique of utopia.</i></p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>Walden Two and Skinner's theoretical elaboration is a distortion of reality rather than a utopia. As Chomsky noted, it is more akin to a vision of totalitarianism, more of a dystopia, for the manner in which it purports to suppress freedom and dignity by ruling them out as though they do not exist in the first place. (C) (p. 45, § 2)</p> <p>By banishing first-person experience from serious psychological inquiry, we devalue it in our lives. As a result, we live under the influence of a philosophical view that objectifies us and tells us that we really do not have freedom or dignity. Our social systems reflect that reality back to us, and we feel ever helpless to impact the course of events affecting our lives and planet. (C) (p. 46, § 5)</p> <p>However, when we see beyond our concepts, when we are liberated from our narrow, habituated view, our perception transforms and we find tremendous freedom (Palden Sherab, 2009). We are no longer ruled by negative emotions, and we can respond to the world in fresh and genuinely spontaneous ways. Whereas the third-person perspective constitutes the view of relative truth, a standpoint from which everything is deterministic, first-person access reveals an entirely different portrait of life, a transcendent, vast dimension of immediate possibility. In the former view there is no freedom, whereas in the latter view freedom is inherent to existence.(TA) (p. 50, § 3)</p>		
Web of Science	<p>-Liberdade para Skinner.</p> <p>“In sharp contrast to Sartre, Skinner not only rejected the concept of free will (TA); he deemed talk of "freedom," and of the "human dignity" which it implies, to be a cause of war and other mayhem (Skinner, 1971). While Skinner's rejection of free will clearly is representative of scientific and determinist psychology, the relationship between Sartre and phenomenological or humanist psychology requires some explication (C). This is especially the case when the focus is on content rather than method.</p>	<p>-Liberdade para Skinner; (p. 31, § 5-6; p. 35, § 4-5; p. 36, § 2-4; p. 37, § 6; p. 39, § 3-4)</p>	<p>Sartre, Skinner, and the compatibilist freedom to be authentically</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>While humanist psychologists tend to interpret freedom as "free will," they do not always agree on how to construe the term. Also, the link between humanist psychology and Sartre is often less than" (p. 31, § 5-6)</p> <p>"Where Sartre used phenomenological methods to study human experience, Skinner started out with animals and relied on objective (i. e., replicable) observations of their behavior. It is not surprising that Sartre and Skinner saw different worlds. Everything in Skinner's world is caused or determined, it is a material world of behaviors and of neural processes, although Skinner professed to have little interest in the latter. Skinner at one point summed up his determinism in the blunt observation that "the spontaneous generation of behavior has reached the same stage as the spontaneous generation of maggots and micro-organisms in Pasteur's day" (p. 35, § 4-5)</p>		
	<p>rent reinforcers according to different reinforcement schedules. Skinner's ontology appears to be that of exhaustive materialism which maintains that constructs like goal and expectation in the long run obstruct the path to a clearer understanding of thematerial processes to which they refer ultimately and entirely too loosely (C) (e. g., P. M. Churchland, 1988; and P. S. Churchland, 1989). In general, constructs referring to mind are dismissed by the exhaustive materialists as folk psychological(Stich, 1983) and as not really differentfrom pseudoexplanatory constructs and panchrestons like witchcraft or the dormitive power of opium (C). In BeyondFreedomand Dignity, Skinner (1971) argued that the notion of freedom is not only illusory, but also dangerous. There is no free will and hence no uniquely human dignity; when you look closely enough, you always see the mundane determinants of the behavior. Furthermore, believing that one possesses free will and dignity compels people to go to war to defend their sacred freedom and revenge insults to theirprecious dignity. (Skinnermight have smiled atMel</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>Gibson's line in the film Braveheart: "They may take our lives, but they will never take our freedom") (C). What Skinner objected to was free will. He did not, it appears, object to freedom in the sense of Hume's (1739-40/1888) liberty of spontaneity, that is, of freedom compatible with determinism. This compatibilist freedom is the freedom of persons whose circumstances happen to let them do what they want to do. Prisoners live under conditions which do not let them do what they want to do (Hume, 1748/1988, p. 131). They are not free (TA). University professors live under conditions that (sometimes) let them spend a summer on the beach pondering the nature of freedom. They are said to be free". (p. 36, § 2-4)</p>		
	<p>"the freedom which survives this facticity is closely related to authenticity. Williams (1992) speaks of Heideggerian freedom as "being in the world truthfully" (p. 757) and contrasts this freedom with the alleged freedom to make choices (TA). He notes that, unlike Sartre, Heidegger rejects the latter, the freedom we have in mind when we talk about "free will." Along similar lines, Dreyfus (1991, p. 26) translates Heidegger's (1927/1962, p. 33) freedom as a modest "owning up to" (as opposed to "disowning" or even "failing to take a stand on") one's way of" (p. 37, § 6)</p>		
	<p>"Skinner's pragmatism. The Greek word pragma means act or deed, and the focus on what people do is as characteristic of Skinner as it is of the existentialists and the Greek sophists. Thus Woolfolk and Sass (1988, p. 113) pointed out that unlike psychoanalysis and introspection, both phenomenology and radical behaviorism focus on "conduct in the world." True, this is merely a hint of similarity to be explored further. For example, Sartre and Skinner differ on what an act is. In particular, Skinner refused to rely on terms like intention; to him acts were behaviors primarily determined by environmental conditions, not the intentional, consciously chosen behaviors</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>of interest to the existentialists (Kvale & Grenness, 1967). Skinner and phenomenology. Kvale and Grenness (1967) argued that Skinner did not reject the private world so central to phenomenology and that he considered the description of phenomena to be a primary step of scientific procedure. Woolfolk and Sass (1988) pointed to Skinner's interest in "concrete particulars" as opposed to "abstract concepts." Fallon (1992) pointed to Skinner's interest in art, his reliance on induction (as opposed to deduction) (TA), his stand against the conventional wisdom, his focus on primary experience (as opposed to abstractions and rational constructions), and his preference for concrete particulars rather than grand designs (TA). Fallon judged these characteristics to be compatible with a phenomenological stance". (p. 39, § 3-4).</p>		
Web of Science	<p>-Liberdade dos controles aversivos “ Há, pelo menos, duas situações em que o homem não é livre. Em primeiro lugar, o homem não é livre quando seu comportamento está sob controle de estimulação aversiva; quando, por exemplo, “gasta todo o seu tempo evitando fome, peste, perigo, e fortes controles pessoais e institucionais” (Skinner, 1968, p. 172). Os homens também não são livres quando estão sob o controle de contingências de reforço positivo imediato, mas que produzem, em longo prazo, consequências aversivas: “ninguém força o jogador compulsivo a jogar; não obstante, ele não é livre. (...). Nem é livre o cientista ou o artista, cujo trabalho é fortemente afetado por sucesso financeiro ou aclamação profissional” (Skinner, 1968, p. 172). (TA) Com efeito, a luta pela liberdade é uma luta contra formas de controle aversivo, imediato ou postergado, arranjados por outras pessoas. (C) (p. 263, § 3);</p>	<p>-Liberdade dos controles aversivos (p. 263, § 3); -O controle por meio do reforço positivo. (p. 263, § 3-5); -Controle comportamental. (p. 263, § 1-3; p. 264, § 3; p. 265, § 3; p. 266, § 2)</p>	<p>Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical Carolina Laurenti</p>
	<p>-O controle por meio do reforço positivo. “Há, pelo menos, duas situações em que o</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>homem não é livre. Em primeiro lugar, o homem não é livre quando seu comportamento está sob controle de estimulação aversiva; quando, por exemplo, “gasta todo o seu tempo evitando fome, peste, perigo, e fortes controles pessoais e institucionais” (Skinner, 1968, p. 172). Os homens também não são livres quando estão sob o controle de contingências de reforço positivo imediato, mas que produzem, em longo prazo, consequências aversivas: “ninguém força o jogador compulsivo a jogar; não obstante, ele não é livre. (...). Nem é livre o cientista ou o artista, cujo trabalho é fortemente afetado por sucesso financeiro ou aclamação profissional” (Skinner, 1968, p. 172). Com efeito, a luta pela liberdade é uma luta contra formas de controle aversivo, imediato ou postergado, arranjados por outras pessoas. O tratamento skinneriano da liberdade em termos de relações controladoras é capaz de revelar situações exploradoras e escravizantes que não são denunciadas pela literatura da liberdade, já que esta última, ao fundamentar-se na concepção tradicional de homem, entende a liberdade em termos de sentimentos ou estados da mente (TT) (Skinner, 1971). Ao tratar a liberdade sob esse prisma, tal literatura é incapaz de libertar o homem de um controle sutil, que não fomenta fuga ou revolta, mas que produz consequências aversivas remotas. Em tese, a literatura da liberdade não conseguiria atingir o “escravo feliz”, aquele cujo comportamento tem reforço positivo imediato, mas que, em última análise, não é livre.(C) Para entendermos o cerne da crítica skinneriana às limitações da concepção tradicional de liberdade, vejamos como Skinner explica a relação entre o reforçamento positivo e o sentimento de felicidade ou liberdade. (p. 263, § 3-5);</p>		
	<p>-Controle comportamental. “panha o raciocínio da tese da transferência da explicação do comportamento do homem autônomo para o controle ambiental. Ora, essa tese é contrária à concepção de que o homem</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>não é livre quando seu comportamento é controlado e é livre quando seu comportamento não é controlado (TT). Nesse ponto, Skinner (1968, 1971) diverge das explicações mentalistas, pois não entende a liberdade como o produto da ação ou da vontade de um agente interior (TT), que pensa, delibera e decide independentemente das condições do ambiente natural e social. Lembrando ainda que a natureza desse controle natural e social é probabilística, Skinner (1971) defenderá a possibilidade de liberdade em termos de relações controladoras, e não como ausência de controle. Assim, o homem não é livre quando seu comportamento é produto de um dado tipo de controle. Da mesma forma, o homem é livre quando seu comportamento também está sob uma forma de controle específico. (TA) Nesse caso, a pergunta que importa a Skinner (1971) é: quais são as condições, ou quais são os controles, que configuram “escravidão” e quais são aqueles que produzem liberdade? Há, pelo menos, duas situações em que o homem não é livre. Em primeiro lugar, o homem não é livre quando seu comportamento está sob controle de estimulação aversiva; quando, por exemplo, “gasta todo o seu tempo evitando fome, peste, perigo, e fortes controles pessoais e institucionais” (Skinner, 1968, p. 172). Os homens também não são livres quando estão sob o controle de contingências de reforço positivo imediato, mas que produzem, em longo prazo, consequências aversivas: “ninguém força o jogador compulsivo a jogar; não obstante, ele não é livre. (...). Nem é livre o cientista ou o artista, cujo trabalho é fortemente afetado por sucesso financeiro ou aclamação profissional”(TA) (Skinner, 1968, p. 172). Com efeito, a luta pela liberdade é uma luta contra formas de controle aversivo, imediato ou postergado, arranjados por outras pessoas (TT) (p. 263, § 1-3)</p>		
	<p>Com essa discussão, Skinner denuncia outro raciocínio falacioso da literatura da liberdade. Skinner admite que essa</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>literatura tem sido eficaz na luta contra formas de controle aversivo, ao ajudar a identificar pessoas que produzem condições opressoras e ao propor maneiras de fugir delas ou enfraquecer seu poder. Assim, “os vilões característicos dessa literatura são os tiranos, padres, generais, capitalistas, professores severos e pais dominadores” (1971, p. 30). Não obstante, a literatura da liberdade faz uma generalização indevida: se o controle aversivo é ruim e a liberdade é boa, todo controle é ruim (C) – “o que é negligenciado é o controle que não produz consequências aversivas em momento algum” (p. 42). Contra essa generalização, Skinner afirma que a luta pela liberdade não seria uma luta pela liberdade do controle, mas de certos tipos de controle. (TA) (p. 264, § 3)</p>		
	<p>“Por outro lado, quando a situação é atribuição de culpa por algum ato cometido, observa-se uma tendência oposta: busca-se, agora, explicitar ao máximo o tipo de controle em jogo para atenuar as punições (cf. Skinner, 1971). Em outras palavras, no caso de absolvição de culpa, a concepção tradicional de homem não parece se opor à busca das variáveis de controle, defendida pela concepção científica. O advogado, por exemplo, descreve o ambiente miserável, hostil e violento no qual o acusado viveu, na tentativa de amenizar a pena por latrocínio. O marido justifica à sua amada e aos filhos a falta de carinho e atenção alegando sua árdua rotina de trabalho. O aluno atribui seu mau desempenho à incapacidade de lecionar do professor. O professor, por sua vez, absolve-se da culpa pela má qualidade do ensino alegando as precárias condições de trabalho, e assim por diante”. (p. 265, § 3)</p>		
	<p>“Em suma, a discussão skinneriana da liberdade e dignidade é feita em termos da elucidação das variáveis ambientais que influenciam (controlam) o comportamento, e não sob a ótica do homem autônomo. (TA) Ainda sobre a</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
Web of Science	<p>natureza do controle do comportamento, não custa repetir: Skinner (1968, 1999b) afastou-se da defesa de um controle necessário e inexorável. Ora, ele enfatiza a natureza probabilística do controle, e considera o papel do acaso e das variações comportamentais no processo de seleção do comportamento pelas suas consequências. (TA)” (p. 266, § 2)</p> <p>-Capitalismo e sua influência nos graus de liberdade e coerção dos trabalhadores.</p> <p>“The field of applied behavior analysis has recently entered into the long-standing economic system within the United States. Although the science of learning and behavior analysis has been around for decades, the profession took a dramatic turn when states mandated that insurance companies cover treatment for individuals with autism. This series of mandates gave insurance-holding families access to services that they may not have had otherwise; yet, at the same time, the mandates created a new set of challenges. These challenges include private equity firms buying companies and many new degree programs offering a pathway to becoming a certified behavior analyst. On one hand, growing a company’s outreach and developing new degree programs balance the demand of services needed with service providers; on the other hand, the impact this has had on workers, patients, and the community has not been thoroughly evaluated. The following sections will review the issues pertaining to exploitation, freedom, and coercion with respect to private equity as well as within university settings (C)”. (p. 177, § 3)</p> <p>“That is, an individual can be more or less subject to coercion than another individual. Freedom thus, like exploitation, represents a scalar concept. Therefore, more or less freedom depends on the amount or number of alternative responses available. This is directly related to the importance of ensuring workers in the field of behavior analysis are free of coercion (TA). Moreover, the</p>	<p>-Capitalismo e sua influência nos graus de liberdade e coerção dos trabalhadores. (p. 177, § 1, § 2; p. 182, § 2; p. 183, § 2).</p>	<p>Exploitation, Freedom, and Coercion: The Integration of Applied Behavior Analysis in a Capitalist System</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>conceptual refinement that Goldiamond constructs provides a valuable framework for those who work in the field of behavior analysis, such that they may take more effective action in their professional settings. A conceptually sound understanding of the concept of freedom could allow behavior analysts to improve upon their ability to interpret behavior-environment relations as they pertain to control of reinforcement related to capital gains, labor, wages, and billing structures within an organization (TA). Coercion, then, can be defined as the control of behavior through either punishing contingencies or contingencies that remove punishment (Sidman, 1993). Coercion has also been defined as the reduction in the number of alternative responses available in a given context (Goldiamond, 1976)”.</p> <p>(p. 177, § 1, § 2);</p> <p>“In this section, we will review some potential solutions to increase clinicians’ and educators’ degrees of freedom and autonomy, as well as a reduction of coercion, therefore creating a more nurturing environment (Biglan, 2020). However, one of the most impactful variables that affects how behavior analysts are trained and practice in the United States is the for-profit healthcare system. While single-payer or universal health insurance models could help solve many issues, it is not within the scope of this paper, and is not as immediately feasible of a solution compared to others presented here (C)”.</p> <p>(p. 182, § 2);</p>		
	<p>“The critical variables for investigating exploitation, freedom, and coercion can include the following dependent variables: workers’ caseload volume (i.e., the number of patients per behavior analyst), hours worked per week, wages vs. capital created, the amount or percentage of the investment return expected by the private equity firm, the number of top-level executives used and their salary, assistance for BCBA recertification (e.g., time and money), benefits (e.g., paid time off and quality of</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>insurance), and the social validity outcomes for the workers and the recipients of the healthcare (i.e., patients and care providers). Although private equity is a practitioner-specific experience in our field, similar practices that align with the corporate model have been a growing presence within university settings (Chau, 2010; Lamal, 2001)". (p. 179, § 2)</p>		
	<p>"According to Merriam-Webster (n.d.), a union is "an organization of workers formed for the purpose of advancing its members' interest with respect to wages, benefits, and working conditions." Working conditions, in this case, can be equated to degrees of freedom. We believe unionization would have several advantages, including giving workers access to a greater degree of freedom over their practice, whether clinical or educational. Unions give workers collective bargaining power to negotiate wages, benefits, working conditions (e.g., workload volume), and shared governance, and also bolster job security through due process (TA). While there are many benefits to unionization, the opportunity for workers to unionize is unfortunately not equally accessible. Currently, 27 states have right-to-work laws that prohibit the formation of unions and even in states that permit labor unions, the legal protections afforded by those unions may be limited depending on whether the employer is a public or private entity (C)". (p. 183, § 2).</p>		
	<p>"A reliance on contingent faculty means that students are also guaranteed no consistency of instructors or mentors (or their expectations, for that matter), and thus may have fewer opportunities and/or less time with each instructor to develop professional relationships and networks. Such dearth of choice regarding a diversity of available, well-prepared instructors or mentors is also an indicator of a reduction of a student's freedom and is thus indicative of a coercive educational environment. Moreover, these contingent</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>faculty are often underpaid, have little to no voice or governance at the university, and have no long-term job security or opportunities for promotion or rank advancement (TT) (Flaherty, 2020)". (p. 181, § 2)</p>		
	<p>"When no real choice is available, a reduction in freedom and a corresponding increase in coercion can be expected. Conditions such as these may likely result in attrition, burnout, and poor educational outcomes for students. Moreover, the tactics presented above also represent a loss of freedom (TA), as the faculty within some programs or departments may have little to no shared governance, or vote with respect to how the department operates. In spite of this, there are some things we can do, collectively, to help mitigate these issues. Although we may not change the entire structure of the university system overnight, we still can influence systems in a way that reduces coercion and exploitation while promoting freedom. The following section provides some hopeful ways in which meaningful change can be accomplished". (p. 182, § 1).</p>		
	<p>"Given the state-imposed limitations on developing unions, another viable solution may be the formation of worker cooperatives. A worker cooperative is a group of workers who democratically own and operate a business (Wolff, 2019b). The first worker cooperative, The Mondragon Corporation, started in Spain in 1956, and is still operational today. There are several advantages of worker cooperatives. Worker cooperatives allow businesses to be democratically operated (Wolff, 2019b), which aligns with our proposed definition of freedom and the eight principles of collective behavior by Ostrom (1990). Foremost, democratizing the workplace and giving workers choice allows them to be free to make decisions based on the needs of the company and clients, which does not have to filter through corporate shareholders who are concerned with profit" (TA). (p.</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	183, § 3).		
	<p>“While unions and worker cooperatives may take considerable time to gain traction due to the labor and expertise necessary to form them, support from our governing professional organizations (such as ABAI, the BACB, and the Association for Professional Behavior Analysts; APBA) via policy changes could facilitate needed changes in the interim. Whereas our ethical guidelines state that we must follow through on our professional commitments with “high quality work” and “refrain from making professional commitments [we] cannot keep” (Code 1.04, Integrity [BACB, 2014, p. 4]; see also Standard 1.03, Accountability [BACB, 2020]), the volume of work delegated to behavior analysts, practitioners and academics alike, is often untenable. Behavior analysts often have no say in regard to the volume of clients, supervisees/trainees, and/or students their employers assign, which means many behavior analysts are faced with choosing between their professional integrity or their ability to secure employment (TT). Our professional organizations must set quantifiable standards regarding workload in order to ensure that employers are not only concerned with the bottom line, thus reducing coercion and enhancing freedom (TA). Many employers require their practitioners to render a minimum number of billable services per week or month and/or are incentivized to render services beyond the minimum quota with coercive bonuses. In reality, much of the work that practitioners engage in is not considered billable by most funders (TT)” (p. 184, § 1).</p>		
	<p>“Behavior analysis has equipped us with the tools to measure and the analytic reasoning to understand our behavior within an ecology, even one based in economics (Biglan, 2020; Pennypacker & Perez, 2022). Goldiamond and Sidman gave us a conceptual framework for understanding freedom and coercion (TA)</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
Web of Science	<p>from a behavioranalytic perspective, and Marx, Wolff, Hudson, and Varafolkis allowed us to understand exploitation and freedom within economic systems. Together, we can learn from these authors to understand systems that foster more or less freedom and coercion. With that said, this article is the tip of the iceberg. Our hope is to ignite more discourse on this topic, such that dependent variables can be well-defined and then data collected. Lastly, our goal is to build a sense of solidarity among the workers in behavior analysis so that we can together build a better, equitable, and just system for our patients, students, and ourselves". (p. 186, § 2).</p> <p>-O conceito de liberdade como embasamento para "liberação negra". Liberation also has roots in the behavior-analytic literature and has previously been defined. Skinner (1953) discussed freedom, in relation to government, as the absence of aversive controls. He regarded the temporal nature of aversive consequences as either immediate or deferred. This means a person may experience an aversive stimulus in their current environment or may experience it in their environment at a later time (TT). Goldiamond (1976) expanded this work, referring to freedom in the context of the availability of choice. The availability and number of genuine choices constitute the degree of freedom the individual actually holds. In his work, the greater the degree of freedom, the lower the degree of coercion or aversive consequences that are presente (TA) (p. 36). Though Black people are technically free in our global society, the degree to which this is true must be considered (C). (p. 1051, § 7)</p> <p>"Last, as a necessary reminder, achieving freedom does not solely rest on the oppressed (TA). Although this model includes a collaborative effort for Black people to advance collective and individual freedom, the responsibility of ensuring freedom still rests on a collective of white individuals with social and political power, who created the system as</p>	<p>-O conceito de liberdade como embasamento para "liberação negra". (p. 1051, § 7; p. 1055, § 2).</p>	<p>Igniting Collective Freedom: An Integrative Behavioral Model of Acceptance and Commitment Toward Black Liberation</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
Web of Science	<p>a means for advantage and cultural preservation (C). Even if found to be of utility to the Black community, a psychological model could never replace the necessity to dismantle structural racism and White (TA)".</p> <p>(p. 1055, § 2).</p> <p>“This differed substantially from an older strand of thinking about freedom, namely that of free will and determinism, which also preoccupied psychologists as early as, for example, William James (see Viney, 1986, for a discussion). But if the concern with free will has lived on, today instantiated in contemporary neurosciences and ‘neurophilosophy’ (Libet, 1999), the interest in freedom as a political, practical, normative, and situated aspect of human existence has diminished significantly” (p. 2, § 1).</p>	<p>Liberdade para Skinner.</p> <p>(p. 2, § 1, § 2, § 4; p. 7, § 5; p. 8, § 1, § 2).</p>	<p>Rethinking freedom for contemporary psychology</p>
	<p>“There is today a dearth of interest within psychology in the further development and understanding of freedom within a psychological framework that explicitly takes its practical, normative, and political aspects into consideration (C)” (p. 2, § 2)</p>		
	<p>“We contrast this work, briefly, with that of another influential 20th century psychologist, namely B. F. Skinner, whose ideas about freedom were hugely controversial during his lifetime” (C) (p. 2, § 4)</p>		
	<p>“For Watson and Skinner, the idea of free will, and indeed freedom, were illusions. Our experience, our behavior, our minds were, Skinner argued, best understood in behavioral terms (Skinner, 1963; 1990). For Skinner, it was not that people did not have experiences of psychological interiorities, it was simply that those experiences had been reinforced and that they were not necessary in the explanation of behavior (Skinner, 1963) (p. 7, § 5).</p>		
	<p>“Skinner thus took a remarkably different approach to the question of freedom. For him, exactly because free will were an illusion, the attempts of the “literature of freedom” of his time were mistaken. Skinner saw this literature’s obsession</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>with getting rid of unpleasant stimuli, to “liberate” people, as a misnomer since freedom is achieved by escaping unpleasant stimuli, e.g., getting rid of the restrictions imposed on you by society, akin to Berlin's description of negative freedom” (TA) (p. 8, § 1).</p>		
	<p>“If freedom is tied to these states of mind and feelings, it means that once a person rids themselves of unpleasant stimuli, then they might feel free – even if it is not actually the case that they are. “Freedom literature” fails in its undertaking. It merely provides an action guide (not a philosophy of consciousness (Skinner, 1971) (TA) (p. 8, § 1)”</p>		
	<p>“As Skinner describes it: “The literature of freedom has never come to grips with the techniques of control which do not generate escape or counterattack because it has dealt with the problem in terms of states of mind and feelings.” (Skinner, 1971, p. 41). This results, for Skinner, in many techniques of control becoming overlooked (C)” (p. 8, § 1)</p>		
	<p>“Herein lies the problem with “freedom literature” for Skinner: because positive stimuli do not necessarily lead to positive consequences, positive stimuli can therefore function as obscure limitations that reduce human freedom with no one being the wiser (Skinner, 1971)” (TT). (p. 8, § 1).</p>		
	<p>“In sum, the humanistic psychologists represented a significant celebration of freedom as both a precondition for self-development and as an inherently individual project of self-actualization. Skinner, grounded in experimental psychology, instead saw such appraisals of freedom as a misnomer, which prevented in-depth discussions about how the social might be ordered (TT)” (p. 8, § 2)</p>		
	<p>“In other words, if humanistic psychology showcases the predilection within the discipline of psychology to embrace individuality and the support of the full</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
Google acadêmico	<p>extent of such individuality (TT)” (p. 8, § 2)</p> <p>“Freedom, in Skinner’s radical behaviorism, melts into contingencies of reinforcement (TA)” (p. 8, § 2).</p> <p>-Combate as explicações tradicionais sobre “liberdade”.</p> <p>Como argumenta Skinner (1965, p. 7) as filosofias tradicionais e dominantes veiculam a explicação do comportamento a “uma vontade” interna que tem o poder de inferir com as relações causais e que torna impossíveis a previsão (p. 65, § 3); (e o controle do comportamento, p. 66, § 1) (TT)</p> <p>“Skinner buscou combater a noção de liberdade sustentada pela cultura ocidental, argumentando explicitamente que o comportamento humano não é livre e jamais será. (C)” (66, § 1)</p> <p>“A análise da liberdade no Behaviorismo Radical está inserida no contexto do combate ao mentalismo”; “Isso porque a noção de liberdade pressupõe a existência de uma entidade interna que é capaz de guiar o comportamento dos indivíduos, livre de qualquer determinação ambiental (TT), o que é completamente incompatível com a concepção behaviorista radical (C)”.</p> <p>(66, § 2)</p> <p>“Matos (1985), por exemplo, analisa a liberdade como um comportamento; o comportamento de tomar decisões ou de escolha”.</p> <p>(66, § 3)</p> <p>“Desta maneira, depende da história prévia de reforçamento dos organismos em outras situações de escolha” (66, § 4)</p> <p>“O Behaviorismo skinneriano possui uma visão determinista do comportamento dos organismos. Para esta filosofia o comportamento não é um ato intencional, nem tampouco uma escolha livre de cada indivíduo” “Dessa forma o comportamento sempre deve ser</p>	<p>-Combate as explicações tradicionais sobre “liberdade”. (p. 65, § 3; 66, § 1-6);</p> <p>-Controle comportamental. (p. 67, § 3-4).</p> <p>-Sentimento de “liberdade”. (p. 68, § 5; § 7; p. 69, § 2)</p>	<p>A liberdade no behaviorismo radical</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>explicado a partir das variáveis externas ao indivíduo, isto é, o homem não é autônomo (TA) (...) (p.66, § 6)</p>		
	<p>-Controle comportamental. “A palavra controle, em nossa cultura, está associada à ideia de manipulação, dominação e coerção (Carmo, 1996; Skinner, 1974). Assim, seria contrário a liberdade, pois enquanto o primeiro é ruim e, por isso, as pessoas tendem a negá-lo e a fugir dele, a liberdade é boa, e as pessoas buscam e lutam intensamente por ela (TT). (Skinner, 1971). (p. 67, § 3)</p>		
	<p>“Apesar do termo controle ter assumido um sentido negativo, Skinner (1974; 1978^a) o vê como um processo natural, patindo do principio de que existem relações regulares entre ambiente e comportamento, estando ambos sujeitos a leis (TA)” (p. 67, § 4);</p>		
	<p>-Sentimento de “liberdade”.</p> <p>“O segundo argumento refere-se ao sentimento de liberdade. Lembre-se da afirmação de Silva (1987, p. 8): “sentim-nos livres”. Skinner concorda com essa afirmação. De fato, o sentimento de liberdade existe e é produzido por contingências de reforçamento assim como qualquer outro sentimento, na medida em que (TT)” (p. 68, § 5)</p>		
	<p>“Dessa forma, os reforçamentos , positivo e negativo, produzem sentimentos de liberdade. O primeiro por não gerar contracontrole e o segundo por envolver um certo alívio quando da fuga ou esquiva de situações aversivas (TA). (p. 68, § 7)</p>		
	<p>“Skinner (1971, p. 31-32), ao tratar da literatura sobre liberdade, afirma que “algumas teorias tradicionais definiram liberdade como ausência de controle aversivo, mas a ênfase recai na maneira</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
Google acadêmico	<p>pela qual esta condição se faz sentir [e não nas contingências]" (TT). Nesse ponto reside a falha da literatura sobre liberdade, pois, ao valorizar os estados internos ou sentimentos, deixa de atentar para o ambiente que está exercendo o controle (C)"</p> <p>(p. 69, § 2)</p> <p>-Liberdade</p> <p>“Liberdade e dignidade são tradicionalmente qualificadas como posses x ou qualidades de um self, ego, personalidade ou indivíduo autônomo: o indivíduo é digno e livre, ou possui dignidade e liberdade (TT). Olhar para além desta visão tradicional significa, em poucas palavras, investigar as variáveis ambientais que explicam o que uma pessoa é e faz - incluindo o que fala, pensa e sente. Uma investigação dessa natureza lança sérias dúvidas sobre a crença generalizada de que o ser humano é livre, e nos leva a refletir sobre o próprio significado da palavra "liberdade"”. (C)</p> <p>(p. 13, § 1);</p> <p>“O relato de “sentir-se livre”, aponta Skinner (1971), ocorre especialmente em situações nas quais fazemos o que “escolhemos”, o que “queremos” ou o que “gostamos” - isto é, quando nossas ações são positivamente reforçadas e livres de coerção. Obviamente, a ocorrência de tais relatos não deve ser tomada como evidência de que a pessoa de fato é livre - mas o sentimento, enquanto estado corporal, e o relato, enquanto resposta verbal, são fatos comportamentais tão dignos de análise e consideração quanto quaisquer outros. (TA) Neste nível, não há qualquer sentido em discutir se a palavra "liberdade" é mais ou menos adequada, ou se relata “fidedignamento” o estado corporal sentido. Ela é tão-somente uma herança cultural, o expressa a forma como certas pessoas foram ensinadas a relatar tais estados corporais.’ As possibilidades de nomear sentimentos são virtualmente inesgotáveis. Sendo “liberdade” uma dessas possibilidades, ela faz parte de relações comportamentais que interessam ao analista do comportamento, e é</p>	<p>- Liberdade. (p. 13, § 1; p. 14, § 2-3);</p> <p>-Autocontrole e linguagem. (p. 14, § 4; p. 15, § 1-4);</p>	<p>Sentidos possíveis de "liberdade" no Behaviorismo Radical</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>possível inclusive afirmar que a promoção de sentimentos descritos com a palavra "liberdade" (dentre outras) é um resultado previsível e desejável da aplicação da análise do comportamento (TA)". (p. 14, § 2-3);</p> <p>-Autocontrole e linguagem.</p> <p>“Skinner trata tais palavras com cautela: assim como no caso da palavra "liberdade", a emissão da palavra "autocontrole" por behavioristas radicais não deve implicar a rejeição ao determinismo como pressuposto geral. (C) “Autocontrole" significa tão-somente que uma pessoa pode controlar a si mesma "precisamente como controlaria o comportamento de outro - através da manipulação de variáveis das quais o comportamento é função" (p. 228) Obviamente, às técnicas de autocontrole, são, elas mesmas, aprendidas nas relações com o ambiente (TA) (pp. 240-241)". (p. 14, § 4);</p> <p>“Não obstante, o autocontrole é tido como característica desejável em vários contextos aplicados da análise do comportamento, nos quais pode também ser chamado de "independência" ou "autonomia". O terapeuta analítico-comportamental, por exemplo, enquanto parte importante do ambiente de seus clientes, transforma parte de seu repertório comportamental. Ele pode ensinar seus clientes a analisar seu próprio comportamento e as variáveis que o controlam, com isso proporcionando a eles a oportunidade de intervir sobre algumas dessas variáveis. Ao fazer isso, ele estará gerando repertórios de autoconhecimento e autocontrole, que progressivamente tornarão o cliente "independente" do próprio terapeuta, e talvez de outras pessoas. Uma pessoa torna-se, nesse sentido, mais "livre" não porque tenha se livrado do controle; no máximo, podemos afirmar que certas relações comportamentais foram suprimidas, transformadas ou construídas, supostamente com conseqüências benéficas para o cliente. Dentro desses limites, a</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	utilização casual de “liberdade”, “independência” ou “autonomia” por parte de um behaviorista radical não implica contradição”. (TA) (p. 15, § 3-4);		
Google acadêmico	<p>-Luta pela “liberdade”</p> <p>“O behaviorismo costuma ser alvo de uma série de críticas, uma delas é que “encara as idéias abstratas, tais como moralidade ou justiça, como ficções” (Skinner, 1974/2006, p. 8). Comumente os conceitos liberdade, vontade, eu interior são incluídos no rol destas idéias abstratas. Logo, imaginase que o behaviorismo também os encara como ficções. (TT)” (p. 48, § 5)</p> <p>“O primeiro texto é do próprio Skinner que frequentemente é visto como um defensor do controle do comportamento e, por isso, erroneamente considerado um inimigo da liberdade (TT). Porém, ele foi autor do livro Beyond Freedom and Dignity, que na edição brasileira foi traduzido como “O mito da liberdade”. Esta discussão foi trazida por Dittrich (2010): a importância de se analisar o título da obra. Na versão brasileira, o título já sugere que para Skinner e, conseqüentemente, para a Análise do Comportamento, liberdade é um mito. Isso pode ter agravado a série de críticas que já existiam e ainda existem em relação à abordagem. (TT) A versão utilizada neste artigo é a portuguesa, que foi traduzida como “Para além da liberdade e da dignidade”. Isso sim tem a ver com as ideias originais do autor: “Para além...” sugere olhar e investigar além da visão tradicional dos conceitos de liberdade e dignidade. Skinner (1941/2000, p. 27) inicia o texto falando sobre situações das quais as pessoas querem verse livres, como quando aprisionadas as pessoas lutam e procuram libertar-se, ou quando em perigo, quando fogem dele ou atacam a sua origem. Sugere que esta espécie de comportamento tenha se desenvolvido pelo seu valor para a sobrevivência. Estes</p>	<p>-Luta pela “liberdade”. (p. 48, § 5, p. 55, § 2-7);</p> <p>-Controle por reforço positivo . (p. 55, § 9-10, p. 56, § 2, § 5-7);</p> <p>-Controle comportamental. (p. 50, § 5-8; p. 51, § 1, § 6; p. 52, § 4-10);</p> <p>-Autocontrole. (p. 53, 5-10; p. 34, § 3-5, § 8; p. 56, § 1-2, § 9; p. 57, § 5-6).</p>	<p>Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental.</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>processos desempenham um papel importante na chamada luta pela liberdade, principalmente quando as condições aversivas são produzidas por outras pessoas. (TT) “De uma forma ou de outra, o controle aversivo intencional constitui o padrão da maior parte do ajustamento social – na ética, na religião, no governo, na economia, na educação, na psicologia e na vida familiar”. (Skinner, 1971/2000, p. 29) Skinner (1971/2000) aponta que existem três formas de lidar com estas situações: 1) evitar o contato com os agentes controladores (esquiva); 2) sair da presença da estimulação aversiva (fuga) ou 3) uma forma anômala de fuga -- atacar os controladores e enfraquecer ou destruir seu poder, o que mais tarde o próprio Skinner denominará “contracontrole””. (TA) (p. 55, § 2-7);</p>		
	<p>- Controle por reforço positivo.</p>		
	<p>“Para Baum (1994/2006) falta de liberdade política e social é a situação na qual o indivíduo tem de enfrentar consequências desagradáveis devido a certas opções que faz. “Não significa que você não possa agir de acordo com elas [suas concepções], mas será punido por fazê-lo”. Logo, liberdade, neste sentido, pode ser entendida como não apenas ter possibilidades de escolha, mas não ser punido por ela. (TT). Outro ponto trazido pelos três autores é que a forma mais poderosa de controle coercitivo é através de reforçadores positivos. Baum (1994/2006) chamou este processo de armadilhas de reforço: manejos feitos para que uma situação não pareça punitiva, quando, na verdade, é. Diz ainda que “o atraso enfraquece o efeito de qualquer consequência” (C) (p.196) Dittrich (2010, p 15), baseado em Skinner (1971; 1974), diz que este tipo de controle é “poderoso, entre outros motivos, porque via de regra não nos revoltamos contra ele – aliás, sequer costumamos reconhecê-lo como um tipo de controle” (C).” (p. 55, § 9-11)</p>		
	<p>“Quando habituadas, as pessoas não</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>conseguem se livrar das armadilhas de reforço, como os fumantes: “A impulsividade consiste em se comportar de acordo com o reforço a curto prazo (desfrutar o cigarro), ao passo que o autocontrole consiste em comportar-se de acordo com o reforço a longo prazo (gozar de boa saúde) (TA)” (Baum, 1994/2006, p. 194)” (p. 56, § 2)</p>		
	<p>“Os três autores concordam que a coerção é o principal fator que impede que as pessoas tenham o “sentimento de liberdade” (C). “Como as pessoas se sentem é, geralmente, tão importante quanto o que elas fazem” (Skinner, 1991, p.3) A liberdade como sentimento é identificada no relato comumente por pessoas em situações nas quais fazem coisas que “escolhem”, “Neste nível (...) é tão-somente uma herança cultural, e expressa a forma como certas pessoas foram ensinadas a relatar tais estados corporais” (TA) (Dittrich, 2010, p. 14) Baum (1994/2006) também descreve a liberdade espiritual, que, de acordo com o autor, também pode ser entendida em termos comportamentais: a liberdade espiritual encoraja o desapego e o afastamento dos “prazeres mundanos” (reforçamentos positivos em curto prazo, que podem ser armadilhas de reforço) por uma vida simples, bondosa e moderada, a fim de ter mais qualidade de vida, paz, harmonia, felicidade (reforçadores positivos “maiores” e de longo prazo), para si e para a sociedade em que vive (TA). O autor ainda levanta outra questão: o problema de a visão tradicional entender liberdade como livre-arbítrio (TT), é a única concepção que contrasta com o behaviorismo radical. “Os analistas comportamentais defendem a tese de que, enquanto continuarmos presumindo o livre-arbítrio, não conseguiremos resolver os problemas sociais ” (C) (p. 88)” (p. 56, § 5-7);</p>		
	<p>-Controle comportamental e coerção. “A propriedade de a resposta emitida ser sensível às consequências que ela própria produz nos diz que a resposta acontece em</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>função da consequência, ou seja, a resposta é controlada também por sua consequência. De acordo com Sidman (1989/2009), o controle é uma condição da natureza, ocorre independentemente da “vontade” do homem e ocorreria mesmo que não fosse descrito, tal como quaisquer outras formas de controle, como as condições climáticas que nos “forçaram” a criar um teto, guarda-chuvas, roupas adequadas ao frio e ao calor etc. (C) É importante discriminar entre as duas principais possibilidades de controle comportamental: reforçamento positivo e controle coercitivo (ou coerção). O controle coercitivo se subdivide em três tipos: 1) punição; 2) reforçamento negativo; e 3) privação socialmente imposta (Sidman, 1989/2009) (Vide figura 3) Reforçamento positivo é o processo em que a consequência que surge após a emissão de determinada resposta faz com que aumente a probabilidade de esta ser emitida novamente num futuro semelhante. (TA) Apertamos o botão do controle remoto (R1) em frente a uma TV (Sd) para ligá-la. Se a TV liga (S1), essa é uma consequência reforçadora, pois torna mais frequente no futuro a resposta de apertar novamente o botão do controle para ligar a TV. Outro exemplo pode ser quando, ao estar na presença de outra pessoa (Sd) e dizer “bom dia!” (R1), recebe-se em troca outro “bom dia!” (S1). O cumprimento da outra pessoa serviu de reforço para o ato de cumprimentar pessoas (ou pelo menos esta pessoa)”. (p. 50, § 5-8);</p>		
	<p>“utra possibilidade de controle do comportamento é a coerção, forma de controle que se caracteriza por “obrigar” a emissão ou supressão de determinada resposta. Para Skinner (1953, p. 199), a punição é realizada com “a intenção de reduzir tendências a se comportar de certa maneira. (TA) O reforço estabelece essas tendências; a punição destina-se a acabar com elas” [grifo nosso]. Os procedimentos de punição são descritos a seguir”. (p. 51, § 1),</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>“A segunda forma de controle coercitivo do comportamento é o reforçamento negativo. Por ser um reforçamento, também aumenta a probabilidade de emissão da resposta emitida anteriormente. (TA) A diferença entre o reforçamento positivo e o negativo é que, neste último, a consequência da emissão da resposta é a retirada ou evitação de uma estimulação aversiva” (TA). (p. 51, § 6);</p>		
	<p>“O terceiro tipo de controle aversivo trazido por Sidman (1989/2001, p. 17) é a privação socialmente imposta, que é a prática de “recompensar pessoas deixando-as escapar de nossas punições e ameaças”. A identificação de uma situação deste tipo é mais sutil, por isso mesmo exige do observador uma atenção e análise mais atentas, pois a prática poderá facilmente ser confundida com reforçamento positivo. (TA) Geralmente, é possível ver este tipo de controle nos sistemas prisionais. Quando alguém comete um delito, outras pessoas (o Estado, a polícia) “retiram sua liberdade”, isto é, proíbem seu acesso a diversos reforçadores externos à prisão na intenção de diminuir/eliminar o comportamento delinquente. A liberdade física da pessoa é utilizada como “elemento de troca” por aqueles que a retiraram: caso a pessoa prove estar apta novamente a conviver em sociedade, poderá “ganhar a liberdade”. “De uma forma ou de outra, o controle aversivo intencional constitui o padrão da maior parte do ajustamento social - na ética, na religião, no governo, na economia, na educação, na psicologia e na vida familiar.” (Skinner, 1971/2000, p. 29) “Na verdade, coerção social é aceita como natural”. (Sidman, 1989/2009, p. 39), pois nos submetemos a determinadas leis e normas que guiam a conduta individual a fim de fazer com que haja um convívio social sem conflitos (TT). O importante é identificar qual ou quais formas de controle estão sendo utilizadas. A descrição e a análise destes processos ajudam a entender por que determinada resposta ocorre, prever a probabilidade de nova emissão dela, e gera, também, a</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>possibilidade de controle dos estímulos da forma sugerida pela análise do comportamento: substituindo o controle aversivo por reforçamento positivo (Sidman, 1989/2001; Skinner, 1953/2007) (TA). Em relação aos estímulos aversivos naturais, inventamos a tecnologia para melhorar a vida – lutar contra os estímulos aversivos da natureza. Agora, o que fazer para evitar se expor aos estímulos aversivos não naturais, intencionalmente arranjados por outros indivíduos (ou algumas vezes por nós mesmos)? Inventamos as ciências humanas para entender como “se revoltam”, como lutar contra o controle, e surgiram também os movimentos sociais. “Quando a sobrevivência passa a depender de contrapor ameaças, não de produzir e desfrutar das boas coisas que a vida tem a oferecer, o risco que corremos de iniciar uma agressão aberta declina, temos menos a perder”. (Sidman, 1989/2009, p. 20) É possível, então, concluir que controle é uma coisa natural e que coerção é apenas uma das formas de controle, que apesar de funcionar inicialmente, traz uma série de efeitos colaterais para o controlado e para o que exerce este tipo de controle. Portanto, afirma-se: coerção não é a base da análise do comportamento, reforçamento positivo, não coerção, é a marca da análise do comportamento (TA). (Sidman, 1989/2009)”. (p. 52, § 4-10);</p> <p>-Autocontrole. “Se quando o indivíduo utilizou recursos de manipulação do ambiente e conseguiu a situação necessária para emitir a resposta adequada, será maior a probabilidade de ele, diante de um contexto desconhecido, fazer coisas que o alterem.. Neste artigo daremos ênfase ao conceito skinneriano de autocontrole: capacidade de a própria pessoa prever e modificar seu próprio comportamento em situação na qual ela própria emite uma resposta que altere a probabilidade de emissão da sua resposta futura. (Brandenburg & Weber, 2005; Nico,</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>2001; Skinner, 1953/2007) “No autocontrole admite-se que há um comportamento de esquiva bastante peculiar, pois ele se origina do conflito de conseqüências para a mesma resposta e não apenas das estimulações aversivas” (TA) (Faggian, 2008, p. 09). É a resposta emitida que está mais sob controle de conseqüências atrasadas do que imediatas numa situação de conflito. Esta situação é aversiva em si mesma, e frequentemente tendemos a evitar o conflito, mesmo escolhendo a opção menos vantajosa. Uma situação de conflito também se caracteriza pela possibilidade de emissão de comportamentos incompatíveis numa mesma situação, ou probabilidade similar de conseqüências contrárias a partir da mesma resposta. Em todas, pode-se verificar a emissão de uma resposta (controladora) que altera a probabilidade de ocorrência de outra resposta (controlada). Por exemplo, quando se faz regime, tirar a caixa de bombons da mesa para não comer chocolates; na sala de aula, sentar longe do colega piadista para prestar atenção na aula e aumentar as chances de prestar atenção no professor; tomar vacina para evitar doenças. “A resposta controladora pode manipular qualquer das variáveis das quais a resposta controlada é função; portanto, há muitas formas diferentes de autocontrole”. (Skinner, 1953/2007, p. 253) Como então fazer para identificar estas variáveis de controle? Isto traz uma questão fundamental: o conhecimento. Skinner (1980) diz que o conhecimento aparece sob duas formas, (1) como ação, saber fazer (por exemplo, saber dirigir um jipe), e (2) como “regras” para a ação (por exemplo, saber descrever como dirigir um jipe), ou consciência”.</p> <p>(p. 53, 5-10);</p> <p>“Nestas situações é possível utilizar repertórios de autocontrole. Dittrich (2010) diz que autocontrole é por vezes entendido como independência ou autonomia, termos que também apareceram na introdução deste artigo como sinônimos de liberdade.(TT) Por que então, em alguns momentos, as pessoas não se autocontrolam? (C)</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>Quando habituadas, as pessoas não conseguem se livrar das armadilhas de reforço, como os fumantes: “A impulsividade consiste em se comportar de acordo com o reforço a curto prazo (desfrutar o cigarro), ao passo que o autocontrole consiste em comportar-se de acordo com o reforço a longo prazo (gozar de boa saúde) (TA)” (Baum, 1994/2006, p. 194)” (p. 56, § 1-2)</p> <p>“A partir do analisado, consideramos que este foco apenas na responsabilidade individual tira a culpa e minimiza a real importância da tripla responsabilidade de uma comunidade verbal/sociedade que tenha interesse em criar cidadãos críticos, livres e felizes: (1) criar possibilidades para que as pessoas se “sintam livres”, garantindo que elas não sejam punidas por suas escolhas; (2) ensinar, valorizar e incentivar as práticas de conhecimento e autoconhecimento; (3) garantir a criação dos repertórios de autocontrole e contracontrole da maneira menos coercitiva possível durante as histórias ontogenética e cultural”(TA). (p. 56, § 9);</p> <p>“A consciência (conhecimento, descrição e análise) das variáveis que controlam o comportamento é que proporciona ao indivíduo possibilidades reais de manipulação do ambiente, e talvez isso seja liberdade (TA): saber e usar os “limites do seu próprio poder”. Neste sentido, consideramos o autoconhecimento como um potencializador da aprendizagem do repertório de autocontrole. Talvez uma grande função do autocontrole seja evitar que a pessoa viva uma “falsa liberdade”, controlada por reforçadores imediatos que podem ser, na verdade, “armadilhas de reforço”, e podem ter consequências futuras aversivas. Neste sentido, o autocontrole liberta?!”(TA) (p. 57, § 5-6).</p>		
Google acadêmico	<p>- “Liberdade” como “escolha” (Catania e Baum) . “This is the case for the meanings</p>	<p>- “Liberdade” como “escolha”. (p. 06, § 2-5; p. 07, § 1-5; p. 16, § 5);</p>	<p>Expanding the Behavior-Analytic Meanings of “Freedom”: The</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>proposed by authors such as Baum (2017), Catania (1980, 1997) and Goldiamond (1965, 1974/2002, 1975a, 1975b, 1976). The formulations by these three authors have one aspect in common: they relate freedom with the possibility of choice. (TA) All three have pointed out that the relation between freedom and the possibility of choice is present both in common sense discourse as well as in academic disciplines, such as Philosophy or the Social Sciences. The recurrence of this meaning of freedom has motivated these authors to identify the behavioral conditions that characterize the “possibility of choice” and subsequently to relate these conditions with the theme of freedom. In his book <i>Understanding Behaviorism</i>, Baum (2017) identifies three recurrent meanings of freedom and proposes a behavior-analytic interpretation of them. He argues that many authors describe freedom as the absence of impediments or coercion (e.g., release from slavery), which, in behavioral terms, is equivalent to Skinner’s meaning of freedom as the absence of immediate aversive consequences. (TT) Baum also argues that religious people sometimes speak of another kind of freedom: “spiritual freedom.” The expression refers to the release from a metaphorical (spiritual) prison and the need to exercise detachment from “worldly pleasures” (e.g., sex, food, material goods, etc.). In behavioral terms, Baum argues that the emission of such expressions tend to occur in conditions in which a person has a well-developed repertoire of self-control, which increases sensitivity to the deferred positive reinforcements that tend to follow from practicing a “simpler,” “gentle,” “altruistic” life, etc. A third meaning of “freedom” identified by Baum—and one of special interest here—is what he calls “political or social freedom”</p> <p>Freedom, in this sense, would be “having choices” (2017, p. 165) while not being punished for making them. A free person could, for example, choose to participate in different political parties without any of</p>	<p>-Análise do comportamento “não-linear” (p. 07, § 5; p. 08, § 2; p. 10, § 3-5; p. 11, § 1-2; p. 12, § 2; p. 16, § 3);</p> <p>- “Liberdade” a partir de “escolhas genuínas” (Goldiamond). (p. 12, § 2-7; p.14, § 6; p. 15, § 1, § 6-7; p. 17, § 3</p>	Contributions of Israel Goldiamond

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>the possible choices causing aversive consequences (e.g., political persecution). For Baum (2017), the possibility of choice means that “more than one activity is possible” (p. 165) and to have freedom it is necessary that all alternative choices are positively reinforced. As Baum (2017) puts it, “we noted that people report happiness when their environment provides choices (alternative possible actions) and those choices have reinforcing consequences rather than aversive consequences” (p. 264). In sum, although the theme of freedom is not central to Baum (2017), since his is a general textbook on behavior analysis, two of the meanings he discusses (spiritual freedom, and political or social freedom) emphasize aspects that were not addressed by Skinner. (TA)” (p. 06, § 2-4)</p>		
	<p>“Catania (1980, 1997) is another behavior analyst that relates freedom with the possibility of choice (TA). Similar to Baum (2017), Catania states that “choice implies the availability of alternatives” (1980, p. 98). However, after identifying this connection, Catania’s discussion on freedom takes a different path when compared to Baum’s. Catania emphasizes the possibility of experimentally investigating how much organisms (human and non-human) “value freedom” (TA)—that is, how much” (p. 06, § 5)</p>		
	<p>“organisms in general prefer conditions in which there are available alternatives (instead of conditions in which only one alternative is possible) (TA). Catania’s emphasis gave rise to a series of experiments in which competing reinforcement schedules were arranged (Catania, 1980, 1997; Rost et al., 2014). Subjects were trained to respond differently to two stimuli: one of them signaling a condition in which there is only one alternative available (e.g., a colored disk) for obtaining reinforcement, thus characterizing a “forced choice,” and the other signaling a condition in which there are alternatives available (e.g., more</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>than one colored disk) for reinforcement, thus characterizing a “free choice”. When reinforcement parameters remain the same in the forced choice situation and in all the free choice alternatives, it is assumed that preference for one of the conditions is controlled only by the “opportunity to choose” (Rost et al., 2014). In these experiments, it was found that when the reinforcement parameters in both conditions are the same, or when there is greater reinforcement (in time or magnitude) in the free choice alternatives, subjects in general—humans included—show a preference for the free choice conditions. On the other hand, when the free choice alternatives provide smaller reinforcements (in time or magnitude) than the forced choice condition, choice behavior changes and subjects give up free choice (for experimental details and a comprehensive review of the literature, see Rost et al., 2014)</p> <p>Both Catania’s and Baum’s formulations deal with a behavioral meaning of “freedom as possibility of choice,” consisting of alternatives to Skinner’s formulations, which are recurrent in the behavior-analytic literature (TA). Catania’s remarks emphasize the experimental investigation on how much organisms value conditions of freedom. The fact that this formulation originated an experimental research program on the subject (Rost et al., 2014) reveals that, although not often mentioned in non-experimental papers that focus on the relation between freedom and behavior analysis, Catania’s research had some impact on the behavior-analytic community. Baum, on the other hand, does not thoroughly explore the nuances of behavioral processes that characterize the “possibility of choice,” emphasizing only the absence of aversive consequences in the alternatives presented in situations of choice. (C) However, a behavior analyst who developed this meaning of “freedom as possibility of choice” in a broad and detailed manner was Israel Goldiamond (1919-1995). In a series of publications, the first of them in 1965 (thus, six years before the</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>publication of Beyond Freedom and Dignity), Goldiamond formulates his own meaning of freedom, consistent with his unique way of conducting functional behavior analyses, namely by means of what he called “nonlinear behavior analyses.” This conception of functional analysis gave rise to formulations about freedom that are also unique and worthy of separate review. In addition to the “possibility of choice,” Goldiamond considers that freedom would also involve the possibility of “genuine choices.”” (TA) (p. 07, § 1-5);</p>		
	<p>“As we noted, Baum’s (2017) and Catania’s (1980) formulations about freedom are similar to Goldiamond’s. However, even if the three authors treat freedom as possibility of choice their analyses differ in scope or emphasis. Goldiamond’s formulations are not restricted to an analysis of the availability of behavioral alternatives without aversive consequences, which is emphasized by Baum (2017) (C). For Goldiamond, coercion may exist even in situations where there is a set of alternative contingencies that allow access to critical consequences, which are characterized as positive reinforcers” (TA). (p. 16, § 5);</p>		
	<p>-Análise do comportamento “não-linear” “Goldiamond formulates his own meaning of freedom, consistent with his unique way of conducting functional behavior analyses, namely by means of what he called “nonlinear behavior analyses.” This conception of functional analysis gave rise to formulations about freedom that are also unique and worthy of separate review. In addition to the “possibility of choice,” Goldiamond considers that freedom would also involve the possibility of “genuine choices. (TA)”” (p. 07, § 5)</p>		
	<p>“The purpose of this article, therefore, is to revisit and discuss the behavior-</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>analytic meaning of “freedom” proposed by Goldiamond, through the review of articles in which he addressed the subject. To that end, the following will be presented: (a) Goldiamond’s first remarks on freedom; (b) his proposal of a nonlinear behavior analysis; (c) the concepts of degrees of freedom, degrees of coercion and “genuine choice”; and finally, (d) the types of coercion identified by Goldiamond that ultimately limit freedom in different social contexts. Finally, we discuss how and to what extent Goldiamond’s formulation constitutes an expansion of the behavior-analytic meanings of freedom, indicating its differences and similarities with Skinner’s, Baum’s and Catania’s formulations”.</p> <p>(p. 08, § 2)</p>		
	<p>“In Goldiamond’s conception, a proper analysis of choice behavior (e.g., “working at the mine” when there is the alternative of “working at the farm”) requires the execution of what he calls nonlinear behavior analyses (1974/2002, 1975b, 1976, 1984). For the author, functional analyses of behavior are more often characterized by a descriptive linear logic. In this logic, behavior is functionally described by the contingent relation between a response and its antecedent and consequent stimulus. Thus, the analysis of behavioral instances is treated “mainly in the context of an algebra of intra-contingency variables (such as instructional stimuli, reinforcement schedules, motivational variables, and so on)” (TT) (Gimenez et al., 2003, p. 36). On the other hand, a nonlinear behavior analysis considers the response under investigation as a function of multiple concurrent contingencies (Goldiamond, 1975b; Layng, 2009). This is a descriptive model that takes into account not only the antecedent and consequent stimuli of the specific response under investigation, but also the antecedent and consequent stimuli of alternative patterns of response present in an individual’s repertoire. In order to provide an analysis of choice and the</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>conditions under which it occurs, a nonlinear behavior analysis would be appropriate as it provides a description of the behavioral flow based on an analysis of relationships between contingencies (TA). As argued by Gimenez et al. (2003), a nonlinear behavior analysis seeks to explain “both concurrent contingencies and the dynamic interaction between their defining variables in the course of time” (p. 36). Thus, choice behavior is analyzed as a function not only “of the occasions and consequences (and their histories) that immediately circumscribe it, but also of the occasions and consequences of alternative patterns (and their histories)” (Gimenez et al., 2003, p. 308). The procedures suggested by Goldiamond (1975a, 1976, 1984) as necessary for an understanding of why an alternative is preferred over another are: (a) to identify the set alternative contingencies that comprise the situation of choice; (b) to analyze the responses costs and the consequential benefits of all the alternative behavioral patterns.(TA) In a nonlinear behavior analysis, the choice of “working at the mine,” for example, is understood not only as a function of the antecedent and consequent stimuli (e.g., reinforcing value) and the response cost related to this behavioral pattern” (p. 10, § 3-5)</p>		
	<p>“When Goldiamond relates freedom with the availability of choices his arguments take as a backdrop the notion of a nonlinear behavior analysis. Goldiamond (1975b, 1976) also borrows from physics the concept of degrees of freedom (df), in order to better characterize the behavioral conditions of choice. In that field of knowledge, this concept is commonly used to refer to the amount of independent variables that can be specified and that determine a system (TA). The example given by Goldiamond (1976) to illustrate how the concept can be used refers to the calculation formula of the volume of a cube: $V = l.w.h$, where V is the volume, l is the length, w is the width and h is the height. Three of the values in this formula can vary independently and, when</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>specified, allow the determination of the fourth value, which determines the system being analyzed (e.g., l.w.h determines the value of V, as well as V.w.h determines the value of l). Therefore, in this example, $df = 3$, since the complete determination of the system depends on the specification of three variables (Goldiamond, 1976). When applied to the nonlinear behavior analysis of choice, the concept of degrees of freedom specifies the number of behavioral alternatives that compose a given situation. (TA) If in a given social context working at the mine is the only alternative that allows access to a critical consequence (e.g., survival)—otherwise one would simply “starve”— then $df = 0$ in relation to available jobs. There are no degrees of freedom and, as a result, it is possible to say that working at the mine was not a free choice. If, however, there are the options of working at a farm or at an industry in addition to working at the mine, then $df = 2$. In the latter case, only one class of behavior is emitted (i.e., “chosen”), such as “working at the mine,” but the availability of two alternatives sets a higher degree of freedom”.</p> <p>(p. 11, § 1-2)</p>		
	<p>“We described the behavioral conditions that define “choice,” as well as how Goldiamond performs his nonlinear analysis. Choices were then characterized by the degrees of freedom and coercion that they present. However, Goldiamond's definition of freedom involves not only the possibility of choices, but also the availability of genuine choices (TA)”.</p> <p>(p. 12, § 2)</p>		
	<p>“Goldiamond’s emphasis on the identification and characterization of the set of alternative contingencies that comprise a context is justified by its use of nonlinear behavior analysis. While Skinner's formulations about freedom are marked by linear analysis which emphasizes the temporal nature of the aversive consequences (immediate or deferred), a nonlinear behavior analysis helps the behavior analyst to discriminate the availability or unavailability of</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>alternative contingencies in the immediate contexto (C)". (p. 16, § 3)</p>		
	<p>-“Liberdade” a partir de “escolhas genuínas” (Goldiamond). “This is a conceptual refinement made by Goldiamond in relation to the 1965 formulation. If the meaning of freedom was previously defined simply “in terms of the genuine choices available” (TT) (Goldiamond, 1965, p. 251)—emphasizing the behavioral alternatives—now Goldiamond (1975a) argues that, in order for a choice to be considered genuine, what has been called behavioral alternatives need, necessarily, to denote the availability of alternative contingencies that are equally possible” (TA). (p. 12, § 2)</p>		
	<p>“Still, Goldiamond (1976) highlights that the availability of alternative contingencies—i.e., the existence of a behavioral repertoire plus the existence of opportunities necessary for its occurrence—is not enough to characterize a choice as genuine (C). The possibility of genuine choices also requires that critical consequences are available for different behavioral patterns. Critical consequences, according to Goldiamond (1976), are those that when made contingent to any particular (TA) (p. 12, § 7)</p>		
	<p>behavior generally have a powerful control over it, showing high reinforcement value when added (e.g., food for the starving) or when removed (e.g., electric shock of high intensity). In other words, they are consequences that, given certain conditions or operations, are preferred in all choice situations(TA). (p. 13, §1)</p>		
	<p>“rs behave in ways defined by the institution. In the context of this example it is important to differentiate critical consequences from those that are entirely program-specific—or, as Goldiamond (1974/2002) puts it, those that occur as a</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>direct result of the contingency. An early parole may be the critical consequence that governs prisoner participation in a biomedical research instituted by the penal system. Direct contact with (or being informed about) non-therapeutic “side effects” during the process of an experimental treatment would be among the program-specific consequences. If there is at least one degree of freedom (i.e., there are at least two ways to get an earlier parole), the program-specific consequences will have a greater chance of govern the contingency and, by doing so, define a more genuine choice—where side effects of an experimental treatment may enter into, and may influence the choice”.</p> <p>(p.14, § 6)</p>		
	<p>“specific consequences across alternatives to have an effect—thus resulting in more genuine choices (TA)”.</p> <p>(p. 15, § 1),</p>		
	<p>“For Goldiamond, the possibility of making genuine choices constitute an adequate behavioranalytic meaning of freedom. In order for a choice to be considered genuine there must be a set of alternative contingencies that provide access to critical consequences. The greater the number of alternative contingencies available in a given condition, the greater is the degree of behavioral freedom of choice. As summarized by Goldiamond himself: Genuine choices involve such options when contingency repertoires are equal. Equality of contingency repertoires requires equally available opportunities or occasions, equally available patterns of behavior, equally potent consequences, and since they are contingency repertoires and repertoires require establishment over time, equally functional contingency histories (TA). (1976, p. 38)”</p> <p>(p. 15, § 6-7);</p>		
	<p>“In practical terms, this conceptual expansion enables new dialogues with other areas of knowledge that deal directly or indirectly with the subject of freedom</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
PsycINFO	<p>(e.g., political philosophy, economics, sociology, anthropology, etc.). Additionally, a behavioral analyst may act in different contexts in order to promote an expansion of the degrees of behavioral freedom and the possibilities of genuine choices. This may occur, for example, in the practice of psychotherapy, insofar as the behavior analyst assists in the expansion of behavioral repertoires, thus facilitating the emergence of alternative contingencies.⁶ In this case, it can be said, metaphorically, that the therapist enables an extension of the “horizon of possibilities” of his patient”(TA, potencial de aplicação.). (p. 17, § 3)</p>	Liberdade 1438, § 1-6)	(p. An existential look for at B. F. Skinner.
	<p>“We are left with the mischievous construct of freedom. Most existentialists revel in the notion of freedom whereas Skinner publicly proclaimed the value to society of going beyond it. (TT) Yet, even here there is common ground. Skinner (1971, p. 31) recognized the positive contribution made by what he called the "literature of freedom" in removing many societal uses of aversive control (C). His point was simply that, to continue this process, it will be necessary to take a science of behavior seriously (TA).</p>		
	<p>The existential philosopher Jean-Paul Sartre acknowledged late in his life the pervasiveness of conditioning. In an interview, Sartre ("An Interview," 1970) described how he created a character in one of his stories who "is totally conditioned by his situation" (p. 22). Sartre went on to say, "This is the limit I would today accord to freedom: the small movement which makes of a totally conditioned social being someone who does not render back completely what his conditioning has given him" (TT) (p. 22). Sartre thus attempted to salvage some vestige of a vanishing free will, but he thereby acknowledged the encroachment made on this concept by an increasing</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>understanding of action as behavior. (TA) Such an account leaves open the prospect that freedom as Sartre described it will one day be reduced to zero, once all of the controlling conditions are known. (C)</p> <p>One problem in discussing freedom, as Skinner was acutely aware, is that it involves talking about feelings. As he pointed out in his 1945 paper on "The Operational Analysis of Psychological Terms," it is very difficult for people to talk reliably about private events such as feelings. Skinner (1971, p. 37) noted that the feeling of freedom is for most people the only freedom of any consequence (TA). Salzinger (1990) underscored this fact by emphasizing that Skinner</p> <p>was in favor of freeing people from aversive control. When he said, "beyond freedom and dignity," he meant that people are not in a scientific sense free or possessed of dignity, but by freedom he meant promoting the conditions in which people felt that way (TA). (p. 4)</p> <p>Skinner (1948) expressed himself most clearly about freedom when he spoke through the persona of Frazier in <i>Walden Two</i>:</p> <p>By a careful cultural design, we control not the final behavior, but the inclination to behave—the motives, the desires, the wishes. The curious thing is that in that case the question of freedom never arises”.</p>		
PsycINFO	<p>“Liberdade”</p> <p>“Can you be "free" and have a sense of dignity if you know that your own behavior is partially under the control of the external environment? Contrary to the views expressed by B. F. Skinner in his book <i>Beyond Freedom and Dignity</i>, we believe that a sense of freedom and dignity has absolutely nothing to do with the belief in "autonomous man" and can be quite compatible with the full knowledge that behavior is influenced by the environment” (TT e C). (p. 175, § 1)</p>	<p>“Liberdade”</p> <p>(p. 175, § 1; p. 177, § 14; p. 178, § 4-7; p. 179, 1-2)</p>	<p>There is nothing beyond freedom and dignity.</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>“n a few concise statements: 1. A person increases his freedom if he can choose from a larger number of alternative courses of action. (TA)</p> <p>In Ralph's case, he could only engage in a self-effacing type of behavior prior to counseling. After counseling, he could still engage in this self-effacing behavior if he chose to do so, bur he had some additional assertive responses which he could also choose to use. Consequently, he had increased his freedom”.</p> <p>(p. 177, § 14)</p>		
	<p>“The environmental manipulation contributed to his ability to control his own behavior and thus enhanced his dignity as well as his freedom. (TT) B. F. Skinner (1971) has argued that the "literature of freedom and dignity" is based on the premise of "autonomous man" and that such a belief must be given up as people come to realize that behavior is actually a function of environmental contingencies. His startling title, Beyond Freedom and Dignity, and the wording of his arguments have led many of Skinner's readers to fear that freedom and dignity will diminish as behavioral science advances and behavioral methods come into widespread use. We are disturbed at Skinner's book because of its unstated implications and the evidence that many reviewers misinterpreted the central theme (TT). We believe that the freedom and dignity of each individual human being can be increased and enhanced by suitable arrangements of the external environment (TA). Skinner may well believe this too, though he does not say so. We believe that counselors, teachers, parents, and children can help to create environments for one another that result in increased freedom, opportunity, and enjoyment (TA) (Krumboltz and Krumboltz, 1972). Skinner's book has provoked a great deal of controversy and negative reaction. In fact, the book seems almost designed to provoke that negative reaction. We might hypothesize that Skinner is reinforced for fomenting controversy. We believe, however, that this controversy is misdirected and even</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
PsycINFO	<p>harmful because it is focused on the wrong issues” (C). (p. 178, § 4-7)</p> <p>“Skinner claims that it is belief In "autonomous man" that supports the notion of freedom and dignity (TT). We claim that freedom and dignity can be obtained without belief in "autonomous man (TA)." Skinner seems to believe that once people realize that the external environment controls so much of their behavior, they will no longer be able to take credit for their accomplishments nor feel a sense of responsibility (TT). We believe that people can continue to take pride in their accomplishments, be rewarded for their achievements, and be held responsible for their performance even though they know full well that the external environment is influencing the behavior in question (TA). Skinner knows that his own behavior is a function of his past reinforcing contingencies, but he continues to accept awards for his psychological contributions and to make responsible, creative, and independent contributions to Society (C). We fear that Skinner might have led some counselors to believe that behavioral counseling is incompatible with the notions 179 of freedom and dignity. Behavioral counseling, properly used, enables each person to establish his own goals, generate alternatives, and benefit from a variety of effective techniques that can help achieve these goals (TA) (Krumboltz and Thoresen, 1969). Behavioral methods are not incompatible with freedom and dignity; on the contrary, they enhance each client's chances of feeling free and worthy of respect. The goal in roday's world is to achieve freedom and dignity for every human being; behavioral technology can help achieve that goal. There is nothing beyond freedom and dignity”(TA). (p. 179, 1-2)</p>	<p>“Liberdade” (p. 47, § 2; p. 47, § 5; p. 48, § 3)</p>	<p>The steep and thorny way to a science of behavior.</p>
	<p>“Even more traumatic has been the supposed attack on freedom. Historically, the struggle for freedom has been an</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>escape from physical restraint and from behavioral restraints exerted through punishment and exploitative measures of other kinds (TT). The individual has been freed from features of his environment arranged by governmental and religious agencies and by those who possess great wealth. The success of that struggle, though it is not yet complete, is one of man's great achievements, and no sensible person would challenge it. Unfortunately, one of its by-products has been the slogan that "all control of human behavior is wrong and must be resisted." (TT) Nothing in the circumstances under which man has struggled for freedom justifies this extension of the attack on controlling measures, and we should have to abandon all of the advantages of a well-developed culture if we were to relinquish all practices involving the control of human behavior (C). Yet new techniques in education, psychotherapy, incentive systems, penology, and the design of daily life are currently subject to attack because they are said to threaten personal freedom, and I can testify that the attack can be fairly violent. (p. 47, § 2)</p>		
	<p>The practical problem in continuing the struggle for freedom and dignity is not to destroy controlling forces but to change them, to create a world in which people will achieve far more than they have ever achieved before in art, music, literature, science, technology, and above all the enjoyment of life. (TA) It could be a world in which people feel freer than they have ever felt before, because they will not be under aversive control. In building such a world, we shall need all the help a science of behavior can give us. To misread the theme of the struggle for freedom and dignity and to relinquish all efforts to control would be a tragic mistake. (C) (p. 47, § 5)</p>		
	<p>“Our only recourse is to leave that subject to the physiologist, who has, or will have, the only appropriate instruments and methods. We have also been encouraged to move in a centripetal direction because</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>the discovery of controlling forces in the environment has seemed to reduce the credit due us for our achievements and to suggest that the struggle for freedom has not been as fully successful as we had imagined. We are not yet ready to accept the fact that the task is to change, not people, but rather the world in which they live” (TA). (p. 48, § 3)</p>		
PsycINFO	<p>Liberdade</p> <p>“irefute by direct test Skinner's (1971) pragmatic argument against conventional concepts of human freedom and dignity (TA). The present studies have no bearing on the validity of Skinner's (1953, 1971) formulations about the production of behavior through reward contingencies, but have been set up to test his interpretation of why society” (p. 257, § 1)</p> <p>“This has, of course, consistently been Skinner's (1953, 1971) reductionistic view for many years (C). Skinner (1971) contends that the science of human behavior is hindered by the false societal belief of a relationship between two entities called personal freedom and human dignity (TT). In his assessment of society's view, the perceived absence of personal freedom produces a perceived lack of dignity. As prosocial behaviors are ascribed to greater degrees of voluntary control, the amount of perceived dignity increases. Thus, all human dignity is earned through the voluntary performance of prosocial behaviors. Consequently, in Skinner's conception of society's view, without personal freedom to make these voluntary prosocial acts, there can be no dignity (TT). Skinner (1971) does not define dignity other than to equate it consistently with “worth” (pp. 41, 55). Therefore, we must use the dictionary definition of worth and presume that we are referring to the same entity that Skinner conceptualizes (C). Consequently, the subjects in our research</p>	<p>“Liberdade” (p. 257, § 1; p. 258, §5-6; p. 259, § 1-4; p. 259, § 9; p. 265, § 5-6; p. 266, § 2)</p>	<p>Popular versus Skinnerian views on the relation between human freedom and dignity.</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>were given written definitions taken from the dictionary as follows: “The word ‘dignity’ is from the Latin dignus, meaning ‘worthy.’ The dictionary gives two meanings that are of interest here: 1. Elevation of character; intrinsic worth; excellence. 2 (TA). Quality of being esteemed; degree of estimation.” The issue, then, is not the definition of dignity, but what characteristics of a person invest that person with dignity in the view of society. Skinner (1953, 1971) asserts that society falsely awards dignity to a person only on an earned basis; but, because there is no freedom, dignity cannot be earned by voluntarily performing prosocial acts. Dignity is truly earned, according to Skinner (1953), only by accepting the Skinnerian view of behavior” (TT). (p. 258, §5-6)</p> <p>“Therefore, the concept of human dignity based on voluntary prosocial acts “stands in the way of further human achievements” (Skinner, 1971, p. 55). According to Skinner, society fears that any reduction of personal freedom will necessarily result in a corresponding reduction of human dignity. To protect the cherished concept of dignity, society tends to oppose anything that threatens the concept of personal freedom. (TT) Because behavioral science is inexorably reducing the domain of personal freedom in human behavior by providing environmental and genetic explanations for behaviors previously ascribed to personal choice, science comes to be perceived as the foe of, first, personal freedom and, second, as a consequence, human dignity. (C) In this way, Skinner accounts for society's failure to embrace his strict behavioristic metaphysics, which denies personal freedom of choice. We investigated society's conception of the relationship between perceived freedom of choice and the perception of personal dignity. Skinner's pragmatic argument rests on his undocumented belief that, in the public view, personal dignity depends solely upon the existence of freedom of choice. He can maintain this view because he cavalierly disregards the</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>literature on freedom and dignity as not scientific (Blanshard & Skinner, 1966). (C) Apologists for Skinner have maintained that (a) Skinner's argument was casual and not to be taken seriously, and that (b) this argument is not crucial to his metaphysical formulation. (TT) Concerning the first point, it seems clear to us that the above argument constitutes the very thesis of his classic book (Skinner, 1971), which is not unclear on this point: (C)” (p. 259, § 1-4)</p> <p>“The second argument in defense of Skinner's views is correct, but not relevant. The present studies were not intended to refute Skinner's metaphysical position, but merely to refute his undocumented claim for its pragmatic value. His pragmatic attack on freedom and dignity is based on his personal (C)” (p. 259, § 9)</p> <p>“Whereas he ascribes a particular belief system to society's members in general, a large sample of the participants in Study 1 was unable to reproduce such a system of responses on demand. In any case, the alleged belief system was not as universal and verbalizable as Skinner claims, even with an intellectually talented population of subjects. In the second study, the subjects generally responded according to our expectations and contrary to Skinner's argument. Both studies refuted Skinner's contention, for which he presented no empirical evidence, that all perception of dignity must be earned by prosocial behaviors (C), apparently voluntarily performed. Because this contention was his practical argument for the abolition of the concepts of freedom and dignity, as working against a science of behavior, Skinner's attack on these cherished concepts is opposed by laboratory evidence as well as by overwhelming evidence from casual observation” (TA). (p. 265, § 5-6)</p> <p>“In addition to the refutation of Skinner's false lead toward a mechanism for possible social change through denying</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
PsycINFO	<p>freedom and dignity, there are two positive findings from these studies. First, Skinner is correct in assuming that subjects would perceive augmented dignity when prosocial behaviors are ascribed to voluntary choice, and diminished dignity when antisocial behaviors are thought to be performed voluntarily. (TA) Second, contrary to Skinner, subjects accorded intrinsic dignity to others who have not earned it through appropriate behaviors". (TA) (p. 266, § 2)</p> <p>Liberdade</p> <p>“Skinner has assigned the persistence of cognitive explanations to the literature of freedom and dignity. This view is challenged especially as it applies to behavioral scientists. (TT) It is argued that cognitive explanations persist (a) because current behaviorism does not challenge cognitive epistemology; (b) because behavior analysts have failed to provide research evidence at the level of human behavior, and finally (c) because a science of behavior based solely on operant principles is necessarily incomplete (C). The implications of these problems for behavior analysis are addressed. The persistence of cognitive explanations was addressed by Skinner (1971) in his work on Beyond Freedom and Dignity. Here Skinner suggested that the literature of freedom and the implications of environmental control for human dignity and worth are the major reasons that cognitive accounts remain more acceptable. Since both freedom and dignity are removed by a scientific analysis of the environment, behavior analysis will be less preferred than a cognitive account which portrays the individual as a causal agent and therefore supports the Western ethos of freedom and dignity (TT).</p> <p>While Skinner's thesis may provide some understanding of the popularity of "mentalism" with laymen, it seems less convincing when applied to the scientific Community (C). Typically, this community has been exposed to the</p>	<p>“Liberdade”</p> <p>(p. 15, § 1-3; p. 16, § 1-3)</p>	<p>On the persistence of cognitive explanation: Implications for behavior analysis.</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>intellectual arguments of radical behaviorism and the empirical evidence of the experimental analysis of behavior but has remained unconvinced. There are several reasons for the persistence of cognitive accounts within the social and behavioral sciences. On the epistemological level, Skinner's arguments about mentalism no longer appear as challenges to non-behavioral scholars and"</p> <p>(p. 15, § 1-3)</p> <p>"Researchers since contemporary cognitive theorists claim to reject the positions of mentalism and dualism. Also, cognitivists have recently developed counterarguments other than the criticism proposed by Skinner. Together these changes in epistemology have made cognitive theories more acceptable to the scientific community, and have weakened some of Skinner's arguments (C). A second, and perhaps more profound, reason for the persistence of cognitive explanations is that behavior analysts have not yet provided a viable competing account of human behavior (C). Researchers in behavior analysis have separated into two factions, one concerned with the experimental analysis of behavior at the animal level and the other concerned with application and technology (TT) (Dietz, 1982). There has been little direct attention to the analysis of human behavior per se (Hake, 1982). The relative absence of studies concerned with verbal behavior, human remembering and forgetting, and various aspects of social behavior, has allowed cognitive science to flourish (TA). Finally, cognitive accounts persist because an experimental analysis of behavior, primarily based on a unilinear analysis of contingencies of reinforcement (Skinner, 1953), is insufficient to account for "complex" human behavior seemingly explained by cognitive theories (C). The task for the experimental analysis of behavior is to develop and extend the understanding of environment-behavior relations beyond</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	the elementary principles of operant conditioning (SD -R-SR) (TT)".		
	(p. 16, § 1-3)		
PsycINFO	“Liberdade”	“Liberdade”	Jean-Jacques Rousseau and behavior control: The technology of a romantic behaviorist.
	<p>“Skinner (1971, 1972) has repeatedly observed that one of the fundamental reasons underlying the widespread resistance to a full and effective use of a technology of behavior is the belief that such action appears to be absolutely contrary to our most sacred notions of democracy and freedom (TT). All forms of control, even those in the style of positive reinforcement, are regarded as evil. This resistance became established and has been maintained in the tradition of what Skinner has termed "the literature of freedom," to which Rousseau is invariably regarded as one of the primary contributors (TT). The original purpose of this literature was clear: to encourage men to resist and overthrow the rule of tyrants. For some, freeing themselves from despotism meant violent revolution; for others, it meant generations of discussion, debate, compromise, and sometimes spirited resistance. However freedom was won, it is now rightly guarded with jealousy by all who have some measure of it. Rousseau, of course, contributed to our general suspiciousness of control in a much broader sense than the political concern of being free from tyranny, and it is this feature that makes his work particularly interesting to psychologists and educators. He is largely credited with popularizing the view that the child is, by nature, inherently good and possesses within himself the guidelines for his own development (Coveney, 1967; Kessen, 1965). It is an easy step from that assumption to the inference that if one were to interfere with this naturally determined developmental sequence, the natural goodness of the child and, consequently, the man, would be reduced. The logical conclusion of this</p>	(p. 247, § 2-4; p. 248, § 4-9; p. 256, §1)	

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>position would appear to be one of having to leave the child alone, permitting him absolute freedom of action so that he can best grow the way nature intended. Whether or not this reading of Rousseau is accurate, it is certainly the conclusion drawn by subsequent generations of educators and psychologists (TA).</p>		
	(p. 247, § 2-4)		
	<p>“... no man has natural authority over his fellows. (p. 173) When a man renounces his liberty he renounces his essential manhood, his rights and even his dignity as a human being, (p. 175) In Emile he wrote: . . . live your own life and you will no longer be wretched, (p. 47) . . . freedom, not power, is the greatest good. That man is truly free who desires what he is able to perform, and does what he desires, (p. 48) When our natural tendencies have not been interfered with by human prejudice and human institutions, the happiness alike of children and men consists in the enjoyment of their liberty, (p. 49) Statements such as these seem clear enough to justify the commonly accepted conclusion that Rousseau's credentials as a defender of absolute freedom are beyond question. (TA) It is easy to accept the assertion that the work of Rousseau and his descendants stand in the way of a fully used science of behavior because of its spirited defence of the supposed freedom of men. We are ready to be respectful of the humanistic psychologist or the thoughtful advocate of the free school movement who can point to an important and influential philosopher as an intellectual ancestor. Those who would like to see a widely applied technology of behavior as a solution to persistent human problems are more than ready to admit that they have no respectable intellectual ancestry upon which they can call to increase the appeal of their position. Unfortunately, they generally resort to ignoring the history of ideas, convinced they will find nothing useful in it (C).</p>		
	(p. 248, § 4-9)		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
PsycINFO	<p>“imply be "left to grow" was ludicrous. The notion of complete freedom from all constraint, or even an approximation of that state of affairs, struck him as silly, It should also be clear that all forms of control were not acceptable to him. (TA) Any consequence of behavior that had an artificial or arbitrary relation to that behavior, in fact, the very sorts of consequences most typical of present day behavior modification programs, Rousseau was inclined to regard with distaste and with the conviction that they could only lead to evil. Only those influences that were part of nature were acceptable to him because, as a product of the Age of Reason, he was fully convinced that the secret to goodness and morality lay in the laws of nature (TA). Any man educated according to these laws could be relied on to act in ways that could only lead to the strengthening of human society and human dignity (TA). Given the appropriate circumstances (Rousseau was always mindful of the continuing influence of the immediate environment), in other words, the sort of society described in The Social Contract, each man, because of his upbringing, would act for the common good or in accordance with the "General Will" in taking civilization to its highest achievements. Such a man is automatically good because he is a man of nature and to men of nature comes the absolute right to enjoy the exhilarating experience of absolute freedom. Rousseau was able to see the incredible joy that would belong to the man who was able to feel completely and totally free and to the extent that he idealized this result of a "natural education" he was very much a part of the Age of Romanticism rather than the Age of Reason” (TA).</p> <p>(p. 256, §1)</p> <p>Liberdade</p> <p>“This paper argues that a behavioral or functional analysis of human action is compatible with human freedom. This</p>	<p>“Liberdade”</p> <p>(p. 21, §1-4; p. 31, § 2-3; p. 32, § 1-3; p. 33, § 1-5;</p>	<p>Elbow room in a functional analysis: Freedom and dignity regained.</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>thesis is quite contrary to what behaviorists such as B. F. Skinner as well as their critics such as D. C. Dennett have assumed to be the case. The essential argument involves three steps. First, the paper proceeds by presenting a novel analysis of intentional or mental states in terms of the principles of reinforcement. It is argued that with the acquisition of language (understood in behavioral terms) humans are able to think about, plan for, and make rational choices about the future. Second, the paper, while not trying to define freedom, nonetheless argues that freedom is essentially a function of three conditions. These include our power over the environment, our will power, and the ability to rationally determine our value priorities. Third, and Finally, it is shown that there is nothing in a behavioral or functional analysis to prevent our satisfying these three basic conditions of which our freedom is a function. (TA)</p> <p>In his recent book, <i>Elbow Room</i>, Daniel Dennett does an excellent job of showing us why determinism in general poses no threat to our freedom (Dennett, 1984) (TA). Yet Dennett, who is sympathetic to determinism in general, is not sympathetic to all forms of determinism. In earlier works he attacks the notion of a functional analysis of behavior because he mistakenly believes it is incompatible with a mentalistic (intentional) psychology and so leaves no elbow room for the sort of freedom we all need and want (Dennett, 1981) (C)</p> <p>.1 Dennett's failure to properly understand the implications of a functional analysis for freedom is quite understandable. He has indeed only followed the lead of the foremost spokesman for the functional analysis himself, namely, B. F. Skinner. Skinner shares Dennett's view that a functional analysis does not leave ample elbow room for a free will (TA). In <i>Beyond Freedom and Dignity</i>, for example, Skinner's central thesis is that there is no room for either freedom or dignity (or related notions such as responsibility) in a scientific (meaning, functional) analysis of human behavior (Skinner, 1971).² Hence, argues Skinner,</p>	<p>p. 34, § 2-3; p. 35, § 2-3)</p>	

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>if we are to have a functional analysis of behavior, we must abandon our notions of freedom and dignity (TA).</p> <p>Dennett and many others have taken Skinner at his word regarding the alleged incompatibility of a functional analysis and freedom. But they, unlike Skinner, conclude it is, therefore, a functional analysis and not the notion of freedom that must be rejected. It is indeed clear that it is this alleged incompatibility between freedom and a functional analysis that is the root cause of most of the resistance to Skinner's psychology. One could scarcely think of a better way to ensure the non-acceptance of Skinner's principles than to argue (as he has) that they leave no room for any sort of freedom or dignity. (C)</p> <p>But why then should Skinner have been the first and foremost advocate of such a restrictive thesis? To see why we must turn from Skinner's psychology (which I shall argue below entails no such thing) to his moral philosophy (which is the basis of his social and political philosophy). Skinner has ambitions that far exceed the theoretical goals of firmly establishing a sound psychology of human behavior. He aims as well to apply that psychology to build a better world, an aim which is by no means objectionable. However, Skinner is convinced”</p> <p>(p. 21, §1-4)</p>		
	<p>“Before asking how a functional analysis can accommodate a free will, we must get a closer look at the ways in which humans are in fact free. To do this, we must begin by considering three conditions of which (I shall argue) freedom is a function.</p> <p>The Practicality of Reason</p> <p>Reasons can not only determine what we think or say. They can determine what we do (our nonverbal behavior) as well. (TA)</p> <p>If someone tells me that my house is on fire and he is a generally honest person, his message would normally be sufficient cause to send me in a homeward direction, particularly if I believe that my wife and/or children are there. The speaker's statement is not only a reason for my behavior; it is a good practical reason for my behavior (a reason par excellence), as</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>practically anyone will agree.</p> <p>Not only can everyone recognize that this is a good reason for my action, but they can do so without necessarily being able to state any maxim or rules that show my reason is a good one. This is not to deny that such a rule could be constructed, but only that it is not necessary in order to see that my reason is a good one. (TA) Humans learned to discriminate between good and bad reasons for action long before they constructed rules or principles that could aid them in making such discriminations.</p> <p>Nonetheless, such practical rules or maxims do exist, and they (like the rules of science and logic) help to refine, sharpen, and preserve our ability to discriminate between good and bad reasons for doing what we do. (TT) Some of these rules are constructed primarily with a view to the good of the actor, e.g., what Kant called rules of skill and counsels of prudence are of this sort. Others are constructed more in the interests of the community at large (perhaps, certain moral rules) or in the interests of certain special classes or groups (perhaps, certain civil laws).</p> <p>No doubt a central or at least ideal aim of moral rules and principles is to find ways of resolving conflicts that all will perceive as fair and so "appeal to people's reason," i.e., be recognized as a good reason for compliance (for abandoning one's immediate, selfish interest) without the use of force (or similarly contrived contingencies). (TA) Whatever in detail is the correct account, it seems clear that in the sphere of practical action, as with the sphere of thought, we seem to have gotten better and better at discriminating between good and bad reasons.</p> <p>Indeed progress in the two fields would seem to be intimately related, since argument plays a vital role in improving our ability to discriminate between good and bad reasons for actions — both particular reasons (e.g., particular facts such as "Your house is on fire") and general reasons (norms or rules) as well.</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>Thus, we not only construct and refine our rules and principles of action through practice, but through critical analysis and argument as well (TA).</p> <p>Just as we can, therefore, apply our reason to the tasks of building better homes and of traveling into outer space, we can equally apply that same reason to the task of making our communities and ourselves as well into morally better communities and morally better selves (TA).”</p> <p>(p. 31, § 2-3)</p>		
	<p>“The first condition to consider is our power over the environment. Now the options or alternatives open to us can be restricted in various ways, through physical restraints or by the various punishing consequences attaching to this or that alternative. Thus, if I am in prison or caught under a fallen rock, the environment limits my freedom by restraining me. Similarly, the threat of a severe fine or of being stung to death may rule out (as a reasonable alternative) my invading a bee's nest as a means of obtaining its honey (for sustenance). The environment may also limit my options and, therefore, my freedom in other ways as well either by what is lacking entirely in that environment or by what is not (for some reason or other) available to me (TT). If you are poor, lack a car, or have no home of your own, then this too becomes a limitation upon your options and so your freedom. Finally, one's own body is so to speak a very special and important part of the environment. We are our bodies, but we also live in our bodies and are limited by and react to conditions in our bodies just as much as we are limited by and react to conditions in the world around us. If my body contracts cancer or heart disease or if a tyrant cuts out my tongue, this too is a limitation. Indeed, there is the built-in, inescapable set of conditions in my body that make death (the final limitation) inevitable. But, however my environment/body limits me, such limits could always be overcome</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>with sufficient power over my environment/body. If I had an infinite power over my body and my environment, all such limits would disappear immediately, since in that case I could make tyrants, bees, and cancer behave as I willed. So, in part at least, my freedom is a function of my power over my environment/body (TA).</p>		
	<p>A second condition of freedom might be described as our willpower over ourselves. Although we are our bodies, it is possible to think of ourselves in a more restricted sense as being our actions, thoughts, and our psychological states. Furthermore, to will yourself to do something is simply to tell or command yourself to do something: Willpower is tell power. So when I speak of our willpower over ourselves, I mean simply to speak of the extent to which our will or tell power (our self-commands) control our actions, thoughts, and psychological states (e.g., fears, desires, etc.). If after certain deliberations I conclude that certain actions, thoughts, fears, etc. are undesirable and need to be eliminated, then, to the extent that I can command myself to act in certain ways or have certain thoughts or desires, I can be said to have a strong will and so to be free (TA). To the extent that I cannot control such things, I may be said to have a weak will and to be a slave to some unwanted behavior, thought, or psychological state (C). So, if I am to be truly free, my power must include a power over my actions, thoughts, and psychological states (TA). The habitual drinker, the insomniac, and people tormented by desires or fears they recognize to be unhealthy are in important ways less free than those who can control such things.</p>		
	<p>A final condition of freedom is a knowledge of what is really important or of what should take priority over what (TA). What might be described as inner conflict is a pervasive fact of human life. I mean by an inner conflict any state of both wanting and not wanting to perform the same act. In part, such conflicts are a function of our limited power over our</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>environment/body. If I had unlimited power over my environment and my body, most such conflicts would disappear immediately. For one thing, granted such unlimited power, I could live forever, which would end all inner conflicts arising from our mortality, e.g., I would no longer have to be in conflict about career or marital choices, etc., for I could do it all given infinite time. Nor, given infinite power, would I have to choose between obeying the law or going to prison or between not smoking or getting cancer. At the same time, certain other conflicts would remain even for someone with unlimited powers, e.g., conflicts between being moral vs. being immoral (TA). It would also still be possible to want to do both A (say to read and think) and to also want to do B (say to paint or enjoy the countryside), which entails not doing A at the same time even for a being with unlimited powers, unless such a being also (TA)...”</p>		
	(p. 32, § 1-3)		
	<p>“...had the power to eliminate one of the two conflicting desires. But this raises the problem of priorities. Which desire should they pursue over the other? Even a being with unlimited power over his environment/body and over himself (i.e., actions, thoughts, and psychological states) must choose what to do with his time (even if it were unlimited). For us, who have limited power (especially limited power over our environment/body), such choices are even greater and more urgent. But this means that we must know what is really important if we are to live the best and most free existence or even to live reasonably good lives. Thus, enlightenment regarding what is really important is another condition of our freedom (TA).</p>		
	<p>It is worth noting that there are differences in how someone might be enlightened. In the <i>Republic</i>, Plato distinguished between those who merely possess true beliefs about what is really important and those who have genuine knowledge about what is important. The former arrive at their</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>beliefs through the indoctrination of good and wise teachers, while the latter arrive at their beliefs by their own deliberations (C). It seems that the latter, since they do not need to depend upon the authority of others, are on that account more free than the former, who must place their faith in others (who may not always be wise or good). An ideally enlightened will, therefore, is one that is able to determine what is really important by its own deliberations (TA).</p>		
	<p>Now, it is my contention that the above three conditions are not only necessary but also jointly sufficient for all the freedom any of us really wants or needs (TA). The following thought experiment may help to show why this is so: Suppose you had infinite power over your environment/body (which, by the way, would presuppose infinite knowledge of your body and environment as well, since you can only control events you know about). Suppose as well infinite power over your actions, thoughts, and psychological states. Finally, suppose absolutely perfect knowledge, in all cases, of what is really most important. Granted such unlimited powers and such perfect enlightenment, there is no sort of freedom worth wanting that you could possibly want. Nor would it matter in the least if it could be shown that in some way (e.g., like Spinoza's God) your nature and actions were determined. Whether your actions were determined or undetermined, there could be no freedom worth wanting you could possibly want, since, in fact, you would have the ability always to know what was best, to want only what was best, and in all cases to do what was best with the very best consequences (TT). How could more than this be wanted! I hold that it could not (C).</p>		
	<p>If this is correct, then the arguments over determinism vs. indeterminism are beside the point (TT). Our freedom, so far as we have or lack it, is a function, on the one hand, of our power over our environment and over ourselves and, on the other, of the extent to which we are enlightened about what is really important.</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>Furthermore, psychology aside, there is no doubt that we have a certain power over our environment and over ourselves and that we are sometimes at least enlightened about what really matters (TA). Therefore, psychological theories can never show us that we are not free. They may, in part, help us to understand (and even extend our freedom), but they can never explain it away (C). It follows that any principles of psychology that are incompatible with the freedom of the will must be mistaken and so ought to be either modified or rejected (C).</p> <p>I shall now turn to the task of showing that the principles of reinforcement are, in fact, quite compatible with our freedom.</p> <p>Elbow Room in a Functional Analysis</p> <p>If a functional analysis is compatible with the three above conditions of freedom, it is thereby also compatible with our being free. We can best approach the question of freedom, therefore, by considering each of these three conditions with respect to a functional analysis” (TA).</p>		
	(p. 33, § 1-5)		
	<p>“Indeed, a functional analysis can help us better understand and strengthen our will power by analyzing the various contingencies that, on the one hand, render our will effective vs. those, on the other hand, that render it ineffective. Thus, a functional analysis, far from needing to deny the existence of will power, can help us to understand more clearly what it is and how we can strengthen it, i.e., how we can more effectively carry out the self-commands we give ourselves (TA). Finally, a functional analysis is also compatible with the notion of an enlightened will, i.e., the notion that, at least sometimes, we truly know what is really important (TA). As Brentano-type creatures, we are capable of assessing our maxims, goals, and priorities and of questioning which are really valid, desirable, or important. And there is nothing in a functional analysis that should lead us to believe that</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>we cannot, at least sometimes, come up with the correct answers to these questions”. (p. 34, § 2-3)</p>		
	<p>“Similar considerations apply to the notion of responsibility. We can, on the one hand, take responsibility for our lives in the sense that we can assess our actions, thoughts, and psychological states and the consequences they have on ourselves and others, and we can (to a certain extent) discriminate between what is really important and what is not, and change ourselves accordingly. Furthermore, we can be held responsible by others for what we do, simply because we can understand the reasons they offer us for consideration in working out our lives. And all this behavior (both taking responsibility and being held responsible) is entirely consistent with a functional analysis. There are genuine limits to human freedom, to be sure. But they do not arise from a functional analysis. (C) They are, rather, limits that are a function of our limited power over the environment and over ourselves and from the fact that too often we do not really know or lose sight of what is truly important. Nor would the assumption that our will is indeterminate do anything to change these basic facts about the human situation or in any way yield us even the slightest increase in our freedom. We can, of course, extend our freedom (TA). But here it is determinism, not indeterminism, that can give us cause for hope (TT). To the extent that the environment and we ourselves are indeterminate, we have no way of knowing or predicting what it is we must do in order to increase our mastery over the environment or over ourselves. To the extent that things are determined, on the other hand, we can hope to study their antecedents and by controlling the causes, control the effect. Thus, a functional analysis, if correct and if rightly understood and applied, can only enhance our freedom, rather than undermine it. (TA) I conclude, therefore, that a functional analysis does indeed allow us all the freedom we ever really wanted or</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	needed”. (p. 35, § 2-3)		
PsycINFO	<p>“Liberdade”</p> <p>“Several authors have emphasized the importance of the narrowness of control to coercion (Catania, 1976; Goldiamond, 1976; Peterson, 1974). Goldiamond (1976) has described freedom and coercion as degrees along a continuum, defined by availability of opportunities and alternative responses occasioned by them, and the history and significance of the reinforcers produced (TT). While these are important aspects of a behavioral view of coercion, as it primarily applies to the ethical usage Goldiamond addresses, the use of (...)” (p. 90, § 6)</p> <p>“the term in legal discourse differs? For example, if the controlling contingencies are difficult to discern, the term "coercion" will not be applied (C). Similarly, the range of behaviors to be reinforced may be very narrow, the controlling contingencies may be perfectly clear, and the term coercion may still not apply. Consider the case of an individual with only one marketable skill who is offered a large salary to engage in this task. Poorly educated, top notch, professional athletes who are offered huge bonuses to play ball may provide an example. The probability of compliance is extremely high; the number of available alternatives is very low; the contingencies are obvious? and yet the term "coercion" would not be applied due, in this case, to the form of the control”. (TA) (p. 91, § 1)</p>	<p>“Liberdade” (p. 91, § 1)</p>	Coercion: Legal and behavioral issues.
PsycINFO	<p>“Liberdade”</p> <p>“The classic modern attempts to reconcile freedom and philosophical determinism, notably the soft determinist approach,</p>	<p>“Liberdade” (p. 17, § 1-2; p. 18, § 1-5; p. 19, § 2-4; p. 20, § 3-6; p. 21, § 1-6)</p>	A Cognitive Social Learning Theory Perspective on Human Freedom

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>have often argued their positions within a context of science-based philosophy. More recent attempts at reconciliation, arising from action theory (Mischel, 1969), tend to argue in favor of freedom based on a more radical separation between philosophical explanations of human action in terms of reasons and scientific explanations in terms of causes (TT). The opponents of action theorists in these discussions have been behavioral psychologists and behaviorally-inclined philosophers. As a result, action theorists often come to conclusions similar to those of phenomenologists. At a minimum, they conclude that behaviorally-based scientific psychology cannot adequately explain human action and freedom (TA). Or they conclude even more emphatically that the realm of human action and freedom is not within the scope of science as such (TA). And some, who wish to maintain a scientific approach in a strong sense, reject behaviorism as inadequate both scientifically and philosophically (TT) (Harre and Secord, 1973). However, recent developments in behaviorally-oriented psychology, particularly social learning theory (Bandura, 1977; Mahoney, 1974), lead us to believe, in contrast to the action theorists, that the potential for explaining human freedom within a behavioral perspective is far from exhausted (TA). Thus, we will make use of the recent attempts by social learning theorists to build an explanation of human action that uses mentalistic explanatory concepts within a behavioral perspective, in order to provide an explanation of freedom within a deterministic and scientific context. Specifically, we propose an analysis of human freedom in which it is argued that evaluative cognitive processing is a necessary, though not sufficient, condition for human freedom” (TA).</p>		

(p. 17, § 1-2)

“First, we shall explicate the central features of the cognitive model we are using to understand human behavior.

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>Second, we will identify the various causal factors affecting free choice, indicating their reciprocal roles and highlighting the essential function of evaluative cognitive processing. Next, we shall discuss a hierarchical order of freedom and provide examples for each level within this hierarchy. We conclude with a discussion on the experiential and empirical implications of our cognitive model of human freedom.</p>		
	<p>Our analysis proposes a molar model for explaining free human behavior, though we do not deny the necessity of a molecular model. This model takes the human being as an active agent in their social and natural environment (TA). On one hand, we find the model of "autonomous man"—rejected by Skinner—unacceptable because it turns free choice into an uncaused event (TA). On the other hand, we reject the model of "automatic man" as a passive entity whose actions are fully determined (TT). Specifically, we find both the mechanistic conception embodied in respondent behavior analysis and the natural selection conception embodied in operant behaviorism insufficient (C).</p>		
	<p>Our cognitive model of a human being as an active agent places human behavior within an interdependent context that includes at least four interacting levels of causal factors. These factors, all necessary conditions for free human activity, are: genetic/biological make-up, learning history, situational contingencies, and evaluative cognitive processes (TA). Through the reciprocal interaction of these factors, and particularly due to the special role of evaluative cognitive processing, a person's acts are relatively free or determined.</p>		
	<p>Thus, our cognitive model incorporates key features that are absent in each of the above paradigms. In contrast to the "autonomous man" model (TT), it includes as necessary factors the genetic/biological make-up, learning history, and situational contingencies (TA). In contrast to the "automatic man"</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>model (TT), it includes evaluative cognitive processing (TA). Therefore, our model can best be characterized as a cognitive model, in the sense that cognitions are uniquely important as partial determinants of human behavior. However, our model is not intended to be dualistic, even though it makes use of so-called mentalistic categories. We believe, although it cannot be fully argued here, that cognitive processes can be understood in a non-dualistic manner. In particular, we contend that the molar level explanation with which we are concerned is essentially holistic (TA).</p> <p>Freedom can be considered on three levels: (1) the level of choice; (2) the level of skills; and (3) the level of exercise. The level of choice refers to the selection of a particular alternative. The level of skills refers to the behavioral capabilities to carry out the selected alternative. The level of exercise refers to the actual performance of that alternative. These levels of freedom are functionally distinct aspects of a unitary free action (TA).</p> <p>There are at least four factors that make up the necessary interacting conditions for free human action. These are, first, genetic/biological inheritance, which can be identified on either a molar or molecular level. Within this category, we would include not only inherited characteristics that may be determinants."</p>		
	<p>(p. 18, § 1-5)</p> <p>"Since freedom occurs within a causal context it then makes sense to talk about degrees of freedom which lie along a relative continuum (TA). The appropriate mix (in a proportional sense) of the four causal factors is needed for a specific act to be judged as relatively free (TA). For example, freedom occurs in a reduced form if only the level of choice and skill is present and in an even more minimal form if only the level of choice is present (TA). Maximum freedom includes the operation of all three levels, which in turn requires a balanced mix of the four causal factors (TA). In terms of our model, we claim that the determinant factors of</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>genetic/biological make-up, learning history, and the situational social/natural contingencies are the initial determinants of a personal action (C). These factors operate in a completely deterministic fashion (C). Thus, under the operation of these factors alone the agent is not free (C). It is precisely the role of evaluative cognitive processing which opens up the possibility of free action (TA). This capability permits the identification of alternative modes of acting, including the option of not acting at all (TA). Without this capability there is no freedom in any sense, i.e., the degrees of freedom are zero (TA). But, even with this cognitive capability freedom is not guaranteed (TA). Four degrees of freedom emerge and can be discussed in a hierarchical order from least to most freedom (TA).</p> <p>First, the social and natural contingencies, the learning history, or the genetic/biological make-up, taken singly or jointly, may be such, or function in such a way in a particular situation, that no alternatives appear (TA). The cognitive evaluative processing, assuming the agent is conscious, results in no alternatives, even that of not acting (TA). In this instance there is no freedom at all (TA). For example, consider the case of a married woman with young children who is not working. An outside observer might ask her if she plans to work outside the home. She might reply that she had never considered the possibility. In this case, then, not working is an unfree act, because of the lack of (TA)..."</p>		
	(p. 19, § 2-4)		
	<p>“Second, the genetic/biological endowment or learning history may be such as to have prevented the development of requisite skills. If this is the case, then only minimal freedom is possible (TA). For example, the woman might have identified a job which requires typing, but because of the genetic/biological factors of partial paralysis, she does not have the appropriate motor coordination necessary</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>for typing. Or she might possess the necessary motor coordination, but not know how to type due to a learning history deficit. In either instance, her lack of the appropriate skills restricts her freedom.</p> <p>A third possibility is that a job alternative has been identified, the needed skills possessed, but the situational contingencies are so extreme (either positive or coercive) that the freedom of exercise is lacking. (TA) Although more freedom is represented here than in the previous case, it is still a reduced form of freedom. For example, the woman might have identified and been offered a job for which she is qualified and which she wants. Yet she doesn't exercise (take) that option because a large inheritance is contingent on her not working (extreme positive contingency) or because her husband will kill the children (extreme negative contingency) if she takes the job. A fourth possibility represents the apex of the freedom hierarchy, in that the proper balance of causal factors in the person-environment context are present (TA). For example, the restrictions in the three previous cases no longer exist, and the woman freely chooses to work (or not to work). It is important to emphasize that this free choice of exercise was not made indeterministically. The freedom of choice was exercised within a reciprocally deterministic context which contained the appropriate balance of interacting and interdependent causal factors which permit the judgment that the act was relatively free (TA). It must also be emphasized that the four causal factors can play either a positive or negative role vis-a-vis freedom. They can either hinder or facilitate free action. Thus evaluative cognitive processing is a necessary, but not sufficient condition for free action (TA). In our examples it functions positively insofar as without it no freedom is possible. But, on the other hand, it is conceivable that the</p>		
	(p. 20, § 3-6)		
	<p>“woman in our example may perceive only one course or action even though</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>objectively other courses exist. In such a case, freedom, even minimal freedom, is lacking though requisite skills and the possibilities of exercise may be present. On the other hand, these same factors, rather than having a negative impact, can also function positively in the promotion of freedom. Higher IQ, good health, a wider range of skills and a rich, varied natural/social context all promote free action (TA). Thus we conclude that freedom is possible only within the appropriately balanced causal context (TA). And it is not the absence of determinism but the particular blend of causal factors that makes free action a reality (C). Because of its cognitive emphasis, we believe that this molar account of human freedom presents an alternative research program to that of operant behaviorism. The elucidation of such alternative programs is important, we believe, in the development of scientifically sound models of human agency and the human person. Moreover, we believe that our alternative has testable consequences, both experiential and empirical. Experiential consequences can be assessed in terms of the results of self-control projects. In self-control projects the participants identify certain desired goals, requisite skills for attaining these goals and the natural/social contingencies which might lead to their attainment. If our hypothesis is correct, then the person engaging in the self-control project should: (1) find himself aware of more alternatives; (2) possess a greater number of skills and thus a richer behavioral repertoire; and (3) discover and bring it about that the natural and social contingencies are more receptive to goal attainment. (TA) In other words, the attempt to identify alternatives, refine and develop determinants of general capabilities along with the reinforcing consequences of the natural/social environment, will lead to the judgment of the participants, as well as others, that he is more free and not less free. Empirical testing is also possible through the use of both field studies and experimental studies in educational and therapeutic</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>settings. Our hypothesis is that those persons with greater cognitive evaluation skills, behavior skills and in richer natural/social environments will report more frequently that: (1) their actions have been performed freely; (2) they will engage in a large number and greater variety of activities; and (3) they will display more future-oriented and long term planning activities. All of these consequences are empirically testable. We should also mention that a pragmatic (value based) text might be constructed for our research program. This kind of test presupposes a minimal kind of intersubjectivity for a particular set of values. For example, the criteria of success might be the degree of emotional richness, the quality of personal interrelationships and self satisfaction which the various models lead to when put into practice. In closing, our analysis suggests a deterministic paradox: the more one's knowledge of the causal determinants of freedom increases, the more one's freedom increases" (TA). (p. 21, § 1-6)</p>		
Web of Science	<p>“Liberdade” “B.F. Skinner is not only a very important psychologist, but he is also a great philosopher of psychology and an influential social philosopher. He has attracted the attention of some philosophers, but his work deserves much more philosophical scrutiny than it has received. One reason why few philosophers have seriously studied Skinner is that many have not realized the extent to which he produced a philosophy of psychology. Another reason may be that some of the philosophers familiar with Skinner's work underestimate its philosophical content or believe that Chomsky's (1959) review of <i>Verbal Behavior</i> has already said most of what needs to be said about Skinner. I believe there is still much to be said about Skinner from a philosophical point of view. In particular, his attack on the doctrines of freedom and dignity needs further</p>	<p>“Liberdade” (p. 163, § 1-3; p. 164, § 1; p. 164, § 3; p. 167, § 2-3; p. 174, § 5; p. 184, § 3-5)</p>	<p>Skinner, B.F., on Freedom, Dignity and Explanation of Behavior.</p>

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>analysis; his attack on mentalistic psychology, although it has been competently discussed, should be reconsidered; and the nature of the distinction between behaviorist and mentalistic psychology, so often taken for granted, needs to be examined. My main concern will be with Skinner's more recent work, especially <i>Beyond Freedom and Dignity</i> (1971) and <i>About Behaviorism</i> (1974). These books bring together Skinner's psychology, his philosophy of psychology, and his social philosophy. The first was also very influential both within and outside psychology, and both are widely used in university courses. Both books are much more than mere summaries of Skinner's earlier work, and the presumably intended popular appeal of <i>Beyond Freedom and Dignity</i> should not obscure the seriousness of its ideas. I will proceed as follows. Section I will present some of the key elements of Skinner's psychology, his philosophy of psychology, and his social philosophy. Section II will examine Skinner's attack on mentalistic psychology; Section III will address some important parts of his social philosophy; and Section IV will explore the distinction between behaviorist and mentalistic psychology". (p. 163, § 1-3).</p>		
	<p>"It will be useful to begin by characterizing the views that are the main target of Skinner in <i>Beyond Freedom and Dignity</i>. First, there is what he calls the doctrine of the autonomous man: "What is being abolished is the autonomous man—the inner man, the homunculus, the possessing demon, the man defended by the literatures of freedom and dignity" (TT) (1971). Connected to the doctrine of the autonomous man are two other doctrines highly characteristic of both philosophical and popular thought in Western culture. The first is the doctrine of human freedom: "In traditional views, a person is free. He is autonomous in the sense that his behavior is not caused. He can therefore be held accountable for what he does and justly punished if he commits</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>offenses" (1971, p. 17; cf. p. 96) (TT). The second doctrine connected to that of the autonomous man is the doctrine of human dignity." (TT)</p> <p>(p. 164, § 1)</p> <p>“However, it is not only the doctrines of the autonomous man, human freedom, and human dignity that are targeted for criticism. Skinner also attacks mentalistic psychology in general, by which I mean any psychology that (1) attempts to explain people's behavior, or any psychological data, in terms of their mental states, events, or processes, and (2) whose corresponding mental concepts are not definable in terms of, nor scientifically reducible to, behaviorist concepts (TT). The latter include observable stimulus-response relations and other 'environmentalist' notions, which Skinner considers appropriate for use by scientific psychology. Skinner asserts that mentalistic psychology neglects 'the conditions of which behavior is a function' (1971, p. 10). He also maintains that, in response to the question 'Why are you doing this?' interpreted as a 'question about causes,' mentalistic psychology offers insufficient answers" (C). (p. 164, § 3)</p>		
	<p>“There are certainly many humanists and various other people who hold (a), and there are also people who hold (b). However, neither mentalistic psychologists nor humanists need to hold (a) or (b). I will soon explain why they are not committed to (a). Section IV will defend the view that neither mentalistic psychologists nor humanists need to hold (b). In one point, Skinner and those who believe we have or can have autonomy agree: whatever the autonomous man is, he can act freely (TA). But what is freedom in this sense? I know of no one who has seriously defended the view that for an action to be free simply means that it is not caused. Thus, it is surprising that Skinner speaks as if his equation of freedom with uncaused behavior (1971, p. 17; cf. 1974, p. 54) represents a widely held view. He would be right to think that many people, including some</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>philosophers, believe that an action is not free unless it is uncaused (TT). But I believe most philosophers do not hold this, and there is growing agreement among philosophers today that an action can be both caused and free (TA). I cannot attempt to demonstrate this now; my point is simply that there is a very powerful tradition, which I believe dates back at least to Aristotle, behind the view that freedom and causality are compatible and that, in fact, there can be free action even if the universe is a deterministic system (TA). Skinner apparently ignores this. His neglect is unfortunate; compatibilism is consistent with the most important things he says, and its acceptance would reduce the number of his opponents and dispose others to read him more sympathetically (C). Regarding dignity, Skinner is mistaken in asserting that our concept of dignity requires us to attribute credit to an action in inverse proportion to the evidence of its causes (C). Let's first consider this in terms of the common sense of 'cause.' Suppose a father runs into a burning house to save his sleeping child. Certainly, the causes of his action are quite evident; but don't we still believe he deserves credit for risking his life? Notice that the 'primary' cause—the threat of the fire to his child—is also 'external' to the agent. Therefore, if one is inclined, like Skinner, to say that we tend to give less (or no) credit to actions whose causes we believe to be external, one can see from the example that this view is also mistaken (C). Also, note that if Jones murdered Smith gratuitously, the existential spontaneity of the act would not tend to evoke our approval or understanding.” (p. 167, § 2-3).</p>		
	<p>“A philosopher's initial response to this will probably be that Popper's point concerns a logical relation between propositions, and what we can or cannot do is irrelevant. This is correct, but it misses what Skinner has in mind. He seems to suggest that even talking, as philosophers and mentalistic psychologists do, about norms and decisions presupposes that we are free,</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	<p>which for Skinner is inconsistent with the apparent facts about human behavior, since those facts suggest determinism, at least in the domain of human behavior. If freedom is taken in the contracausal sense attributed to mentalistic psychologists, then even talking about justification, as normative ethicists do, will imply the doctrine of the autonomous man, which Skinner criticizes. However, I believe that freedom and determinism are compatible, and if so, talking about justifying or choosing one alternative over another does not commit one to viewing people as free in a contracausal sense (TA). I therefore conclude that neither non-naturalism in ethics nor the view that we can freely choose between alternatives commits one to what Skinner understands as 'mentalism,' nor to any specific psychological position, for example, some behaviorist theory in opposition to a mentalist theory (TA)."</p>		
	(p. 174, § 5).		
	<p>"I will briefly summarize. First, I believe that Skinner does not present anything that demonstrates that people are not often free in the sense important to moral responsibility and human dignity, or that the progress of psychology or any other science is necessarily a threat to human freedom or dignity (TA). If I am right, neither the truth of determinism, nor the fact that human actions are caused, nor even the fact that they are 'traced' to environmental variables implies that we do not act freely or that we do not have moral responsibility for our actions (TA). Second, Skinner does not demonstrate that an empirically responsible mentalistic psychology is impossible or even unavailable today (TA). He talks as if what (I would like to think) is really a difference in approaches within scientific psychology were a difference between scientific and non-scientific psychology (TT). I appreciate his robust sense of reality, although this apparently contributes excessively to his distrust of unobservable constructs, such as motivations, preferences, and beliefs (C). And I share Skinner's insistence that</p>		

Bases de Dados/ Revista	Citação	Principais conceitos	Artigo
	scientific explanations and hypotheses must be experimentally testable. But after all, physics and chemistry crucially depend on unobservable elements; and surely some mentalistic hypotheses and explanations can be tested.” (p. 184, § 3-5)		

Apêndice B

Tabela de análise das teses

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Countercontro l in Behavior Analysis	TT 01 Sentimento de Liberdade	C 01 Sentimento de Liberdade	TA 01 Sentimento de Liberdade	As pessoas se baseiam no sentimento de liberdade para se considerarem livres, porém o sentimento de liberdade não é confiável, pois a autodescrição também é controlada pelas condições ambientais. Mesmo sentindo-se livre uma pessoa pode estar sob controle de reforço positivo e de variáveis discretas.
		Quando as pessoas se dizem livres elas se baseiam em sentimentos de liberdade. Tanto relações do senso comum quanto o que era postulado pela “literatura da liberdade” apontava que controle do comportament o é oposto a liberdade. Todo nível de controle era considerado errado e deveria de ser contracontrolado ou eliminado.	O sentimento de liberdade não é um indicador confiável. Quando descrevemos a nós mesmos e aos outros que somos livres, as condições ambientais que cercam nosso comportament o, junto com nossa história ambiental, controlam nossas autodescriçõe s, bem como o comportament o referido como livre	Quando uma pessoa está sob controle de reforço positivo ela pode se “sentir livre” e mesmo assim estar sob controle de varáveis discretas. Aceitar de forma acrítica alegações sobre liberdade pode contribuir com práticas de controle que resultem em consequências aversivas adiadas.	A “literatura da liberdade” apontava que

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			valorizam a chamada liberdade porque ela se refere a um tipo particular de controle, ou seja, àqueles métodos que não são aversivos e, portanto, não geram contracontrole”		o “controle do comportamento” é oposto a “liberdade”, e que todo nível de controle era errado e deveria ser eliminado. As pessoas valorizam a liberdade porque refere-se a um tipo de controle não aversivo, não contracontrolado, porém a ausência de um comportamento contracontrolado como marcador de liberdade é perigoso e autodestrutivo.
			Skinner (1971) nos adverte que usar a ausência de comportamento contracontrolador como um marcador de liberdade é, em última análise, perigoso e autodestrutivo.		Aceitar de forma acrítica alegações sobre “liberdade” pode contribuir com práticas de controle que resultem em consequências aversivas adiadas.
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Countercontro l in Behavior Analysis	TT 02 Contra controle	C 02 Contra controle-	TA 02 Contra controle-	O 02 Contra controle era considerado apenas uma subclasse do reforço negativo, por isso não deveria ser
		Para Balsam e Bondy (1978) o contracontrole não facilitava	“Em particular, os seres humanos precisam (a) eliminar o	O contracontrole possibilita a análise do comportament	

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			a análise do comportamento o complexo e acreditavam que era melhor não o utilizar. O contracontrole é considerado apenas uma subclasse de reforço negativo.	controle aversivo (o que muitas vezes é praticamente impossível), (b) identificar o reforço positivo e outras formas discretas de controle que têm consequências aversivas adiadas, e (c) substituir contingências de reforço positivo sem essas consequências. Isso eliminaria as condições que geram o contracontrole.	o superar as tentativas de controle aversivas socialmente baseadas De fato, com o contracontrole, os analistas do comportament o podem destacar as contribuições positivas de uma abordagem comportament al, porém é improvável que todas as condições que promovam o contracontrole possam ser eliminadas da cultura. Skinner deu ao contracontrole um papel de destaque em sua análise conceitual, de controle social e de liberdade.	utilizado, pois não facilitava a análise do comportamento o complexo. Para eliminar as condições que geram o contracontrole, seria necessário eliminar o controle aversivo, identificar reforço positivo e formas discretas de controle aversivo com consequências adiadas e substituir contingências de reforço positivo com consequências adiadas. O contracontrole possibilita superar as tentativas de controle aversivo, porém nem todas as relações que promovem o contracontrole podem ser eliminadas. (apagar)
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Countercontro l in Behavior Analysis		TT 01 Sentimento de Liberdade	C 01 Sentimento de Liberdade	TA 01 Sentimento de Liberdade	As pessoas se baseiam no sentimento de
			Quando as	O sentimento	Quando uma	

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>As pessoas se dizem livres e elas se baseiam em sentimentos de liberdade. Tanto relações do senso comum quanto o que era postulado pela “literatura da liberdade” apontava que controle do comportamento é oposto a liberdade. Todo nível de controle era considerado errado e deveria de ser contracontrolado ou eliminado.</p>	<p>de liberdade não é um indicador confiável. Quando descrevemos a nós mesmos e aos outros que somos livres, as condições ambientais que cercam nosso comportamento, junto com nossa história ambiental, controlam nossas autodescrições, bem como o comportamento referido como livre</p> <p>As pessoas valorizam a chamada liberdade porque ela se refere a um tipo particular de controle, ou seja, àqueles métodos que não são aversivos e, portanto, não geram contracontrole”</p> <p>Skinner (1971) nos adverte que usar a ausência de comportamento contracontrolador como um</p>	<p>pessoa está sob controle de reforço positivo ela pode se “sentir livre” e mesmo assim estar sob controle de variáveis discretas.</p> <p>Aceitar de forma acrítica alegações sobre liberdade pode contribuir com práticas de controle que resultem em consequências aversivas adiadas.</p>	<p>liberdade para se considerarem livres, porém o sentimento de liberdade não é confiável, pois a autodescrição também é controlada pelas condições ambientais. Mesmo sentindo-se livre uma pessoa pode estar sob controle de reforço positivo e de variáveis discretas.</p> <p>A “literatura da liberdade” apontava que o “controle do comportamento” é oposto a “liberdade”, e que todo nível de controle era errado e deveria ser eliminado. As pessoas valorizam a liberdade porque refere-se a um tipo de controle não aversivo, não contracontrolado, porém a ausência de um comportamento contracontrolado</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Critica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			marcador de liberdade é, em última análise, perigoso e autodestrutivo .		do como marcador de liberdade é perigoso e autodestrutivo . Aceitar de forma acrítica alegações sobre “liberdade” pode contribuir com práticas de controle que resultem em consequências aversivas adiadas
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Countercontro l in Behavior Analysis	TT 02 Controle contra controle	C 02 Controle e controle-	TA 02 Controle contra controle-	O 02 contracontrole era considerado apenas uma subclasse do reforço negativo, por isso não deveria ser utilizado, pois não facilitava a análise do comportament o complexo.
		Para Balsam e Bondy (1978) o contracontrole não facilitava a análise do comportament o complexo e acreditavam que era melhor não o utilizar. O contracontrole é considerado apenas uma subclasse de reforço negativo.	“Em particular, os seres humanos precisam (a) eliminar o controle aversivo (o que muitas vezes é praticamente impossível), (b) identificar o reforço positivo e outras formas discretas de controle que têm consequências aversivas adiadas, e (c) substituir contingências de reforço positivo sem essas consequências . Isso	O contracontrole possibilita a análise do comportament o superar as tentativas de controle aversivas socialmente baseadas De fato, com o contracontrole , os analistas do comportament o podem destacar as contribuições positivas de uma abordagem comportament al, porém é improvável que todas as	Para eliminar as condições que geram contracontrole , seria necessário eliminar o controle aversivo, identificar reforço positivo e formas discretas de controle aversivo com consequências

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			eliminar as condições que geram o contracontrole .	condições que promovam o contracontrole e possam ser eliminadas da cultura. Skinner deu ao contracontrole um papel de destaque em sua análise conceitual, de controle social e de liberdade.	adiadas e substituir contingências de reforço positivo com consequências adiadas. O contracontrole possibilita superar as tentativas de controle aversivo, porém nem todas as relações que promovem o contracontrole podem ser eliminadas.
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical	TT 01 Liberdade como estado de espírito A liberdade vem sendo considerada um “estado de espírito”, associado ao fato de fazer o que se quer fazer”. “Um homem livre é aquele que pode agir segundo sua vontade e pode realizar as escolhas de acordo com o que pensa”.	C 01 Liberdade como estado de espírito Mesmo sentindo-se livre, relações de controle discretas ainda estão presentes. Assim, ser livre é estar longe de empecilhos que o impeçam de exercer a liberdade	TA 01 Liberdade como estado de espírito Todo comportamento humano é controlado por uma variável ambiental, mais especificamente pela história de reforçamento. Assim, as pessoas “fazem o que querem”, e, conseguindo o resultado, o reforço positivo fortalece tanto o comportamento o emitido	01 Liberdade era considerada um “estado de espírito”, voltada ao fato de fazer o que se quer. Skinner aponta que mesmo sentindo-se livre uma pessoa esta sob controle de variáveis discretas. Todo comportamento humano é controlado por variáveis ambientais. A liberdade como ausência de controle é impossível. As pessoas “fazem o que querem”, e,

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				quanto a regra de que é uma vontade interna que determinou o comportamento	conseguindo o resultado, o reforço positivo fortalece tanto o comportamento emitido
				Sentir-se livre é um importante sinal distintivo de um tipo de controle que se singulariza pelo fato de não produzir contracontrole	quanto a regra de que é uma vontade interna que determinou o comportamento.
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical	TT 02 “Liberdade a partir do autoconhecimento” Sendo a liberdade, segundo o ponto de vista skinneriano, possível a partir do autoconhecimento, ela sempre será limitada.	C 02 “Liberdade a partir do autoconhecimento” O autoconhecimento nunca será totalmente preciso. Skinner afirma que o homem só vai conseguir sentir-se verdadeiramente livre quando reconhecer o que é, e que buscou suas respostas nos lugares errados. Esta visão é	TA 02 “Liberdade a partir do autoconhecimento” A comunidade verbal é responsável pelos repertórios verbais de autoconhecimento e autoobservação A comunidade verbal ensina o indivíduo a se auto-observar e descrever seus comportamentos A comunidade pode prever a obtenção de reforços com o	A liberdade pode existir a partir do autoconhecimento, ao analisar os tipos de controle aos quais os indivíduos são submetidos. A “liberdade” e a mudança no comportamento tem por base o autoconhecimento. Para Skinner a “liberdade” só existe quando o indivíduo discrimina seus comportamentos e as variáveis que os controlam,

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			<p>muito mais otimista, pois permite manipulação de variáveis com o objetivo de mudança tendo por base o autoconhecimento e a liberdade</p>	<p>autotato. Há maximização das possibilidades de reforços e isso mantém a construção do autoconhecimento</p> <p>A “luta pela liberdade” vem de um valor pela sobrevivência e é possível que uma herança genética esteja envolvida nesse tipo de comportamento.</p>	<p>portanto, a liberdade depende do autoconhecimento.</p>
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical	<p>TT 01 “Liberdade” como ausência de controle</p> <p>A “liberdade” como ausência de controle.</p>	<p>C 01 “Liberdade” como ausência de controle</p> <p>Para Skinner a definição tradicional de tais noções seria limitada a determinadas condições que impediriam os sujeitos de conhecer os inúmeros determinantes envolvidos no controle dos comportamentos chamados de livres e dignos.</p>	<p>TA 01 “Liberdade” como ausência de controle</p> <p>Skinner alega que não significava que a liberdade e a dignidade não existissem, mas que sua proposta era voltada para mudanças nas práticas culturais que deveriam fazer as pessoas notarem como a chamada liberdade tradicional era limitada.</p> <p>Uma</p>	<p>Para Skinner não existe “liberdade” como ausência de controle</p> <p>A definição tradicional de “liberdade” é limitada e impede os sujeitos de conhecer os determinantes envolvidos no controle dos comportamentos “livres” e “dignos”.</p> <p>Skinner alega que não significa que a “liberdade” e a “dignidade” não existam em sua proposta, mas</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>consequência lógica desse pressuposto é que tanto aquilo que chamamos de liberdade quanto aquilo que denominamos dignidade são comportamentos, portanto, nunca são independentes de algum tipo de relação de controle com o mundo</p> <p>A sensação de falta de controle ocorreria porque consequências reforçadoras positivas dificultariam a percepção de tais fontes de controle do comportamento pelos sujeitos</p> <p>A identificação das fontes de controle do comportamento é mais fácil de ser notada quando explicitam uma situação aversiva que provoca a fuga, a esquiva ou o contra-ataque.</p>	<p>que precisam partir das análises das relações comportamentais e não da “sensação de liberdade”. A “sensação de liberdade” ocorre porque consequências reforçadoras positivas dificultariam a percepção de tais fontes de controle do comportamento pelos sujeitos, e fontes de controle são notadas mais facilmente quando provocam consequências aversivas, esquiva e geram contracontrole.</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				Mas o que Skinner destaca é que, quando prevalecem contingências nas quais predominam reforçadores positivos, é provável que a identificação das fontes de controle seja mais difícil ou que até mesmo se acredite que não haja consequências responsáveis pelo controle do comportamento	
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do behaviorismo radical	TT 02 “Controle” oposto a “liberdade”.	C 02 “Controle” oposto a “liberdade”.	TT 02 “Controle” oposto a “liberdade”.	A ideia de controle sempre foi exposta como algo pejorativo e incomparável com a noção de liberdade. Skinner aponta que a “literatura da liberdade” foi a principal divulgadora e que encorajou a fuga e ataque aos agentes de controle, sempre destacando como esses agentes estavam utilizando algum tipo de controle aversivo do comportamento o, principalmente e quando esse controle ocorre em função do benefício de
		Mas o problema, de acordo com Skinner, é que a ideia de controle sempre foi exposta como algo pejorativo e incompatível com a noção de liberdade	Para Skinner, a literatura da liberdade seria a principal divulgadora e que encorajou a fuga e ataque aos agentes de controle, sempre destacando como esses agentes estavam utilizando algum tipo de controle aversivo do comportamento	Skinner destacou que seu objetivo nunca foi propor o controle do comportamento, pois este é inerente às relações humanas, o que propõe é a investigação das formas de controle do comportamento, principalmente e quando esse controle ocorre em função do benefício de	
		Em sua análise, Dittrich (2004) destaca que, embora haja diversas variações daquilo que seja	Dittrich sugere que: Os		Skinner apontou que a “literatura da liberdade” foi a principal divulgadora e que encorajou a fuga e ataque aos agentes de controle, sempre destacando como esses agentes estavam utilizando algum tipo de controle aversivo do

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		liberalismo dentro do campo da Filosofia política, pode-se afirmar que essa filosofia, em geral, tem como foco as noções de liberdade e individualism o, sendo a liberdade entendida como a ausência de coerção, e o individualism o, como a capacidade de o indivíduo agir em função de seus próprios desejos, sem a interferência de fatores externos, o que leva a uma ênfase na responsabilida de individual	pressupostos fundamentais do liberalismo são marcadamente diferentes daqueles presentes no behaviorismo radical Para Bjork, Skinner evidencia que a concepção de liberdade defendida pela cultura americana, além de ser limitada, seria prejudicial para a cultura como um todo, porque não demonstrava as formas de controle vigentes quando as pessoas se dizem (se sentem) livres.	apenas uma das partes em detrimento da outra, As ações de um indivíduo não podem ser compreendidas à parte de seu ambiente social, e as culturas são o parâmetro fundamental do planejamento ético e político. O liberalismo incorre no mesmo erro presente na filosofia anarquista: ao concentrar-se, sobretudo, em concepções negativas de liberdade, ignora o controle exercido pelas contingências de reforçamento positivo (ou, ao menos, trata-o de forma superficial) O indivíduo é “livre” para escolher e perseguir seus próprios objetivos – quando, para o behaviorismo radical, tais	comportament o Skinner teve como objetivo investigar as formas de controle, ao enfatizar que as ações dos indivíduos não podem ser compreendidas a parte do seu ambiente social. Todas as relações entre os homens são estabelecidas por meio de relações de controle, inclusive aquelas nas quais as pessoas acreditam que não são controladas O liberalismo tem como base o individualism o, dentro dessa ideia a liberdade é entendida como a ausência de coerção, e o individualism o, como a capacidade de o indivíduo agir em função de seus próprios desejos, sem a interferência de fatores

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>“objetivos” são parte das conseqüências que controlam comportament o que os persegue</p> <p>Ao examinar, como já citado, que um dos principais objetivos de Skinner em BFD e em outras publicações é explicitar como todas as relações entre os homens são estabelecidas por meio de relações de controle, inclusive aquelas nas quais as pessoas acreditam que não são controladas.</p>	<p>externos. Além de ser uma concepção distinta daquela defendida pelo behaviorismo, a proposta liberalista é limitada e é prejudicial paraa cultura como um todo. Ela concentrar-se, em concepções negativas de liberdade, ignora o controle exercido pelas contingências de reforçamento positivo.</p>
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion.	TT 01 “Coerção” e “liberdade”. Uma definição de liberdade como sendo o oposto da coerção parece exigir que o poder não exista ou que não seja usado de forma alguma para que a liberdade possa ser gerada.	C 01 “Coerção” e “liberdade”. Em essência, essas discussões ampliam a noção básica de coerção como envolvendo estímulos aversivos, ao mesmo tempo em que reconhecem que a coerção pode ou não envolver esses	TA 01 “Coerção” e “liberdade”. Ele (Skinner) incluiu em sua definição de “liberdade” a ausência de submissão ao reforço positivo de curto prazo seguido por controle aversivo retardado, apontando que o reforço positivo	Uma definição de liberdade como oposta a coerção exige que o poder não exista ou que não seja usado para que exista liberdade. As discussões propostas ampliam a noção básica de coerção de forma a reconhecer que que na coerção

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese	
			estímulos (aversivos). No entanto, elas não discutem interferências que podem ocorrer de outras maneiras, como através da remoção de recursos necessários para produzir essas respostas. Por exemplo, sistemas de gestão de comportamento e arquitetura de escolha que não são muito focados, carecem de mecanismos de transparência suficientes e/ou não obtêm o consentimento dos participantes, como a coleta e venda generalizada de dados por gigantes das mídias sociais, poderiam ser proibidos.	imediatos produzem falsas sensações de liberdade e, portanto, reduzir as tentativas de controle aversivo retardado muitas vezes não é percebido. As definições de liberdade e coerção de Skinner, portanto, são consistentes com definições de coerção que enfatizam forçar alguém a fazer o que não deseja e, do ponto de vista filosófico, dependem de uma abordagem de pressão para definir coerção. Um alvo de coerção tem certa liberdade para responder a uma tentativa de influência, de modo que, sem essa liberdade do alvo, não há capacidade para o outro. Talvez o foco	imediatos podem produzir falsas sensações de liberdade e, portanto, reduzir as tentativas de controle aversivo retardado muitas vezes não é percebido. As definições de liberdade e coerção de Skinner, portanto, são consistentes com definições de coerção que enfatizam forçar alguém a fazer o que não deseja,	podem não envolver aversivos, porém estas propostas de análise carecem de recursos necessários para se sustentar. Skinner propôs em sua definição de “liberdade” a ausência de reforçadores de curto prazo seguido por controle aversivo retardado, já que o reforço positivo imediato pode produzir falsas sensações de liberdade e, portanto, reduzir as tentativas de controle aversivo retardado muitas vezes não é percebido. As definições de liberdade e coerção de Skinner, portanto, são consistentes com definições de coerção que enfatizam forçar alguém a fazer o que não deseja,

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>deva ser menos sobre liberdade e coerção como sendo opostas, porque a coerção não pode existir sem alguma liberdade do alvo da coerção, e a preocupação deve estar mais sobre a escolha relativa da resposta.</p> <p>A questão de ser livre para escolher respostas alternativas foi discutida na análise do comportamento de duas maneiras principais. Primeiro, a liberdade inclui opções que permitem escapar de estímulos aversivos (por exemplo, Baum, 2017), e segundo, a liberdade inclui ter um conjunto maior de contingências alternativas que proporcionam acesso a consequências críticas, incluindo a</p>	<p>elas dependem de uma abordagem de pressão para definir coerção. Algumas das razões para a defesa de Skinner em evitar o controle aversivo são revisadas abaixo.</p> <p>Portanto, talvez o foco deva ser menos sobre liberdade e coerção como sendo opostas, porque a coerção não pode existir sem alguma liberdade do alvo da coerção, e a preocupação deve estar mais sobre a escolha relativa da resposta.</p> <p>Outra visão também pode ser que o foco teria ser menos sobre liberdade e coerção como sendo opostas, porque a coerção não pode existir sem alguma liberdade do alvo da coerção, e a preocupação</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				capacidade de escapar ou evitar o controle aversivo.	deve estar mais sobre a escolha relativa da resposta.
				As definições de coerção e liberdade na literatura de análise do comportament o são consistentes com o conceito de liberdade negativa na filosofia, pois discutem a interferência em termos de restrição da disponibilidade e de opções alternativas de resposta.	A questão de ser livre para escolher respostas alternativas foi discutida na análise do comportament o de duas maneiras principais. Primeiro, a liberdade inclui opções que permitem escapar de estímulos aversivos (por exemplo, Baum, 2017), e segundo, a liberdade inclui ter um conjunto maior de contingências alternativas que proporcionam acesso a consequências críticas, incluindo a capacidade de escapar ou evitar o controle aversivo.
				O trabalho de reduzir a coerção e restabelecer a liberdade no ambiente atual exija a ampliação tanto das definições de coerção quanto dos princípios de transparência, consentimento direto e construtivismo para situações tanto dentro quanto fora da gestão de comportament o	As definições de coerção e liberdade na literatura de análise do comportament o são

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Critica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					consistentes com o conceito de liberdade negativa na filosofia, pois discutem a interferência em termos de restrição da disponibilidade e de opções alternativas de resposta.
					Talvez o trabalho de reduzir a coerção e restabelecer a liberdade (enquanto escolha) no ambiente atual exija a ampliação tanto das definições de coerção quanto dos princípios de transparência, consentimento direto e construtivismo para situações tanto dentro quanto fora da gestão de comportamento.
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion.	TT 02 Definições filosóficas de “liberdade” e sua relação com a coerção.	C 02 Definições filosóficas de “liberdade” e sua relação com a coerção.	TA 02 Definições filosóficas de “liberdade” e sua relação com a coerção. A remoção de	A filosofia discute tanto a liberdade positiva quanto a negativa: a liberdade

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		Há boas razões para considerar alinhar as definições de coerção e liberdade na psicologia com as noções filosóficas. A filosofia discute tanto a liberdade positiva quanto a negativa: a liberdade positiva exige a manutenção do controle individual sobre as próprias ações e a posse de recursos para realizar essas ações; a liberdade negativa é a liberdade de interferências nas ações de alguém.	Embora as definições atuais de coerção e liberdade na análise do comportamento o discutam a restrição de alternativas de resposta (uma violação da liberdade negativa) como sendo coercitiva, elas não consideram a coerção que pode ocorrer por meio de restrições à liberdade positiva.	recursos poderia se enquadrar na definição de coerção por imposição, se adotarmos uma visão ampla do conceito de interferência nas ações. As implicações do conceito de liberdade positiva para a definição de coerção vão muito além das definições tradicionais de coerção, especialmente aquelas baseadas na abordagem de pressão. Portanto, é importante considerar pesquisas sobre percepções de equidade para compreender a importância de ter recursos. O aspecto positivo, e menos considerado, da liberdade é, segundo King, o dever de manter toda a humanidade "em	positiva exige a manutenção do controle individual sobre as próprias ações e a posse de recursos para realizar essas ações; a liberdade negativa é a liberdade de interferências nas ações de alguém. Embora as definições atuais de coerção e liberdade na análise do comportamento o discutam a restrição de alternativas de resposta (uma violação da liberdade negativa) como sendo coercitiva, elas não consideram a coerção que pode ocorrer por meio de restrições à liberdade positiva. A remoção de recursos do ambiente poderia se enquadrar na definição de coerção por imposição, se existir uma visão ampla do conceito de

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				igualdade", ninguém tem um falso senso de superioridade ou inferioridade.	interferência nas ações. As implicações do conceito de liberdade positiva para a definição de coerção vão muito além das definições tradicionais de coerção, especialmente aquelas baseadas na abordagem de pressão. Portanto, é importante considerar pesquisas sobre percepções de equidade para compreender a importância de ter recursos.
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	On Power and Freedom: Extending the Definition of Coercion.	TT 03 "Liberdade", "Coerção" e possibilidade de escolha. Vários estudiosos na literatura de análise do comportamento sugeriram que a liberdade da coerção não se limita à ausência de controle aversivo. Enquanto a definição de	C 03 "Liberdade", "Coerção" e possibilidade de escolha. Independente mente da prevalência de remover a opção de contracontrole, as definições existentes de liberdade na literatura comportamental sugerem que isso é coercitivo, independente de	TA 03 "Liberdade", "Coerção" e possibilidade de escolha. Goldiamond (1976), Catania (1980) e Baum (2017) discutiram a noção da possibilidade de escolha também como característica da liberdade (de Fernandes & Dittrich,	Estudiosos da análise do comportamento sugeriram que a liberdade da coerção não se limita à ausência de controle aversivo, o que contrasta com a definição de liberdade de Skinner (1971) que estava amplamente restrita a discussões

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>liberdade de Skinner (1971) estava amplamente restrita a discussões sobre a ausência de estímulos aversivos.</p> <p>Skinner (1953) sugeriu que qualquer tipo de controle aversivo ou exploratório pode evocar contracontrole em vez de comportamento de conformidade.</p> <p>Naturalmente ou intencionalmente, e, se ocorrer de forma natural, se essa falta de habilidade está sendo aproveitada. Se a capacidade de escolha foi retirada por outro indivíduo intencionalmente e/ou está sendo explorada para atender a objetivos diferentes do que é do melhor</p>	<p>como seja realizado. De acordo com a definição de liberdade de Goldiamond (1976), essas restrições são coercitivas principalmente e porque necessidades críticas estão sendo exploradas. Um detentor de poder pode argumentar que não é coerção se os indivíduos, conscientemente, renunciarem a suas escolhas futuras ao responderem a uma alternativa. A defesa do modelo contratual social levanta uma questão importante: como definir coerção e liberdade quando um indivíduo não tem a capacidade de exercer a escolha, como no caso de não poder fornecer consentimento devido a fatores mentais ou</p>	<p>2018). (TA) As discussões sobre a possibilidade de escolha enfatizam dois temas: ter a possibilidade de escapar de estímulos aversivos e ter opções que resultem em consequências reforçadoras. Cada um deles será discutido separadamente e no entanto, é mais provável que o contracontrole ocorra em resposta ao uso de estímulos aversivos de maior intensidade. Ter opções alternativas de resposta que sejam reforçadoras. Baum (2017) discutiu a possibilidade de escolha que define a liberdade como consistindo em o indivíduo ter alternativas que tenham consequências reforçadoras e não apenas</p>	<p>sobre a ausência de estímulos aversivos. Skinner (1953) sugeriu que qualquer tipo de controle aversivo ou exploratório pode evocar contracontrole em vez de comportamento de conformidade.</p> <p>Se a capacidade de escolha foi retirada por outro indivíduo intencionalmente e/ou está sendo explorada para atender a objetivos diferentes, então isso seria definido como coerção. As definições existentes de liberdade na literatura comportamental explicitam que remoção da opção de contracontrole é coercitiva, independente de como seja realizada.</p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese	
			interesse do indivíduo incapacitado, então isso seria definido como coerção.	físicos?	aversivas Goldiamond enfatizou que as opções precisam ser igualmente possíveis para serem contadas Resumindo, a questão de ser livre para escolher respostas alternativas tem sido discutida na análise do comportamento de duas maneiras principais. Primeiro, a liberdade inclui opções que permitem escapar de estímulos aversivos (por exemplo, Baum, 2017), e em segundo lugar, a liberdade inclui ter um conjunto maior de contingências alternativas que fornecem acesso a consequências críticas, incluindo a capacidade de escapar ou evitar o controle aversivo.		Um detentor de poder pode argumentar que não é coerção se os indivíduos, conscientemente, renunciam a suas escolhas futuras ao responderem a uma alternativa., porém, de acordo com a definição de liberdade de Goldiamond, essas restrições são coercitivas principalmente e porque necessidades críticas estão sendo exploradas. Como definir coerção e liberdade quando um indivíduo não tem a capacidade de exercer a escolha, como no caso de não poder fornecer consentimento devido a fatores mentais ou físicos? Goldiamond, Catania e Baum discutiram a noção da possibilidade de escolha

Base de Dados	Nome do artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					<p>Em essência, estas discussões ampliam a noção básica de coerção como envolvendo estímulos aversivos, ao mesmo tempo que reconhecem que a coerção pode ou não envolver esses estímulos”.</p>	<p>também como característica da liberdade. As discussões sobre a possibilidade de escolha enfatizam dois temas: ter a possibilidade de escapar de estímulos aversivos e ter opções que resultem em consequências reforçadoras. Baum discutiu a possibilidade de escolha que define a liberdade como consistindo em o indivíduo ter alternativas que tenham consequências reforçadoras e não apenas aversivas. Goldiamond enfatizou que as opções presentes no ambiente precisam ser igualmente possíveis para serem contadas. A questão de ser livre para escolher respostas alternativas tem sido discutida na análise do comportament</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					o de duas maneiras principais. Primeiro, a liberdade inclui opções que permitem escapar de estímulos aversivos e em segundo lugar, a liberdade inclui ter um conjunto maior de contingências alternativas que fornecem acesso a consequências críticas, incluindo a capacidade de escapar ou evitar o controle aversivo. Estas discussões ampliam a noção básica de coerção como envolvendo estímulos aversivos, ao mesmo tempo que reconhecem que a coerção pode ou não envolver esses estímulos”.
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Prolegomena to any future philosophy of behavior analysis as a science.	TT 01 “Liberdade” e possibilidade de escolha. O livro de	C 01 “Liberdade” e possibilidade de escolha. A coerção limita as	TA 01 “Liberdade” e possibilidade de escolha. A	Skinner, em <i>“Beyond Freedom and Dignity”</i> (1971) não abordou a

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		Skinner, <i>“Beyond Freedom and Dignity”</i> (1971), não tratava da questão filosófica de determinismo versus liberdade (livre-arbítrio); em vez disso, abordava a liberdade como o inverso da coerção. “O que chamamos de 'literatura da liberdade' foi projetado para induzir as pessoas a escaparem ou atacarem aqueles que agem para controlá-las de maneira aversiva”	escolhas, então uma característica implícita dessa liberdade é a capacidade de escolher.	disponibilidade e alternativas o que faz um organismo livre, a chamada “escolha livre” depende da disponibilidade e de mais de uma classe de respostas mantidas pelo número de operantes disponíveis. Volição significa “desejar” ou “querer”, que implicam em disponibilidade e de opções e em disponibilidade e de variar as respostas dos organismos. A variabilidade é essencial para se garantir a liberdade de escolha.	questão do determinismo versus a liberdade (livre-arbítrio), em vez disso abordou a liberdade como oposta a coerção. Porém a coerção limita as escolhas, então uma condição implícita na liberdade skinneriana é a capacidade de escolher. A “escolha livre” depende da disponibilidade e de mais de uma classe de respostas mantida pelo número de operantes disponíveis. Volição significa “desejar” ou “querer”, que implicam em disponibilidade e de opções e em disponibilidade e de variar as respostas dos organismos. A variabilidade é essencial para se garantir a liberdade de escolha.
PsycINFO	Popular versus Skinnerian	TT 01 “Liberdade e	C 01	TA 01	Skinner argumenta

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
	views on the relation between human freedom and dignity.	<p>Dignidade”</p> <p>Skinner argumenta que a ciência do comportamento humano é prejudicada pela falsa crença social em uma relação entre duas entidades chamadas liberdade pessoal e dignidade humana.</p> <p>Skinner afirma que a sociedade atribui falsamente dignidade a uma pessoa apenas com base no mérito; mas, como não existe liberdade, a dignidade não pode ser conquistada por meio da realização voluntária de atos pró-sociais. Para Skinner, a dignidade é verdadeiramente conquistada somente ao aceitar a visão skinneriana sobre o</p>	<p>“Liberdade e Dignidade”</p> <p>Essa tem sido, é claro, a visão reducionista de Skinner (1953, 1971) ao longo de muitos anos. Skinner (1971) não define dignidade além de equipará-la consistentemente a 'valor'. Portanto, devemos utilizar a definição de valor do dicionário e presumir que estamos nos referindo à mesma entidade que Skinner conceitua.</p> <p>Como a ciência do comportamento está inexoravelmente reduzindo o domínio da liberdade pessoal no comportamento humano ao fornecer explicações ambientais e genéticas para comportamentos anteriormente atribuídos à escolha</p>	<p>“Liberdade e Dignidade”</p> <p>Refuto por meio de testes diretos o argumento pragmático de Skinner (1971) contra os conceitos convencionais de liberdade e dignidade humanas. Como essa alegação era o argumento prático de Skinner para a abolição dos conceitos de liberdade e dignidade, considerando-os como um obstáculo à ciência do comportamento, o ataque de Skinner a esses conceitos valorizados é contradito tanto por evidências laboratoriais quanto por evidências contundentes de observações casuais.</p> <p>Além da refutação à falsa proposição de Skinner sobre</p>	<p>que a ciência do comportamento humano é prejudicada pela falsa crença social em uma relação entre duas entidades chamadas “liberdade pessoal” e “dignidade humana”.</p> <p>Skinner afirma que a sociedade atribui falsamente dignidade a uma pessoa apenas com base no mérito, mas, como não existe liberdade, a dignidade não pode ser conquistada por meio da realização voluntária de atos pró-sociais. Para Skinner, a dignidade é verdadeiramente conquistada somente ao aceitar a visão skinneriana sobre o comportamento.</p> <p>Skinner aponta que a sociedade</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		comportamento. Skinner aponta que a sociedade teme que qualquer redução da liberdade pessoal resultará necessariamente em uma redução correspondente e da dignidade humana. Para proteger o conceito valorizado de dignidade, a sociedade tende a se opor a qualquer coisa que ameace o conceito de liberdade pessoal.	<p> pessoal, a ciência passa a ser percebida como inimiga, primeiro, da liberdade pessoal e, em seguida, como consequência, da dignidade humana. O argumento pragmático de Skinner baseia-se em sua crença não documentada de que, na visão pública, a dignidade pessoal depende exclusivamente da existência da liberdade de escolha. Ele pode sustentar essa visão porque, de forma despreocupada, desconsidera a literatura sobre liberdade e dignidade como não científica. A crítica pragmática de Skinner à liberdade e à dignidade baseia-se em uma visão pessoal. </p>	<p> um mecanismo possível de mudança social baseado na negação da liberdade e dignidade, há duas descobertas positivas nesses estudos. Primeiro, Skinner está correto ao supor que os participantes perceberiam uma dignidade aumentada quando os pró-sociais são atribuídos a uma escolha voluntária, e uma dignidade reduzida quando os antissociais são considerados voluntários. Segundo, ao contrário do que Skinner afirma, os participantes atribuíram dignidade intrínseca a outros que não a conquistaram por meio de comportamentos adequados. </p>	<p> teme que qualquer redução da liberdade pessoal resultará necessariamente em uma redução correspondente e da dignidade humana. Para proteger o conceito valorizado de dignidade, a sociedade tende a se opor a qualquer coisa que ameace o conceito de "liberdade pessoal". </p> <p> Essa tem sido, é claro, a visão reducionista de Skinner (1953, 1971) ao longo de muitos anos. Skinner (1971) não define dignidade além de equipará-la consistentemente a 'valor'. Portanto, devemos utilizar a definição de valor do dicionário e presumir que estamos nos referindo à mesma entidade que Skinner </p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						<p>conceitua.</p> <p>Como a ciência do comportamento está inexoravelmente reduzindo o domínio da liberdade pessoal no comportamento humano ao fornecer explicações ambientais e genéticas para comportamentos anteriormente atribuídos à escolha pessoal, a ciência passa a ser percebida como inimiga, primeiro, da liberdade pessoal e, em seguida, como consequência, da dignidade humana. O argumento pragmático de Skinner baseia-se em sua crença não documentada de que, na visão pública, a dignidade pessoal depende exclusivamente da existência da liberdade de escolha. Ele pode sustentar essa visão porque, de forma</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						<p>despreocupada, desconsidera a literatura sobre liberdade e dignidade como não científica. A crítica pragmática de Skinner à liberdade e à dignidade baseia-se em uma visão pessoal.</p> <p>É refutado por meio de testes diretos o argumento pragmático de Skinner (1971) contra os conceitos convencionais de liberdade e dignidade humanas. Como essa alegação era o argumento prático de Skinner para a abolição dos conceitos de “liberdade” e “dignidade”, considerando-os como um obstáculo à ciência do comportamento, o ataque de Skinner a esses conceitos valorizados é contradito tanto por evidências</p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						laboratoriais quanto por evidências contundentes de observações casuais.
						Além da refutação à falsa proposição de Skinner sobre um mecanismo possível de mudança social baseado na negação da liberdade e dignidade, há duas descobertas positivas nesses estudos. Primeiro, Skinner está correto ao supor que os participantes perceberiam uma dignidade aumentada quando comportament os pró-sociais são atribuídos a uma escolha voluntária, e uma dignidade reduzida quando comportament os antissociais são considerados voluntários. Segundo, ao contrário do

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
PsycINFO	A Cognitive Social Learning Theory Perspective on Human Freedom	TT 01 “Liberdade e cognição” Os teóricos da ação frequentemente e chegam a conclusões semelhantes às dos fenomenólogos. No mínimo, concluem que a psicologia científica baseada no comportamento o não pode explicar adequadamente e a ação humana e a liberdade. Ou concluem, de forma ainda mais enfática, que o campo da ação e da liberdade humanas não está dentro do escopo da ciência como tal.	C 01 “Liberdade e cognição” Especificamente, consideramos tanto a concepção mecanicista incorporada na análise do comportamento o respondente quanto a concepção de seleção natural incorporada no behaviorismo operante como insuficientes. Em termos de nosso modelo, afirmamos que os fatores determinantes da constituição genética/biológica, do histórico de aprendizado e das contingências situacionais	TA 01 “Liberdade e cognição” Os autores argumentam que o processamento cognitivo avaliativo é uma condição necessária, embora não suficiente, para a liberdade humana. Eles propõem um modelo molar para explicar o comportamento humano livre, embora não neguem a necessidade de um modelo molecular. Esse modelo considera o ser humano como um agente ativo em seu ambiente social e natural. Por um lado, consideramos o modelo do	que Skinner afirma, os participantes atribuíram dignidade intrínseca a outros que não a conquistaram por meio de comportamento os adequados. Os teóricos da ação frequentemente e chegam a conclusões semelhantes às dos fenomenólogos. Concluem que a psicologia científica baseada no comportamento o não pode explicar adequadamente e a ação humana e a liberdade. Ou concluem, de forma ainda mais enfática, que o campo da ação e da liberdade humanas não está dentro do escopo da ciência como tal. Especificamente, consideramos tanto a concepção mecanicista incorporada na análise do

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			<p>sociais/naturais são os determinantes iniciais de uma ação pessoal.</p> <p>Esses fatores operam de maneira completamente determinista. Assim, sob a operação exclusiva desses fatores, o agente não é livre.</p> <p>E não é a ausência de determinismo, mas a combinação particular dos fatores causais que torna a ação livre uma realidade.</p>	<p>"homem autônomo", rejeitado por Skinner, inaceitável, porque transforma a escolha livre em um evento sem causa.</p> <p>O modelo cognitivo de um ser humano como um agente ativo coloca o comportamento humano dentro de um contexto interdependente que inclui pelo menos quatro níveis de fatores causais interativos. Esses fatores, todas as condições necessárias para a atividade humana livre, são:</p> <p>constituição genética/biológica, histórico de aprendizagem, contingências situacionais e processos cognitivos avaliativos..</p> <p>A explicação em nível molar é essencialmente holística. O nível de</p>	<p>comportamento respondente quanto a concepção de seleção natural incorporada no behaviorismo operante como insuficientes.</p> <p>Em termos de nosso modelo, afirmamos que os fatores determinantes da constituição genética/biológica, do histórico de aprendizado e das contingências situacionais sociais/naturais são os determinantes iniciais de uma ação pessoal.</p> <p>Esses fatores operam de maneira completamente determinista. Assim, sob a operação exclusiva desses fatores, o agente não é livre.</p> <p>E não é a ausência de determinismo, mas a</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>habilidades refere-se às capacidades comportamentais para realizar a alternativa selecionada. O nível de exercício refere-se à execução real dessa alternativa. Esses níveis de liberdade são aspectos funcionalmente distintos de uma ação livre unificada.</p> <p>Uma vez que a liberdade ocorre dentro de um contexto causal, faz sentido falar de graus de liberdade que estão em um contínuo relativo. A liberdade ocorre de forma reduzida se apenas o nível de escolha e habilidade está presente e de forma ainda mais mínima se apenas o nível de escolha está presente. A liberdade máxima inclui a operação de todos os três</p>	<p>combinação particular dos fatores causais que torna a ação livre uma realidade.</p> <p>Os autores argumentam que o processamento cognitivo avaliativo é uma condição necessária, embora não suficiente, para a liberdade humana. Eles propõem um modelo molar para explicar o comportamento humano livre, embora não neguem a necessidade de um modelo molecular. Esse modelo considera o ser humano como um agente ativo em seu ambiente social e natural. Por um lado, consideram o modelo do "homem autônomo", rejeitado por Skinner, inaceitável, porque transforma a escolha livre em um evento</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>níveis, o que, por sua vez, exige uma combinação equilibrada dos quatro fatores causais. É precisamente o papel do processamento cognitivo avaliativo que abre a possibilidade de ação livre. Essa capacidade permite a identificação de modos alternativos de agir, incluindo a opção de não agir de forma alguma. Sem essa capacidade, não há liberdade em nenhum sentido, ou seja, os graus de liberdade são zero. Mas, mesmo com essa capacidade cognitiva, a liberdade não é garantida. Quatro graus de liberdade emergem e podem ser discutidos em uma ordem hierárquica, do menor para o maior grau</p>	<p>sem causa. O modelo cognitivo de um ser humano como um agente ativo coloca o comportamento humano dentro de um contexto interdependente que inclui pelo menos quatro níveis de fatores causais interativos. Esses fatores, todos sob condições necessárias para a atividade humana livre, são: constituição genética/biológica, histórico de aprendizagem, contingências situacionais e processos cognitivos avaliativos.. A explicação em nível molar é essencialmente holística. O nível de habilidades refere-se às capacidades comportamentais para realizar a alternativa selecionada. O nível de</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				de liberdade. Primeiro, as contingências sociais e naturais, o histórico de aprendizagem ou a constituição genética/biológica, tomadas individualmente ou em conjunto, podem ser tais ou funcionar de maneira que, em uma situação particular, nenhuma alternativa apareça. O processamento cognitivo avaliativo, assumindo que o agente está consciente, resulta na ausência de alternativas, até mesmo na de não agir. Nesse caso, não há liberdade alguma. Em segundo lugar, a constituição genética/biológica ou o histórico de aprendizagem podem ser tais que impediram o desenvolvimento das habilidades	exercício refere-se à execução real dessa alternativa. Esses níveis de liberdade são aspectos funcionalmente distintos de uma ação livre unificada. Uma vez que a liberdade ocorre dentro de um contexto causal, faz sentido falar de graus de liberdade que estão em um contínuo relativo. A liberdade ocorre de forma reduzida se apenas o nível de escolha e habilidade está presente e de forma ainda mais mínima se apenas o nível de escolha está presente. A liberdade máxima inclui a operação de todos os três níveis, o que, por sua vez, exige uma combinação equilibrada dos quatro fatores causais. É

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>necessárias. Se este for o caso, apenas uma liberdade mínima é possível. Uma terceira possibilidade é que uma alternativa de trabalho tenha sido identificada, as habilidades necessárias estejam presentes, mas as contingências situacionais sejam tão extremas (positivas ou coercitivas) que a liberdade de exercício esteja ausente.</p> <p>Uma quarta possibilidade representa o ápice da hierarquia da liberdade, na qual o equilíbrio adequado dos fatores causais no contexto pessoa-ambiente está presente. A liberdade de escolha foi exercida dentro de um contexto determinista recíproco, que continha o equilíbrio</p>	<p>precisamente o papel do processamento cognitivo avaliativo que abre a possibilidade de ação livre. Essa capacidade permite a identificação de modos alternativos de agir, incluindo a opção de não agir de forma alguma. Sem essa capacidade, não há liberdade em nenhum sentido, ou seja, os graus de liberdade são zero. Mas, mesmo com essa capacidade cognitiva, a liberdade não é garantida. Quatro graus de liberdade emergem e podem ser discutidos em uma ordem hierárquica, do menor para o maior grau de liberdade.</p> <p>Primeiro, as contingências sociais e naturais, o histórico de aprendizagem ou a constituição</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese	
				<p>apropriado de fatores causais interativos e interdependentes, permitindo o julgamento de que o ato foi relativamente livre.</p> <p>Também é importante enfatizar que os quatro fatores causais podem desempenhar um papel positivo ou negativo em relação à liberdade. Eles podem tanto dificultar quanto facilitar a ação livre. Assim, o processamento cognitivo avaliativo é uma condição necessária, mas não suficiente, para a ação livre.</p> <p>Nesse caso, a liberdade, mesmo a liberdade mínima, está ausente, embora as habilidades necessárias e as possibilidades de exercício possam estar presentes. Por outro lado,</p>	<p>genética/biológica, tomadas individualmente ou em conjunto, podem ser tais ou funcionar de maneira que, em uma situação particular, nenhuma alternativa apareça. O processamento cognitivo avaliativo, assumindo que o agente está consciente, resulta na ausência de alternativas, até mesmo na de não agir. Nesse caso, não há liberdade alguma. Em segundo lugar, a constituição genética/biológica ou o histórico de aprendizagem podem ser tais que impediram o desenvolvimento das habilidades necessárias.</p> <p>Se este for o caso, apenas uma liberdade mínima é possível.</p> <p>Uma terceira possibilidade é que uma</p>	

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				esses mesmos fatores, em vez de terem um impacto negativo, também podem funcionar positivamente na promoção da liberdade. Um QI mais alto, boa saúde, uma gama mais ampla de habilidades e um contexto natural/social rico e variado promovem a ação livre. A liberdade só é possível dentro de um contexto causal adequadamente equilibrado. A análise sugere um paradoxo determinista: quanto mais o conhecimento de uma pessoa sobre os determinantes causais da liberdade aumenta, mais sua liberdade aumenta.	alternativa de trabalho tenha sido identificada, as habilidades necessárias estejam presentes, mas as contingências situacionais sejam tão extremas (positivas ou coercitivas) que a liberdade de exercício esteja ausente. Uma quarta possibilidade representa o ápice da hierarquia da liberdade, na qual o equilíbrio adequado dos fatores causais no contexto pessoa-ambiente está presente. A liberdade de escolha foi exercida dentro de um contexto determinista recíproco, que continha o equilíbrio apropriado de fatores causais interativos e interdependentes, permitindo o julgamento de que o ato foi relativamente

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						<p>livre.</p> <p>Também é importante enfatizar que os quatro fatores causais podem desempenhar um papel positivo ou negativo em relação à liberdade. Eles podem tanto dificultar quanto facilitar a ação livre. Assim, o processament o cognitivo avaliativo é uma condição necessária, mas não suficiente, para a ação livre.</p> <p>Nesse caso, a liberdade, mesmo a liberdade mínima, está ausente, embora as habilidades necessárias e as possibilidades de exercício possam estar presentes. Por outro lado, esses mesmos fatores, em vez de terem um impacto negativo, também podem funcionar positivamente</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					<p>na promoção da liberdade. Um QI mais alto, boa saúde, uma gama mais ampla de habilidades e um contexto natural/social rico e variado promovem a ação livre.</p> <p>A liberdade só é possível dentro de um contexto causal adequadamente equilibrado.</p> <p>A análise sugere um paradoxo determinista: quanto mais o conhecimento de uma pessoa sobre os determinantes causais da liberdade aumenta, mais sua liberdade aumenta</p>
PsycINFO	Elbow room in a functional analysis: Freedom and dignity regained.	<p>TT 01</p> <p>“Liberdade”</p> <p>Se estou preso em uma prisão ou preso sob uma rocha caída, o ambiente limita minha liberdade ao me restringir. Da mesma forma, a ameaça de uma multa severa ou de</p>	<p>C 01</p> <p>“Liberdade”</p> <p>A noção de uma análise funcional do comportamento é atacada porque acredita-se, equivocadamente, que ela é incompatível com uma psicologia mentalista (intencional)</p>	<p>TA 01</p> <p>“Liberdade”</p> <p>O artigo, embora não tente definir liberdade, argumenta que a liberdade é essencialmente uma função de três condições. Estas incluem nosso poder sobre o ambiente,</p>	<p>O artigo, embora não tente definir liberdade, argumenta que a liberdade é essencialmente uma função de três condições. Estas incluem nosso poder sobre o ambiente, nossa força de vontade e a</p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			<p>ser picado até a morte pode eliminar (como uma alternativa razoável) a ideia de invadir um ninho de abelhas para obter mel (como sustento). O ambiente também pode limitar minhas opções e, portanto, minha liberdade de outras maneiras, seja pelo que está completamente e ausente nesse ambiente ou pelo que, por algum motivo, não está disponível para mim.</p> <p>Seja qual for o caso, se suas ações foram determinadas ou indeterminadas, não poderia haver uma liberdade digna de desejo que você possivelmente desejasse, já que, de fato, você teria a habilidade de sempre saber o que é melhor,</p>	<p>e, portanto, não deixa espaço para o tipo de liberdade que todos precisamos e desejamos.</p> <p>Mal se poderia imaginar uma maneira melhor de garantir a não aceitação dos princípios de Skinner do que argumentar (como ele fez) que esses princípios não deixam espaço para qualquer tipo de liberdade ou dignidade. Na medida em que não consigo controlar tais coisas, pode-se dizer que tenho uma vontade fraca e sou escravo de algum comportament o, pensamento ou estado psicológico indesejado.</p> <p>Os primeiros chegam às suas crenças por meio da doutrinação de professores bons e sábios, enquanto os últimos chegam às</p>	<p>nossa força de vontade e a capacidade de determinar racionalmente nossas prioridades de valor.</p> <p>Terceiro, e por fim, mostra-se que não há nada em uma análise comportament al ou funcional que impeça a satisfação dessas três condições básicas da liberdade depende.</p> <p>Em seu recente livro <i>Elbow Room</i>, Daniel Dennett faz um excelente trabalho ao nos mostrar por que o determinismo, em geral, não representa uma ameaça à nossa liberdade. Ele, de fato, apenas seguiu os passos do principal porta-voz da análise funcional, B.F. Skinner. Skinner compartilha a visão de Dennett de que uma</p>	<p>capacidade de determinar racionalmente nossas prioridades de valor.</p> <p>Terceiro, e por fim, mostra-se que não há nada em uma análise comportament al ou funcional que impeça a satisfação dessas três condições básicas da liberdade depende.</p> <p>Em seu recente livro <i>Elbow Room</i>, Daniel Dennett faz um excelente trabalho ao nos mostrar por que o determinismo, em geral, não representa uma ameaça à liberdade. Ele, de fato, apenas seguiu os passos do principal porta-voz da análise funcional, B.F. Skinner. Skinner compartilha a visão de Dennett de que uma funcional não</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>querer apenas o que é melhor e, em todos os casos, fazer o que é melhor com as melhores consequências possíveis.</p> <p>Se isso estiver correto, então os debates sobre determinismo versus indeterminismo são irrelevantes. Porém, aqui, é o determinismo, não o indeterminismo, que pode nos dar motivos para esperança</p>	<p>suas crenças por suas próprias deliberações.</p> <p>As teorias psicológicas nunca podem nos mostrar que não somos livres. Elas podem, em parte, nos ajudar a entender (e até mesmo ampliar nossa liberdade), mas nunca podem eliminá-la.</p> <p>Segue-se que quaisquer princípios da psicologia que sejam incompatíveis com a liberdade da vontade devem estar equivocados e, assim, precisam ser modificados ou rejeitados.</p> <p>Além disso, podemos ser responsabilizados por outros pelo que fazemos, simplesmente porque somos capazes de entender as razões que nos oferecem para consideração ao estruturarmos nossas vidas.</p>	<p>análise funcional não deixa espaço suficiente para um livre-arbítrio.</p> <p>Em <i>Beyond Freedom and Dignity</i>, a tese central de Skinner é que não há espaço para liberdade ou dignidade (ou noções relacionadas, como responsabilidade) em uma análise científica (isto é, funcional) do comportamento humano (Skinner, 1971).</p> <p>Portanto, argumenta Skinner, se quisermos ter uma análise funcional do comportamento, devemos abandonar nossas noções de liberdade e dignidade.</p> <p>As razões não apenas determinam o que pensamos ou dizemos. Elas também determinam o que fazemos (nosso comportamento não verbal). Não apenas</p>	<p>deixa espaço suficiente para um livre-arbítrio.</p> <p>Em <i>Beyond Freedom and Dignity</i>, a tese central de Skinner é que não há espaço para liberdade ou dignidade (ou noções relacionadas, como responsabilidade) em uma análise científica (isto é, funcional) do comportamento humano (Skinner, 1971).</p> <p>Portanto, argumenta Skinner, se quisermos ter uma análise funcional do comportamento, devemos abandonar nossas noções de liberdade e dignidade.</p> <p>As razões não apenas determinam o que pensamos ou dizemos. Elas também determinam o que fazemos (nosso comportamento não verbal). Não apenas reconhecemos</p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>E todo esse comportamento (tanto assumir responsabilidades quanto ser responsabilizado) é totalmente consistente com uma análise funcional. Existem limites genuínos para a liberdade humana, sem dúvida. Mas eles não surgem de uma análise funcional.</p>	<p>todos podem reconhecer que esta é uma boa razão para minha ação, mas podem fazê-lo sem necessariamente serem capazes de enunciar qualquer máxima ou regra que demonstre que minha razão é válida. Isso não significa negar que tal regra possa ser construída, mas apenas que não é necessário fazê-lo para ver que minha razão é válida.</p> <p>Sem dúvida, um objetivo central (ou pelo menos ideal) das regras e princípios morais é encontrar formas de resolver conflitos que todos percebam como justos e que, portanto, "apela à razão das pessoas", ou seja, sejam reconhecidos como uma boa razão para a adesão (para abandonar um</p>	<p>que esta é uma boa razão para minha ação, mas podem fazê-lo sem necessariamente serem capazes de enunciar qualquer máxima ou regra que demonstre que minha razão é válida. Isso não significa negar que tal regra possa ser construída, mas apenas que não é necessário fazê-lo para ver que minha razão é válida.</p> <p>Sem dúvida, um objetivo central (ou pelo menos ideal) das regras e princípios morais é encontrar formas de resolver conflitos que todos percebam como justos e que, portanto, "apela à razão das pessoas", ou seja, sejam reconhecidos como uma boa razão para a adesão (para abandonar um interesse imediato e</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>interesse imediato e egoísta) sem o uso da força (ou contingências igualmente artificiais). Assim, não apenas construímos e refinamos nossas regras e princípios de ação através da prática, mas também por meio da análise crítica e do argumento. Da mesma forma que podemos aplicar nossa razão para construir melhores casas e viajar pelo espaço, podemos igualmente aplicá-la para transformar nossas comunidades e nós mesmos em comunidades moralmente melhores e indivíduos moralmente melhores.</p> <p>Se eu tivesse poder infinito sobre meu corpo e meu ambiente, todos esses limites desapareceriam imediatamente</p>	<p>egoísta) sem o uso da força (ou contingências igualmente artificiais). Assim, não apenas construímos e refinamos nossas regras e princípios de ação através da prática, mas também por meio da análise crítica e do argumento. Da mesma forma que podemos aplicar nossa razão para construir melhores casas e viajar pelo espaço, podemos igualmente aplicá-la para transformar nossas comunidades e nós mesmos em comunidades moralmente melhores e indivíduos moralmente melhores.</p> <p>Se eu tivesse poder infinito sobre meu corpo e meu ambiente, todos esses limites desapareceriam imediatamente</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>m imediatamente e, pois, nesse caso, eu poderia fazer tiranos, abelhas e o câncer se comportarem conforme minha vontade. Assim, em parte, minha liberdade é uma função do meu poder sobre meu ambiente/corpo.</p> <p>Certos pensamentos, ações, medos etc. são indesejáveis e precisam ser eliminados. Na medida em que consigo me comandar a agir de certas maneiras ou ter certos pensamentos e desejos, pode-se dizer que tenho uma vontade forte e, portanto, sou livre. Para ser verdadeiramente livre, meu poder deve incluir poder sobre minhas ações, pensamentos e estados psicológicos. Uma condição</p>	<p>e, pois, nesse caso, eu poderia fazer tiranos, abelhas e o câncer se comportarem conforme minha vontade. Assim, em parte, minha liberdade é uma função do meu poder sobre meu ambiente/corpo.</p> <p>Certos pensamentos, ações, medos etc. são indesejáveis e precisam ser eliminados. Na medida em que consigo me comandar a agir de certas maneiras ou ter certos pensamentos e desejos, pode-se dizer que tenho uma vontade forte e, portanto, sou livre. Para ser verdadeiramente livre, meu poder deve incluir poder sobre minhas ações, pensamentos e estados psicológicos. Uma condição final de liberdade é o</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese	
				final de liberdade é o conhecimento do que realmente é importante ou do que deve ter prioridade sobre outras coisas. Ao mesmo tempo, certos conflitos ainda existiriam, mesmo para alguém com poderes ilimitados, como os conflitos entre ser moral e ser imoral. Além disso, seria possível desejar fazer A (ler e pensar, por exemplo) e também desejar fazer B (pintar ou aproveitar a natureza), o que implica não fazer A ao mesmo tempo, mesmo para um ser com poderes ilimitados.	do conhecimento que realmente é importante ou que deve ter prioridade sobre outras coisas. Ao mesmo tempo, conflitos ainda existiriam, mesmo para alguém com poderes ilimitados, como os conflitos entre ser moral e ser imoral. Além disso, seria possível desejar fazer A (ler e pensar, por exemplo) e também desejar fazer B (pintar ou aproveitar a natureza), o que implica não fazer A ao mesmo tempo, mesmo para um ser com poderes ilimitados.	do conhecimento que realmente é importante ou que deve ter prioridade sobre outras coisas. Ao mesmo tempo, conflitos ainda existiriam, mesmo para alguém com poderes ilimitados, como os conflitos entre ser moral e ser imoral. Além disso, seria possível desejar fazer A (ler e pensar, por exemplo) e também desejar fazer B (pintar ou aproveitar a natureza), o que implica não fazer A ao mesmo tempo, mesmo para um ser com poderes ilimitados. É necessário saber o que realmente é importante para viver a melhor e mais livre existência, ou mesmo para viver uma vida razoavelmente boa. Assim, o esclareciment

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				boa. Assim, o esclarecimento o sobre o que realmente importa é outra condição de nossa liberdade. Uma vontade idealmente esclarecida, portanto, é aquela capaz de determinar o que é realmente importante por meio de suas próprias deliberações. Uma análise funcional, longe de precisar negar a existência de força de vontade, pode nos ajudar a entender mais claramente o que ela é e como podemos fortalecê-la, isto é, como podemos realizar mais efetivamente os comandos que damos a nós mesmos. Por fim, uma análise funcional também é compatível com a noção de uma vontade esclarecida, ou seja, a noção de que, pelo menos às	o sobre o que realmente importa é de nossa liberdade. Uma vontade idealmente esclarecida, portanto, é aquela capaz de determinar o que é realmente importante por meio de suas próprias deliberações. Uma análise funcional, longe de precisar negar a existência de força de vontade, pode nos ajudar a entender mais claramente o que ela é e como podemos fortalecê-la, isto é, como podemos realizar mais efetivamente os comandos que damos a nós mesmos. Por fim, uma análise funcional também é compatível com a noção de uma vontade esclarecida, ou seja, a noção de que, pelo menos às

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				de que, pelo menos às vezes, sabemos verdadeiramente o que é realmente importante. Nem mesmo a suposição de que nossa vontade seja indeterminada mudaria esses fatos básicos sobre a condição humana ou nos daria qualquer aumento em nossa liberdade. Podemos, é claro, ampliar nossa liberdade. Assim, uma análise funcional, se correta e devidamente compreendida e aplicada, pode apenas ampliar nossa liberdade, em vez de miná-la.	vezes, sabemos verdadeiramente o que é realmente importante. Nem mesmo a suposição de que nossa vontade seja indeterminada mudaria esses fatos básicos sobre a condição humana ou daria qualquer aumento em nossa liberdade. Podemos, é claro, ampliar nossa liberdade. Assim, uma análise funcional, se correta e devidamente compreendida e aplicada, pode apenas ampliar nossa liberdade, em vez de miná-la.
PsycINFO	Jean-Jacques Rousseau and behavior control: The technology of a romantic behaviorist.	TT 01 “Liberdade” Skinner observou repetidamente que uma das razões fundamentais subjacentes à	C 01 “Liberdade” Aqueles que desejam ver uma tecnologia do comportamento amplamente aplicada como	TA 01 “Liberdade” Quando um homem renuncia à sua liberdade, renuncia à sua essência como ser humano,	Skinner observou repetidamente que uma das razões fundamentais subjacentes à ampla resistência ao

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>ampla resistência ao uso pleno e eficaz de uma tecnologia do comportamento o é a crença de que tal ação parece ser absolutamente contrária às nossas noções mais sagradas de democracia e liberdade. Todas as formas de controle, mesmo aquelas baseadas no reforço positivo, são consideradas maléficas. Essa resistência se consolidou e tem sido mantida dentro da tradição do que Skinner chamou de "a literatura da liberdade", na qual Rousseau é invariavelmente considerado um dos principais contribuintes.</p>	<p>solução para problemas humanos persistentes estão mais do que dispostos a admitir que não possuem uma ancestralidade intelectual respeitável à qual possam recorrer para aumentar o apelo de sua posição. Infelizmente, geralmente optam por ignorar a história das ideias, convencidos de que não encontrarão nada útil nela.</p>	<p>seus direitos e até sua dignidade como pessoa. O homem é verdadeiramente livre quando deseja aquilo que é capaz de realizar e faz o que deseja e, quando nossas tendências naturais não são interferidas por preconceitos ou instituições humanas, a felicidade tanto de crianças quanto de adultos reside no desfrutar de sua liberdade. Declarações como essas parecem suficientemente claras para justificar a conclusão amplamente aceita de que as credenciais de Rousseau como defensor da liberdade absoluta são indiscutíveis. A noção de liberdade total de qualquer tipo de restrição, ou mesmo algo próximo disso, também</p>	<p>uso pleno e eficaz de uma tecnologia do comportamento o é a crença de que tal ação parece ser absolutamente contrária às nossas noções mais sagradas de democracia e liberdade. Todas as formas de controle, mesmo aquelas baseadas no reforço positivo, são consideradas maléficas. Essa resistência se consolidou e tem sido mantida dentro da tradição do que Skinner chamou de "a literatura da liberdade", na qual Rousseau é invariavelmente considerado um dos principais contribuintes. Aqueles que desejam ver uma tecnologia do comportamento amplamente aplicada como solução para problemas humanos persistentes</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>é evidente que nem todas as formas de controle eram aceitáveis para Rousseau. Apenas as influências que faziam parte da natureza eram aceitas por ele, pois, como um produto da Era da Razão, estava plenamente convencido de que o segredo para a bondade e a moralidade residia nas leis da natureza.</p> <p>Rousseau conseguia perceber a alegria incomensurável que pertenceria ao homem que se sentisse completamente e totalmente livre. Na medida em que idealizava esse resultado de uma "educação natural", ele era muito mais um representante da Era do Romantismo do que da Era da Razão.</p>	<p>estão mais do que dispostos a admitir que não possuem uma ancestralidade intelectual respeitável à qual possam recorrer para aumentar o apelo de sua posição. Infelizmente, geralmente optam por ignorar a história das ideias, convencidos de que não encontrarão nada útil nela. Quando um homem renuncia à sua liberdade, renuncia à sua essência como ser humano, seus direitos e até sua dignidade como pessoa. O homem é verdadeiramente livre quando deseja aquilo que é capaz de realizar e faz o que deseja e, quando nossas tendências naturais não são interferidas por preconceitos ou instituições humanas, a felicidade</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					<p>tanto de crianças quanto de adultos reside no desfrutar de sua liberdade.</p> <p>Declarações como essas parecem suficientemente claras para justificar a conclusão amplamente aceita de que as credenciais de Rousseau como defensor da liberdade absoluta são indiscutíveis.</p> <p>A noção de liberdade total de qualquer tipo de restrição, ou mesmo algo próximo disso, também é evidente que nem todas as formas de controle eram aceitáveis para Rousseau.</p> <p>Apenas as influências que faziam parte da natureza eram aceitas por ele, pois, como um produto da Era da Razão, estava plenamente convencido de que o segredo para a bondade e a moralidade</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					residia nas leis da natureza. Rousseau conseguia perceber a alegria incomensurável que pertenceria ao homem que se sentisse completamente e totalmente livre. Na medida em que idealizava esse resultado de uma "educação natural", ele era muito mais um representante da Era do Romantismo do que da Era da Razão.
PsycINFO	On the persistence of cognitive explanation: Implications for behavior analysis.	TT 01 "Liberdade" Skinner atribuiu a persistência das explicações cognitivas à literatura sobre liberdade e dignidade. Essa visão é desafiada, especialmente no que diz respeito aos cientistas	C 01 "Liberdade" As explicações cognitivas persistem porque os analistas do comportamento ainda não apresentaram uma explicação concorrente viável para o comportamento humano, e porque a	TA 01 "Liberdade" O behaviorismo atual não desafia a epistemologia cognitiva: As bases epistemológicas das explicações cognitivas permanecem amplamente aceitas porque o behaviorismo	Skinner atribuiu a persistência das explicações cognitivas à literatura sobre liberdade e dignidade. Essa visão é desafiada, especialmente no que diz respeito aos cientistas comportamentais. Como tanto a liberdade

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>comportamentais</p> <p>Como tanto a liberdade quanto a dignidade são removidas por uma análise científica do ambiente, a análise do comportamento o será menos preferida do que uma abordagem cognitiva, que retrata o indivíduo como um agente causal e, portanto, apoia o ethos ocidental de liberdade e dignidade.</p> <p>Pesquisadores em análise do comportamento o têm se dividido em duas facções: uma preocupada com a análise experimental do comportamento em nível animal e outra voltada para aplicação e tecnologia.</p> <p>A tarefa da análise experimental do comportamento é desenvolver e expandir a</p>	<p>análise experimental do comportamento, baseada principalmente em princípios operantes lineares, não é suficiente para lidar com a complexidade dos comportamentos humanos explicados pelas teorias cognitivas.</p>	<p>contemporâneo não oferece uma contestação significativa a elas.</p> <p>Falta de evidências no nível do comportamento humano: Analistas do comportamento o ainda não apresentaram evidências de pesquisa suficientes para abordar e explicar de maneira abrangente o comportamento humano, o que fortalece a aceitação das teorias cognitivas.</p> <p>Incompletude de uma ciência do comportamento baseada apenas em princípios operantes: Uma ciência do comportamento o restrita a uma análise unilinear das contingências de reforço (conforme descrito por Skinner, 1953) é, por definição, limitada e não é capaz de</p>	<p>quanto a dignidade são removidas por uma análise científica do ambiente, a análise do comportamento o será menos preferida do que uma abordagem cognitiva, que retrata o indivíduo como um agente causal e, portanto, apoia o ethos ocidental de liberdade e dignidade.</p> <p>Pesquisadores em análise do comportamento o têm se dividido em duas facções: uma preocupada com a análise experimental do comportamento o em nível animal e outra voltada para aplicação e tecnologia.</p> <p>A tarefa da análise experimental do comportamento o é desenvolver e expandir a</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		compreensão das relações entre ambiente e comportamento para além dos princípios elementares do condicionamento operante (SD-R-SR).		<p>explicar os comportamentos humanos complexos, os quais as teorias cognitivas parecem abordar de forma mais eficaz.</p> <p>Embora a tese de Skinner possa ajudar a entender a popularidade do "mentalismo" entre o público leigo, ela parece menos convincente quando aplicada à comunidade científica.</p> <p>Além disso, os cognitivistas recentemente desenvolveram contra-argumentos às críticas anteriormente levantadas por Skinner. Essas mudanças na epistemologia tornaram as teorias cognitivas mais aceitáveis para a comunidade científica e enfraqueceram alguns dos argumentos de Skinner.</p>	<p>comportamento para além dos princípios elementares do condicionamento operante (SD-R-SR).</p> <p>A relativa ausência de estudos focados em comportamento verbal, memória e esquecimento humanos, e diversos aspectos do comportamento social permitiu o florescimento da ciência cognitiva.</p> <p>Argumenta-se que as explicações cognitivas persistem devido a três razões principais:</p> <p>(a) O behaviorismo atual não desafia a epistemologia cognitiva: As bases epistemológicas das explicações cognitivas permanecem amplamente aceitas porque o behaviorismo contemporâneo não oferece</p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						<p>uma contestação significativa a elas.</p> <p>(b) Falta de evidências no nível do comportamento humano: Analistas do comportamento ainda não apresentaram evidências de pesquisa suficientes para abordar e explicar de maneira abrangente o comportamento humano, o que fortalece a aceitação das teorias cognitivas.</p> <p>(c) Incompletude de uma ciência do comportamento baseada apenas em princípios operantes: Uma ciência do comportamento restrita a uma análise unilinear das contingências de reforço (conforme descrito por Skinner, 1953) é, por definição, limitada e não é capaz de explicar</p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						<p>comportamentos humanos complexos, os quais as teorias cognitivas parecem abordar de forma mais eficaz.</p> <p>Embora a tese de Skinner possa ajudar a entender a popularidade do "mentalismo" entre o público leigo, ela parece menos convincente quando aplicada à comunidade científica.</p> <p>Além disso, os cognitivistas recentemente desenvolveram contra-argumentos às críticas anteriormente levantadas por Skinner. Essas mudanças na epistemologia tornaram as teorias cognitivas mais aceitáveis para a comunidade científica e enfraqueceram alguns dos argumentos de Skinner.</p> <p>As explicações cognitivas</p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						persistem porque os analistas do comportamento ainda não apresentaram uma explicação concorrente viável para o comportamento humano, e porque a análise experimental do comportamento, baseada principalmente em princípios operantes lineares, não é suficiente para lidar com a complexidade dos comportamentos humanos explicados pelas teorias cognitivas.
PsycINFO	There is nothing beyond freedom and dignity.	is and	TT 01 “Liberdade A formulação de seus argumentos levou muitos leitores de Skinner a temer que a liberdade e a dignidade diminuem à medida que a ciência do comportamento avança e os métodos	C 01 “Liberdade Skinner pode muito bem acreditar nisso também, embora ele não o diga. Acreditamos que conselheiros, professores, pais e filhos podem ajudar a criar ambientes para os outros	TA 01 “Liberdade” Uma pessoa aumenta sua liberdade se puder escolher entre um maior número de cursos de ação alternativos. Acreditamos que a liberdade e a dignidade de cada ser humano podem ser	A formulação de seus argumentos levou muitos leitores de Skinner a temer que a liberdade e a dignidade diminuem à medida que a ciência do comportamento avança e os métodos de comportamento se tornam amplamente

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>comportamentos se tornem amplamente utilizados. Ficamos perturbados com o livro de Skinner por suas implicações não declaradas e pelas evidências de que muitos críticos interpretaram mal o tema central.</p> <p>Skinner parece acreditar que, uma vez que as pessoas percebam que o ambiente externo controla grande parte de seu comportamento, elas não poderão mais receber crédito por suas realizações nem sentir um senso de responsabilidade</p>	<p>que resultem em maior liberdade, oportunidade e prazer. Afirmamos que a liberdade e a dignidade podem ser obtidas sem a crença no "homem autônomo."</p>	<p>aumentadas e aprimoradas por meio de arranjos adequados do ambiente externo. Skinner pode muito bem acreditar nisso também, embora ele não o diga. Acreditamos que conselheiros, professores, pais e filhos podem ajudar a criar ambientes uns para os outros que resultem em maior liberdade, oportunidade e prazer. Afirmamos que a liberdade e a dignidade podem ser obtidas sem a crença no "homem autônomo." Acreditamos que as pessoas podem continuar a se orgulhar de suas conquistas, serem recompensadas por seus êxitos e serem responsabilizadas por seu desempenho, mesmo</p>	<p>utilizados. Ficamos perturbados com o livro de Skinner por suas implicações não declaradas e pelas evidências de que muitos críticos interpretaram mal o tema central. Não existe liberdade e dignidade para Skinner.</p> <p>Skinner parece acreditar que, uma vez que as pessoas percebam que o ambiente externo controla grande parte de seu comportamento, elas não poderão mais receber crédito por suas realizações nem sentir um senso de responsabilidade. Skinner sabe que seu próprio comportamento é uma função das contingências de reforço passadas, mas ele continua a</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>sabendo muito bem que o ambiente externo está influenciando o comportamento em questão. O aconselhamento comportamental, quando bem utilizado, permite que cada pessoa estabeleça seus próprios objetivos, gere alternativas e se beneficie de uma variedade de técnicas eficazes que podem ajudar a alcançar esses objetivos. Os métodos comportamentais não são incompatíveis com a liberdade e a dignidade; pelo contrário, eles aumentam as chances de cada cliente se sentir livre e digno de respeito. O objetivo no mundo de hoje é alcançar liberdade e dignidade para todo ser humano; a tecnologia</p>	<p>aceitar prêmios por suas contribuições à psicologia e a fazer contribuições responsáveis, criativas e independentes para a sociedade.</p> <p>Uma pessoa aumenta sua liberdade se puder escolher entre um maior número de cursos de ação alternativos. Acreditamos que a liberdade e a dignidade de cada ser humano podem ser aumentadas e aprimoradas por meio de arranjos adequados do ambiente externo.</p> <p>Skinner pode muito bem acreditar nisso também, embora ele não o diga. Acreditamos que conselheiros, professores, pais e filhos podem ajudar a criar ambientes uns para os outros</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>comportament al pode ajudar a alcançar esse objetivo. Não há nada além de liberdade e dignidade.</p>	<p>que resultem em maior liberdade, oportunidade e prazer. Afirmamos que a liberdade e a dignidade podem ser obtidas sem a crença no "homem autônomo."</p> <p>Acreditamos que as pessoas podem continuar a se orgulhar de suas conquistas, serem recompensadas por seus êxitos e serem responsabilizadas por seu desempenho, mesmo sabendo muito bem que o ambiente externo está influenciando o comportament o em questão.</p> <p>O aconselhament o comportament al, quando bem utilizado, permite que cada pessoa estabeleça seus próprios objetivos, gere alternativas e se beneficie de uma variedade</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					de técnicas eficazes que podem ajudar a alcançar esses objetivos. Os métodos comportamentais não são incompatíveis com a liberdade e a dignidade; pelo contrário, eles aumentam as chances de cada cliente se sentir livre e digno de respeito. O objetivo no mundo de hoje é alcançar liberdade e dignidade para todo ser humano; a tecnologia comportamental pode ajudar a alcançar esse objetivo. Não há nada além de liberdade e dignidade.
PsycINFO	An existential look for at B. F. Skinner.	TT 01 “Liberdade” para Skinner Ficamos com o construto travesso da liberdade. A maioria dos existencialistas celebra a noção de	C 01 “Liberdade” para Skinner No entanto, mesmo aqui há um terreno comum. Skinner reconheceu a contribuição	TA 01 “Liberdade” para Skinner Seu argumento era simplesmente que, para continuar esse processo, será necessário	Ficamos com o construto travesso da liberdade. A maioria dos existencialistas celebra a noção de liberdade, enquanto Skinner proclamou

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		liberdade, enquanto Skinner proclamou publicamente o valor para a sociedade de ir além dela.	positiva feita pelo que ele chamou de "literatura da liberdade" na remoção de muitos usos de controle aversivo na sociedade. Esse relato deixa aberta a possibilidade de que a liberdade, como Sartre a descreveu, seja um dia reduzida a zero, uma vez que todas as condições de controle sejam conhecidas.	levar a sério uma ciência do comportamento. Um problema ao discutir a liberdade, como Skinner estava profundamente ciente, é que isso envolve falar sobre sentimentos. Como ele apontou em seu artigo de 1945 sobre "Análise Operacional dos Termos Psicológicos," é muito difícil para as pessoas falarem de maneira confiável sobre eventos privados, como sentimentos. Skinner (1971, p. 37) observou que, para a maioria das pessoas, o sentimento de liberdade é a única liberdade de alguma consequência. Quando ele disse "além da liberdade e da dignidade," ele quis dizer que,	publicamente o valor para a sociedade de ir além dela. No entanto, mesmo aqui há um terreno comum. Skinner reconheceu a contribuição positiva feita pelo que ele chamou de "literatura da liberdade" na remoção de muitos usos de controle aversivo na sociedade. Esse relato deixa aberta a possibilidade de que a liberdade, como Sartre a descreveu, seja um dia reduzida a zero, uma vez que todas as condições de controle sejam conhecidas. Um problema ao discutir a liberdade, como Skinner estava profundamente ciente, é que isso envolve falar sobre sentimentos. Como ele apontou em seu artigo de 1945 sobre "Análise Operacional

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				cientificament e, as pessoas não são livres nem possuem dignidade, mas que por liberdade ele queria dizer promover as condições em que as pessoas se sentissem dessa maneira.	dos Termos Psicológicos," é muito difícil para as pessoas falarem de maneira confiável sobre eventos privados, como sentimentos. Skinner observou que, para a maioria das pessoas, o sentimento de liberdade é a única liberdade de alguma consequência. Quando ele disse "além da liberdade e da dignidade," ele quis dizer que, cientificament e, as pessoas não são livres nem possuem dignidade, mas que por liberdade ele queria dizer promover as condições em que as pessoas se sentissem dessa maneira.
PsycINFO	Beyond Walden: Indo-Tibetan Buddhist critique of utopia.	TT 01 "Liberdade" e "dignidade" como ilusões. Skinner explicou que liberdade e	C 02 "Liberdade" e "dignidade" como ilusões. O argumento central de	TA 02 "Liberdade" e "dignidade" como ilusões. Para Chomsky o ponto de	Skinner explicou que liberdade e dignidade são crenças ilusórias e que não somos determinados

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		dignidade são crenças ilusórias e que não somos determinados por nossa própria vontade, mas sim por fatores externos a nós mesmos.	<p>Chomsky voltava-se ao behaviorismo de Skinner, que estava mais para um dogma do que com uma ciência real.</p> <p>Para o autor não é papel da ciência presumir o resultado de suas investigações, mas sim revelar suas próprias suposições e tratá-las como hipóteses a serem rigorosamente testadas.</p> <p>Para Chomsky a visão de Skinner se assemelha mais a um totalitarismo, uma distopia, na forma como pretende suprimir a liberdade e a dignidade, descartando-as como se não existissem desde o início</p>	<p>vista em terceira pessoa observa a partir do qual tudo é determinístico, o acesso em primeira pessoa revela um retrato inteiramente diferente da vida, uma dimensão transcendente e vasta de possibilidades imediatas. Na primeira visão, não há liberdade, enquanto na segunda, a liberdade é inerente à existência.</p>	<p>por nossa própria vontade, mas sim por fatores externos a nós mesmos.</p> <p>Chomsky propõe que o argumento sobre liberdade e dignidade de Skinner é mais parecido com um dogma do que com uma ciência real. Não é papel da ciência presumir o resultado de suas investigações, mas sim revelar suas próprias suposições e tratá-las como hipóteses a serem rigorosamente testadas. Para Chomsky, o behaviorismo de Skinner se assemelha mais a um totalitarismo, uma distopia, na forma como pretende suprimir a liberdade e a dignidade.</p> <p>Enquanto a perspectiva em terceira</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					<p> pessoa constitui a visão da verdade relativa, um ponto de vista a partir do qual tudo é determinístico, o acesso em primeira pessoa revela uma dimensão transcendente e vasta de possibilidades imediatas. Na primeira visão, não há liberdade, enquanto na segunda, a liberdade é inerente à existência. </p>
Web Science	of Sartre, Skinner, and the compatibilist freedom to be authentically	<p> TT 01 “Liberdade” como “livre arbítrio”. Para Skinner, a noção de liberdade, no sentido de livre arbítrio absoluto, não apenas era ilusória, mas também prejudicial </p>	<p> C 01 “Liberdade” como “livre arbítrio”. A ontologia de Skinner parece ser a de um materialismo exaustivo, que sustenta que construtos como objetivo e expectativa, no longo prazo, obstruem o caminho para </p>	<p> TA 01 “Liberdade” como “livre arbítrio”. Skinner defendia uma visão de comportament o completamente determinado por influências externas e biológicas, sem espaço para o livre arbítrio tradicional </p>	<p> A ontologia de Skinner parece ser a de um materialismo exaustivo, que sustenta que construtos como objetivo e expectativa, no longo prazo, obstruem o caminho para uma compreensão mais clara dos processos materiais a </p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			<p>uma compreensão mais clara dos processos materiais a que eles se referem, de maneira vaga e imprecisa</p> <p>Em geral, construtos que se referem à mente são descartados pelos materialistas exaustivos como psicologia popular (Stich, 1983), não muito diferentes de explicações pseudocientíficas como feitiçaria ou o suposto "poder dormitivo" do ópio</p> <p>Skinner argumentou que a noção de liberdade não é apenas ilusória, mas também perigosa.</p> <p>Para Skinner, a verdadeira liberdade é condicionada pelas circunstâncias, e a noção de livre arbítrio absoluto é tanto ilusória</p>	<p>No entanto, ele aceitava uma forma de liberdade compatível com o determinismo. Essa liberdade compatibiliza refere-se à ideia de que uma pessoa é "livre" quando suas circunstâncias permitem que ela faça o que deseja</p> <p>Ele acreditava que a liberdade, como entendida por filósofos e psicólogos humanistas como Sartre, não passava de uma ilusão, pois todos os comportamentos humanos podiam, em última análise, ser explicados por causas deterministas e controláveis</p> <p>Além disso, acreditar que se possui livre arbítrio e dignidade leva as pessoas a ir à guerra para defender sua liberdade sagrada e vingar insultos</p>	<p>que eles se referem, de maneira vaga e imprecisa. Construtos que se referem à mente são descartados pelos materialistas exaustivos</p> <p>Em "Beyond Freedom and Dignity" (1971), Skinner comenta que a verdadeira liberdade é condicionada pelas circunstâncias, e a noção de livre arbítrio absoluto é tanto ilusória quanto perigosa. Skinner acreditava que a liberdade, como entendida por filósofos e psicólogos humanistas como Sartre, não passava de uma ilusão, pois todos os comportamentos humanos podiam, em última análise, ser explicados por causas deterministas e controláveis. Acreditar que se possui livre arbítrio e dignidade leva</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			quanto perigosa	contra sua preciosa dignidade	as pessoas a ir à guerra para defender sua liberdade
		Vários leitores de uma versão anterior deste artigo observaram que o interesse pela arte e as visões não convencionais podem ser semelhanças muito superficiais, que a experiência primária e os particulares concretos são compreendidos de maneira bastante diferente pelas fenomenologias e por Skinner, e que termos skinnerianos como operante e reforçador	No entanto, ele não parecia se opor à liberdade no sentido da liberdade de espontaneidade e de Hume (1739-40/1888), que é uma liberdade compatível com o determinismo. Esta liberdade compatibilista é a liberdade das pessoas cujas circunstâncias lhes permitem fazer o que desejam. Presos vivem em condições que não lhes permitem fazer o que querem; portanto, não são livres.	entanto, ele não parecia se opor à liberdade no sentido da liberdade de espontaneidade e de Hume (1739-40/1888), que é uma liberdade compatível com o determinismo. Esta liberdade compatibilista é a liberdade das pessoas cujas circunstâncias lhes permitem fazer o que desejam. Presos vivem em condições que não lhes permitem fazer o que querem; portanto, não são livres.	sagrada e vingar insultos contra sua preciosa dignidade. No entanto, ele não parecia se opor à liberdade no sentido da liberdade de espontaneidade e de Hume, que é uma liberdade compatível com o determinismo. Esta liberdade compatibilista é a liberdade das pessoas cujas circunstâncias lhes permitem fazer o que desejam. Presos vivem em condições que não lhes permitem fazer o que querem; portanto, não são livres.
				Kvale e Grenness (1967) argumentaram que Skinner não rejeitou o mundo privado, tão central para a fenomenologia, e que ele considerava a descrição de fenômenos como um	Kvale e Grenness (1967) argumentaram que Skinner não rejeitou o mundo privado, tão central para a fenomenologia, e que ele considerava a descrição de

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				passo primário do procedimento científico. Woolfolk e Sass (1988) apontaram o interesse de Skinner por "particulares concretos" em oposição a "conceitos abstratos". Fallon (1992) destacou o interesse de Skinner pela arte, sua dependência da indução (em oposição à dedução), sua posição contra a sabedoria convencional, seu foco na experiência primária (em oposição a abstrações e construções racionais) e sua preferência por particulares concretos em vez de grandes projetos. Fallon julgou que essas características são compatíveis com uma posição fenomenológica.	fenômenos como um passo primário do procedimento científico. Woolfolk e Sass (1988) apontaram o interesse de Skinner por "particulares concretos" em oposição a "conceitos abstratos". Fallon (1992) destacou o interesse de Skinner pela arte, sua dependência da indução (em oposição à dedução), sua posição contra a sabedoria convencional, seu foco na experiência primária (em oposição a abstrações e construções racionais) e sua preferência por particulares concretos em vez de grandes projetos. Fallon julgou que essas características são compatíveis com uma posição fenomenológica.

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
Web Science	of B.F. Skinner on Freedom, Dignity and Explanation of Behavior.	<p>TT 01</p> <p>“Liberdade, homem autônomo e dignidade”</p> <p>A primeira é a doutrina da liberdade humana: Nas visões tradicionais, uma pessoa é livre. Ela é autônoma no sentido de que seu comportamento não é causado. Portanto, ela pode ser responsabilizada pelo que faz e punida justamente se cometer infrações. A segunda doutrina conectada à do homem autônomo é a doutrina da dignidade humana.</p> <p>No entanto, não são apenas as doutrinas do homem autônomo, da liberdade humana e da dignidade humana que são alvo de críticas.</p>	<p>C 01</p> <p>“Liberdade, homem autônomo e dignidade”</p> <p>Skinner afirma que a psicologia mentalista negligencia as condições das quais o comportamento é uma função. Ele também sustenta que, em resposta à pergunta "Por que você está fazendo isso?", interpretada como uma "pergunta sobre causas", a psicologia mentalista oferece respostas insuficientes.</p> <p>Com relação à dignidade, Skinner está equivocado ao afirmar que nosso conceito de dignidade exige que atribuímos crédito a uma ação em proporção inversa à evidência de suas causas</p>	<p>TA 01</p> <p>“Liberdade, homem autônomo e dignidade”</p> <p>Skinner e aqueles que acreditam que temos ou podemos ter autonomia concordam: seja o que for o homem autônomo, ele pode agir livremente. No entanto, acredito que a maioria dos filósofos não sustenta essa visão, e há um consenso crescente entre os filósofos de hoje de que uma ação pode ser tanto causada quanto livre.</p> <p>Por trás da visão de que liberdade e causalidade são compatíveis e que, na verdade, pode haver ação livre mesmo que o universo seja um sistema determinista. Por outro lado, a</p>	<p>A primeira é a doutrina da liberdade humana: Nas visões tradicionais, uma pessoa é livre. Ela é autônoma no sentido de que seu comportamento não é causado. Portanto, ela pode ser responsabilizada pelo que faz e punida justamente se cometer infrações. A segunda doutrina conectada à do homem autônomo é a doutrina da dignidade humana.</p> <p>No entanto, não são apenas as doutrinas do homem autônomo, da liberdade humana e da dignidade humana que são alvo de críticas. Skinner também ataca a psicologia mentalista em geral, por psicologia mentalista</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>Skinner também ataca a psicologia mentalista em geral, por psicologia mentalista entenda-se qualquer psicologia que tente explicar o comportamento das pessoas, ou qualquer dado psicológico, em termos de seus estados, eventos ou processos mentais, e cujos conceitos mentais correspondentes não sejam definíveis em termos de, nem cientificamente e reduzíveis a, conceitos behavioristas.</p> <p>Skinner aponta como se sua equação entre liberdade e comportamento o não causado representasse uma visão amplamente aceita. Ele estaria certo em pensar que muitas pessoas, incluindo alguns</p>		<p>liberdade e determinismo, são compatíveis e, se assim for, falar sobre justificar ou escolher uma alternativa em vez de outra não implica ver as pessoas como livres em um sentido contracausal.</p> <p>Nem o não-naturalismo na ética, nem a visão de que podemos escolher livremente entre alternativas comprometem alguém com o que Skinner entende como "mentalismo," nem com qualquer posição psicológica específica, como, por exemplo, uma teoria behaviorista em oposição a uma teoria mentalista.</p> <p>Skinner não apresenta nada que demonstre que as pessoas frequentemente e não são livres no</p>	<p>entenda-se qualquer psicologia que tente explicar o comportamento das pessoas, ou qualquer dado psicológico, em termos de seus estados, eventos ou processos mentais, e cujos conceitos mentais correspondentes não sejam definíveis em termos de, nem cientificamente e reduzíveis a, conceitos behavioristas.</p> <p>Skinner aponta como se sua equação entre liberdade e comportamento o não causado representasse uma visão amplamente aceita. Ele estaria certo em pensar que muitas pessoas, incluindo alguns filósofos, acreditam que uma ação não é livre a menos que</p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese	
			filósofos, acreditam que uma ação não é livre a menos que não seja causada.		sentido importante para a responsabilidade de moral e a dignidade humana, ou que o progresso da psicologia ou de qualquer outra ciência seja necessariamente uma ameaça à liberdade ou dignidade humanas. Nem a verdade do determinismo, nem o fato de que as ações humanas são causadas, nem mesmo o fato de que elas são "rastreadas" até variáveis ambientais implicam que não agimos livremente ou que não temos responsabilidade de moral por nossas ações.	Skinner não demonstra que uma psicologia mentalista empiricamente responsável é impossível ou mesmo inviável nos dias de hoje.	não seja causada. Skinner afirma que a psicologia mentalista negligencia as condições das quais o comportamento é uma função. Ele também sustenta que, em resposta à pergunta "Por que você está fazendo isso?", interpretada como uma "pergunta sobre causas", a psicologia mentalista oferece respostas insuficientes. Com relação à dignidade, Skinner está equivocado ao afirmar que nosso conceito de dignidade exige que atribuamos crédito a uma ação em proporção à evidência de suas causas. Skinner e aqueles que acreditam que temos ou podemos ter autonomia concordam:

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						<p>seja o que for o homem autônomo, ele pode agir livremente. No entanto, acredito que a maioria dos filósofos não sustenta essa visão, e há um consenso crescente entre os filósofos de hoje de que uma ação pode ser tanto causada quanto livre.</p> <p>Por trás da visão de que liberdade e causalidade são compatíveis e que, na verdade, pode haver ação livre mesmo que o universo seja um sistema determinista. Por outro lado, a liberdade e determinismo, são compatíveis e, se assim for, falar sobre justificar ou escolher uma alternativa em vez de outra não implica ver as pessoas como livres em um</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						sentido contracausal.
						Nem o não-naturalismo na ética, nem a visão de que podemos escolher livremente entre alternativas comprometem alguém com o que Skinner entende como "mentalismo," nem com qualquer posição psicológica específica, como, por exemplo, uma teoria behaviorista em oposição a uma teoria mentalista.
						Skinner não apresenta nada que demonstre que as pessoas frequentemente e não são livres no sentido importante para a responsabilidade moral e a dignidade humana, ou que o progresso da psicologia ou de qualquer outra ciência seja necessariamente

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					<p>te uma ameaça à liberdade ou dignidade humanas. Nem a verdade do determinismo, nem o fato de que as ações humanas são causadas, nem mesmo o fato de que elas são "rastreadas" até variáveis ambientais implicam que não agimos livremente ou que não temos responsabilida de moral por nossas ações.</p> <p>Skinner não demonstra que uma psicologia mentalista empiricament e responsável é impossível ou mesmo inviável nos dias de hoje.</p>
Web Science	of B.F. Skinner on Freedom, Dignity and Explanation of Behavior.	TT 02 "Crítica a psicologia mentalista" Skinner aponta que muita das "causas" sobre o comportament o humano têm base	C 02 "Crítica a psicologia mentalista" Presumivelme nte, a própria psicologia de Skinner é rica o suficiente para permitir a construção instantânea de	TA 02 "Crítica a psicologia mentalista" Skinner frequentemente e critica a psicologia mentalista, argumentando que ela atribui causalidade a	Skinner aponta que muitas das "causas" sobre o comportament o humano têm base mentalista, porém a psicologia mentalista não é capaz de

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>mentalista, porém a psicologia mentalista não é capaz de compreender de forma fidedigna as relações dispostas nos comportamentos.</p>	<p>explicações sobre muitos aspectos do comportamento, isso inclui testar explicações “mentalistas”. Devemos distinguir a questão epistemológica de como chegamos a conhecer o fato explicativo da questão lógica de como ele se relaciona ao fato que necessita de explicação. O ponto lógico aqui é que a explicação é testável e se baseia em uma lei. E, com tudo o que Skinner diz, os mesmos argumentos poderiam ser aplicados às explicações mentalistas.</p> <p>A maioria dos mentalistas consideraria que o comportamento é o último elo de uma cadeia causal que remonta ao ambiente do sujeito, mas que possui vínculos</p>	<p>estados internos que, segundo ele, compartilham as mesmas causas ambientais que o comportamento em si. Assim, ele conclui que o comportamento não é causado por esses estados internos. No entanto, essa postura tem sido alvo de objeções.</p> <p>Uma das críticas à visão de Skinner é que ele carrega a ideia de “homúnculos” – pequenos agentes ou entidades dentro da mente que controlariam o comportamento – ao argumentar contra a psicologia mentalista. Isso, segundo seus críticos, é uma caricatura injusta, já que poucos filósofos ou psicólogos contemporâneos realmente defendem tal conceito.</p>	<p>compreender de forma fidedigna as relações dispostas nos comportamentos. Presumivelmente, a própria psicologia de Skinner é rica o suficiente para permitir a construção instantânea de explicações sobre muitos aspectos do comportamento, isso inclui testar explicações “mentalistas”. Devemos distinguir a questão epistemológica de como chegar a conhecer o fato explicativo da questão lógica de como ele se relaciona ao fato que necessita de explicação. O ponto lógico aqui é que a explicação é testável e se baseia em uma lei. E, com tudo o que Skinner diz, os mesmos argumentos poderiam ser aplicados às explicações</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			<p>psicológicos intermediários que são as causas mais imediatas do comportamento. O mentalista não precisa negar a eficácia dos vínculos ambientais, assim como o comportamento alista não precisa negar a eficácia dos vínculos psicológicos.</p> <p>No entanto, liberdade e determinismo são compatíveis e, sendo assim, falar em justificar ou escolher uma alternativa em detrimento de outra não compromete alguém a considerar as pessoas livres em um sentido contracausal.</p> <p>Skinner subestima os recursos da psicologia mentalista em sua melhor forma e, por isso, associa-a erroneamente ao conceito de "homem autônomo". Se considerarmos como ele</p>	<p>Embora Skinner insista na testabilidade experimental das explicações científicas, ele desconsidera que disciplinas como física e química dependem amplamente de conceitos não diretamente observáveis. De forma semelhante, algumas hipóteses mentalistas podem ser testadas experimentalmente.</p> <p>Outra crítica ao comportamento de Skinner é sua tentativa de reduzir conceitos mentalistas, como crença e desejo, a seus próprios termos comportamentais. Muitos argumentam que tais reduções são equivocadas, uma vez que as propriedades expressas por termos</p>	<p>mentalistas. A maioria dos mentalistas consideraria que o comportamento é o último elo de uma cadeia causal que remonta ao ambiente do sujeito, mas que possui vínculos psicológicos intermediários que são as causas mais imediatas do comportamento. O mentalista não precisa negar a eficácia dos vínculos ambientais, assim como o comportamento alista não precisa negar a eficácia dos vínculos psicológicos.</p> <p>No entanto, liberdade e determinismo são compatíveis e, sendo assim, falar em justificar ou escolher uma alternativa em detrimento de outra não compromete alguém a considerar as pessoas livres em um sentido</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			concebe a relação de sua própria psicologia, em contraste com a psicologia mentalista, com as ciências naturais, vemos que ele considera a ciência do comportamento como "parte da biologia".	<p>mentalistas podem ter correlações fisiológicas, mas isso não as torna automaticamente redutíveis. Além disso, Skinner defende que sua psicologia, como ramo da biologia, teria maior capacidade explicativa e preditiva em relação à psicologia mentalista. Contudo, isso não é uma conclusão automática e deve ser avaliado com base em experimentos. Comparar o poder preditivo de uma teoria intencionalista bem formulada com os princípios skinnerianos poderia oferecer insights valiosos. Se os princípios comportamentalistas se mostrarem superiores, os mentalistas teriam razões para revisar</p>	<p>contracausal. Skinner subestima os recursos da psicologia mentalista em sua melhor forma e, por isso, associa-a erroneamente ao conceito de "homem autônomo". Se considerarmos como ele concebe a relação de sua própria psicologia, em contraste com a psicologia mentalista, com as ciências naturais, vemos que ele considera a ciência do comportamento como "parte da biologia". Skinner frequentemente e critica a psicologia mentalista, argumentando que ela atribui causalidade a estados internos que, segundo ele, compartilham as mesmas causas ambientais que o comportamento em si. Assim, ele conclui que o</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					<p>suas posições. Mas, caso as teorias intencionalistas fossem mais bem-sucedidas, isso incentivaria os behavioristas a reconsiderar suas ideias.</p> <p>Independentemente do resultado, tais experimentos promoveriam um entendimento mais profundo e um diálogo mais produtivo entre as abordagens mentalista e comportamentalista, contribuindo para um avanço na compreensão do comportamento humano.</p>	<p>comportamento não é causado por esses estados internos. No entanto, essa postura tem sido alvo de objeções.</p> <p>Embora Skinner insista na testabilidade experimental das explicações científicas, ele desconsidera que disciplinas como física e química dependem amplamente de conceitos não diretamente observáveis. De forma semelhante, algumas hipóteses mentalistas podem ser testadas experimentalmente.</p> <p>Outra crítica ao comportamento de Skinner é sua tentativa de reduzir conceitos mentalistas, como crença e desejo, a seus próprios termos comportamentalistas. Muitos</p>

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						<p>argumentam que tais reduções são equivocadas, uma vez que as propriedades expressas por termos mentalistas podem ter correlações fisiológicas, mas isso não as torna automaticamente redutíveis.</p> <p>Além disso, Skinner defende que sua psicologia, como ramo da biologia, teria maior capacidade explicativa e preditiva em relação à psicologia mentalista. Contudo, isso não é uma conclusão automática e deve ser avaliado com base em experimentos. Comparar o poder preditivo de uma teoria intencionalista bem formulada com os princípios skinnerianos poderia oferecer insights</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					<p>valiosos. Se os princípios comportamentalistas se mostrarem superiores, os mentalistas teriam razões para revisar suas posições. Mas, caso as teorias intencionalistas fossem mais bem-sucedidas, isso incentivaria os behavioristas a reconsiderar suas ideias.</p> <p>Independente mente do resultado, tais experimentos promoveriam um entendimento mais profundo e um diálogo mais produtivo entre as abordagens mentalista e comportamentalista, contribuindo para um avanço na compreensão do comportamento humano.</p>
Web Science	of Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no	TT 01 “Liberdade” enquanto “sentimento” A “literatura	TT 01 “Liberdade” enquanto “sentimento”	TT 01 “Liberdade” enquanto “sentimento” O tratamento	A “literatura da liberdade” fundamentar-se na concepção tradicional de

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
	behaviorismo radical	da liberdade” fundamentar-se na concepção tradicional de homem, entende a liberdade em termos de sentimentos ou estados da mente	A “literatura da liberdade” não conseguiria atingir o “escravo feliz”, aquele cujo comportamento tem reforço positivo imediato, mas que, em última análise, não é livre.	skinneriano da liberdade em termos de relações controladoras é capaz de revelar situações exploradoras e escravizantes que não são denunciadas pela literatura da liberdade.	homem, entende a liberdade em termos de sentimentos ou estados da mente. Skinner aponta que “literatura da liberdade” não conseguiria atingir o “escravo feliz”, aquele cujo comportamento tem reforço positivo imediato, mas que, em última análise, não é livre. O tratamento skinneriano da liberdade em termos de relações controladoras é capaz de revelar situações exploradoras e escravizantes que não são denunciadas pela literatura da liberdade.
Web Science	of Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical	TT 02 “Controle” como ruim e “Liberdade” como boa. A tese da transferência da explicação do comportamento do homem	TT 02 “Controle” como ruim e “Liberdade” como boa. A literatura da liberdade afirmou que se o controle aversivo é	TT 02 “Controle” como ruim e “Liberdade” como boa. O homem não é livre quando seu comportamento é produto de um dado tipo	As explicações mentalistas eram priorizadas socialmente, e entendiam a liberdade como o produto da ação ou da vontade de um

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>autônomo para o controle ambiental.</p> <p>As explicações mentalistas eram priorizadas socialmente, e entendiam a liberdade como o produto da ação ou da vontade de um agente interior</p>	<p>ruim e a liberdade é boa, todo controle é ruim</p>	<p>de controle. Da mesma forma, o homem é livre quando seu comportament o também está sob uma forma de controle específico. Os homens também não são livres quando estão sob o controle de contingências de reforço positivo imediato, mas que produzem, em longo prazo, consequências aversivas. Skinner afirma que a luta pela liberdade não seria uma luta pela liberdade do controle, mas de certos tipos de controle. A análise skinneriana da liberdade e dignidade é feita em termos da elucidação das variáveis ambientais que controlam o comportament o, e não sob a ótica do homem autônomo. Ele enfatiza a</p>	<p>agente interior. A “literatura da liberdade” tentou combater o controle exercido de forma coercitiva, porém afirmou que se o controle aversivo é ruim e a liberdade é boa, assim todo controle é ruim. O homem não é livre quando seu comportament o é produto de um dado tipo de controle, mas mesma forma, o homem é livre quando seu comportament o também está sob uma forma de controle específico. Os homens não são livres quando estão sob o controle de contingências de reforço positivo imediato, mas que produzem, em longo prazo, consequências aversivas. A análise skinneriana da liberdade e</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				natureza probabilística do controle, e considera o papel do acaso e das variações comportamentais no processo de seleção do comportamento pelas suas consequências	dignidade é feita em termos da elucidação das variáveis ambientais que controlam o comportamento, e não sob a ótica do homem autônomo. Ele enfatiza a natureza probabilística do controle, e considera o papel do acaso e das variações comportamentais no processo de seleção do comportamento pelas suas consequências. Skinner afirma que a luta pela liberdade não seria uma luta pela liberdade do controle, mas de certos tipos de controle
Web Science	of Exploitation, Freedom, and Coercion: The Integration of Applied Behavior Analysis in a Capitalist System	TT 01 Influência do capitalismo nos graus de liberdade e coerção dos trabalhadores A dependência	C 01 Influência do capitalismo nos graus de liberdade e coerção dos trabalhadores Uma compreensão	TA 01 Influência do capitalismo nos graus de liberdade e coerção dos trabalhadores De acordo com	De acordo com Goldiamond, a liberdade está inextricavelmente relacionada à disponibilidade e de respostas alternativas.

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		de professores temporários também garante que os alunos não tenham consistência de instrutores ou mentores (ou de suas expectativas, nesse caso), e, assim, podem ter menos oportunidades e/ou menos tempo com cada instrutor para desenvolver relacionamentos profissionais e redes. Tal escassez de escolha em relação a uma diversidade de instrutores ou mentores bem preparados também é um indicador de uma redução da liberdade do aluno e, portanto, é indicativo de um ambiente educacional coercitivo. Além disso, esses professores temporários são frequentemente e mal remunerados, têm pouca ou nenhuma voz ou	conceitualmente sólida do conceito de liberdade poderia permitir que os analistas do comportamento melhorassem sua capacidade de interpretar as relações comportamentais no ambiente que diz respeito ao controle do reforço relacionado a ganhos de capital, trabalho, salários e estruturas de faturamento dentro de uma organização. Esses desafios incluem empresas de capital privado comprando companhias e muitos novos programas de graduação oferecendo um caminho para se tornar um analista do comportamento certificado. Por um lado, o crescimento do alcance de uma empresa e o desenvolvimento	Goldiamond, a liberdade está inextricavelmente relacionada à disponibilidade de respostas alternativas. Goldiamond também se concentrou cuidadosamente no repertório comportamental de um indivíduo; ou seja, quanto mais ricas forem as alternativas para interagir de maneira eficaz com o ambiente, mais livre é a pessoa. Um indivíduo pode estar mais ou menos sujeito à coerção do que outro. Assim, a liberdade, como a exploração, representa um conceito escalar. Mais ou menos liberdade depende da quantidade de respostas alternativas disponíveis.	Goldiamond também se concentrou cuidadosamente no repertório comportamental de um indivíduo; ou seja, quanto mais ricas forem as alternativas para interagir de maneira eficaz com o ambiente, mais livre é a pessoa. Portanto, mais ou menos liberdade depende da quantidade ou número de respostas alternativas disponíveis. Isso está diretamente relacionado à importância de garantir que os trabalhadores na área de análise do comportamento estejam livres de coerção". A

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>participação na governança da universidade e não possuem segurança no emprego a longo prazo ou oportunidades de promoção ou avanço de cargo</p> <p>O volume de trabalho delegado aos analistas do comportamento, tanto profissionais quanto acadêmicos, é frequentemente e insustentável. Analistas do comportamento muitas vezes não têm voz em relação ao volume de clientes, supervisores/e estagiários e/ou alunos que seus empregadores designam, o que significa que muitos analistas do comportamento enfrentam a escolha entre sua integridade profissional ou sua capacidade de garantir emprego.</p>	<p>nto de novos programas de graduação equilibram a demanda por serviços com a disponibilidade e de prestadores de serviço; por outro lado, o impacto que isso teve sobre trabalhadores, pacientes e a comunidade não foi totalmente avaliado.</p> <p>Para aumentar os graus de liberdade e autonomia de clínicos e educadores, bem como a redução da coerção, criando, assim, um ambiente mais acolhedor.</p> <p>Uma das variáveis mais impactantes que afetam como os analistas do comportamento são treinados e praticam nos Estados Unidos é o sistema de saúde com</p>	<p>Isso está diretamente relacionado à importância de garantir que os trabalhadores na área de análise do comportamento estejam livres de coerção.</p> <p>O refinamento conceitual que Goldiamond constrói oferece uma estrutura valiosa para os que trabalham na área de análise do comportamento, permitindo que tomem ações mais eficazes em seus ambientes profissionais. Uma compreensão conceitualmente sólida do conceito de liberdade poderia permitir que analistas do comportamento melhorassem sua capacidade de interpretar as relações comportamentais no ambiente no que diz respeito ao</p>	<p>dependência de professores temporários também garante que os alunos não tenham consistência de instrutores ou mentores e assim podem ter menos oportunidades e/ou menos tempo com cada instrutor para desenvolver relacionamentos profissionais e redes. Tal escassez de escolha em relação a uma diversidade de instrutores ou mentores bem preparados também é um indicador de uma redução da liberdade do aluno e, portanto, é indicativo de um ambiente educacional coercitivo. Os professores temporários são frequentemente e mal remunerados, têm pouca ou nenhuma voz ou participação na governança da universidade e</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		Muitos empregadores exigem que seus profissionais prestem um número mínimo de serviços faturáveis por semana ou mês e/ou são incentivados a prestar serviços além da cota mínima com bônus coercitivos. Na realidade, grande parte do trabalho em que os profissionais se envolvem não é considerado faturável pela maioria dos financiadores.	fins lucrativos. Embora existam muitos benefícios na sindicalização, a oportunidade para os trabalhadores se sindicalizarem infelizmente não é igualmente acessível. Atualmente, 27 estados possuem leis de 'direito ao trabalho' que proíbem a formação de sindicatos, e mesmo em estados que permitem sindicatos, as proteções legais oferecidas por esses sindicatos podem ser limitadas, dependendo se o empregador é uma entidade pública ou privada	controle do reforço relacionado a ganhos de capital, trabalho, salários e estruturas de faturamento dentro de uma organização” "Um sindicato é 'uma organização de trabalhadores formada com o propósito de promover os interesses de seus membros em relação a salários, benefícios e condições de trabalho.' As condições de trabalho, neste caso, podem ser equiparadas a graus de liberdade. Acreditamos que a sindicalização teria várias vantagens, incluindo proporcionar aos trabalhadores maior liberdade sobre sua prática, seja clínica ou educacional. Os sindicatos dão aos trabalhadores	não possuem segurança no emprego a longo prazo ou oportunidades de promoção ou avanço de cargo. Condições que não produzem possibilidade de escolha podem resultar em evasão, esgotamento e resultados educacionais deficientes para os alunos e perda de liberdade. Apesar disso, há algumas coisas que é possível fazer, coletivamente, para ajudar a mitigar essas questões. Embora não possamos mudar toda a estrutura do sistema universitário da noite para o dia, ainda podemos influenciar os sistemas de forma a reduzir a coerção e a exploração enquanto promovemos a liberdade. O volume de trabalho

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				o poder de negociação coletiva para discutir salários, benefícios, condições de trabalho (por exemplo, volume de carga de trabalho) e governança compartilhada, além de reforçar a segurança no emprego por meio de	delegado aos analistas do comportamento, tanto profissionais quanto acadêmicos, é frequentemente e insustentável. Analistas do comportamento muitas vezes não têm voz em relação ao volume de clientes, supervisores/e stagiários e/ou alunos que seus empregadores designam, o que significa que muitos analistas do comportamento enfrentam a escolha entre sua integridade profissional ou sua capacidade de garantir emprego. Muitos empregadores exigem que seus profissionais prestem um número mínimo de serviços faturáveis por semana ou mês e/ou são incentivados a prestar serviços além da cota
				devido ao processo.	
				"Quando não há uma escolha real disponível, uma redução na liberdade e um aumento correspondent e na coerção podem ser esperados. Condições como essas podem resultar em evasão, esgotamento e resultados educacionais deficientes para os alunos. Além disso, as táticas apresentadas acima também representam uma perda de liberdade, já que os professores	

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				em alguns programas ou departamentos podem ter pouca ou nenhuma governança compartilhada, ou voto em relação a como o departamento opera. Apesar disso, há algumas coisas que podemos fazer, coletivamente, para ajudar a mitigar essas questões. Embora não possamos mudar toda a estrutura do sistema universitário da noite para o dia, ainda podemos influenciar os sistemas de forma a reduzir a coerção e a exploração enquanto promovemos a liberdade.	mínima com bônus coercitivos. Na realidade, grande parte do trabalho em que os profissionais se envolvem não é considerado faturável pela maioria dos "financiadores"
				Uma cooperativa de trabalhadores é um grupo de trabalhadores que possuem e operam democraticamente um negócio (Wolff,	Uma compreensão conceitualmente sólida do conceito de liberdade poderia permitir que os analistas do comportamento o melhorassem sua capacidade de interpretar as relações de comportamento no ambiente no que diz respeito ao controle do reforço relacionado a ganhos de capital, trabalho, salários e estruturas de faturamento dentro de uma organização. O crescimento do alcance de uma empresa e o desenvolve

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				2019b). A primeira cooperativa de trabalhadores, a Mondragon Corporation, começou na Espanha em 1956 e ainda está em funcionamento hoje. Há várias vantagens nas cooperativas de trabalhadores. As cooperativas de trabalhadores permitem que os negócios sejam operados democraticamente, o que se alinha com nossa definição proposta de liberdade e os oito princípios de comportamento coletivo. Em primeiro lugar, democratizar o local de trabalho e dar escolha aos trabalhadores permite que eles sejam livres para tomar decisões com base nas necessidades da empresa e dos clientes,	Anto de novos programas de graduação equilibram a demanda por serviços com a disponibilidade e de prestadores de serviço; por outro lado, o impacto que isso teve sobre trabalhadores, pacientes e a comunidade não foi totalmente avaliado. As seções a seguir revisarão as questões relativas à exploração, liberdade e coerção em relação ao capital privado, bem como no ambiente universitário. Uma das variáveis mais impactantes que afetam como os analistas do comportamento são treinados e praticam nos Estados Unidos é o sistema de saúde com fins lucrativos. Embora

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				sem ter que passar por acionistas corporativos preocupados com o lucro.	modelos de seguro de saúde universal ou de pagador único possam ajudar a resolver muitos problemas.
				Nossas organizações profissionais devem estabelecer padrões quantificáveis em relação à carga de trabalho para garantir que os empregadores não estejam apenas preocupados com o resultado final, reduzindo assim a coerção e aumentando a liberdade.	As organizações profissionais devem estabelecer padrões quantificáveis em relação à carga de trabalho para garantir que os empregadores não estejam apenas preocupados com o resultado final, reduzindo assim a coerção e aumentando a liberdade
				A análise do comportamento nos equipou com as ferramentas para medir e o raciocínio analítico para entender nosso comportamento dentro de uma ecologia, mesmo uma baseada na economia.	Um sindicato é 'uma organização de trabalhadores formada com o propósito de promover os interesses de seus membros em relação a salários, benefícios e
				Goldiamond e Sidman nos deram uma estrutura	

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				conceitual para entender liberdade e coerção de uma perspectiva analítico-comportamental, e Marx, Wolff, Hudson e Varafolkis nos permitiram entender exploração e liberdade dentro de sistemas econômicos. Juntos, podemos aprender com esses autores para entender sistemas que promovem mais ou menos liberdade e coerção	condições de trabalho.' As condições de trabalho, neste caso, podem ser equiparadas a graus de liberdade. Acreditamos que a sindicalização teria várias vantagens, incluindo proporcionar aos trabalhadores maior liberdade sobre sua prática, seja clínica ou educacional. Os sindicatos dão aos trabalhadores o poder de negociação coletiva para discutir salários, benefícios, condições de trabalho (por exemplo, volume de carga de trabalho) e governança compartilhada, além de reforçar a segurança no emprego por meio de devido processo. Embora existam muitos benefícios na

Base de Dados	Nome do artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						<p>sindicalização, a oportunidade para os trabalhadores se sindicalizarem infelizmente não é igualmente acessível. Atualmente, 27 estados possuem leis de 'direito ao trabalho' que proíbem a formação de sindicatos, e mesmo em estados que permitem sindicatos, as proteções legais oferecidas por esses sindicatos podem ser limitadas, dependendo se o empregador é uma entidade pública ou privada</p> <p>Uma cooperativa de trabalhadores é um grupo de trabalhadores que possuem e operam democraticamente um negócio, elas permitem que os negócios sejam operados democraticamente</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					ente, o que se alinha com nossa definição proposta de liberdade e os oito princípios de comportamento o coletivo de Ostrom (1990). Em primeiro lugar, democratizar o local de trabalho e dar escolha aos trabalhadores permite que eles sejam livres para tomar decisões com base nas necessidades da empresa e dos clientes, sem ter que passar por acionistas corporativos preocupados com o lucro.
Web Science	of Igniting Collective Freedom: An Integrative Behavioral Model of Acceptance and Commitment Toward Black Liberation	TT 01 “Liberdade” individual e libertação. A libertação também tem raízes na literatura analítico-comportamental e já foi definida anteriormente. Skinner (1953)	C 01 “Liberdade” individual e libertação. Embora as pessoas negras sejam tecnicamente livres em nossa sociedade global, o grau em que isso é verdade deve	TA 01 “Liberdade” individual e libertação. Goldiamond (1976) expandiu esse trabalho, referindo-se à liberdade no contexto da disponibilidade e de escolha. A	A libertação também tem raízes na literatura analítico-comportamental, Skinner discutiu a liberdade, em relação ao governo, como a ausência de controles aversivos. Ele considerava a

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		discutiu a liberdade, em relação ao governo, como a ausência de controles aversivos. Ele considerava a natureza temporal das consequências aversivas como imediatas ou adiadas. Isso significa que uma pessoa pode experimentar um estímulo aversivo em seu ambiente atual ou experimentá-lo em seu ambiente em um momento posterior	ser considerado Embora este modelo inclua um esforço colaborativo para que os negros avancem na liberdade coletiva e individual, a responsabilidade de garantir a liberdade ainda recai sobre um coletivo de indivíduos brancos com poder social e político, que criaram o sistema como um meio de vantagem e preservação cultural	disponibilidade e o número de escolhas genuínas constituem o grau de liberdade que o indivíduo realmente possui. Em seu trabalho, quanto maior o grau de liberdade, menor o grau de coerção ou consequências aversivas que estão presentes Alcançar a liberdade não depende exclusivamente dos oprimidos Mesmo que seja útil para a comunidade negra, um modelo psicológico nunca poderia substituir a necessidade de dismantelar o racismo estrutural e o poder branco	natureza temporal das consequências aversivas como imediatas ou adiadas. Isso significa que uma pessoa pode experimentar um estímulo aversivo em seu ambiente atual ou experimentá-lo em seu ambiente em um momento posterior. Goldiamond expandiu esse trabalho, referindo-se à liberdade no contexto da disponibilidade e de escolha, a disponibilidade e o número de escolhas genuínas constituem o grau de liberdade que o indivíduo realmente possui. Em seu trabalho, quanto maior o grau de liberdade, menor o grau de coerção ou consequências aversivas que estão presentes. Embora as pessoas negras sejam tecnicamente

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					livres em nossa sociedade global, o grau em que isso é verdade deve ser considerado. A responsabilidade de garantir a liberdade recai sobre um coletivo de indivíduos brancos com poder social e político, que criaram o sistema como um meio de vantagem e preservação cultural, portanto não depende apenas dos oprimidos agirem para se alcançar liberdade, mas reavaliar toda a estrutura racista envolta na sociedade.
Web Science	of Rethinking freedom for contemporary psychology	TT 01 “Liberdade” para Skinner “Liberdade” pautada em explicações mentais e “sentimento”. Propor combate aos meios de controle coercitivos,	C 01 Liberdade para Skinner “Hoje há uma escassez de interesse dentro da psicologia no desenvolvimento e compreensão adicionais da liberdade dentro de um quadro	TA 01 Liberdade para Skinner Skinner entendia a obsessão dessa literatura com a eliminação de estímulos desagradáveis, para ‘libertar’ as pessoas, como um	A “literatura da liberdade” propõe o combate aos meios de controle coercitivos, enfatizando que todo nível de controle é ruim. Outro problema da ‘literatura da liberdade’ para Skinner

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>enfazando que todo nível de controle é ruim.</p> <p>O problema da ‘literatura da liberdade’ para Skinner está em considerar que os estímulos positivos não necessariamente levam a consequências positivas, os estímulos positivos podem, portanto, funcionar como limitações que reduzem a liberdade humana sem que ninguém perceba</p> <p>Diante da representação da liberdade tanto como uma pré-condição para o desenvolvimento pessoal quanto como um projeto inerentemente individual de autoatualização, Skinner, fundamentado na psicologia experimental, viu em tais avaliações da liberdade como um</p>	<p>psicológico que explicitamente e leve em consideração seus aspectos práticos, normativos e políticos.</p> <p>Skinner, possuía ideias sobre liberdade, porém estas foram extremamente controversas durante sua vida”.</p> <p>Para Skinner a “literatura da liberdade” nunca enfrentou as técnicas de controle que não geram fuga ou contra-ataque porque lidou com o problema em termos de estados mentais e sentimentos.</p>	<p>equivoco, já que a liberdade é alcançada ao escapar de estímulos desagradáveis, por exemplo, livrando-se das restrições impostas pela sociedade.</p> <p>Se a liberdade está ligada a esses estados mentais e sentimentos, isso significa que, uma vez que uma pessoa se livra de estímulos desagradáveis, ela pode se sentir livre – mesmo que não seja de fato o caso de que ela esteja.</p> <p>A ‘literatura da liberdade’ falha em seu empreendimento. Ela meramente fornece um guia de ação (não uma filosofia da consciência).</p> <p>“A liberdade, no behaviorismo radical de Skinner, se dissolve nas contingências de reforço</p>	<p>está em considerar que os estímulos positivos não necessariamente levam a consequências positivas, os estímulos positivos podem, portanto, funcionar como limitações que reduzem a liberdade humana sem que ninguém perceba</p> <p>Diante da representação da liberdade tanto como uma pré-condição para o desenvolvimento pessoal quanto como um projeto inerentemente individual de autoatualização, Skinner, fundamentado na psicologia experimental, viu em tais avaliações da liberdade como um equivoco, que impedia discussões mais aprofundadas sobre como o social poderia ser ordenado. Para Skinner a “literatura da</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		equivoco, que impedia discussões mais aprofundadas sobre como o social poderia ser ordenado			<p>liberdade” nunca enfrentou as técnicas de controle que não geram fuga ou contra-ataque porque lidou com o problema em termos de estados mentais e sentimentos. Ele possuía ideias sobre liberdade, porem estas foram extremamente controversas durante sua vida”.</p> <p>Skinner via a obsessão dessa literatura com a eliminação de estímulos desagradáveis, para ‘libertar’ as pessoas, como um equivoco, já que a liberdade é alcançada ao escapar de estímulos desagradáveis, por exemplo, livrando-se das restrições impostas pela sociedade. Se a liberdade está ligada a esses estados mentais e sentimentos,</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					<p>isso significa que, uma vez que uma pessoa se livra de estímulos desagradáveis, ela pode se sentir livre – mesmo que não seja de fato o caso de que ela esteja. A ‘literatura da liberdade’ falha em seu empreendimento. Ela meramente fornece um guia de ação (não uma filosofia da consciência). Uma crítica a proposta de Skinner é que a “liberdade” skinneriana se dissolve em contingências de reforço.</p>
Google acadêmico	A liberdade no behaviorismo radical	<p>TT 01</p> <p>“Liberdade” enquanto “vontade interna”.</p> <p>Skinner comenta que as filosofias tradicionais e dominantes veiculam a explicação do comportamento a “uma vontade”</p>	<p>C 01</p> <p>“Liberdade” enquanto “vontade interna”.</p> <p>Skinner buscou combater a noção de liberdade sustentada pela cultura ocidental, argumentando explicitamente que o</p>	<p>TA 01</p> <p>“Liberdade” enquanto “vontade interna”.</p> <p>O Behaviorismo skinneriano possui uma visão determinista do comportamento dos organismos. Para Skinner o</p>	<p>Skinner comenta que as filosofias tradicionais e dominantes veiculam a explicação do comportamento a “uma vontade” interna que tem o poder de inferir com as relações causais e que torna impossíveis a previsão.</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		<p>interna que tem o poder de inferir com as relações causais e que tona impossíveis a previsão;</p> <p>A noção tradicional de liberdade pressupõe a existência de uma entidade interna que é capaz de guiar o comportamento dos indivíduos, livre de qualquer determinação ambiental</p>	<p>comportament o humano não é livre e jamais será.</p> <p>A liberdade enquanto estado mental e sentimento é completament e incompatível com a concepção behaviorista radical</p>	<p>comportament o não é um ato intencional, nem tampouco uma escolha livre de cada indivíduo, o comportament o sempre deve ser explicado a partir das variáveis externas ao indivíduo, isto é, o homem não é autônomo</p>	<p>Skinner buscou combater a noção de liberdade sustentada pela cultura ocidental, argumentando explicitament e que o comportament o humano não é livre e jamais será. Para Skinner o comportament o não é um ato intencional, nem tampouco uma escolha livre de cada indivíduo</p> <p>A noção tradicional de liberdade pressupõe a existência de uma entidade interna que é capaz de guiar o comportament o dos indivíduos, livre de qualquer determinação ambiental. A liberdade enquanto estado mental e sentimento é completament e incompatível com a concepção behaviorista radical. O comportament o sempre deve ser explicado a</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					partir das variáveis externas ao indivíduo, isto é, o homem não é autônomo.
Google acadêmico	A liberdade no behaviorismo radical	<p>TT 02 “Controle” contrário à “liberdade”.</p> <p>A palavra controle, em nossa cultura, está associada à ideia de manipulação, seria contrário a liberdade, pois enquanto o primeiro é ruim e, por isso, as pessoas tendem a negá-lo e a fugir dele, a liberdade é boa, e as pessoas buscam e lutam intensamente por ela.</p>	<p>C 02 “Controle” contrário à “liberdade”.</p> <p>Nem toda relação que exerce controle é uma relação ruim.</p>	<p>TA 2 “Controle” contrário à “liberdade”.</p> <p>Apesar do termo controle ter assumido um sentido negativo, Skinner o vê como um processo natural, partindo do princípio de que existem relações regulares entre ambiente e comportamento, estando ambos sujeitos a leis.</p>	<p>A palavra controle, em nossa cultura, está associada à ideia de manipulação, seria contrário a liberdade, pois enquanto o primeiro é ruim e, por isso, as pessoas tendem a negá-lo e a fugir dele, a liberdade é boa, e as pessoas buscam e lutam intensamente por ela. Nem toda relação que exerce controle é uma relação ruim, apesar do termo controle ter assumido um sentido negativo, Skinner o vê como um processo natural, partindo do princípio de que existem relações regulares entre ambiente e comportamento, estando</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					ambos sujeitos a leis
Google acadêmico	A liberdade no behaviorismo radical	TT 03 “Liberdade” enquanto sentimento. Algumas teorias tradicionais definiram liberdade como ausência de controle aversivo, mas a ênfase recai na maneira pela qual esta condição se faz sentir [e não nas contingências].	C 03 “Liberdade” enquanto sentimento. A falha da “literatura da liberdade” foi valorizar os estados internos ou sentimentos, deixa de atender para o ambiente que está exercendo o controle. Sobre o sentimento de liberdade, Skinner concorda que ele existe e é produzido por contingências de reforçamento assim como qualquer outro sentimento, mas isso não o confiabilidade	TA 03 “Liberdade” enquanto sentimento. Os reforçamentos , positivo e negativo, produzem sentimentos de liberdade. O primeiro por não gerar contracontrole e o segundo por envolver um certo alívio quando da fuga ou situações aversivas.	Algumas teorias tradicionais definiram liberdade como ausência de controle aversivo, mas a ênfase recai na maneira pela qual esta condição se faz sentir e como as pessoas identificam serem “livres” por meio do sentimento. A falha da “literatura da liberdade” foi valorizar os estados internos ou sentimentos, deixa de atender para o ambiente que está exercendo o controle. Sobre o sentimento de liberdade, Skinner concorda que ele existe e é produzido por contingências de reforçamento assim como qualquer outro sentimento, mas isso não o torna confiável. Os reforçamentos , positivo e

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					negativo, produzem sentimentos de liberdade. O primeiro por não gerar contracontrole e o segundo por envolver um certo alívio quando da fuga ou esquiva de situações aversivas. Em ambos os casos as relações de controle não deixam de existir.
Google acadêmico	Sentidos possíveis de "liberdade" no Behaviorismo Radical	TT 01 "Liberdade" e "dignidade" como qualidades/ estados corporais. Liberdade e dignidade são tradicionalmente qualificadas como posses ou qualidades de um self, ego, personalidade ou indivíduo autônomo: o indivíduo digno e livre, ou possui dignidade e liberdade.	C 01 "Liberdade" e "dignidade" como qualidades/ estados corporais. Olhar para além desta visão tradicional significa, em poucas palavras, investigar as variáveis ambientais que explicam o que uma pessoa é e faz - incluindo o que fala, pensa e sente. Uma investigação dessa natureza lança sérias dúvidas sobre a crença generalizada	TA 01 "Liberdade" e "dignidade" como qualidades/ estados corporais. O sentimento de "liberdade", enquanto estado corporal, e o relato, enquanto resposta verbal, são fatos comportamentais tão dignos de análise e consideração quanto quaisquer outros. A "liberdade" faz parte de relações	Liberdade e dignidade são tradicionalmente qualificadas como posses ou qualidades de um self, ego, personalidade ou indivíduo autônomo: o indivíduo digno e livre, ou possui dignidade e liberdade. Olhar para além desta visão tradicional significa, em poucas palavras, investigar as variáveis ambientais que explicam o que uma pessoa é e faz,

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			de que o ser humano é livre, e nos leva a refletir sobre o próprio significado da palavra "liberdade	comportamentais que interessam ao analista do comportamento, e é possível inclusive afirmar que a promoção de sentimentos descritos com a palavra "liberdade" é um resultado previsível e desejável da aplicação da análise.	incluindo o que fala, pensa e sente. Uma investigação dessa natureza lança sérias dúvidas sobre a crença generalizada de que o ser humano é livre, e nos leva a refletir sobre o próprio significado da palavra "liberdade. O sentimento de "liberdade", enquanto estado corporal, e o relato, enquanto resposta verbal, são fatos comportamentais tão dignos de análise e consideração quanto quaisquer outros. A "liberdade" faz parte de relações comportamentais que interessam ao analista do comportamento, e é possível inclusive afirmar que a promoção de sentimentos descritos com a palavra "liberdade" é um resultado

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					previsível e desejável da aplicação da análise.
Google acadêmico	Sentidos possíveis de "liberdade" no Behaviorismo Radical	TT 01“Autocontrole”, “liberdade” e linguagem Pode-se afirmar que um behaviorista radical que emitisse as palavras “liberdade” e “autocontrole” nesse sentido estaria sendo incoerente, dadas as críticas de Skinner às limitações do termo.	C 01 Autocontrole”, “liberdade” e linguagem Skinner trata tais palavras com cautela: assim como no caso da palavra "liberdade", a emissão da palavra "autocontrole" por behavioristas radicais não deve implicar a rejeição ao determinismo como pressuposto geral Skinner nota que identificar a ausência de coerção conspícua com liberdade absoluta pode fazer com que ignoremos o tipo mais poderoso de controle, isto é, aquele exercido através de reforçamento positivo. O controle por reforçamento positivo,	01 Autocontrole”, “liberdade” e linguagem “Autocontrole” significa tão-somente que uma pessoa pode controlar a si mesma, como controlaria o comportament o de outro, através da manipulação de variáveis das quais o comportament o é função. As técnicas de autocontrole, são, elas mesmas, aprendidas nas relações com o ambiente Uma pessoa torna-se, nesse sentido, mais "livre" não porque tenha se livrado do controle; no máximo, podemos afirmar que certas relações comportament ais foram suprimidas, transformadas ou construídas, supostamente	Skinner comenta que como no caso da palavra "liberdade", a emissão da palavra "autocontrole" por behavioristas radicais não deve implicar a rejeição ao determinismo como pressuposto geral. Ele nota que identificar a ausência de coerção conspícua com liberdade absoluta pode fazer com que ignoremos o tipo mais poderoso de controle isto é, aquele exercido através de reforçamento positivo. Uma pessoa torna-se, nesse sentido, mais "livre" não porque tenha se livrado do controle; no máximo, podemos afirmar que certas relações comportament ais foram suprimidas,

Base de Dados	Nome artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			como qualquer tipo de controle, pode ser utilizado com objetivos espúrios, em benefício dos controladores mas com graves prejuízos de longo prazo para os controlados. Neste caso, costuma ser chamado de "exploração" ou "manipulação"	como qualquer tipo de controle, pode ser utilizado com objetivos espúrios, em benefício dos controladores mas com graves prejuízos de longo prazo para os controlados. Neste caso, costuma ser chamado de "exploração" ou "manipulação"	com conseqüências benéficas para o cliente. Dentro desses limites, a utilização de "liberdade", "independência" ou "autonomia" por parte de um behaviorista radical não implica "contradição"	transformadas ou construídas, supostamente com conseqüências benéficas para o cliente. Dentro desses limites, a utilização casual de "liberdade", "independência" ou "autonomia" por parte de um behaviorista radical não implica "contradição"
			Esse exemplo hipotético é apenas um de muitos possíveis que ilustram um importante problema discutido por Skinner: a conveniência (ou inconveniência) da utilização do vocabulário comum, em contraposição a um vocabulário, técnico.	Esse exemplo hipotético é apenas um de muitos possíveis que ilustram um importante problema discutido por Skinner: a conveniência (ou inconveniência) da utilização do vocabulário comum, em contraposição a um vocabulário, técnico.	Há alternativas, obviamente: o behaviorista radical pode simplesmente descrever-se como exercendo contracontrole, ou como lutando pela eliminação ou redução de controles coercivos, e não por uma "liberdade política" ou de qualquer outro tipo. Dentro desses limites, a emissão da palavra "liberdade" nas situações descritas acima é aceitável mesmo por um behaviorista	O controle por reforçamento positivo, como qualquer tipo de controle, pode ser utilizado com objetivos espúrios, em benefício dos controladores mas com graves prejuízos de longo prazo para os controlados. Skinner comenta que a utilização do vocabulário comum, em contraposição a um vocabulário, técnico pode ser uma conveniência ou

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				radical, e não constitui contradição.”	inconveniênci a. “Autocontrole " significa tão-somente que uma pessoa pode controlar a si mesma como controlaria o comportament o de outro, através da manipulação de variáveis das quais o comportament o é função. Obviamente, às técnicas de autocontrole, são aprendidas nas relações com o ambiente. Há alternativas, obviamente: o behaviorista radical pode simplesmente descrever-se como exercendo contracontrole , ou como lutando pela eliminação ou redução de controles coercivos, e não por uma “liberdade política" ou de qualquer outro tipo. A emissão da palavra "liberdade" nas situações descritas acima é

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					aceitável mesmo por um behaviorista radical, e não constitui contradição.
Google acadêmico	Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental.	TT 01 Skinner como “inimigo da liberdade”/ “liberdade” como mito. O behaviorismo trata a “liberdade” como uma ficção e Skinner é considerado um inimigo da liberdade e defensor do controle do comportamento. Na versão brasileira do livro <i>“Beyond Freedom and Dignity”</i> o título, “O Mito da Liberdade” sugere que para a Análise do Comportamento a liberdade não passa de um mito.	C 01 Skinner como “inimigo da liberdade”/ “liberdade” como mito. Skinner comenta que as pessoas tendem a lutar para serem “livres” diante de condições coercitivas, porém, quando a relação não apresenta meios punitivos diretos, poucas vezes essa luta ocorre.	TA 01 Skinner como “inimigo da liberdade”/ “liberdade” como mito. Skinner aponta que existem três formas de lidar com estas situações: 1) evitar o contato com os agentes controladores (esquiva); 2) sair da presença da estimulação aversiva (fuga) ou 3) uma forma anômala de fuga. Atacar os controladores e enfraquecer ou destruir seu poder, o que mais tarde o próprio Skinner denominará “contracontrole”. Mesmo diante de formas de combate aos meios coercitivos, isso não	O behaviorismo trata a “liberdade” como uma ficção e Skinner é considerado um inimigo da liberdade e defensor do controle do comportamento. Na versão brasileira do livro <i>“Beyond Freedom and Dignity”</i> o título, “O Mito da Liberdade” sugere que para a Análise do Comportamento a liberdade não passa de um mito. Skinner comenta que as pessoas tendem a lutar para serem “livres” diante de condições coercitivas, porém, quando a relação não apresenta meios punitivos diretos, poucas vezes essa luta

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				garante que um pessoa é mais ou menos “livre”.	ocorre. Skinner aponta que existem três formas de lidar com estas situações coercitivas: 1) evitar o contato com os agentes controladores (esquiva); 2) sair da presença da estimulação aversiva (fuga) ou 3) uma forma anômala de fuga. Atacar os controladores e enfraquecer ou destruir seu poder, o que mais tarde o próprio Skinner denominará “contracontrol e”. Mesmo diante de formas de combate aos meios coercitivos, isso não garante que uma pessoa é mais ou menos “livre”.
Google acadêmico	Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental.	TT 02 Controle pelas consequências . Entender a liberdade como livre arbítrio é um	C 02 Controle pelas consequências . Outro ponto trazido pelos três autores é que a forma	TA 02 Controle pelas consequências . A impulsividade consiste em se comportar de acordo com o	Entender a liberdade como livre arbítrio é um problema, porque é possível que o indivíduo não possua

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		problema, porque é possível que o indivíduo não possua liberdade política nem social, que não significa que ele não possa agir de acordo com suas concepções, mas será punido por fazê-lo.	mais poderosa de controle é através de reforçadores positivos. Baum chamou o processo de controle coercitivo por meio de reforçadores positivos de “armadilhas de reforço”: manejos feitos para que uma situação não pareça punitiva, quando, na verdade, é. O autor comenta que o atraso enfraquece o efeito de qualquer consequência. Dittrich comanta que este tipo de controle é “poderoso, entre outros motivos, porque via de regra não nos revoltamos contra ele, aliás, sequer costumamos reconhecê-lo como um tipo de controle. Os três autores concordam que a coerção é o principal fator que impede que as pessoas tenham o	reforço a curto prazo (desfrutar o cigarro), ao passo que o autocontrole consiste em comportar-se de acordo com o reforço a longo prazo (gozar de boa saúde). A liberdade como sentimento é identificada no relato comumente por pessoas em situações nas quais fazem coisas que “escolhem”, seria esta uma herança cultural que expressa como certas pessoas aprenderam a expor seus estados corporais. Baum descreve a liberdade espiritual, de acordo com o autor, também pode ser entendida em termos comportamentais: a liberdade espiritual encoraja o desapego e o afastamento dos “prazeres mundanos”	liberdade política, que não significa que ele não possa agir de acordo com suas concepções, mas será punido por fazê-lo. A forma mais poderosa de controle coercitivo é através de reforçadores positivos. Baum chamou o processo de controle coercitivo por meio de reforçadores positivos de “armadilhas de reforço”: manejos feitos para que uma situação não pareça punitiva, quando, na verdade, é. O autor comenta que o atraso enfraquece o efeito de qualquer consequência. Dittrich comanta que este tipo de controle é “poderoso, entre outros motivos, porque via de regra não nos revoltamos contra ele,

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
			<p>“sentimento de liberdade” Os analistas comportamentais defendem a tese de que, enquanto continuarmos presumindo o livre-arbítrio, não conseguiremos resolver os problemas sociais.</p>	<p>(reforçamentos positivos em curto prazo, que podem ser armadilhas de reforço) por uma vida simples, bondosa e moderada, a fim de ter mais qualidade de vida, paz, harmonia, felicidade (reforçadores positivos “maiores” e de longo prazo), para si e para a sociedade em que vive.</p>	<p>aliás, sequer costumamos reconhecê-lo como um tipo de controle. Os três autores concordam que a coerção é o principal fator que impede que as pessoas tenham o “sentimento de liberdade” Os analistas comportamentais defendem a tese de que, enquanto continuarmos presumindo o livre-arbítrio, não conseguiremos resolver os problemas sociais.</p> <p>A impulsividade consiste em se comportar de acordo com o reforço a curto prazo (desfrutar o cigarro), ao passo que o autocontrole consiste em comportar-se de acordo com o reforço a longo prazo (gozar de boa saúde). A liberdade como sentimento é identificada no relato</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
						<p>comumente por pessoas em situações nas quais fazem coisas que “escolhem”, seria esta uma herança cultural que expressa como certas pessoas aprenderam a expor seus estados corporais. Baum descreve a liberdade espiritual, de acordo com o autor, também pode ser entendida em termos comportamentais: a liberdade espiritual encoraja o desapego e o afastamento dos “prazeres mundanos” (reforçamentos positivos em curto prazo, que podem ser armadilhas de reforço) por uma vida simples, bondosa e moderada, a fim de ter mais qualidade de vida, paz, harmonia, felicidade (reforçadores positivos “maiores” e de</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					longo prazo), para si e para a sociedade em que vive.
Google acadêmico	Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental.	TT 03 Coerção e controle A coerção social é aceita como “natural”, pois nos submetemos a determinadas leis e normas que guiam a conduta individual a fim de fazer com que haja um convívio social sem conflitos	C 03 Coerção e controle De acordo com Sidman, o controle é uma condição da natureza, ocorre independente mente da “vontade” do homem e ocorreria mesmo que não fosse descrito, tal como quaisquer outras formas de controle, como as condições climáticas que nos “forçaram” a criar um teto, guarda-chuvas, roupas adequadas ao frio e ao calor etc.	TA 03 Coerção e controle O controle coercitivo se subdivide em três tipos: 1) punição; 2) reforçamento negativo; e 3) privação socialmente imposta. Reforçamento positivo é o processo em que a consequência que surge após a emissão de resposta faz com que aumente a probabilidade de esta ser emitida novamente num futuro semelhante. Para Skinner, a punição é realizada com “a intenção de reduzir tendências a se comportar de certa maneira. A segunda forma de controle coercitivo do	Coerção é uma relação imposta por humanos, ruim e por muito foi a base da análise do comportamento. De acordo com Sidman (1989/2009), o controle é uma condição da natureza, ocorre independente mente da “vontade” do homem e ocorreria mesmo que não fosse descrito, tal como quaisquer outras formas de controle, como as condições climáticas que nos “forçaram” a criar um teto, guarda-chuvas, roupas adequadas ao frio e ao calor etc. O controle coercitivo se subdivide em três tipos: 1) punição; 2) reforçamento

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>comportamento é o reforçamento negativo. Por ser um reforçamento, também aumenta a probabilidade de emissão da resposta emitida anteriormente. A diferença entre o reforçamento positivo e o negativo é que, neste último, a consequência da emissão da resposta é a retirada ou evitação de uma estimulação aversiva”</p> <p>O terceiro tipo de controle aversivo trazido por Sidman é a privação socialmente imposta, que é a prática de “recompensar pessoas deixando-as escapar de nossas punições e ameaças”. A identificação de uma situação deste tipo é mais sutil, por isso mesmo exige do observador</p>	<p>negativo; e 3) privação socialmente imposta</p> <p>Reforçamento positivo é o processo em que a consequência que surge após a emissão de determinada resposta faz com que aumente a probabilidade de esta ser emitida novamente num futuro semelhante.</p> <p>Para Skinner a punição é realizada com “a intenção de reduzir tendências a se comportar de certa maneira.</p> <p>A segunda forma de controle coercitivo do comportamento é o reforçamento negativo. Por ser um reforçamento, também aumenta a probabilidade de emissão da resposta emitida anteriormente. A diferença entre o</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese	
				<p>uma atenção e análise mais atentas, pois a prática poderá facilmente ser confundida com reforçamento positivo.</p> <p>A descrição e a análise destes processos ajudam a entender por que determinada resposta ocorre, prever a probabilidade de nova emissão dela, e também, a possibilidade de controle dos estímulos da forma sugerida pela análise do comportament o: substituindo o controle aversivo por reforçamento positivo.</p> <p>É possível, então, concluir que controle é uma coisa natural e que coerção é apenas uma das formas de controle, que apesar de funcionar inicialmente, traz uma série</p>	<p>reforçamento positivo e o negativo é que, neste último, a consequência da emissão da resposta é a retirada ou evitação de uma estimulação aversiva”</p> <p>O terceiro tipo de controle aversivo trazido por Sidman é a privação socialmente imposta, que é a prática de “recompensar pessoas deixando-as escapar de nossas punições e ameaças”. A identificação de uma situação deste tipo é mais sutil, por isso mesmo exige do observador uma atenção e análise mais atentas, pois a prática poderá facilmente ser confundida com reforçamento positivo.</p> <p>A descrição e a análise destes processos ajudam a</p>	

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				de efeitos colaterais para o controlado e para o que exerce este tipo de controle. Portanto, afirma-se: coerção não é a base da análise do comportamento, reforçamento positivo, não coerção, é a marca da análise do comportamento	entender por que determinada resposta ocorre, prever a probabilidade de nova emissão dela, e gera, também, a possibilidade de controle dos estímulos da forma sugerida pela análise do comportamento: substituindo o controle aversivo por reforçamento positivo.
Google acadêmico	Liberdade e Autocontrole: uma discussão sob o enfoque analítico-comportamental.	TT 04 “Autocontrole” e “liberdade” Nestas situações é possível	C 04 “Autocontrole” e “liberdade” Por que então, em alguns	TA 04 “Autocontrole” e “liberdade” No autocontrole	Dittrich comenta que autocontrole é por vezes entendido como independência

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		utilizar repertórios de autocontrole. Dittrich comenta que autocontrole é por vezes entendido como independência ou autonomia, termos que também apareceram na introdução deste artigo como sinônimos de liberdade	momentos, as pessoas não se autocontrolam ?	admite-se que há um comportamento de esquiva bastante peculiar, pois ele se origina do conflito de conseqüências para a mesma resposta e não apenas das estimulações aversivas A partir do analisado, consideramos que este foco apenas na responsabilida de individual tira a culpa e minimiza a real importância da tripla responsabilida de de uma comunidade verbal/socieda de que tenha interesse em criar cidadãos críticos, livres e felizes: criar possibilidades para que as pessoas se “sintam livres”, garantindo que elas não sejam punidas por suas escolhas; ensinar, valorizar e incentivar as práticas de conhecimento e	ou autonomia, termos que também apareceram na introdução deste artigo como sinônimos de liberdade. Por que então, em alguns momentos, as pessoas não se autocontrolam ? No autocontrole admite-se que há um comportamento de esquiva bastante peculiar, pois ele se origina do conflito de conseqüências para a mesma resposta e não apenas das estimulações aversivas. A consciência (conheciment o, descrição e análise) das variáveis que controlam o comportament o é que proporciona ao indivíduo possibilidades reais de manipulação do ambiente, e talvez isso seja liberdade. Neste sentido, consideramos o autoconhecim ento como um

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>autoconhecimento; garantir a criação dos repertórios de autocontrole e contracontrole da maneira menos coercitiva possível durante as histórias ontogenética e cultural</p> <p>A consciência (conhecimento, descrição e análise) das variáveis que controlam o comportamento é que proporciona ao indivíduo possibilidades reais de manipulação do ambiente, e talvez isso seja liberdade. Saber e usar os "limites do seu próprio poder". Neste sentido, consideramos o autoconhecimento como um potencializador da aprendizagem do repertório de autocontrole. Talvez uma grande função do autocontrole seja evitar que a pessoa viva</p>	<p>potencializar da aprendizagem do repertório de autocontrole. Talvez uma grande função do autocontrole seja evitar que a pessoa viva uma "falsa liberdade", controlada por reforçadores imediatos que podem ser, na verdade, "armadilhas de reforço", e podem ter consequências futuras aversivas. A partir do analisado, consideramos que este foco apenas na responsabilização de individual tira a culpa e minimiza a real importância da tripla responsabilização de uma comunidade verbal/sociedade de que tenha interesse em criar cidadãos críticos, livres e felizes: criar possibilidades para que as pessoas se sintam livres", garantindo</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				uma “falsa liberdade”, controlada por reforçadores imediatos que podem ser, na verdade, “armadilhas de reforço”, e podem ter consequências futuras aversivas. Neste sentido, o autocontrole liberta?	que elas não sejam punidas por suas escolhas; ensinar, e valorizar as práticas de conhecimento e autoconhecimento; garantir a criação dos repertórios de autocontrole e contracontrole da maneira menos coercitiva possível durante as histórias ontogenética e cultural
Google acadêmico	Expanding the Behavior-Analytic Meanings of “Freedom”: The Contributions of Israel Goldiamond	TT 01 “Liberdade” como possibilidade de escolha. Baum argumenta que muitos autores descrevem a liberdade como a ausência de impedimentos ou coerção (por exemplo, libertação da escravidão), o que, em termos comportamentais, é equivalente ao significado de liberdade de Skinner como a ausência de consequências	C 01 “Liberdade” como possibilidade de escolha Baum, por outro lado, não explora minuciosamente as nuances dos processos comportamentais que caracterizam a "possibilidade de escolha", enfatizando apenas a ausência de consequências aversivas nas alternativas apresentadas em situações de escolha. Como	TA 01 “Liberdade” como possibilidade de escolha Baum também afirma que as pessoas religiosas às vezes falam de outro tipo de liberdade: a “liberdade espiritual”. A expressão refere-se à libertação de uma prisão metafórica (espiritual) e à necessidade de exercer o desapego dos “prazeres mundanos” (por exemplo,	Baum argumenta que muitos autores descrevem a liberdade como a ausência de impedimentos ou coerção (por exemplo, libertação da escravidão), o que, em termos comportamentais, é equivalente ao significado de liberdade de Skinner como a ausência de consequências aversivas imediatas. Baum, por outro lado, não explora minuciosamente as nuances

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
		aversivas imediatas.	observamos, as formulações de Baum e Catania sobre liberdade são semelhantes às de Goldiamond. No entanto, mesmo que os três autores tratem a liberdade como a possibilidade de escolha, suas análises diferem em escopo ou ênfase. As formulações de Goldiamond não se restringem a uma análise da disponibilidade e de alternativas comportamentais sem consequências aversivas, algo que é enfatizado por Baum.	sexo, comida, bens materiais, etc.). Em termos comportamentais, Baum argumenta que a emissão dessas expressões tende a ocorrer em condições nas quais uma pessoa tem um repertório bem desenvolvido de autocontrole, o que aumenta a sensibilidade aos reforçadores positivos diferidos que tendem a surgir da prática de uma vida “mais simples”, “gentil” e “altruísta”, etc. Um terceiro significado de “liberdade” identificado por Baum é o que ele chama de “liberdade política ou social”. Liberdade, nesse sentido, seria “ter escolhas” sem ser punido por	dos processos comportamentais que caracterizam a "possibilidade de escolha", enfatizando apenas a ausência de consequências aversivas nas alternativas apresentadas em situações de escolha. Como observamos, as formulações de Baum e Catania sobre liberdade são semelhantes às de Goldiamond. No entanto, mesmo que os três autores tratem a liberdade como a possibilidade de escolha, suas análises diferem em escopo ou ênfase. As formulações de Goldiamond não se restringem a uma análise da disponibilidade e de alternativas comportamentais sem consequências aversivas, algo que é

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>fazê-las. Uma pessoa livre poderia, por exemplo, escolher participar de diferentes partidos políticos sem que nenhuma das possíveis escolhas resultasse em consequências aversivas (por exemplo, perseguição política). Para Baum a possibilidade de escolha significa que mais de uma atividade é possível e, para que haja liberdade, é necessário que todas as escolhas alternativas sejam positivamente reforçadas.</p> <p>Esse é o caso dos significados propostos por autores como Baum, Catania e Goldiamond, as formulações desses três autores têm um aspecto em comum: eles relacionam a liberdade com a possibilidade</p>	<p>ênfaticamente por Baum.</p> <p>Baum também afirma que as pessoas religiosas às vezes falam de outro tipo de liberdade: a “liberdade espiritual”. A expressão refere-se à libertação de uma prisão metafórica (espiritual) e à necessidade de exercer o desapego dos “prazeres mundanos” (por exemplo, sexo, comida, bens materiais, etc.).</p> <p>Baum argumenta que a emissão dessas expressões tende a ocorrer em condições nas quais uma pessoa tem um repertório bem desenvolvido de autocontrole, o que aumenta a sensibilidade aos reforçadores positivos diferidos que tendem a</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>de escolha. As formulações de Catania e Baum tratam de um significado comportamental de “liberdade como possibilidade de escolha”, consistindo em alternativas às formulações de Skinner, que são recorrentes na literatura analítico-comportamental.</p> <p>No entanto, após identificar essa conexão, a discussão de Catania sobre liberdade segue um caminho diferente em comparação com a de Baum. Catania enfatiza a possibilidade de investigar experimentalmente o quanto os organismos (humanos e não humanos) “valorizam a liberdade”. Os organismos em geral preferem condições em</p>	<p>surgir da prática de uma vida “mais simples”, “gentil” e “altruísta”, etc. Um terceiro significado de “liberdade” identificado por Baum é o que ele chama de “liberdade política ou social”. Liberdade, nesse sentido, seria “ter escolhas” sem ser punido por fazê-las. Para Baum a possibilidade de escolha significa que mais de uma atividade é possível e, para que haja liberdade, é necessário que todas as escolhas alternativas sejam positivamente reforçadas.</p> <p>Esse é o caso dos significados propostos por autores como Baum, Catania e Goldiamond, as formulações desses três autores têm um aspecto em</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				que há alternativas disponíveis (em vez de condições em que apenas uma alternativa é possível). Além da “possibilidade de escolha”, Goldiamond considera que a liberdade também envolveria a possibilidade de “escolhas genuínas”. Para Goldiamond, a coerção pode existir mesmo em situações onde há um conjunto de contingências alternativas que permitem o acesso a consequências críticas, as quais são caracterizadas como reforçadores positivos.	comum: eles relacionam a liberdade com a possibilidade de escolha. As formulações de Catania e Baum tratam de um significado comportamental de “liberdade como possibilidade de escolha”, consistindo em alternativas às formulações de Skinner, que são recorrentes na literatura analítico-comportamental. No entanto, após identificar essa conexão, a discussão de Catania sobre liberdade segue um caminho diferente em comparação com a de Baum. Catania enfatiza a possibilidade de investigar experimentalmente o quanto os organismos (humanos e não humanos) “valorizam a

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
					<p>liberdade”. Os organismos em geral preferem condições em que há alternativas disponíveis (em vez de condições em que apenas uma alternativa é possível). Além da “possibilidade de escolha”, Goldiamond considera que a liberdade também envolveria a possibilidade de “escolhas genuínas”. Para Goldiamond, a coerção pode existir mesmo em situações onde há um conjunto de contingências alternativas que permitem o acesso a consequências críticas, as quais são caracterizadas como reforçadores positivos.</p>
Google academico	Expanding the Behavior-Analytic Meanings of “Freedom”: The Contributions	TT 02 Analise do comportament o “não-linear”	C 02 Analise do comportament o “não-linear”	TA 02 Analise do comportament o “não-linear” Goldiamond considera que	Analise do comportament o “não-linear” Goldiamond considera que a liberdade

Base de Dados	Nome do artigo	do	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
	of Goldiamond	Israel	As análises funcionais do comportamento são mais frequentemente e caracterizadas por uma lógica linear descritiva. Nessa lógica, o comportamento é descrito funcionalmente e pela relação contingente entre uma resposta e seus estímulos antecedentes e consequentes. Assim, a análise das instâncias comportamentais é tratada principalmente de uma álgebra de variáveis intra-contingenciais (como estímulos instrucionais, esquemas de reforço, variáveis motivacionais, e assim por diante).	Enquanto as formulações de Skinner sobre liberdade são marcadas por uma análise linear que enfatiza a natureza temporal das consequências aversivas (imediatas ou diferidas), uma análise comportamental não linear ajuda o analista do comportamento a discriminar a disponibilidade e ou indisponibilidade de contingências alternativas no contexto imediato.	a liberdade também envolveria a possibilidade de “escolhas genuínas”. Este é um modelo descritivo que leva em consideração não apenas os estímulos antecedentes e consequentes da resposta específica sob investigação, mas também os estímulos antecedentes e consequentes dos padrões alternativos de resposta presentes no repertório de um indivíduo. Para fornecer uma análise da escolha e das condições sob as quais ela ocorre, uma análise comportamental não linear seria apropriada, pois oferece uma descrição do fluxo comportamental baseada em uma análise das relações entre contingências. Os procedimentos sugeridos	também envolveria a possibilidade de “escolhas genuínas”. Este é um modelo descritivo que leva em consideração não apenas os estímulos antecedentes e consequentes da resposta específica sob investigação, mas também os estímulos antecedentes e consequentes dos padrões alternativos de resposta presentes no repertório de um indivíduo. Para fornecer uma análise da escolha e das condições sob as quais ela ocorre, uma análise comportamental não linear seria apropriada, pois oferece uma descrição do fluxo comportamental baseada em uma análise das relações entre contingências. Os procedimentos sugeridos por

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>por Goldiamond como necessários para entender por que uma alternativa é preferida em detrimento de outra são: (a) identificar o conjunto de contingências alternativas que compõem a situação de escolha; (b) analisar os custos das respostas e os benefícios consequenciais de todos os padrões comportamentais alternativos. Goldiamond também empresta da física o conceito de graus de liberdade, para melhor caracterizar as condições comportamentais da escolha. Nesse campo do conhecimento, esse conceito é comumente usado para se referir à quantidade de variáveis independentes que podem ser especificadas e que</p>	<p>Goldiamond como necessários para entender por que uma alternativa é preferida em detrimento de outra são: (a) identificar o conjunto de contingências alternativas que compõem a situação de escolha; (b) analisar os custos das respostas e os benefícios consequenciais de todos os padrões comportamentais alternativos. Goldiamond também empresta da física o conceito de graus de liberdade (df), para melhor caracterizar as condições comportamentais da escolha. Nesse campo do conhecimento, esse conceito é comumente usado para se referir à quantidade de variáveis independentes que podem ser especificadas e que determinam</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>determinam um sistema.</p> <p>Portanto, neste exemplo, $df = 3$, já que a determinação completa do sistema depende da especificação de três variáveis.</p> <p>Quando aplicado à análise comportamental não linear da escolha, o conceito de graus de liberdade especifica o número de alternativas comportamentais que compõem uma determinada situação.</p> <p>Descrevemos as condições comportamentais que definem “escolha”, bem como a forma como Goldiamond realiza sua análise não linear. As escolhas foram então caracterizadas pelos graus de liberdade e pela coerção que elas apresentam. No entanto, a definição de</p>	<p>um sistema.</p> <p>Portanto, neste exemplo, $df = 3$, já que a determinação completa do sistema depende da especificação de três variáveis.</p> <p>Quando aplicado à análise comportamental não linear da escolha, o conceito de graus de liberdade especifica o número de alternativas comportamentais que compõem uma determinada situação.</p> <p>Descrevemos as condições comportamentais que definem “escolha”, bem como a forma como Goldiamond realiza sua análise não linear. As escolhas foram então caracterizadas pelos graus de liberdade e pela coerção que elas apresentam. No entanto, a definição de</p>

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				liberdade de Goldiamond envolve não apenas a possibilidade de escolhas, mas também a disponibilidade e de escolhas genuínas.	Goldiamond envolve não apenas a possibilidade de escolhas, mas também a disponibilidade e de escolhas genuínas.
Google acadêmico	Expanding the Behavior-Analytic Meanings of “Freedom”: The Contributions of Israel Goldiamond	TT 03 “Liberdade” a partir de “escolhas genuínas disponíveis”.	C 03 “Liberdade” a partir de “escolhas genuínas disponíveis”.	TA 03 “Liberdade” a partir de “escolhas genuínas disponíveis”. Goldiamond argumenta que, para que uma escolha seja considerada genuína, o que foi chamado de alternativas comportamentais precisa, necessariamente, denotar a disponibilidade e de contingências alternativas que sejam igualmente possíveis. A possibilidade de escolhas genuínas também exige que consequências críticas estejam disponíveis para diferentes padrões comportamentais.	O significado de liberdade era anteriormente definido simplesmente 'em termos das escolhas genuínas disponíveis. Ainda assim, Goldiamond (1976) destaca que a disponibilidade e de contingências alternativas, ou seja, a existência de um repertório comportamental mais a existência das oportunidades necessárias para sua ocorrência, não é suficiente para caracterizar uma escolha genuína. Goldiamond argumenta que, para que uma escolha

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				<p>Consequências críticas, de acordo com Goldiamond, são aquelas que, quando tornadas contingentes a um comportamento específico, geralmente exercem um controle poderoso sobre o comportamento, demonstrando um alto valor de reforço quando adicionadas (por exemplo, comida para alguém faminto) ou quando removidas (por exemplo, um choque elétrico de alta intensidade). São consequências que, dadas certas condições ou operações, são preferidas em todas as situações de escolha.</p> <p>Escolhas genuínas envolvem tais opções quando os repertórios de contingências são iguais. A</p>	<p>seja considerada genuína, o que foi chamado de alternativas comportamentais precisa, necessariamente, denotar a disponibilidade de contingências alternativas que sejam igualmente possíveis. A possibilidade de escolhas genuínas também exige que consequências críticas estejam disponíveis para diferentes padrões comportamentais.</p> <p>Consequências críticas, de acordo com Goldiamond, são aquelas que, quando tornadas contingentes a um comportamento específico, geralmente exercem um controle poderoso sobre o comportamento, demonstrando um alto valor de reforço quando</p>

Base de Dados	Nome do artigo	do Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese	
				<p>igualdade de repertórios de contingências requer oportunidades ou ocasiões igualmente disponíveis, padrões de comportament o igualmente disponíveis, consequências igualmente potentes e, já que se tratam de repertórios de contingências e repertórios exigem estabelecimen to ao longo do tempo, histórias de contingência igualmente funcionais.</p> <p>Na prática da psicoterapia, na medida em que o analista do comportament o auxilia na expansão dos repertórios comportament ais, facilitando, assim, o surgimento de contingências alternativas. Nesse caso, pode-se dizer, metaforicame nte, que o terapeuta possibilita uma extensão</p>	<p>adicionadas (por exemplo, comida para alguém faminto) ou quando removidas (por exemplo, um choque elétrico de alta intensidade). São consequências que, dadas certas condições ou operações, são preferidas em todas as situações de escolha.</p> <p>Escolhas genuínas envolvem tais opções quando os repertórios de contingências são iguais. A igualdade de repertórios de contingências requer oportunidades ou ocasiões igualmente disponíveis, padrões de comportament o igualmente disponíveis, consequências igualmente potentes e, já que se tratam de repertórios de contingências e repertórios exigem estabelecimen</p>	

Base de Dados	Nome do artigo	Tese Tradicional (TT)	Crítica (C)	Tese Alternativa (TA)	Síntese
				do “horizonte de possibilidades” de seu paciente.	to ao longo do tempo, histórias de contingência igualmente funcionais. Na prática da psicoterapia, na medida em que o analista do comportament o auxilia na expansão dos repertórios comportament ais, facilitando, assim, o surgimento de contingências alternativas. Nesse caso, pode-se dizer, metaforicamente, que o terapeuta possibilita uma extensão do “horizonte de possibilidades” de seu paciente”